

Linguagem, Oralidade e Comunicação Local: O Alto-Falante na Comunidade Mineira de Senhora de Oliveira*

Víviam Lacerda de Souza

Índice

INTRODUÇÃO	9
1 COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO SOCIAL E CULTURAL	16
1.1 Os processos comunicacionais: relações com a cultura local	22
1.1.1 Cinema	22
1.1.2 Teatro	23
1.1.3 Rádio	27
1.1.4 CTT: Correios, Telégrafos e Telefones	28
1.1.5 Televisão	30
1.1.6 Internet	32
1.1.7 Impressos	34
1.2 Sociedade e Comunidade	36
1.3 Cultura e Tradição	46
2 RAÍZES HISTÓRICAS: UM CENÁRIO DE MÚLTIPLOS VALORES	54
2.1 A formação regional e populacional em Minas Gerais . . .	54
2.2 Nos primórdios de Senhora de Oliveira	70
2.3 A geografia e o cenário	75
2.4 Bases econômicas	80

*Dissertação apresentada à Universidade São Marcos para obtenção do título de Mestre em Educação, Administração e Comunicação, sob a orientação da Profa Dra. Marília Gomes Ghizzi Godoy.

2.4.1	Setor Público	80
2.4.2	Setor Privado	82
2.4.3	Associações e Ongs	86
2.5	O acervo e patrimônio histórico-cultural	88
2.6	O potencial turístico	95
3	A TRADIÇÃO FESTEIRA E A LINGUAGEM DAS MANI- FESTAÇÕES CULTURAIS EM SENHORA DE OLIVEIRA	102
3.1	Tradição festeira: um calendário da vida social	103
3.2	Representações culturais	118
3.2.1	O congado	118
3.2.2	A banda de música.	129
3.2.3	A comida: o centro dos programas noticiários	133
3.2.4	Os ritos de passagem na programação	136
4	O ALTO-FALANTE: UMA REALIDADE	140
4.1	Descrição, característica e origem	141
4.2	O alto-falante no caminho das rádios comunitárias	152
5	NO UNIVERSO DO NOTICIÁRIO	161
5.1	Programação e noticiário	161
5.2	A linguagem das notícias	171
5.3	Entre as vozes: a opinião local	184
5.4	No horizonte dos ouvintes: o sentimento local do pertenci- mento	190
5.4.1	Anúncios necrológicos	192
5.4.2	Anúncios festivos	196
5.4.3	Anúncios de saúde pública	198
5.4.4	Anúncios de utilidade pública	199
5.4.5	Anúncios escolares	201
5.4.6	Anúncios esportivos	203
5.4.7	Anúncios comerciais	205
5.4.8	Anúncios de perdas ou extravios	207
5.4.9	Anúncios religiosos	209
6	O ESPAÇO DE ORALIDADE NO MEIO REGIONAL: A PRESENÇA DO SERVIÇO RADIOFÔNICO DO ALTO-FA- LANTE	211
6.1	Contexto da oralidade na esfera social	213
6.2	Brás Pires	213
6.3	Cipotânea	214

6.4 Lamim	215
6.5 Piranga	216
6.6 Presidente Bernardes	218
6.7 Rio Espera	219
CONCLUSÃO	222
FONTES	224
BIBLIOGRAFIA	232

Agradecimentos

À Universidade São Marcos, na pessoa do Diretor Superintendente Sr. Ernani José de Paula.

À minha orientadora, Professora Dra. Marília Gomes Ghizzi Godoy, por ter acreditado, incentivado e contribuído não só nesse projeto de pesquisa, mas com sábias lições para a vida. Suas discussões claras e objetivas, seus comentários árdios e a sua rigidez acadêmica ensinaram-me a trabalhar seriamente com afinco. Também me fez entender que posso superar meus limites, o que me deu forças e coragem para enfrentar os desafios impostos.

Ao Mons. José Justiniano Teixeira (*in memoriam*) por ter acreditado no potencial do alto-falante e ter se mostrado um grande comunicador a partir desta iniciativa, a qual permitiu aos outros a continuidade do seu trabalho, o que viria a ser de tamanha importância para a comunidade oliveirense.

Ao Sr. José Maria Víctor, locutor do alto-falante, pelo exemplo de compromisso comunitário e pela contribuição permanente à minha reflexão.

Ao Sr. Antônio Aparecido de Oliveira, eletricitista responsável pelo alto-falante, pela contribuição do discernimento técnico desse sistema comunicador.

Aos funcionários e representantes da Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira, Escola Estadual Quinzinho Inácio e Escola Municipal Pe. José Ferreira por abrirem as portas de cada departamento, onde houvesse a necessidade de apurar fatos e coletar dados; por acreditarem na seriedade e relevância social dessa pesquisa, tal como sua contribuição cultural para a cidade.

Aos integrantes das bandas de congado Marujos de Santa Efigênia, Moçambique e Corporação Musical de Santa Efigênia.

À comunidade de Senhora de Oliveira pela receptividade, acolhida e por terem revelado a riqueza de sua cultura por meio de fotografias, recortes antigos de periódicos e entrevistas. Fontes inspiradoras que fizeram meus olhos brilharem muitas vezes com suas histórias repletas de alegria, fé e nostalgia, muito contribuíram para que nenhuma informação até então existente apenas na memória e no cotidiano não

se perdesse no tempo, passando então a ser registrada neste trabalho. Em especial ao Sr. Nelito Rodrigues Pereira pela colaboração na reconstrução histórica dos primórdios do alto-falante e a Sra. Nair dos Santos Souza (Santinha), que me recebeu em sua casa apresentando os seus dotes culinários para que fosse retratada a comida típica de Senhora de Oliveira.

Ao meu namorado Rogério, por ter compreendido os meus momentos de ausência, pelo incentivo e apoio em todos os sentidos. Bem como à Dona Neta, Zé Pedro e Consolinha, por toda receptividade e carinho comigo.

À minha família, pais, irmãos, tios, primos e avós, por terem acreditado em mim e neste trabalho. Por terem sonhado comigo, ilustrado muitas das páginas dessa dissertação, se alegrado com cada conquista durante todo o percurso. Em especial, agradeço à minha mãe Rosa Helena por ter me ajudado tantas vezes com suas sábias idéias, revisões e apoio incondicional.

À todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

Dedicatória

À minha família por acreditar que a cultura é um grande laço de união, formador da identidade de um povo, imprescindível para a valorização de nossas raízes e perseverança de nossas tradições.

Aos oliveirenses pelo jeito peculiar e admirável de ser, pela forma especial de cultivar seus costumes, de ver a beleza e a felicidade na simplicidade.

Ao Rogério pelos momentos de partilha de sonhos, esperanças, companheirismo e cumplicidade.

Resumo

Senhora de Oliveira é uma pequena cidade mineira que dispõe de um meio de divulgação de notícias locais denominado alto-falante. Trata-se de um aparato modesto de comunicação, de curto alcance sonoro, mas de resultados imediatos. Este funciona como veículo de transmissão das mensagens de interesse comunitário. O alto-falante possui um carácter monopolizador de notícias, tornando-se central na articulação da movimentação local a partir da prestação do serviço de difusão que se caracteriza por temas da vida cotidiana local (anúncios festivos, de saúde pública, de utilidade pública, escolares, necrológicos, esportivos, comerciais, de perdas ou extravios e religiosos). O alto-falante está inserido na comunidade oliveirense, convive harmoniosamente com outros veículos comunicacionais de carácter globalizado e se destaca como principal meio de comunicação local, que associado à propaganda boca-a-boca ordena um universo próprio de valores diante do contexto dos noticiários, com base na oralidade e na tradição. Também se constitui como uma rádio comunitária por meio da manifestação coletiva. Sendo assim, o alto-falante permite o reforço da identidade cultural tradicional dos moradores de forma a despertar neles o sentimento de participação em uma comunidade e seus costumes, hábitos, representações coletivas. O alto-falante passa a ser elemento integrante da vida pessoal dos moradores incitando-os em um sentimento de pertencimento e projeção da vida comunitária.

Palavras-chave: Alto-falante, tradições, comunicação, cultura local

Abstract

Senhora de Oliveira is a small town in Minas Gerais state, where local news are announced through a speaker. It is considered a modest mean of communication, of short resonant reach, but of immediate results. It works as vehicle of messages transmission of community interest. The speaker has a monopolizing feature. It became central in the articulation of local affairs that starts through the diffusion service which includes themes of local daily life (festivals, public health, public utility, school, necrology, sports, commercial and religious announcements as well as announcements about lost objects). The speaker is inserted in Oliveirense community, harmoniously coexisting with other means of communication vehicles with globalized characteristics and is outstanding as a main local communication media. Associated to mouth-to-mouth announcements, it orders its own universe of values in face of the context of news, based on oral speech and tradition. It also functions as a community radio through collective manifestation. As such, the speaker enables the reinforcement of cultural identity of residents as a means to provide them the feeling of participation in a community, with its habits, traditions and collective representations. The speaker becomes an integrating element of personal life, inciting the feeling of belonging and projection of community life.

Key Words: Speaker, traditions, communication, local culture

INTRODUÇÃO

O TEMA CENTRAL DA DISSERTAÇÃO trata do alto-falante como veículo de comunicação em Senhora de Oliveira, MG. Um sistema de curto alcance, mas, de resultados imediatos, que se expressa em muitas cidades do interior do Brasil, onde a oralidade e a tradição se constituem por significados culturais. Diante de outros meios de comunicação, cria-se um universo próprio de valores e de comunicação que se ordenam frente a um público caracterizado e qualitativamente distinto no contexto dos noticiários. Este impõe ao receptor a condição de ouvinte passivo, mas comprometido no circuito de notícias locais. Sabendo-se que o rádio está estabelecido pelo papel de fonte receptora, em que o ouvinte exerce a ação de trocar de canal de comunicação ou desligá-lo, o alto-falante permite um conglomerado de sons e significados com uma abrangência do coletivo particular: o meio comunitário.

No meio pesquisado, numa cidade do interior de Minas Gerais, Senhora de Oliveira, ordena-se um sistema simbólico e comunicacional próprio. Nele destaca-se a linguagem oral da comunidade, em que a presença do alto-falante está articulada diretamente. Outros veículos de informação são observados: internet, jornais, revistas, boletins informativos, redes de TV aberta e emissoras regionais, além de emissoras de rádio de cidades vizinhas. Está sendo pleiteada a implantação de uma rádio comunitária local. Frente à presença desses novos meios comunicacionais, o alto-falante, também compreensível como uma rádio comunitária, se mantém como o principal veículo condutor da comunicação; sobrevive no meio da informação global, constituindo-se uma manifestação de cultura local.

O sistema do alto-falante que aqui destacamos, enquanto veículo de comunicação, é exclusivamente paroquial. Objetiva-se de forma complexa criando recursos simbólicos através da linguagem oral. Impõe-se em sua linguagem pela prestação de serviços que consegue sensibilizar e constranger diretamente o público.

Diante da realidade, o tema do sistema de alto-falante com que a população se compromete, aborda condições de interesse em acontecimentos do cotidiano. Podemos entender que os conteúdos das notícias abrangem questões ligadas a anúncios fúnebres, paroquiais, reca-

dos da prefeitura municipal, festas e eventos diversos, extravios, acidentes, convocação para reuniões de entidades e associações, além de anúncios comerciais, caracterizando os temas da vida.

O meio cultural analisado destaca-se por uma tradição católica que se impõe hierarquicamente no domínio da religião local. No cotidiano, os oliveirenses são retratados por convicções religiosas, a presença de valores divinos que marcam suas experiências de vida, associadas ao cristianismo.

A igreja católica é uma das fontes detentoras do poder local, estipulando regras, submetendo a população a um estilo de vida religioso inserido no cotidiano a partir do batismo e da identificação de cada pessoa como católica. De acordo com HIGUET, esta pertença se manifesta na participação periódica em atos de culto, sejam de caráter devocional ou sacramental. Atrelado a isto, está o reconhecimento de uma obrigação moral que pode provir do sistema de valores cultural e eclesiástico. Indica-se o tema do catolicismo cismopopular, cujas representações se mantêm intactas ao longo dos anos, à questão de valores e costumes.

Como um tema de identidade cultural, a dissertação enfoca o sistema de alto-falante paroquial. Ele, entre os outros, destaca-se por ser um veículo de comunicação gerador de raízes, que se introduz no cotidiano da comunidade local. O sistema de propagação de informações da paróquia ocorre de forma predominante e monopoliza o ideário das notícias em sua dimensão de criar um meio de intimidação e de convívio direto entre os moradores.

O homem tende a criar uma identidade com a comunidade em que vive, o que acarreta em sentimento de partilha de ideais, pertencimento a determinado grupo, identificação de valores e crenças comuns aos seus integrantes: fatores que darão sentido e significado à vida de um indivíduo em determinada fase e em determinado lugar. Dentro desse contexto, o alto-falante permite a projeção de valores ligados à vida comunitária e garante um processo comunicativo em que se desperta o sentimento de pertencimento por meio da oralidade.

O município de Senhora de Oliveira, localizado na região norte da Zona da Mata do estado de Minas Gerais, sendo o palco dos estudos realizados, tornou-se central na compreensão das características históricas formadoras da identidade cultural dos seus habitantes. Observa-se

também uma carência de estudos e publicações voltadas à realidade dos moradores, assim como os costumes peculiares ao seu cotidiano.

Para os oliveirenses, sem o alto-falante não seria possível conviver com os acontecimentos da cidade e diante da realidade e comunicação que ele exerce, entendemos que se forma uma marca histórica. Observa-se que “viver” ao lado do alto-falante representa o convívio e o comprometimento local, o que se traduz em um conservadorismo criado na continuidade que se impõe como uma diversidade na ordenação da identidade cultural perante o contexto social globalizado, universalista e generalizador.

Senhora de Oliveira, cidade de interior, de tradição hospitaleira, encontra no seu passado um referencial que conserva dados antigos da história local. Apresentam-se tendências de épocas diversificadas nos traços urbanos, na culinária, no artesanato e nas festas típicas. É possível fazer uma rica viagem histórica, que vai desde a herança lusitana dos casarões coloniais, de seus alpendres e sacadas, às construções modernas, num passeio entre o antigo e o contemporâneo. Um contraste entre o rural e o urbano de modo a projetar um panorama de situações que atraem o conterrâneo numa dimensão de atribuição de sentidos expressivos da originalidade e enraizamento na cidade, no interior mineiro.

Nascida num vale entre montanhas, Senhora de Oliveira vem mantendo ao longo do tempo as bases de sua formação cultural, demonstrada nos costumes religiosos, festividades sociais, casamentos, batizados, que preservam tradições familiares, alimentação e outros costumes que pretendemos desvendar no decorrer desta dissertação. Tudo diz respeito à maneira de arquitetar arte, introduzir estilo de vida. Constrói-se um sistema de comunicação simbólico, que, de acordo com MAUSS, está dentro do universo do dom, da concepção de crença e não num mero aparato instrumental redutor da vida às concepções de suas necessidades. Torna-se inconsciente na fantasia estruturada do ritual, da festa, do mito e do folclore, sendo mais importante do que a constituição do mercado econômico.

O conhecimento da realidade de Senhora de Oliveira, por sua vez, é fundamentado em manifestações simbólicas e ao pensarmos desta forma nos distanciamos de concepções empíricas e descritivas da realidade para entendê-las em sua dinâmica interna de origem subjetiva.

Este trabalho segue a concepção de Levi Strauss a respeito do sistema simbólico como sendo de natureza inconsciente, obedecendo a níveis hierárquicos, que são a linguagem, o matrimônio, os elos econômicos, a arte, a religião e a ciência.

Também sob essa ótica, está a identidade dos moradores, fundamentada em oposições simbólicas, que remetem às condições impostas por uma sociedade dentro dos sistemas simbólicos. A identidade de um povo construída historicamente, com referência ao seu pensamento próprio. Portanto, entende-se que, de acordo com CASTELLS, identidade é um processo de construção de significados com base em um emblema cultural, ou ainda um conjunto de qualidades culturais inter-relacionadas, a(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras origens de significado. Segundo HALL, a identidade é a forma que um povo tem de se distinguir por meio de uma cultura específica, aderindo a significados ou a identificações simbólicas num sistema de individualização em busca da defesa de tradições, pois estas se constituem heranças culturais criadas e recriadas pelo homem em cada universo particular, em cada modo de vida.

Observamos uma dinâmica populacional centralizadora no local. Os moradores quando migram para os grandes centros em busca de oportunidades de estudo e trabalho, após alcançar seus objetivos culturais retornam às suas origens oliveirenses, às suas raízes familiares.

A presença do alto-falante paroquial em Senhora de Oliveira, como principal veículo de comunicação, mostra-se diante de um contexto social original. Salienta-se um meio de comunicação através desse veículo, o qual se retrata no meio simbólico pela linguagem oral. Para tanto, há de contextualizar a sociedade e as informações prestadas por esse veículo, estabelecer as relações entre a comunicação global e a comunicação local e reconhecer o controle das informações ou a influência da igreja católica. Valorizamos a descrição e caracterização da cidade mediante narrações etnográficas e leitura de documentos.

Diante das pesquisas realizadas, observamos que o sistema comunicacional local, monopolizado pelo alto-falante, torna-se convincente na realidade dos fenômenos vivenciados coletivamente pela voz informativa, pela locução, que, por sua vez, traduz o universo dos receptores como expressivos do convívio e da ordenação de valores sociais.

As regiões vizinhas também se caracterizam por uma marca da tradi-

ção no interior do estado de Minas Gerais, compartilham da mesma forma de comunicação regida pela oralidade, estando sempre nos arredores das notícias faladas pelos microfones.

Com foco na zona urbana em quase toda a sua totalidade, os sons emitidos pelo alto-falante têm uma abrangência sonora, sendo que a zona rural participa dos acontecimentos pela comunicação oral ou a “boca do povo”. Nessa expansão, o noticiário é vivido de forma a produzir situações de desempenho coletivo.

Entendemos que o alto-falante não se acaba com o tempo e as pessoas não deixam de buscar a informação por esse meio, o que mostra o caráter de uma resistência cultural e tradicionalismo na comunidade. O alto-falante retrata-se diante de uma eficácia simbólica. Assim, reproduz a memória, a cultura do passado e presente, do futuro que reproduz o passado. Cria-se em uma linguagem mítica, em que suas reproduções são introduzidas como verdadeiras.

Do ponto de vista metodológico, as técnicas utilizadas implicam ações exploratórias tais como pesquisas *in loco*, que se constituíram em pesquisa participativa. Realizaram-se a reconstituição de discursos representativos da história oral e entrevistas com pessoas da comunidade, algumas delas envolvidas com as questões culturais locais.

Para conseguir os dados compreensíveis ao tema de trabalho, foram entrevistados vários informantes, personagens dos circuitos da comunicação e oralidade. Destacam-se o locutor do alto-falante, o eletricitista responsável pela manutenção do aparelho, o prefeito e os funcionários da Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira, o maestro da Corporação Nossa Senhora da Conceição, os participantes das bandas de congo Marujos de Santa Efigênia e Moçambique, professores da Escola Estadual e Municipal, moradores da cidade e oliveirenses ausentes.

A análise documental baseou-se nos boletins informativos da prefeitura municipal de Senhora de Oliveira e material histórico impresso que forma uma pasta, também de propriedade da prefeitura, que se encontra disponível nos arquivos da biblioteca pública.

A análise bibliográfica compreende autores que contribuíram e influenciaram na elaboração da dissertação, fazendo-se presentes em conceitos, como autores de base para uma abordagem ampla das categorias: Manuel Castells, Orlando Miranda, Alfredo Bosi, John B. Thompson,

Lévi Strauss, Cecília Peruzzo, Denise Cogo e Waldemar de Almeida Barbosa.

No intuito de entender a estrutura organizacional e informacional do sistema de alto-falante em Senhora de Oliveira, utilizamos análise e observação, gravação de mensagens transmitidas, assim como a aceitabilidade das informações pelos ouvintes e a frequência do alcance sonoro.

Diante destas colocações, o trabalho está dividido em sete capítulos. No primeiro capítulo, os processos comunicacionais inseridos no cotidiano oliveirense são apresentados de forma a se estabelecer uma compreensão da realidade sociológica e antropológica da comunidade e sociedade, cultura e tradição local. No segundo capítulo, Senhora de Oliveira: História e Cultura, abordamos as dimensões de valores que compreendem o meio pesquisado: história, economia, sociedade, cultura. No terceiro capítulo, retratamos o universo ritualístico, expressivo de linguagem e festividade da cidade. Levamos em conta o caráter da formação religiosa e o catolicismo que abrange as dinâmicas da população. No quarto capítulo há um relato histórico do sistema de alto-falante, sua estrutura organizacional e hegemônica em relação à cultura local. No quinto capítulo, reflete-se sobre os dados de análise de repercussão desse meio de comunicação, anúncios, estrutura organizacional. No sexto capítulo, são apresentadas todas as modalidades de anúncios divulgados no sistema de alto-falante em termos de sua projeção comunitária, juntamente com suas respectivas análises críticas de acordo com a realidade local. Por fim, o sétimo capítulo oferece um elo comparativo entre Senhora de Oliveira e as cidades vizinhas que estão comprometidas no mesmo ideário da oralidade, em que a identidade cultural compartilha de uma expansão de valores e religiosidade.

Consideramos neste percurso que o objetivo desta dissertação diz respeito ao registro do sistema comunicacional do alto-falante em uma cidade tradicional de Minas, Senhora de Oliveira, frente à oralidade que permeia o universo da coletividade. Registra-se também o sentido da religiosidade e vida ritual local diante do qual a vida dos oliveirenses torna-se real e carregada de fascínio e convencimento.

Não menos importante nas discussões foi entender a dinâmica simbólica local regida pelo alto-falante presente em cada categoria de anúncios. Observa-se que, após a divulgação da notícia, há uma movimentação a partir dos interesses comunitários. Com a propagação de uma

mensagem de perdas e extravios, todos os ouvintes se indagam se não sabem onde está ou não ouviram comentários de quem encontrou o objeto ou coisa que está sendo procurada, resultando, conseqüentemente, nos fins objetivados com a transmissão do respectivo anúncio.

1 COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO SOCIAL E CULTURAL

Em todas as sociedades o homem interage a partir da produção e intercâmbio de informações e de conteúdo simbólico, desde as mais remotas formas de comunicação gestual e aplicação da linguagem até os atuais usos tecnológicos para produção, armazenamento, circulação de informação e conteúdo simbólico, que possuem caráter central na vida social, retratada na comunicação em geral, com um enfoque nesse trabalho para a comunicação local, popular.

A comunicação popular implica cultura e relação, uma prática em conflito histórico do movimento de resistência e a conseqüente ação, pois revaloriza o elo entre comunicação de massa e comunicação popular, redimensionando este espaço ambíguo e conflitivo que produz o popular¹.

Nesse aspecto, a democracia se faz presente por meio desse estilo de comunicação exteriorizado, sobretudo em pequenos jornais, boletins, folhetos, volantes, cartazes, pôsters, audiovisuais, cartilhas e o alto-falante. Sendo assim, “a comunicação popular, em sua constituição, não é um tipo qualquer de mídia, ela é resultado de um processo realizado na dinâmica dos movimentos populares, de acordo com suas necessidades, cuja principal característica é a questão participativa voltada para a mudança social”².

Quando se fala em comunicação popular, nesse trabalho, entende-se por “*povo*, um conjunto de indivíduos iguais e com interesses comuns, que conflitam apenas em pequenas diferenças provocadas por uma cultura imposta por uns poucos que detêm o poder”³.

Entretanto, a comunicação local é baseada na comunicação global e visa a confrontar ambientes externos e internos numa perspectiva de análise de ações que revalorizam o território humano tal como suas necessidades, possuidor de diferentes escalas, podendo resultar numa

¹ PERUZZO, Cíclia M. K. *Comunicação e movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 114.

² PERUZZO, *Ibidem* p. 115.

³ PERUZZO, *Ibidem*. p. 116.

mudança cultural no aspecto competitivo territorial sem alterar a valorização do espaço em questão. Seguindo esse raciocínio, percebemos que o sistema de alto-falante presente em Senhora de Oliveira, principal veículo condutor da comunicação local, confronta os ambientes externos, as variáveis comunicacionais que convivem em seu meio e, mesmo assim, este se sobrepõe frente aos demais, retratando a tradição e a identidade cultural da região. Esse fato ocorre porque “a comunicação popular, ao abordar temas locais ou específicos, tende a despertar o interesse por parte da audiência pelo fato de o conteúdo ter relação direta com as pessoas. Desta forma, a programação é um espetáculo do qual se participa, o que leva a incrementar o processo identitário e de cultivo de valores”⁴.

A comunicação local também se mantém como fator fundamental de mudanças de práticas e políticas em prol da emancipação das cidades, o que também acontece em Senhora de Oliveira e que não afeta as manifestações culturais e suas respectivas ideologias.

Sob esse aspecto, “culturas são formadas por processos de comunicação,”⁵ pois os sistemas comunicacionais têm a capacidade de abrangência cultural devido à sua diversificação e versatilidade, tal como expressões de comunicação, valores e interesses. Por outro lado, a inclusão dessa comunicação integrada pode acarretar conseqüências consideráveis para o aspecto social, gerando códigos de hábitos ‘impostos’, que têm grande impacto nas cidades e no espaço. Diante disso, a comunicação integrada vem sofrendo constantes alterações de acordo com as necessidades populacionais, fazendo com que se torne cada vez mais distinta e versátil, acessível a todas as classes sociais, da forma mais viável possível.

Desta forma, as classes sociais objetivam uma busca da identidade cultural ofertada de diversos aspectos pelos meios de comunicação, que após determinada junção de valores e crenças são subdivididas por ideais em comum, formando comunidades com uma mesma identidade, pertencentes a um local específico.

⁴ PERUZZO, Cicília M. K. *Comunicação e movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 117.

⁵ CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede*. Coleção: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol 1. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 394.

Na estrutura comunicacional, o homem pode se comunicar com outros de forma instantânea ou não, sem levar em consideração o espaço, podendo a mensagem ser emitida a qualquer momento, tendo ou não o receptor um contato direto com esse emissor, podendo ou não responder a essa mensagem, em um sentido pluralista de cultura.

Na produção de mensagens, formas simbólicas e sua respectiva transmissão são empregadas como um meio técnico pelo qual o conteúdo informacional é difundido para o receptor. Diante disso, o desenvolvimento da comunicação se atribui a uma reelaboração da vida social no intuito de promover o intercâmbio pelos quais os indivíduos se relacionam entre si, para produzir impacto na difusão da mensagem.

O meio técnico possui como um dos atributos a fixação da forma simbólica ou a sua preservação em determinado meio, em graus variáveis de durabilidade. “No caso da conversação face a face e da transmissão de mensagens por meios técnicos como o alto-falante, o grau de fixação pode ser muito baixo ou efetivamente inexistente. Qualquer fixação neste caso vai depender da memória mais do que alguma propriedade distintiva do meio técnico como tal”⁶. Sendo assim, os graus de fixação alteram na medida em que uma mensagem difundida é revisada ou remodelada. No caso de Senhora de Oliveira esse processo faz parte da cultura dos moradores, cujas mensagens entram no que denominamos campo semático, onde os receptores mecanizados pelo som do aviso, se informam e, neste sentido, a fixação da mensagem na memória do ouvinte deixa de ser baixa devido à repercussão e propagação popular do que foi transmitido, de forma contínua.

Dependendo das circunstâncias de comunicação, o meio técnico permite um certo distanciamento espaço-temporal. Em uma interação face a face, esse distanciamento é relativamente pequeno, visto que os participantes estão fisicamente presentes e interagem no mesmo referencial de espaço e tempo. Em uma conversação, as falas são disponíveis somente aos interlocutores ou a pessoas situadas nas imediações e terão duração transitória, pelo tempo que durar a memória de seu conteúdo.

A utilização dos meios técnicos faz parte dos recursos culturais que oferecem suporte ao intercâmbio e exigem habilidades, competências e

⁶ THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2004. 8ª ed. Traduzido por Wagner de Oliveira Brandão. p. 26.

formas de conhecimento que pressupõem um processo de codificação e decodificação da informação e do conteúdo simbólico. Assim, as mensagens uniformizadas transmitidas pelos veículos da mídia são compreendidas e integradas na vida de cada receptor, mesmo com o diferencial cultural de cada massa ou aglomerado de indivíduos com uma mesma identidade atrelado à localização regional, o que não caracteriza necessariamente uma homogeneidade, pois estas mensagens se dividirão em grupos por quantidades, e isso faz com que a recepção dessas informações seja compreendida sob diversos pontos de vista. Nesse âmbito, compreendemos que as divulgações feitas pela mídia e seus respectivos veículos de comunicação são absorvidas de forma distinta pelos receptores, visto que esses possuem características e identidades culturais diferentes uns dos outros, mesmo que estejam inseridos em um grupo, uma massa.

A comunicação de massa implica disponibilidade da informação para uma grande pluralidade de destinatários, resultando uma circulação pública.

Para tanto, “o alto-falante tem sido usado em projetos culturais, de saúde, comunicação, educação, organização comunitária e desenvolvimento local, convertendo-se em um sistema alternativo, um canal de comunicação para as organizações comunitárias”⁷. “Também, no setor popular, esse veículo é utilizado como rádio, ocupando lugar de sujeito e destino de sua ação, transformando moradores de uma cidade em atores sociais frente à sua articulação com o movimento local, destacando seu surgimento pela necessidade da participação coletiva, de organização comunitária, recreação, mobilização e desenvolvimento”⁸. Em Senhora de Oliveira esse sistema comunicacional adquire as mesmas finalidades e utilizações comunitárias apresentadas.

“O meio técnico alto-falante torna a fala disponível a indivíduos que se encontram além do alcance de uma conversação ordinária: a fala adquire uma disponibilidade maior no espaço, embora sua duração per-

⁷ PERUZZO, Cícilia M. K. Apud GUEDES, Sandra. *Serviço de Alto-falante: a mídia da periferia*. – Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. Site: www.metodista.br/unesco/agora/PMC_Acervo_Entretanto_sandra.pdf. Disponível em: 19 abr. 2007.

⁸ GUEDES, *Ibidem*.

maneira limitada ao momento de sua emissão”.⁹ Apesar desse grau de permanência sonora no instante da transmissão da mensagem, o alto-falante inserido no contexto oliveirense mantém a continuidade da notícia propagada por meio da memória popular, que associada a divulgação através da boca-do-povo atinge toda a comunidade.

Na cidade estudada, assim como em muitas outras, “o alto-falante, um aparato modesto que se destina a transformar um sinal de audiofrequência em uma acústica, é visto como um veículo de comunicação ou como o principal meio para esse fim, reflexo do nível de organização social dos moradores, estruturado por eles próprios”¹⁰.

Inicialmente, a mídia comunitária se configurou como uma comunicação alternativa, sendo conhecida como comunicação participativa, comunicação horizontal, comunicação popular.

De acordo com Peruzzo, a mídia comunitária se baseia em processos nos quais as pessoas da ‘comunidade’ são protagonistas e assim se caracteriza por:

- Divulgar assuntos pertinentes à comunidade, movimentos coletivos e de segmentos populacionais ou do interesse público, os quais normalmente não encontram espaço na mídia convencional.
- Participação direta das pessoas da comunidade na programação e na gestão do veículo de comunicação. O receptor pode se tornar emissor e vice-versa.
- O produtor das mensagens não é especialista de comunicação, mas um cidadão comum.
- Contribui para o desenvolvimento comunitário, no exercício da cidadania.
- Não possui fins lucrativos. É autofinanciada ou recebe doações, além de atuar com apoio cultural e não com

⁹ THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. . 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004. Traduzido por Wagner de Oliveira Brandão. p. 28-29.

¹⁰ PERUZZO, Cíclia M. K. Apud FERNANDES, M. L.; SALVI, C. *O sistema de alto-falante como meio de comunicação em Santa Catarina*. Revista Internacional de Folkcomunicação, 2007. Vol.10. p. 02.

anúncios publicitários. Caso haja excedentes econômicos, esses são revertidos para a sustentabilidade e investimento do próprio meio de comunicação.

- Em experiências mais avançadas a gestão é coletiva.
- A propriedade pode ser coletiva, individual ou institucional, sempre a serviço da comunidade.
- Busca autonomia em relação ao governo e outros grupos de interesse.
- É dirigida por segmentos específicos da população.
- Possui alcance limitado em termos de cobertura, audiência, número de leitores, salvo as exceções que dependem do potencial técnico de transmissão.¹¹

Nesse aspecto, o alto-falante se equipara a uma mídia comunitária, sendo que “os meios de comunicação local e comunitária lidam com os assuntos que dizem respeito à vida das pessoas no espaço vivido do seu cotidiano. Sua marca é a proximidade, sintetizada nos sentimentos de pertencimento, de identidade e nos elos do cotidiano”,¹² o que se atribui a uma dinâmica própria do veículo que é construída pelos produtores e receptores capazes de sistematizá-lo como emissora comunitária.

Desta forma, “os alto-falantes têm sido usados efetivamente como uma emissora radiofônica com o aproveitamento ou adaptação de formatos do rádio convencional”¹³, caracterizados pela modesta infraestrutura; pela inserção e sobrevivência nas comunidades; pela prestação de serviços de utilidade pública que reforçam sua vocação histórica e marcam a trajetória das rádios populares em todo o país; pelo universo cultural que se destaca nas programações; pela religiosidade no tratamento das questões populares; pelo profissionalismo dos comunicadores frente à identidade e ao interesse coletivo; pela relação estreita com a comunicação de massa diante da criatividade para tornar claro e

¹¹ LUSOCOM – Federação Lusófona de Ciências da Comunicação. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2006*. Cíclia Maria Krohling Peruzzo, José Benedito Pinho, editores. São Paulo: INTERCOM; (Lisboa) 2006. p. 148.

¹² LUSOCOM, *Ibidem* p. 160.

¹³ COGO, Denise Maria. *No ar...uma rádio comunitária*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 81.

definido o campo da recepção e da interação; pela auto-sustentação; e pelas políticas de comunicação que se mostram de forma autoritária em relação à audiência.

São referenciais como esses que vão atribuindo identidades ao trabalho com os alto-falantes. Identidades que vão se configurando na aparente contradição entre aqueles que enxergam os alto-falantes como mera transição, fruto da ausência de democraciana comunicação e ao mesmo tempo exercício necessário para quando essa democracia chegar, e aqueles que compreendem os alto-falantes como mais uma possibilidade no cenário da comunicação.¹⁴

1.1 Os processos comunicacionais: relações com a cultura local

Em Senhora de Oliveira, desde os primórdios da história local os processos comunicacionais apresentam harmoniosa hegemonia e são descritos adiante de acordo com as respectivas fases de inserção de cada meio na região estudada.

1.1.1 Cinema

O cinema foi o primeiro meio de comunicação visual sem o auxílio da linguagem verbal, extraído da memória de antigos moradores de Senhora de Oliveira.

A técnica cinematográfica de comunicar e representar por meio de fotogramas, de forma rápida a criar a impressão de movimento, só foi possível pela descoberta dos irmãos Lumière no fim do século XIX, quando em 28 de dezembro de 1895, exibiram uma série de dez filmes

¹⁴ COGO, Denise Maria. *No ar...uma rádio comunitária*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 148.

com duração de 40 a 50 segundos cada, no Grand Café em Paris, marcando a primeira mostra.

De acordo com relatos de uma das primeiras moradoras da cidade, D. Maria Conceição Silva, conhecida como D. Tita, hoje com 102 anos, existiu um cinema nos primeiros tempos de Senhora de Oliveira, por volta de 1915 e esse se fazia em praça pública com lona sob armação, mostrando filmes mudos com temas sacros. E mais tarde, aproximadamente em 1937, noticia-se a existência de um cinema de propriedade particular. Esse, por sua vez, funcionava no salão paroquial da igreja católica por tempo determinado e de vez em quando se retirava da cidade para se apresentar em outras regiões e depois retornava. Os filmes eram mudos, pertencentes a categorias diversas, destacando-se os relatos dos filmes cristãos. Os anúncios chamativos para as sessões do cinema mudo eram feitos pelo sistema de alto-falantes da igreja e as entradas eram cobradas. Mas não se sabe ao certo o motivo do encerramento dessas atividades cinematográficas.

1.1.2 Teatro

Ainda baseado nas lembranças de dona Tita, as manifestações teatrais locais iniciaram-se em 1915, em praça pública, no centro de Senhora de Oliveira. Ela conta que era uma das integrantes das apresentações, as quais eram realizadas embaixo de armações cobertas por lona ou até nos galpões das residências. Os temas das peças eram variados, e as orientações para as encenações eram dadas por professores voluntários. Os atores eram os próprios moradores da comunidade, na maioria crianças que possuíam figurinos luxuosos comprados pelos pais, fazendeiros poderosos que tentavam de toda maneira agradar seus filhos. A divulgação de cada apresentação era responsabilidade dos próprios professores, padre e até da polícia. Todos os espectadores assistiam às manifestações teatrais gratuitamente e logo após as apresentações sempre havia um forró para animar ainda mais a festa. Com o passar dos anos, os atores foram crescendo, se casando e se mudando para outras cidades e, por falta de novos atores, as manifestações teatrais da época foram acabando gradativamente.

Nelson de Souza, ruralista, ex-delegado e ex-vereador de Senhora de Oliveira, hoje com 87 anos, conta que na comunidade rural de Santana as manifestações teatrais eram realizadas próximo à sua residência, na Fazenda do Funil, cujo proprietário na época era Chico Ricardo e ali ele participou das peças desde a infância até seus 25 anos de idade. Nesta região, as manifestações encerraram-se aproximadamente em 1919.

D. Vitalina Moreira Gomes, 92 anos, relata que as primeiras manifestações teatrais na zona rural à qual pertencia, ocorreram no ano aproximado de 1937, quando muitas comunidades rurais possuíam uma peculiaridade ao entreter seus habitantes e manter a interação entre eles. O teatro foi responsável por muitos casamentos, que tiveram suas histórias oriundas dessas apresentações.

As manifestações relatadas por D. Vitalina referem-se à comunidade rural de Ribeirão Podre, cujas peças teatrais eram encenadas na Fazenda do Ribeirão, no Córrego do Espinho. Seguindo o exemplo das apresentações que já aconteciam na cidade vizinha de Cipotânea, D. Vitalina e suas sobrinhas começaram a representar, sob a orientação do seu também sobrinho, o marceneiro Zé Cabral, que em ocasiões de teatro se transformava em diretor.

Os estudos das representações eram baseados em um livro do qual não se recorda o título, tampouco sua origem, pertencente a Zé Cabral. Além dos estudos, o livro trazia diversos títulos de peças para montagem.

As apresentações eram realizadas aos sábados e domingos, quando os atores se reuniam na fazenda de D. Vitalina, onde recebiam hospedagem e alimentação. O figurino era de improviso com roupas que se encontravam à disposição. Como parte desse figurino, havia máscaras, muitas utilizadas em cena, confeccionadas com papel de saco de cimento moído moldado no rosto para criar novos personagens que geravam certo deslumbre nas apresentações, segundo a entrevistada. Os convidados, de vários lugarejos da cidade, ou até moradores de cidades vizinhas, vinham prestigiar e se entreter com o considerado grande evento da semana. As peças eram encenadas e logo após muita comida era servida, sempre seguidas do forró com acordeão e viola para dar continuidade ao acontecimento.

Alguns trechos das peças foram recordados por D. Vitalina em forma de cantos com rimas, com a vivacidade de uma antiga atriz teatral,

possuidora de expressão singular que evidenciou a lembrança nostálgica nos olhos brilhantes, de um tempo que se foi e não volta mais.

Uma das peças recordadas possuía como título “Rosa Cobra”. “Rosa Cobra” não era uma apresentação musical, porém sua história falava de uma moça que brigava muito com o marido e veio a ser “amansada¹⁵” com um porrete de Jacarandá, sendo obrigada por ele a dormir no sofá. E desta forma, D. Vitalina repetia uma representação da fala e gesticulação do papel do marido: -“*Viva o Jacarandá! E o marido chegava o porrete de Jacarandá na boca da esposa*”.

Uma outra peça cujo nome era “Teatro das Línguas” foi cantada de forma nítida pela nossa entrevistada. Essa representação era integrada por oito moças, cada uma representava uma língua e vestia-se com o figurino do respectivo país ao qual pertencia na encenação. Os refrões eram cantados por todas as moças juntas, e a representante de cada língua estrangeira, em sua vez, se encarregava de mostrar a voz individualmente. A primeira estrofe, assim como o subsequente refrão mantiveram-se vivos na memória de D. Vitalina, que assim nos cantou:

*Somos nós as línguas vivas
Reunidas por encanto,
Dando palma, dando viva ao progresso de esperança.*

*Eu sou uma língua esquisita,
Mas cheia de tradição,
Falada por quem habita
No velho antigo Japão.*

As máscaras de confecção artesanal eram muito utilizadas na peça “Infância e Velha”, em que as moças se mostravam novas e vistosas na parte frontal do corpo e, em determinado momento da cena, quando se viravam de costas, havia máscaras presas à parte de trás da cabeça onde era possível ver rostos de senhoras idosas, com narizes grandes e olhos arregalados. Alguns trechos também foram lembrados pela atriz ressurgida:

¹⁵ Amansada, segundo D. Vitalina, significa ficar calma, tranqüila.

*Na nossa infância tudo são flores,
Brinquedo e risos feliz viver.
O céu mostra mais lindas cores
Que o céu e a terra quer se parecer.*

*Mas a velhice chega e com ela
Surtem as crises de dor fatal.
Lembra-se na infância o quanto era bela
E que o passado não volta mais.*

Passado o tempo, as sobrinhas de D. Vitalina se casaram e se mudaram para outras cidades. Zé Cabral foi embora de Senhora de Oliveira levando consigo o livro inspirador das peças teatrais na Fazenda do Ribeirão e posteriormente veio a falecer.

As encenações teatrais em Senhora de Oliveira declinaram um pouco a partir de 1955 com a chegada da televisão e com o início das obras para edificação da nova igreja matriz. Com a televisão, a população deixou de lado o teatro para se entreter com a novidade do universo televisivo, como informou D. Vitalina. Outro fato que afetou esta manifestação popular foi a construção da matriz nos anos 60, pois a igreja católica promovia em toda paróquia as chamadas “rezas” que se constituíam de orações, leilões de doces, guloseimas, ovos e animais, seguida sempre de um baile com forró, com grande aceitação no local, visando à geração de renda para a construção.

Nesse período, algumas apresentações teatrais na zona urbana puderam ser vistas no salão paroquial e de acordo com a oliveirense Gema Galgani Silva Sousa, “as peças teatrais eram tiradas de livros sobre os mais diversos temas, e as professoras voluntárias eram as responsáveis por ensiná-las aos atores, moradores da região. O pároco da época sempre estava presente para assistir às manifestações, assim como muitos outros espectadores. Após as apresentações, não havia forró como de costume nas apresentações de outras regiões do município. O teatro apresentado no salão paroquial da igreja deixou de existir no ano aproximado de 1968.”

Como é do conhecimento da população conhecedora do teatro da época, o pároco Pe. José, que viveu em Senhora de Oliveira por mais

de cinco décadas, sempre demonstrou verdadeira admiração pelo teatro e por esse motivo estimulava os moradores a encenar temas religiosos nas ruas da cidade. Desta forma, a Via Sacra foi sempre representada por muitos dos atores e figurantes naturais do município.

Padre José faleceu em 08 de julho de 2002 e, a partir de então, pouco se viu de manifestação teatral, exceto nos congados, cujos grupos sempre saem às ruas vestidos de forma majestosa, com muitas fitas coloridas nas cabeças e instrumentos de origem africana, dançando e cantando, idolatrando as divindades católicas, numa representação da coroação de reis congos.

1.1.3 Rádio

No mesmo período das manifestações teatrais o rádio, que se caracteriza por ser um meio de comunicação sonoro que transmite mensagens por ondas radioativas eletromagnéticas que se propagam no espaço, já era realidade em Senhora de Oliveira. Embora ainda restrito apenas aos mais abastados economicamente, conta o técnico eletrônico Nelito sobre a chegada do primeiro aparelho de rádio na Fazenda Cachoeira dos Peixes, em 1915, que foi presenteado à sua mãe. Esse aparelho foi adquirido em Ubá, pelo técnico eletrônico Lauro Jacobin, para presentear Francisca Alves da Neiva, pois sempre se hospedava em sua residência quando era solicitado para serviços elétricos na cidade e por esse motivo o presente era uma forma de agradecimento à hospitalidade. Com o fato da chegada do aparelho sonoro, a fazenda passou a receber muitos vizinhos e amigos para ouvir e ver o rádio. O informante lembrou que muitas pessoas se direcionavam atrás do aparelho para ver o homem ou a mulher que estava falando, ou tentar saber de onde saía a voz.

No universo simbólico em discussão, as rádios ouvidas são as FMs: Fama, da cidade de Carandaí; Rádio Viçosa, da cidade de Viçosa; Congonhas, da cidade de Congonhas; Mariana, da cidade de Mariana; e Carijós e Colonial, ambas de Conselheiro Lafaiete. Também eram ouvidas a Rádio Aparecida e a Rádio Capital, emissoras católicas de São Paulo.

Existiram duas rádios comunitárias na cidade sob os nomes de Rádio Piraguara e Rádio Stúdio Fm, que acabaram sendo fechadas por não possuírem a concessão governamental.

Recentemente, a associação comunitária do Aranhas recebeu autorização para a implantação de uma rádio oficial que está em análise final de documentação sob o Cadastro Geral de Contribuintes (CGC) 02.577.822/0001-65, e como razão social Associação Comunitária da Comunidade de Aranhas e denominação fantasia de Rádio Boa Nova, cuja sintonia será 106,1. A sede da rádio será implantada em região alta da cidade, na Rua José Braga, S/N, Bairro Limeira, para que possibilite maior abrangência sonora, de 10.000 metros sob as coordenadas geográficas 20° S 47' 45,7" / 43° W 21' 13,3". A transmissão sonora será possível a partir de uma antena de modelo TEC 113 com 25 Watts de potência e certificação 0717-03-0345, cuja altura da torre é de 29 metros e a altura em relação ao solo será de 30 metros numa altitude local de 788 metros, para a qual a faixa de frequência será de 89,9 a 108 MHz e a potência equivalente a 300 Watts.¹⁶

1.1.4 CTT: Correios, Telégrafos e Telefones

Em meados do século XX, o telégrafo foi instalado em Senhora de Oliveira. Atualmente também os serviços dos correios de acordo com as Empresas Brasileiras de Telecomunicações S/A e a Secretaria do Estado de Comunicação Social,¹⁷ permitem o envio de correspondências, documentos e malotes diversos.

Quanto à telefonia, conforme registro histórico, a cidade já falava ao telefone desde a sua emancipação. De lá para cá, os aparelhos se modernizaram e a interação pode ser feita com o mundo por discagem direta – DDI, para ligações internacionais ou dentro do país pela discagem direta a distância – DDD. O sistema de telefonia móvel, celular, foi im-

¹⁶ Formulário padronizado de características técnicas do projeto técnico do Ministério das Telecomunicações, Secretaria de Serviços de Comunicação Eletrônica – Departamento de Outorga de Serviços, cedido por José Benigno Rodrigues Silva, presidente da Associação Comunitária da Comunidade de em 27 de junho de 2007.

¹⁷ Arquivo impresso do setor de cultura da prefeitura municipal de Senhora de Oliveira.

plantado em janeiro de 2008 com cobertura da operadora Claro,¹⁸ sob abrangência de 2km de raio, que facilita a comunicação local e bidirecional de voz e dados, por meio de ondas eletromagnéticas numa determinada área geográfica.

Em relação aos telefones fixos, “há aproximadamente 250 linhas instaladas na zona urbana e 15 celulares rurais a cartão, uma vez que nessas regiões não há como instalar telefones fixos ainda”.¹⁹

No ano aproximado de 1977, foi instalado na cidade, um Posto de Serviços da Telemig, onde todas as ligações podiam ser feitas via telefonista e eram cobradas por minuto. Quando as ligações eram recebidas, a telefonista se deslocava até a residência do receptor da ligação para avisá-lo e esse se direcionava ao P.S., ou posto de serviço. Nessa época, poucos telefones fixos haviam sido instalados em Senhora de Oliveira. Ao todo, eram 12 assinantes, pois a Telemig disponibilizava quotas de assinaturas. “Durante os cinco primeiros anos da instalação do posto de serviços, havia 12 assinantes e depois do fim do P.S., em 1997, quando se instalou a Telemar²⁰ com suas linhas fixas disponíveis a todos, o número de assinantes não passava de 22”.²¹ No início, os prefixos dos números dos telefones eram compostos de apenas dois algarismos, passando depois para quatro e com a chegada da Telemar, oito algarismos, sendo os quatro primeiros sob os números 3755- XXXX para toda a cidade, exceto zona rural.

Uma curiosidade deve ser mencionada, pois em Senhora de Oliveira existe uma lista telefônica de três páginas, criada pelos próprios moradores para identificação dos assinantes de linhas de acordo com seus nomes, apelidos e origem familiar, da maneira pela qual são popularmente conhecidos na cidade. Na lista convencional, os nomes de registro civil dificultam a busca por um número telefônico, exatamente pelo motivo de muitas vezes serem desconhecidos.

¹⁸ Sebastião Araújo de Oliveira, prefeito de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 23 de abril de 2007.

¹⁹ Correios de Senhora de Oliveira.

²⁰ Telemar: nomenclatura anterior da atual Companhia Telefônica de Minas Gerais.

²¹ Neci Silva Pereira, ex-funcionária pública da Prefeitura de Senhora de Oliveira, Telefonista do Posto de Serviços da Telemig. Entrevista concedida à autora em 03 de abril de 2007.

1.1.5 Televisão

Outro veículo de comunicação muito utilizado na região é a televisão, que se caracteriza por ser um sistema eletrônico de transmissão de imagens e sons instantâneos.

O Sistema Televisivo surgiu no Brasil em 18 de setembro de 1950, com a TV Tupi de São Paulo. No início da TV brasileira, tudo acontecia ao vivo. Só alguns anos mais tarde começaram a ser produzidos os videoteipes. Como não havia profissionais especializados, quem montava os quadros e as programações eram os redatores, o que favoreceu uma imagem inicial de “rádio com imagem” ou rádio televisiva.

Em sua forma original, enquanto eletroeletrônico, envolve a transmissão de som e imagens em movimento por meio de ondas de radiofrequência captadas pelo televisor.

“Na cidade de Senhora de Oliveira, a televisão chegou aproximadamente no ano de 1966 com transmissões em preto e branco”.²² “A TV em cores foi inserida na região em 1970, em data bem posterior a outros lugares, quando três residências possuíam o aparelho, o que indiretamente era motivo de reuniões de telespectadores efetivos como forma de sociabilidade e entretenimento”.²³

A cidade possui uma torre que propicia a divulgação de imagens e sons televisivos, com qualidade que pode ser melhorada e abrangência de três canais, dentre eles Rede Globo de Juiz de Fora, MG, TV Alterosa e Rede Minas, ambas de Belo Horizonte, além da TV Bandeirantes de Minas Gerais. Essa transmissão não abrange a área rural em sua totalidade devido à situação geográfica do município.

Para que a imagem e o som possam ser transmitidos com nitidez e clareza, a região demanda a instalação de antenas parabólicas, como receptoras de satélites para concentração de sinal, impedindo interferências de imagem independentemente de qualquer obstáculo geográfico. Por isso é que, tanto na área rural quanto na área urbana, as residências, em sua maioria, possuem uma antena parabólica que proporciona

²² Nelito Rodrigues Pereira, técnico eletrônico. Entrevista concedida à autora em 09 de março de 2008.

²³ Antônio de Souza, comerciante. Entrevista concedida à autora em 11 de junho de 2007.

acesso a 31 canais televisivos com programação variada para todos os gostos: religião, informação e cultura. Tudo isso é proporcionado pelas emissoras Globo, SBT, TVE, Rede TV, Bandeirantes, Record, Diário, Rede Mulher, Amazonas, Rede Vida, Gazeta, Shop Time, Canal do Boi, TV Escola, Embratel I, Embratel II, Rede Minas, Futura, Canção Nova, TV Senado, TV Câmara, Século XXI, Canal Rural, Paraná Educativa, Poli Shop, RIT, NBR, Cultura, Terra Viva, TV Aparecida, Canal novo (sem identificação do nome).

“Existem mais de 1000 antenas parabólicas instaladas nas residências da região, distribuídas em zona urbana e rural”.²⁴ Até a presente data, uma única residência possui TV por assinatura TECSAT e quatro outras assinam a SKY. Não há TV a cabo na cidade, pois para tal seria necessária uma população acima de 200.000 habitantes para a instalação do sistema.

Existem também as concessões televisivas regionais como a TV Lafaiete e TV Viçosa, cujas emissoras são educativas e visam à melhoria social da região do Alto Paraopeba e norte da Zona da Mata, onde está localizada Senhora de Oliveira. Porém, o alto valor cobrado pela instalação de retransmissores desses canais impossibilita que a administração pública instale o dispositivo para aproximar os telespectadores das informações regionais e do próprio contexto social. Embora os moradores não consigam assistir a esses canais em Senhora de Oliveira, a comunicação acontece pelo sistema viário, visto que são mantidas relações diárias de serviço e comércio com essas localidades, sendo assim exercida a propagação da informação via “boca a boca”.

A partir da demanda da população, tais emissoras noticiam fatos locais que chegam a Senhora de Oliveira a partir do sistema citado acima, sendo o último fato relevante transmitido pela TV Lafaiete, a reportagem da chegada do asfalto no município, em agosto de 2006.

²⁴ Adalberto Zacarias Lourenço e Paulo Antônio Portilho Coelho, as duas únicas pessoas físicas que atuam diretamente com a instalação das antenas parabólicas na cidade de Senhora de Oliveira.

1.1.6 Internet

Com os avanços da tecnologia na comunicação, Senhora de Oliveira entra para a era globalizada pela internet.

A internet é um importante veículo de comunicação, com milhões de aparelhos interligados por linhas telefônicas, ondas de rádio e satélites, utilizados na transmissão, recepção de informações e transferência de dados, além do acesso a diversas informações em tempo real.

Por volta de 1965, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos financiou o desenvolvimento de uma rede de computadores que evoluiu para se tornar a Internet: rede mundial de aparelhos conectados.

“Em Senhora de Oliveira, aproximadamente 200 pessoas possuem computador e entre esses computadores estão incluídos os equipamentos da prefeitura, escolas e sistema básico de saúde. No entanto, por volta de 100 pessoas possuem acesso à internet com discagem interurbana”,²⁵ porém, em função dos altos valores da discagem, o acesso é feito esporadicamente, em casos de extrema necessidade. Dentre os usuários internautas de Senhora de Oliveira, somente um morador acessa a internet por sistema via satélite, o que possibilita maior viabilidade em suas navegações pela questão do custo, embora para a instalação do sistema tenha sido cobrado um valor pouco acessível de acordo com o que diz o povo.

A Prefeitura Municipal afirma que em breve o acesso à Internet será por meio de discagem telefônica local e atenderá a um número maior de usuários, exceto na recente implantação de conexão via rádio restrita a alguns assinantes que dispõem de antena instalada para utilização do serviço, pois atualmente a conexão telefônica é feita pela discagem interurbana.

Atualmente, 33 pessoas estão inseridas no sistema de acesso à Internet Banda Larga via rádio, propiciado pela instalação de antenas cuja distribuição via Wireless²⁶ permite a conexão durante 24 horas ininterruptas.

A inclusão digital é abordada na atualidade como uma necessidade que se faz presente no objetivo do Sistema de Telecentro que atua dire-

²⁵ Telecentro de Senhora de Oliveira.

²⁶ Wireless : Conexão à Internet via rádio.

tamente na alfabetização da tecnologia informatizada, constituindo um patamar de colaboração entre comunidade e empresa, capacitando a sociedade para o mercado de trabalho.

O Telecentro de Senhora de Oliveira surgiu da iniciativa da “Associação da Comunidade Rural de Aranhas”²⁷, objetivando alfabetização tecnológica informatizada, capacitando os usuários ao mercado de trabalho não somente local, como de outros centros, oferecendo cursos gratuitos de Informática Básica e Avançada, Design, Programação, cursos Comportamentais e Gerenciais, Software livre, além de acesso também gratuito à Internet.

Inaugurado em 19 de junho de 2006, o Telecentro de Senhora de Oliveira é composto por cinco computadores conectados em rede, um servidor e quatro estações de trabalho, uma impressora a jato de tinta, um nobreak, um swtich, um software com ambiente Linux, estrutura para provimento de acesso em servidor de web e de e-mail. Além disto, conta com cinco mesas para micro, uma mesa para impressora e cinco cadeiras que integram o mobiliário²⁸.

Inicialmente o Telecentro atendia às comunidades de Aranhas, Graminha e Ribeirão. A primeira turma foi composta por 66 alunos destas comunidades e também havia a busca de serviços (impressões, acesso a internet, digitação de trabalho e formatação de currículo) feita pelos moradores da área urbana de Senhora de Oliveira, que totalizava 30 a 40 usuários por semana. Atualmente o Telecentro conta com 75 alunos das mesmas comunidades²⁹.

A possibilidade de matrícula dos moradores das demais comunidades da zona rural e até do centro urbano tornou-se viável a partir de junho de 2007, por uma questão de melhoria de infra-estrutura e legalização burocrática.

²⁷ A Associação Comunitária da Comunidade existe há mais de dez anos, tendo por presidente José Benigno Rodrigues Silva, conhecido como “Juca”.

²⁸ Cláusula Terceira do Convênio entre o Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior- SECTES e a Associação Comunitária da Comunidade de . Documento fornecido por José Benigno Rodrigues Silva, presidente da ACCA em 17/06/07.

²⁹ Mariza Silva Souza, Coordenadora do Telecentro de Senhora de Oliveira.

1.1.7 Impressos

Ainda hoje, muitos dos veículos de comunicação são acessíveis apenas à população da zona urbana de Senhora de Oliveira, por uma questão financeira e cultural, caso da mídia impressa de jornais, revistas e boletins informativos.

No município são poucos os assinantes de jornal.

O jornal diário Estado de Minas é assinado por dois moradores e o jornal Correio da Cidade, que por sua vez é um veículo especificamente regional, é assinado pela Prefeitura Municipal, Câmara dos vereadores e Escola Estadual Quinzinho Ignácio, localizada no centro da cidade. Esses títulos mantêm a frequência das assinaturas, logo estão inseridos na comunidade, porém restritos aos assinantes ou a algum interessado em lê-los no interior dos órgãos públicos.

Alguns jornais de caráter regional são distribuídos gratuitamente ou em forma de cortesia, enviados sem solicitação e sem assiduidade, visto que muitos deles são periódicos, outros ocasionais. Dentre os citados estão: “Barbacena”, da cidade de Barbacena; “Tribuna de Piranga,” de Piranga; “Comércio Informativo”, de Belo Horizonte; “Betim para o povo”, de Betim; “Cidade Viva, de Itabirito; “Voz de Congonhas”, jornal da prefeitura de Congonhas do Campo; “Conhece-te a ti mesmo”, de Conselheiro Lafaiete, “Jornal da UFV”, da Universidade Federal de Viçosa; e “Jornal da Câmara” e “Jornal do Senado” de Brasília.

Evidencia-se que os jornais “Tribuna de Piranga” e “Barbacena” possuem cinco assinantes, sendo dois deles, a Polícia Militar e a Prefeitura Municipal, o que totaliza nove exemplares dessa mídia impressa inseridos no cotidiano do município, com assinatura ativa.³⁰ Os demais jornais são enviados apenas para a prefeitura, destacando-se que não há bancas de jornais e revistas na cidade de Senhora de Oliveira.

A revista, por sua vez, é um periódico de caráter informativo, jornalístico, comercial, religiosos, esportivo, esotérico ou de entretenimento e em sua maioria é destinada a um público totalmente segmentado.

As assinaturas em Senhora de Oliveira mostram que a Revista Con-

³⁰ Evelyn Lopes Milagres, secretária e recepcionista da Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 22 de junho de 2007.

tigo possui um assinante; a Isto é, 04 assinantes; revista Veja, 04 assinantes; Revista TV Escola, 06; e Revista Seleções Reader's Digest, 03 assinantes. As revistas católicas que abordam temas de cunho religioso e social compreendem: revista Aparecida com 30 assinantes; Canção Nova com 10 assinantes; e revista Conheça a ti mesmo, com 03 assinantes. Totalizam 61 assinaturas, sendo 40 de caráter religioso, mais especificamente, católico.³¹ Além dessas assinaturas, a prefeitura recebe outras revistas de distribuição gratuita: a CNT, a JGA Gente, revista Encontro, AMM- Municípios das Gerais, Revista de Seguridade Social e a revista CONASEMS.

A falta de locais apropriados para aquisição de informação impressa de uso popular não impede que os moradores não assinantes tenham acesso a esses meios de comunicação de forma restrita quando vão às cidades vizinhas ou solicitam a terceiros nos ônibus, táxis ou particulares.

Ainda sobre a mídia impressa, podemos citar os boletins informativos da Prefeitura Municipal que circulam pela cidade e possuem caráter político, no intuito de evidenciar feitos e a vida pública administrativa. Esses impressos retratam o ambiente local numa forma de engendrar a comunicação de acontecimentos destacados no cotidiano.

Os boletins informativos, também distribuídos em campanhas políticas, servem de material de apoio, como um meio utilizado para marketing pessoal, acompanhados por visitas às casas dos moradores, que são feitas em quase 100% das residências, onde são distribuídos caderninhos com propostas de governo. Os carros de som circulam pelas ruas, com seus alto-falantes transmitindo propaganda política.

Existem fatores que contribuem até então para complemento de campanha e sucesso na comunicação eleitoral, que são os comícios em praça pública e a troca de serviços por voto, que constitui um hábito social antigo ou vício pedinte do eleitor, podendo variar desde a solicitação de um trator para cortar uma terra, caminhão para transportar madeira, compra de utensílios domésticos, até solicitação de empregos.

Os demais veículos de comunicação, como outdoor, busdoor, painéis eletrônicos e outros, não serão citados pela sua inexistência em Senhora de Oliveira.

³¹ Claudiney Fajardo Rodrigues, funcionário da Empresa dos Correios de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 17 de abril de 2007.

Vale ressaltar que o sistema de alto-falante paroquial é um relevante veículo de comunicação, que convive com todos outros veículos comunicacionais citados anteriormente presentes no município e ainda assim se constitui no principal condutor da informação local, além propiciar a identidade cultural da cidade, atuante ao longo dos tempos perante a comunicação globalizada. Sua aceitabilidade está presente em todas as rodas de conversa, em que, após cada anúncio, a mensagem é repercutida e retransmitida aos que à informação não tiveram acesso. Desta forma, o poder exercido pelo alto-falante sobre os moradores da cidade garante por si próprio sua manutenção e permanência na região.

1.2 Sociedade e Comunidade

Nesse contexto há de se explicitar a grande diferença entre sociedade e comunidade, para que se possa compreender o universo em questão. A sociedade diz respeito a um grupo de pessoas, compreende empresas industriais e comerciais, assim como outros grupos gerados a partir de interesses em comum. A sociedade é voltada para o futuro, ela introduz objetivos coletivos, em que os laços societários são laços de civilização.

Comunidade é um conceito de numerosos significados sociológicos e não-sociológicos. Esta pode ser um grupo de pessoas com algo em comum, sem necessariamente viver em um determinado lugar. Pode ser um elo de ligação, integração e identificação com outras pessoas, como em espírito ou senso de comunidade³². Ou, pode exprimir um grupo de pessoas que efetuam trabalhos entre si, como uma comunidade acadêmica. Também pode ser um conglomerado de pessoas que compartilham determinado território geográfico com algum grau de interdependência capaz de proporcionar uma razão para viverem nessa mesma área. De modo geral, comunidades localizadas geograficamente implicam em viver, trabalhar e efetuar atividades básicas da vida cotidiana em um território definido pelos seus habitantes de forma a gerar uma identidade geográfica. Entre as comunidades destacam-se a família (sangue), a aldeia (vizinhança) e a cidade. Os universos comunitários

³² JOHNSON, A.G. *Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Tradução Ruy Jurgmann. p.45-46.

ordenam-se com base na opinião pública. As comunidades são marcadas pelo passado, os acontecimentos estão fundamentados na afetividade, nos costumes e na memória por uma coletividade afetiva. Os laços comunitários são laços de cultura. Nesse aspecto, as relações familiares e os contactos face-a-face primários e secundários, estão inseridos na sociedade, que por sua vez possui grupos comunitários em seu interior.

Sociólogos desenvolveram duas dimensões capazes de distinguir tipos distintos de comunidade: rural/urbana e tradicional/moderna. Nesse sentido a comunidade rural caracteriza-se por uma população pequena, dispersa, relativamente homogênea, a qual se ocupa principalmente da agricultura, como a cidade de Senhora de Oliveira, que é o nosso foco de estudo.

Na comunidade urbana há uma população numerosa, densamente assentada e heterogênea. Há de se observar que a designação de uma comunidade como sendo urbana é um tanto quanto arbitrária devido ao traçado do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em número de habitantes capaz de qualificar uma área como “urbanizada”.

A comunidade tradicional/moderna caracteriza-se principalmente pelas distinções culturais, visto que na dimensão tradicional, essas são homogêneas e resistentes a novas concepções, menos tecnológicas e menos dependentes da mídia. Possuem valorização inferior à alfabetização e escolaridade e maior ênfase é atribuída à religião.

A noção de comunidade é associada com sociedade mecanicamente solidária, ou seja, a uma sociedade composta de integrantes moral e mentalmente homogêneos a partir de uma junção de sentimentos e crenças comuns, elucidados pela consciência coletiva, como relata Durkheim³³. Em oposição, na sociedade organicamente solidária, as semelhanças mentais e morais desaparecem em decorrência do enfraquecimento da consciência coletiva, também a integração é possível através da divisão do trabalho e os indivíduos se unem a partir de interesses pessoais. Nesse sentido, o duplo padrão de solidariedade nos leva a refletir a sociedade sob os aspectos modo de vida e sistema, ou seja, integração pelas orientações de ação e subsequente, as relações entre os

³³ MIRANDA, Orlando. *Sociabilidades*. Natal – RN: Terceira Margem, 2002. Vol. II, nº1. p. 45-48.

indivíduos por meio de intercâmbio dos produtos do trabalho, observada como mercado.

Para Durkheim, a sociedade organicamente solidária é contida de relações contratuais e estas deverão ser justas para que a força coerciva do contrato esteja completa e verbalmente consentida. A disposição do sujeito nessa situação se faz inerente às convenções para que o consentimento tenha fundamento objetivo e moral, constituído de crenças, normas e valores. Diz-se por moral, tudo o que é fonte de solidariedade e nesse âmbito se inclui a divisão do trabalho, visto que desta forma o indivíduo adquire a consciência de seu estado dependente da sociedade, pois ela é a fonte da solidariedade social, a base da ordem moral.

Nas diferentes formas de relações sociais, o indivíduo que aparece na sociedade organicamente solidária não é distinto do grupo, pois sua consciência individual quase não diverge da consciência coletiva. De acordo com Durkheim, a idéia de indivíduo difere da de pessoa, pois quem insiste sobre o que existe de social no indivíduo não pretende negar ou rebaixar sua personalidade, apenas recusa-se a confundi-la com o fato da individualização e desta forma o indivíduo caracteriza-se pessoa quando liberta-se dos sentidos do corpo e torna-se capaz de pensar e agir por conceitos.

Ainda sob a visão de Durkheim, na noção de comunidade as relações são baseadas sob um sistema comum de normas, crenças e valores, não no funcional e no interesse.

Nas comunidades os fatos sociais consistem na maneira de agir, pensar e sentir, as quais são dotadas de poder coercivo em virtude do que é imposto ao indivíduo. Esses fatos sociais denotam uma conjunção de símbolos expressivos, cognitivos e avaliativos que associados formam o Sistema Cultural, se transformando assim, na base de existência e orientação das ações, relações e construção de identidades.

A idéia de comunidade inclui um sentimento forte de pertencimento e compromisso mútuo que se baseia em uma cultura tida como homogênea, além da experiência comum e acentuada interdependência sob a visão de Tönnies³⁴. Compara esse sentimento de comunidade a

³⁴ MIRANDA, Orlando apud RECUERO, Raquel da Cunha. *Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica*. Pelotas-RS: Ecos Revista, 2001. Vol. 5, n. 2, p. 109-126. Disponível em <http://pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>. Consultado em 10/09/2008.

outros modelos de assentamento, sobretudo à cidade grande, que a seu ver, não se qualifica como comunidade. Ele enfatiza que a comunidade é pura e idealizada, representativa do passado, da família, da aldeia e do calor, cujas movimentações são afetivas e baseadas nas relações locais e interativas, bastante oposto ao conceito de sociedade, que foi criado pela vida moderna. Segundo o mesmo autor, para Tönnies as regras e o controle da comunidade são fundamentados na união, no hábito, costume e religião, enquanto que a sociedade é fria, egoísta, fruto do capitalismo moderno, cuja motivação é mecânica com relações supralocais e complexas. Suas regras e controle ocorrem por meio da convenção, da lei e da opinião pública, de forma a abranger a metrópole, a nação, o Estado e o mundo. Para Tönnies a comunidade seria o equilíbrio ideal dos grupos humanos e a sociedade a sua corrupção.

Na obra *Sociabilidades*, Tönnies identifica na *sociologia pura* (teórica) os conceitos básicos das construções de comunidade e sociedade como níveis de coletividades humanas. Esta *sociologia pura* dispõe de mediações sociais enquanto *formas* (se constituem em unidades sociais como estamento, classe, nação, dentre outros, ou junções como família, sindicato, clã, fraternidade), *valores* (podem ser econômicos, éticos e políticos), *normas* (de moral, direito e ordem) e *estruturas de referência* (são os pares de valores que entram em contradição)³⁵.

A *sociologia pura* diz respeito ao plano lógico e estático de tal modo que se remete à realidade em contradição. Devido ao fato, o plano é abstrato, visto que purifica conceitos a fim de permitir seu entendimento. Esse procedimento torna-se necessário, pois, aparentemente, para Tönnies, a mente do homem e sua respectiva capacidade de entendimento, operam de modo lógico formal, já a realidade social que é a única realidade humana se faz de modo dialético. Nesse sentido, o homem tem a capacidade de compreender as contradições, não de forma simultânea, na medida em que acontecem, mas dissociando os contrários e descrevendo cada um. Sendo assim, os fenômenos comunidade e sociedade são entendidos isoladamente e como contrários, quando na realidade apresentam-se somente associados um ao outro, e em contradição. Em outras palavras, enquanto a mente que responde às características do cérebro é um elemento puramente biológico, mesmo

³⁵ MIRANDA, Orlando. *Sociabilidades*. Natal – RN: Terceira Margem, 2002. Vol. II, nº1. p. 49-52.

que socialmente desenvolvido; a dialética é um fenômeno exclusivamente social e pertencente às coletividades humanas. O homem social é observado na contradição a qual o identifica, ou seja, sua identidade concreta, o que o distingue da coletividade.

Para Tönnies a dialética da identidade é derivada da natureza social do homem, tal como sua capacidade de intervenção na cultura que é expressa no nível das vontades (*Wesenwillw e Kürwille*), na coletividade pelas tentativas de união (comunidade) e de separação (sociedade). A dialética pode ser afirmada ou negada de forma indiferente como pessoa ou coletividade, onde cada elemento dispõe de suas contradições manifestadas, o que consiste a produção da cultura.

As sínteses lógicas correspondem aos conceitos abstratos de *humanidade* que compreende a comunidade total e *individualidade* que se refere à sociedade total ou o homem sem nexos de identidade ou sem determinações exteriores. As sínteses históricas são os rearranjos entre as formas, normas, valores e estruturas referenciais. Em suma, a *sociologia pura* permite uma elaboração teórica da história ou da ação social de forma a demarcar limites de uma ou outra e tornar explícita a dinâmica.

Frente aos limites lógicos da estrutura dialética, ou seja, entre o homem coletivo da comunidade e o homem individualista da sociedade, ocorre a constituição da cultura e da história, fruto do trabalho do próprio homem. Contudo, essa dinâmica entre passado, presente e futuro de cada ser ou coletividade não obedece a uma determinação exterior absoluta, nem tampouco é produto das idéias ou da razão. Trata-se de uma reação contraditória dos homens contra si próprios e conseqüentemente, das coletividades em crise. Essa movimentação homem e coletividade ocorre através dos valores e estruturas de referência que direcionam as ações e expectativas relacionadas aos demais membros de um grupo ou aos compreendidos como exteriores. Essas ações e expectativas demarcadas pelas instituições, unidades e grupamentos se guiam pelos valores e se contradizem pelas estruturas de referência, recebendo assim a denominação *sociabilidade*.

Em uma comunidade-tipo, o homem é observado como elemento de um grupo com valores integrativos e formações sociais coesas. Na sociedade-tipo, a pessoa individualizada, tem como referência si própria, e se orienta a partir de interesses personalizados. Concretamente,

diante do conflito identitário, ambas (comunidade-tipo e sociedade-tipo) devem ocorrer de forma simultânea. Quando os elementos exteriorizados em uma coletividade (valores, formações, dentre outros) expõem a hegemonia social de determinado conjunto, caracteriza-se então a coletividade comunitária ou societária. Mesmo assim, expressam-se os seus opostos, companheirismo, responsabilidade, pensamento, colaboração, partilha, consciência, prazeres, costumes, bens e afetividade, todos estes elementos citados referem-se à comunidade.

Nas relações sociais próximas, compreendidas como o processo de sociabilidade, a pessoa deve ir em busca de suas referências identitárias, ou seja, os elementos que as identificam, pois somente assim, é possível analisar os valores vigentes no direcionamento do grupo, sancionados pelo mesmo. Outra situação caracteriza a princípio uma vida comunitária ou uma identidade familiar, diante da relação que determinada família estabelece com outros agrupamentos, podendo decorrer comunidades ampliadas ou uma sociedade exterior.

A sociabilidade, através de valores expressos por manifestações de vontade, poderia classificar-se por referência à produção da identidade em grupos formadores de comunidades; grupos de interesse, onde o vínculo, do tipo weberiano, constitui-se em um objetivo pessoal reafirmando a sociedade; grupos intermediários de proteção cuja identidade é suposta; grupos de representação, onde existe a intervenção do imaginário; grupos de reafirmação, quando a identidade em crise é expressa por meio da desvalorização ou negação do outro; sempre organizado através de um modo de vida contemporâneo com expressões solitárias individualizadas. Sendo assim, para Tönnies, o desenvolvimento do grupo de referência constitui-se no plano de relações reais entre os homens.

Na compreensão de Weber, o conceito de comunidade fundamenta-se nas ligações emocionais, afetivas ou tradicionais; nas relações construídas sob quatro tipos puros ou idéias de ação: a ação racional com relação a fins, a ação racional com relação a valores, a ação tradicional e a ação afetiva³⁶.

A ação racional com relação a fins ou um objetivo é determinada pelas expectativas tanto na postura comportamental de objetos do mun-

³⁶ BARBOSA, M. L. O. QUINTeiro, T. *Um toque de clássicos: Max, Durkheim e Weber*. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002. Vol. 1, p. 114-118.

do exterior como de outras pessoas e essas são utilizadas como meios para o alcance de fins próprios avaliados e perseguidos racionalmente.

A ação racional com relação a valores é definida pela crença consciente no valor, que por sua vez, é interpretada como ética, estética, religiosa ou outra forma absoluta de conduta. Neste sentido, a pessoa age racionalmente aceitando os riscos, não a fim de obter um resultado exterior, mas de se manter fiel a sua honra, à sua crença consciente no valor.

A ação tradicional é imposta pelos hábitos, costumes, crenças transformadas em uma segunda natureza de forma a agir de acordo com a tradição, visto que a pessoa não necessita de um objeto ou um valor, nem ao menos de ser impelido por uma emoção, pois adquire reflexos através da prática.

A ação afetiva é ditada pelo estado consciente ou do humor da pessoa e é definida pela reação emocional diante de determinadas circunstâncias, não em relação a um objetivo ou valor. Sendo assim, tanto a ação afetiva quanto a tradicional constroem relações entre pessoas, são coletivas, comunitárias e remetem à noção de comunhão e ao conceito de comunidade.

Para Weber³⁷, a maioria das relações sociais possuem parte do caráter de comunidade, além do de sociedade, pois nas comunidades são observadas situações conflituosas e opressivas que conforme Tönnies não correspondem à idéia de comunidade. Segundo Weber, esta existe com base em um sentimento de situação comum e de suas conseqüências, formando assim um todo, tal como comunidade e sociedade coexistem, pois a comunidade está inserida no interior de uma sociedade. Na concepção de Durkheim, a comunidade é anterior a sociedade, ou esta transforma-se em sociedade.

A sociedade tem por base uma partilha de interesses sob uma vontade guiada por motivos racionais. Entretanto, o princípio da comunidade contemporânea se distingue em parte do antigo protótipo com os quais se baseavam Tönnies e Weber, pois apóia-se na coesão social, na base territorial, na permanência para se estabelecer as relações sociais,

³⁷ WEBER, Max apud RECUERO, Raquel da Cunha. *Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica*. Pelotas-RS: Ecos Revista, 2001. Vol. 5, n. 2, p. 109-126. Disponível em <http://pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>. Consultado em 10/09/2008.

no conflito e na colaboração em prol de um fim comum. A comunidade envolve a existência de um grupo com uma mesma aceitação de valores afetivos, emotivos e tradicionais, sendo que toda ação de uma comunidade está ligada ao sentimento de pertencimento, que se caracteriza pela cooperação coletiva em prol de uma finalidade comum para com os demais membros, enquanto que a ação de uma sociedade se dá pelo ajuste de interesses motivados pela razão.

Nessa condição, a sociedade torna-se ambígua e ao lado de ser desejável constrói uma situação de não ser um centro de poder, visto que no contexto estudado, o poder central é seguir um passado dando-lhe sentido, pretendendo ir mais longe do que uma simples formação de uma sociedade, uma vez que a formação social engloba uma realidade nacional e o espaço, a paisagem geográfica. Desta forma, todos os interesses e necessidades são baseados num todo externo para que possa ser concretizado internamente, suprimindo e aprimorando urgências, desejos e afinidades comuns, o que pode influenciar diretamente o território geográfico tal como o contexto atual.

A noção de comunidade tem uma ligação estreita com a noção de pertencimento comum a um território específico. A comunidade pode ser entendida como um conjunto de pessoas que habitam um mesmo espaço, sempre se inter-relacionando com interesses mútuos, dentro de uma conjunção de normas organizacionais com limites impostos, deveres e obrigações.

O espaço, por sua vez, é um conjunto de operações, estando diretamente ligado à história de uma região, seu passado e presente, assim como estará em seu futuro. O espaço está submetido a uma totalidade social que acompanha sua própria evolução, mantendo um elo estreito com a produção. O espaço não é apenas o habitat de uma sociedade e nem é o resultado de atividades econômicas, mas está associado às expectativas de valorização de áreas inativas, inabitadas, consideradas sem valor econômico. No universo pesquisado, o espaço é um lugar da própria tradição local que retrata um ambiente de constituição de unidade com sentimento de continuidade, o recurso fundamental da identidade.

As transformações estruturais da sociedade se dão a partir de atuações políticas, econômicas e empresariais, de progressos tecnológicos, estruturas de poder e apropriação, aculturação e deculturação, inte-

gração e desintegração, expansão e contração, além de uma infinidade de outros fatores.

As mudanças estruturais da sociedade podem ocorrer em movimento lento num sistema inconsciente dos que a sofrem, ou rapidamente, em consequência de poderosas ações. Com o avanço tecnológico, essas mudanças criam papéis sociais ou os eliminam, com a introdução de novas técnicas. Nesse contexto em mutação, os moradores de Senhora de Oliveira evitam situações de medo, de uma forma natural, em que a desigualdade social está oculta ou a solidariedade para com os excluídos abrange uma demanda comunicacional.

A tecnologia tem estado cada vez mais presente no cotidiano populacional, nas instituições econômicas, sempre firmemente associada. O novo se contrasta com as velhas habilidades e essas, por sua vez, são aprimoradas ou extintas, assim as invenções aceleram o progresso natural das sociedades. No local de pesquisa, a cidade emerge como uma representação das subjetividades.

Envolta na sociedade e comunidade, a influência tecnológica manifesta-se por uma redução do número de trabalhadores agrícolas, pelo crescimento da cidade, das instalações de indústrias e do desenvolvimento de organizações de classes operárias-industriais. Naturalmente, é hipotetizado que essas forças tecnológicas não são muito adequadas ao município estudado, pelo simples motivo de não haver indústrias na região, o que desencadearia nos resultados mencionados anteriormente.

Vale ressaltar que o avanço da tecnologia remete à globalização e suas características são comuns a muitas regiões, como o desemprego e seu índice de crescimento, o aumento da pobreza e a perda da qualidade de vida das classes médias, o salário base e sua tendência à queda, a fome, as enfermidades, o desabrigo, o índice de mortalidade infantil e a educação de qualidade cada vez menos acessível. Contudo, sentimentos espirituais e morais tornam-se visíveis, como o egoísmo, a corrupção, a avareza e o cinismo.

Todavia, a tecnologia nos progressos de informação viabiliza a mistura de povos, culturas, raças e costumes, assim como a globalização que também torna possível a aglomeração de povos em pequenas áreas, numa miscigenação de filosofias, o que mostra claramente a sociodiversidade e a cultura regional se utilizando de meios técnicos específicos para a massa.

A globalização faz parte do mundo capitalista numa união entre tecnologia e resultado de ações de processos políticos eficazes. Capitalismo e cultura em uma relação estão relativamente ligados a idéias, valores, princípios e doutrinas. O capitalismo, por sua vez, é um modo internacional de produção material e intelectual, estando esta última associada às relações do sistema em nível nacional e mundial, o que explica o meio globalizado.

Essa globalização faz com que a noção de competitividade apareça com toda força manipulada pela política comercial exterior, ou pelas barreiras alfandegárias. Nesse âmbito, a cidade tem seu papel de pólo técnico de produção e área residencial, cujas atividades dependem diretamente do campo e vice-versa. E na medida em que a produção agrícola se globaliza, os interesses se diferem, pois se trata de convergências, porém complementares entre a cidade e o campo.

Uma das conseqüências desse fenômeno é o que os americanos, com base no realismo, denominaram por aculturação e sincretismo sucessivamente, em que uma mistura de culturas origina uma mudança. A cultura popular será difundida em cultura de massa e o uso das novas tecnologias que se adequarão às necessidades presentes, o que produzirá uma simbologia ideológica. Essa ideologia se remete a um “presente ampliado” de acordo com Milton Santos, o que gera certa conformidade e inação³⁸.

Outro fato é que os valores culturais se diferem em cada esfera de atividade, assim como as ideologias de consumo ou intelectuais. Os valores de uma ideologia burguesa, que por sua vez são o núcleo capitalista, serão refletidos nas demais classes sociais pela tecnologia da informação, com o auxílio da publicidade e da indústria cultural. Também os efeitos da geografia sob a história no contexto globalizado mostram-se num processo acelerado, sobretudo no aspecto da vizinhança, em que a vida material e a intelectual ultrapassam o almejo do consumo, passando a buscar a cidadania, que envolve uma política de direitos e deveres, além de outros elementos.

A base de reconstrução e sobrevivência globalizada possibilita o uso do sistema tecnológico em prol do homem, para qual a identidade cultural se faz presente, caracterizando-se por uma construção que se dá a

³⁸ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 7ª ed. São Paulo: Record, 2001.

partir de uma relação em que há oposição de um grupo a outros grupos que estabelecem relações de contato, numa categorização para a organização de suas trocas.

De maneira geral, a sociedade global se expande nas grandes cidades das regiões promissoras de Minas Gerais, como Belo Horizonte, Juiz de Fora e Uberlândia, suprimindo a simples formação de uma sociedade, uma vez que a formação social engloba uma realidade nacional e o espaço.

1.3 Cultura e Tradição

O conceito de cultura surge para explicar a civilização presente em cada região, que, por sua vez, possui individualidade, características próprias que muitas vezes são consequência da geografia e demografia territoriais, de acordo com estudos de sociólogos e antropólogos. O fator cultural influenciará diretamente toda ação de mídia e sua respectiva receptividade.

Sendo assim, a cultura pode ser vista sob dois aspectos: tecnológicos que são as técnicas de trabalho, procedimentos de cura e de conhecimento do universo; também vista sob formas artísticas de expressão, seja na literatura oral, música, teatro e outros elementos. Um lado tende a pensar nos eventos do passado, como algo que foi ou que logo será superado; o outro pensa nos eventos do futuro visando a uma nova ordem social.

A manifestação de culturas populares expressa a identidade de uma nação ou de uma região e para identificar a identidade de uma região é necessário reescrever o passado e reconhecer suas raízes dentro de variáveis que podem influenciar a cultura, que são a política, a economia, a religião e a globalização. Para tanto, a noção de cultura remete aos modos de vida e de pensamento em que cultura e identidade mantêm uma estreita relação.

A cultura possui dinamismo e está sempre em processo de mudança, mesmo quando intencionalmente se impede a deteriorização do tradicional, estando diretamente associada à natureza. Deste modo, as sociedades não dão as mesmas respostas às nossas necessidades, pois se

diferem na cultura. O que explica bem essa situação diz respeito às “personalidades” básicas, que são as tradições e os costumes originários de cada ser, num conjunto, numa comunidade, se fundem em “personalidade coletiva” e assim Cultura. Várias sociedades, com pensamentos diferentes, explicam a diversidade de culturas. E essa noção de “mentalidade” como formação de culturas terá maior sucesso entre os historiadores, uma vez que se interessam por diferenciação social em uma mesma sociedade.

A Antropologia demonstra que a diversidade cultural é o resultado da capacidade humana de criar soluções distintas para a sobrevivência e a manutenção da vida, sendo parte de uma ordem capitalista. Desde modo, é possível verificar que no interior dos grupos sociais há uma organização de universo material com padrões de sociabilidade, expressões culturais e formas existenciais, com o único fundamento de uma vivência concreta de situações de classes específicas para os etnólogos que estudam a questão da diversidade humana e tentam descrever o que é a cultura e como ela aparece nas sociedades. Desde o século XIX, a etnologia está ligada à questão simbólica e como são os valores, além da estruturação das comunidades. O etnocentrismo é uma atitude co-natural das pessoas na história da cultura, pois vê a vida de uma maneira científica sob a valorização de atitudes, valores esses construídos por uma cultura de discriminação no pensamento individual e na visão do próximo.

Portanto, a cultura incluirá o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes, hábitos adquiridos na sociedade, ou simplesmente uma expressão da totalidade da vida social do homem, em que cada cultura possui um “estilo particular”, o que influi no comportamento dos indivíduos. Cultura se remete à “civilização”, que está associada a uma pluralidade, podendo se dividir em três níveis: História Cultural, Cultura Coletiva e Personalidade Individual - que considera cultura como sistema de comunicações entre indivíduos - em que todos os níveis se adaptam ao meio em que estão inseridos, o que torna possível que sejam analisados a partir unicamente de seus dados contemporâneos.

A cultura está presente no homem, nas suas ações e condutas, determinando um estilo de comportamento comum em um conjunto de

indivíduos e a constituição de seus elementos tem como função satisfazer necessidades.

Toda cultura está de acordo com os objetivos por ela almejados, ligados a suas escolhas, no conjunto das escolhas culturais possíveis. O próprio homem busca esses objetivos que moldam esses comportamentos de acordo com seus próprios valores.

Para compreendermos o impacto cultural dos meios de comunicação no mundo moderno, deveremos repensar a idéia de que a exposição à mídia conduzirá o indivíduo à rejeição das tradições e à adoção de modernos estilos de vida. Os meios de comunicação podem ser usados para desafiar e enfraquecer os valores e crenças tradicionais além de expandir e consolidar tradições e, para qualquer desenvolvimento de ação comunicacional, é preciso reconhecer que a origem das raízes é o fundamento da identidade cultural, sendo relativamente estável.

Portanto, entende-se que “Identidade é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”.³⁹ A identidade é a forma que um povo tem de se distinguir por meio de uma cultura específica, aderindo a significados ou a identificações simbólicas num sistema de individualização. Já um significado, por sua vez, é estruturado sob uma identidade primária, que se auto-sustenta ao longo do tempo, sendo originário de um ser, como uma herança tradicional. Mencionar individualismo não significa dizer que é uma identidade individual, pois pode estar relacionado a uma identidade coletiva.

A identidade, conforme Castells, é construída a partir de uma história, de uma geografia, de fatos religiosos, biológicos, pelas lembranças, conceitos e fantasias pessoais e coletivas. Tudo isso é agrupado dentro de uma sociedade ou grupos sociais com valores e significados parecidos, porém com contrastes, cuja organização é enraizada em uma estrutura baseada no tempo e no espaço, geralmente sendo originária de um contexto marcado por relações de poder, o que propõe uma distinção das identidades: Identidade Legitimadora, inserida por instituições autoritárias dominantes com o objetivo de expansão e racionalização desse poder em relação à sociedade; a Identidade de Resistência, desenvolvida

³⁹ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Coleção: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. Vol 2. p. 22.

por integrantes de uma sociedade em situação desfavorável em relação a uma classe dominante, construindo assim técnicas de resistência e sobrevivência, com fundamento em princípios opostos ou distintos dos que fundamentam as instituições sociais; e, por último, a Identidade de Projeto, quando os integrantes da sociedade se apropriam de recursos culturais para a construção de uma nova identidade, podendo modificar o curso e a história de uma estrutura social. É claro que uma determinada classe identitária pode ser oriunda de outra, ou seja, uma identidade de resistência pode resultar em projetos e acabar se tornando dominadora, sendo que nenhuma identidade pode constituir uma essência e nenhuma delas pode findar um valor histórico, sendo ele retrógrado ou progressista.

Cada tipo específico de construção identitária leva a certo resultado social, o que não significa ser o fim da história, apenas induz a formas de transformação social numa modernidade tardia. No caso de uma Identidade Legitimadora, ela tende a impulsionar uma construção de sociedade civil, gerando formações políticas, pois carrega uma conotação positiva de mudança democrática, apesar de sua essência dominadora e um tanto quanto conflitante. Já a Identidade de Resistência gera uma formação de comunidades como forma de coletividade em luta pela opressão e da exclusão. E na Identidade de Projeto, seus integrantes desenvolvem o desejo de criar uma história pessoal, de ter um significado individual, uma espécie de autobiografia reflexiva.

A identidade cultural pode ser fundamentada em muitos aspectos, entre eles o religioso que será denominado Fundamentalismo Cristão⁴⁰

⁴⁰ O fundamentalismo cristão consiste em extrair e interpretar verdades universais e absolutas do texto sagrado sem ao menos contestá-las. Para tanto, a doutrina religiosa e a lei escrita no livro sagrado têm valor irrevogável, sendo a verdade tão imersamente real que acaba por tornar imprescindível converter outros indivíduos a essa mesma convicção, numa crença de salvação ou uma espécie de missão divina. Isso gera fanatismo e intolerância, quando há inaceitabilidade ao discurso inter-religioso ou à aceitabilidade de uma igreja específica como sendo única para a transmissão dos mandamentos da verdade de Deus. As autoridades religiosas atuam isoladamente, não se associando às autoridades estatais, como no Brasil, observado desde a época da República. Existe uma profusão de recompensas, terrenas ou não, oferecidas a quem segue os princípios de Deus. Com o processo de globalização, o sistema informacional amplia, traz novas maneiras de pensar, modifica costumes, questiona a realidade social. Para a organização religiosa baseada na idolatria, essa abertura globalizada pode significar a quebra da busca de um fundamento maior, da busca pelo transcendental,

que significa construir uma identidade coletiva de acordo com um comportamento pessoal e de instituições sociais com as regras intituladas pelas leis divinas, interpretadas e transmitidas a toda uma sociedade por um intermediador entre Deus e o homem. Sendo assim, o fundamentalismo religioso sempre se manteve vivo ao longo dos séculos, se mantendo hoje forte e influente como fundamento de identidade.

Um outro aspecto fundamental na construção de identidade é a etnia. “A etnia vem sendo especificada como fonte de significado e identidade, a ser integrada não com outras etnias, mas de acordo com princípios mais abrangentes de autodefinição cultural, como religião, nação ou gênero.”⁴¹

Além da etnia, devemos considerar também o nacionalismo cultural como processo identitário, que constitui um atributo fundamental de auto-reconhecimento em se tratando da língua, bem como das fronteiras territoriais. “A língua estabelece o elo entre a esfera pública e a privada, entre o passado e o presente, independentemente do efetivo reconhecimento de uma comunidade cultural pelas instituições do Estado”,⁴² sendo a língua uma expressão direta de uma cultura.

Observando os parâmetros de expressão em forma de linguagem, as pessoas têm interagido em ambientes locais, seja em vilas, cidades, vizinhança, se sociabilizando, criando redes de sociedades que geram conseqüentemente identidades locais. Isso não significa que um ambiente específico induza a uma regra comportamental ou a uma identidade distintiva. Nesse caso, “as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural comunal”.⁴³ Sendo assim, são revelados e definidos os aspectos comuns dentro de um grupo social.

Esses grupos sociais estão inseridos em comunidades construídas materialmente sobre bases de ação e reação de fatores históricos e geo-

porém as mesmas se apropriam da situação para propagação e difusão em grandes contextos.

⁴¹ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Coleção: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. Vol.2. p. 72.

⁴² CASTELLS, Ibidem. p. 70.

⁴³ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Coleção: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. Vol.2. p. 79.

gráficos, porém com ameaças de fundamentalismo religioso, nacionalismo cultural e comunas territoriais, sobretudo a globalização, que minimiza a autonomia das grandes organizações, flexibilizando redes de informação, tornando quase imperceptíveis as fronteiras, possibilitando a participação ativa em muitos meios de discussão e envolvimento. Tais mudanças defensivas constituem novas fontes de significados culturais com base na história. Desta forma, devido à evolução na informação, os valores, conceitos, tradições e crenças passam a ser embutidos dentro de cada ser, não se perdendo no tempo, na turbulência das informações globalizadas, girando em torno da Identidade de Resistência, em que a Identidade Legitimadora parece estar se desestruturando, uma vez que há uma quebra da sociedade civil, herança da Era Industrial e do desaparecimento do Estado-Nação. Acredita-se que possam surgir Identidades de Projeto, não sendo uma necessidade histórica, mas uma consequência.

As estruturas sociais contemporâneas, em sua maioria, são baseadas no patriarcalismo, que tem por caracterização o autoritarismo imposto institucionalmente do homem sobre a mulher e filhos no aspecto familiar, sendo exercidas em toda a organização social, da produção, do consumo, política, legislação e cultura.

Com a nova era informacional, o sistema familiar patriarcal vem sendo quebrado. As mulheres ocupam vagas no mercado de trabalho, surgem o feminismo, os anticoncepcionais, a fertilização *in vitro*, e até a heterossexualidade como norma é questionada. É um processo irreversível, pois supre necessidades numa nova administração da vida cotidiana. Não se trata do fim da família, mas de uma remodelação na história social, em que o homem tem deixado de ser a base familiar numa espécie de dominação e novas formas de educar e conviver vêm sendo testadas de forma a reestruturar a vida familiar, e isso se deve ao capitalismo.

A sociedade capitalista e os meios de massa oferecem signos constantes, ininterruptos, com vistas ao consumo contínuo. São diversos veículos comunicacionais transmitindo mensagens a todo instante, objetivando sempre o lucro. Os meios comunicacionais sobrevivem de novo da aparência, sempre seduzindo mediante técnicas de alienamento. Sendo assim, o tempo da cultura popular é cíclico, pois “sempre que a inovação penetra a cultura popular, ela vem de algum modo traduzida

e se transforma para velhos padrões de percepção e sentimento já interiorizados e tornados como que uma segunda natureza. De resto, a condição material de sobrevivência das práticas populares é o seu enraizamento”.⁴⁴

Assim acontece em zonas rurais mais antigas, pequenas cidades marginais e em algumas regiões pobres, porém estáveis, onde o fundamento é o valor atribuído com o retrospecto de uma memória grupal, seus atos e situações.

A co-naturalidade explícita nas manifestações populares presentes em Senhora de Oliveira é observada entre os festeiros e os convidados, acontecendo cantorias, desafios, procissões, congadas, reza pelas almas. Também podemos notar no turismo (ou a televisão e seu vislumbrante cenário viajante podendo ser visto de uma poltrona) que é inserido se apropriando das práticas, em que a partilha deixa de acontecer para dar espaço somente à exibição espetacular. Desta forma, o capitalismo absorve o folclore, ocultando sua originalidade de enraizamento.

Em contraste com os nossos estudos, a pesquisa da erudição – as ciências, as letras e a filosofia - tem a cultura por excelência e reflete os ritmos experimentados por criadores de conhecimento e arte, que abandonam suas raízes e depois sentem o vazio do preenchimento de suas vidas, valorizando a liberdade de toda criação artística e cultural, no intuito de impedir que a cultura popular seja absorvida pela mídia, valorizando a avaliação de uma cultura de autoconsciência, supondo o movimento da consciência histórica.

A Cultura popular vista num país de migrantes é a maior prova de um desenraizamento, que por sua vez é o perigo que cerca a cultura. O migrante sai de sua terra natal para outras regiões deixando para trás sua casa, vizinhos, paisagem, festas, maneira de vestir, de falar, de viver e até de louvar a Deus. As múltiplas raízes se perdem e não são resgatadas no seu novo habitat.

A raiz do homem diz respeito à sua participação num coletivo que mantém ativos valores do passado e pressentimentos do futuro, porém “o enraizamento não se alimenta de imagens de um passado idealizado

⁴⁴ BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: Temas e Situações*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 11.

nem de um futuro utópico”⁴⁵. Nesse âmbito, encontramos a tradição, que se traduz “no conjunto de representações e de práticas consideradas imutáveis que, monitoradas em permanência pelos guardiões da simbologia oficial, informam regularmente o comportamento médio dos atores sociais e constituem como que sinalizadores cognitivos e normativos na conflitualidade diária do conhecido/desconhecido.”⁴⁶

Desta forma, a tradição, proveniente da transmissão oral ou dos hábitos inveterados, é o repasse de valores e crenças que toma forma passando de geração em geração, seguida conservadoramente e respeitosamente, mantida na memória ou no costume. Essa parte do pressuposto de que as pessoas são mortais e que há de se existir um elo entre essas gerações para que a tradição seja mantida viva na sociedade. E tradição no desenvolvimento social é elemento direto da capacidade do homem de selecionar e acumular boas experiências e transmiti-las aos semelhantes, como uma ligação que une os indivíduos de um grupo, resultado de diversas ações individuais que aceitas pela maioria são reproduzidas no meio, até que a própria conveniência social permita.

⁴⁵ BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: Temas e Situações*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 23.

⁴⁶ SERRA, Carlos. Doutor em Sociologia pela École des Hautes Études em Sciences Sociales de Paris (1995). Site: http://oficinadesociologia.blogspot.com/2006/06/o-que-tradio_05.html. Acesso em 25 de junho de 2008.

2 RAÍZES HISTÓRICAS: UM CENÁRIO DE MÚLTIPLOS VALORES

Senhora de Oliveira tem na cultura a explicação da formação enquanto comunidade, entendida como conjunto de pessoas que habitam em um mesmo espaço e possuem estreita ligação com a noção de pertencimento comum a um território.

O processo cultural expressa todas as formas de manifestação popular, tornando-se fator de extrema relevância no estudo da região, o que demanda rebuscar o passado e identificar as raízes históricas, que por sua vez se remetem aos modos de vida e de pensamento.

Diante disso, o capítulo apresentará as origens de Minas Gerais, o mito do “mineirismo” e nesse contexto Senhora de Oliveira com seu patrimônio cultural e potencial turístico, como reduto de uma dimensão de valores históricos que compreendem a geografia, sua distribuição populacional urbana e rural, assim como a economia, suas bases, programas sociais e ONGs.

Segundo Milton Santos⁴⁷, o espaço expressa-se como jurisdição da sociedade. Desta forma, interage num conjunto de instâncias, que são a economia, a política e a cultura, agindo dialeticamente como sistema, continente e conteúdo, paradigma e sintagma, diante da realidade dos homens, das firmas, instituições, meio ecológico e infra-estruturas, o que salienta o caráter sistêmico do espaço, no caso, Senhora de Oliveira, e seu funcionamento polimórfico.

2.1 A formação regional e populacional em Minas Gerais

O município de Senhora de Oliveira encontra-se encravado entre as montanhas da Zona da Mata, na região sudeste do estado de Minas Gerais e até o ano de 1953 este povoado pertencia à cidade de Piranga,

⁴⁷ Site: <http://br.geocities.com/jorgematheus2002/09mst.htm>. Acesso em 17 de março de 2008.

a qual era chamada antigamente de Guarapiranga⁴⁸ e teve grande importância nos séculos XVIII e XIX para o estado, tendo como marco identitário a mineração. A então freguesia de Guarapiranga era composta por doze distritos, dentre eles Senhora de Oliveira, que, diante do caráter homogêneo das sociabilidades, era conhecida como distrito de Oliveira do Piranga.

A formação regional em Minas Gerais começou com a bandeira de Fernão Dias Paes, no último quarto do século XVII, quando o bandeirante partiu de São Paulo sentido Norte em busca de esmeraldas. Encontrou no território muitas turmalinas e esse achado levou às primeiras descobertas auríferas, o que ocasionou o povoamento e ocupação das terras montanhosas dando origem à própria Minas Gerais.

Os primeiros arraiais estabeleceram-se a partir de 1675, tendo a mineração direcionado os povoadores para minas distantes, formando um foco desertificado entre a origem e as minas, retardando o povoamento nas zonas intermediárias do estado. Vagarosamente foram surgindo arraiais estáveis, onde existiam mercados que efetuavam compras diretamente de comerciantes, que por sua vez traziam as mercadorias de São Paulo e do Rio de Janeiro. É provável que desta forma tenham nascido muitos arraiais situados no sul de Minas Gerais. Esses núcleos de aldeamento e a abertura de caminhos permitiram aos viajantes o descanso, alimento e víveres para a manutenção na busca pelo ouro.

Os historiadores dão como primeiros exploradores da região de Guarapiranga os taubateanos⁴⁹, Francisco Rodrigues de Siqueira (Capitão Seriguéia) e Manuel Pires Rodovalho. Descendo a Serra de Itaverava em 1691, a bandeira oriunda de Taubaté-SP atingiu região do Guarapiranga e chegou às margens de um ribeirão que dá barra com o Rio Piranga (o Ribeirão Pirapetinga). Devido a uma briga interna, mataram o Capitão Seriguéia e seu filho. A Bandeira retornou para sua origem deixando uma base para futuras explorações⁵⁰.

Na última década de mil e seiscentos, com a descoberta de ouro feita

⁴⁸ Guarapiranga, de acordo com o Vocabulário Tupi-Guarani, significa Ribanceira Vermelha, represa, lagoa vermelha. BUENO, Silveira. *Vocabulário Tupi-Guarani. Português*. 6ª ed. São Paulo: Éfeta, 1998.

⁴⁹ Taubateano: quem nasce na cidade de Taubaté, São Paulo.

⁵⁰ Site: www.piranga.com.br. Acesso em 25 mar. 2008.

por Antônio Rodrigues Arzão durante sua descida pelo Rio Piranga, os caminhos encheram-se de sertanistas e aventureiros. Homens cuja cobiça era propiciada pela riqueza oferecida pela exploração aurífera, o que desencadeou o verdadeiro povoamento de Minas Gerais, de forma desenfreada e indisciplinada, como jamais havia se visto até aquele momento na história das Américas.

Para estabelecer uma base de operação oficial de colonização da região e das Minas Gerais em 1692, a Coroa Portuguesa convocou o Coronel João Amaro Maciel Parente, filho do Mestre de Campo Estevão Ribeiro Baião, Governador das Armas da Conquista da Bahia. Devido à chegada do coronel João Amaro Maciel Parente, um membro da Ordem de Cristo, um oficial experiente da coroa, que antes de sua vinda para estas bandas tinha sido derrotado pelos guerreiros de Zumbi dos Palmares na distante Alagoas, a região de Guarapiranga passou a ser considerada berço das Gerais⁵¹.

O Coronel João Amaro chegou ao território com onze escravos da Guiné e sete índios Carijós, sua segunda esposa D. Maria Furquim e seu filho de adoção Feliciano, também um mameluco que o ajudava em todas as funções, sendo seu braço direito. Fixaram na extensão do São Miguel, na orla do Rio Piranga, pouco abaixo do Arraial, uma fazenda com engenho, onde teve início a base de operação e a instituição do Arraial. Foram edificadas uma grande fazenda e um engenho de moenda, plantado um canavial de 4 a 5 alqueires, roças de milho e outros cereais, arvoredos, assim como muitas benfeitorias no entorno do Rio Piranga.

Em 1694, em uma planície elevada, cuja localização era nas proximidades de um córrego denominado Ribeirão das Almas, foi iniciada a construção de uma capela com evocação a Nossa Senhora da Conceição, inaugurada no dia 08 de dezembro de 1695. Mas foi no princípio de 1704 que o Bandeirante João Siqueira Afonso, neto e sobrinho de Francisco Rodrigues de Siqueira, seguindo o exemplo de seus antecedentes, descobre as jazidas de Guarapiranga, uma lavra a céu aberto no ribeirão que nomeou Córrego das Almas, em veneração e honra aos seus parentes mortos. Posteriormente, o Arraial foi se desenvolvendo na orla do Córrego das Almas e no entorno da Capela de Nossa Senhora da Conceição.

Em 1710, após a Guerra dos Emboabas, D. Antônio de Albuquerque

⁵¹ Site: www.piranga.com.br. Acesso em 25 mar. 2008.

Coelho de Carvalho, primeiro governador da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, cria o distrito das minas. Em 1714 é assinado o termo de repartição do distrito em três comarcas de Minas: Rio das Mortes, correspondente à cidade de São João Del Rey; Vila Rica, hoje Ouro Preto; e Rio das Velhas que corresponde à cidade de Sabará.

A riqueza trazida pelo ouro durante a metade do século XVIII faz de Guarapiranga uma região próspera, crescente e a eleva à Freguesia e sede da Paróquia. Por decreto do Rei Dom João V, no dia 16 de fevereiro de 1718, foram instituídas as cinco primeiras paróquias das Minas Gerais, dentre elas a Paróquia de Guarapiranga, que desde 1704 já atuava oficialmente como tal, designada ao Bispado do Rio de Janeiro, assim como também já dispunha de um cartório paroquial.

O esgotamento das lavras por volta de 1760 teria como consequência a busca de outras atividades, outras fontes de renda. Com isso, a ocupação rural passa a ser necessária para a sobrevivência com o plantio de alimentos e criação de animais para consumo e trabalho nas roças. A agropecuária seria então a base de sustento a partir dali, pois havia uma crescente demanda por alimentos nas regiões que continuavam a exploração mineral.

No início do século XIX, a ampliação da ocupação populacional na região deu origem à formação de novas povoações, o crescimento de antigos povoados e arraiais, elevados então a Vilas entre 1760 e 1831. Mais tarde, estas vilas foram emancipadas e tornaram-se cidade, visto que atualmente “Minas Gerais possui 853 municípios distribuídos em 588.349,30 Km² com uma população de 19,2 milhões de habitantes”.⁵²

Os índios compunham a população nativa do estado de Minas Gerais, mas, com a chegada dos bandeirantes e o aumento deles em questão da exploração mineral, as relações entre índios e brancos foram se tornando críticas. Os bandeirantes se apropriavam das terras, atacavam as mulheres das tribos, tiravam-lhe a liberdade, além de transmitir doenças que muitas vezes eram contagiosas e causavam a morte de tribos inteiras. Diante da realidade visionária de enriquecimento, com um pensamento capitalista e da não utilização de mão-de-obra assalariada nas Minas Gerais, foi utilizado inicialmente o trabalho escravo indígena e

⁵² Site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_de_Minas_Gerais. Acesso em 25/03/2008.

posteriormente o trabalho escravo do negro, que ainda gerava mais lucro com o mercado negreiro em prol da mineração.

Os primeiros habitantes dessa região de Minas foram os índios botocudos, ‘cataguás’⁵³ e os carijós.⁵⁴

Os índios botocudos eram chamados desta forma pelos portugueses, pois usavam botoques labiais e auriculares, em forma arredondada e muitas vezes em grandes dimensões, mas também eram conhecidos como aimorés, boruns ou gueréns. Eles pertenciam a grupos de muitas filiações linguísticas e localidades geográficas, do tronco Macro-Jê. Os botocudos eram caracterizados pelo costume da antropofagia, por atos violentos, atacando aldeias de índios puris ou goitacases, adversários tradicionais ou até caravanas de viajantes, fazendas de sesmeiros e o que mais encontrassem no trajeto, fato citado por muitos historiadores.

Os botocudos, diante de outras tribos que também sobreviviam da caça, pesca, coleta e agricultura de subsistência, ocupavam mais território e possuíam maior resistência física. No século XVI, eles habitavam as costas das capitâncias hereditárias de Ilhéus e Porto Seguro, provavelmente oriundos do interior. Alguns grupos sobreviveram até o século XX em matas entre o rio Jequitinhonha e o vale do Rio Doce, na Bahia, no Espírito Santo e em muitas regiões de Minas Gerais. Outros grupos remanescentes, habitantes das proximidades dos rios Mucuri e Jequitinhonha, foram inclusos na missão de Itambacuri, em Minas Gerais, onde desapareceram.

Os Cataguás, até o início do século XVIII, eram encontrados no sul e oeste de Minas, distribuídos em várias tribos. Costumavam migrar para outras regiões e em uma dessas mudanças subiram o Rio São Francisco até a nascente e acamparam no vale do Rio Grande e Rio das Mortes.

Supõe-se que os índios Cataguás tenham chegado à região de Guara Piranga, hoje região do município de Piranga, vindos do nordeste. Bastante ferozes, foram dizimados em confrontos com bandeirantes pela posse das terras e riquezas minerais imensuráveis até então, quando estes passavam por suas malocas.

Estima-se também que grande número de Carijós de língua tupi adentrou as terras dos Cataguás até então. Teriam vindo de baixadas

⁵³ Os Cataguás eram também chamados Goyatacá, Goitacazes ou cataguases.

⁵⁴ Arquivo impresso do setor de cultura da prefeitura municipal de Senhora de Oliveira.

próximas ao litoral do Rio de Janeiro, fugindo de conflitos com portugueses e doenças, verdadeiras endemias que os assombravam. Ao encontrar clima agradável e região tranqüila, ali se estabeleceram em lugar estratégico de onde poderiam seguir facilmente pelos vales do rio Doce e Paraopeba em caso de necessidade de fuga. Muitos grupos indígenas foram dizimados pelos portugueses em Minas Gerais.

Os carijós já estavam adaptados e alastrados completamente pelo rio Piranga quando os primeiros bandeirantes ali chegaram. Os Carijós, ou índios escravos, assim chamados pelos colonizadores, foram muito receptivos à catequese, porém isso também não impediu sua escravidão em massa e foram aos poucos perdendo seu espaço. A comunicação entre línguas diferentes impossibilitou a interação que era feita através de sinais.

Alguns indícios mostram, porém, que entre fins do século XVII e início do XVIII o gentio teve uma participação bastante significativa na vida social e econômica local, principalmente na fase inicial da extração do ouro. Historiados mostram que anteriormente à ocupação massiva de Minas Gerais, já se identificava a competência do indígena na exploração aurífera. Desta forma, a Instrução de Regimento de D. Rodrigo de Castelo Branco, de 1679, revela os carijós como trabalhadores assíduos nas lavras de Iguape e Cananéia. Atuantes em atividades distintas onde havia a exploração da população ameríndia que também era utilizada em uma espécie de coligação para com os bandeirantes paulistas. O levantamento dos escassos inventários declara que, nos primórdios de 1710, os cativos carijós correspondiam de 16 a 23% da força de trabalho da Vila do Carmo (Ouro Preto)⁵⁵.

Uma vez iniciada a sondagem das minas descobertas na segunda metade da década de dez, Guarapiranga ganhou progressiva importância econômica. Em 1721, o lugar ocupava a sexta posição entre os dezenove núcleos auríferos fiscalizados pela Câmara de Mariana.⁵⁶

Segundo uma série de documentos apresentados, a freguesia de Guarapiranga aparece como o principal centro do escravismo indígena

⁵⁵ VENÂNCIO, Renato Pinto. *Os Últimos Carijós: Escravidão Indígena em Minas Gerais: 1711-1725*. São Paulo: Rev. Bras. Hist., 1997. Vol.17, nº.34. p.165-181.

⁵⁶ VENÂNCIO, Ibidem.

da região marianense. Em 1718, Guarapiranga possuía 102 carijós, o que correspondia a 24,6% dos 414 negros da terra arrolados pela capitação referente ao conjunto dos núcleos auríferos da Capitania de Minas Gerais⁵⁷.

Apresentadas as características do sistema colonial implantado na região aurífera, os indícios apontam para um processo de desgaste dos plantéis, em decorrência de dois fatores: o abandono da caça aos silvícolas, por parte dos descendentes dos bandeirantes, visto que optaram por dedicar-se à bem mais rentável atividade de exploração do ouro e a conseqüente redução da taxa de natalidade sobrepondo-se às altas taxas de mortalidade dos grupos indígenas de Mariana.

Nos primórdios de ocupação de Guarapiranga, presume-se que a captura de índios tenha sido uma atividade comum aos colonos. O arraial reunia as famílias dos antigos bandeirantes como Salvador Furtado de Mendonça e seus descendentes. Além deste sertanista, que por volta de 1694 prendeu índios na Zona da Mata mineira, identificamos no registro paroquial de Guarapiranga treze outros sobrenomes de ancestrais de famílias paulistas, tais como Tourinho Domingues, Chaves da Silva, Pontes, Gil e Lara⁵⁸. Ao que indica, iniciada a busca pelo ouro, o comportamento dos ex-bandeirantes se alterou, pois passou a assumir um caráter defensivo. Vale observar que mesmo as expedições ofensivas de 1734 e 1746, destinadas ao ataque aos botocudos, lideradas pelo Mestre de Campo Matias Barbosa e pelo sertanista João de Azevedo Leme, não resultaram na captura de novos escravos índios.

Entre os carijós, a baixa natalidade constituía-se em alto percentual de mortalidade, visto que, em 1718, o gentio correspondia a cerca de 26,6% do total de óbitos de cativos da freguesia de Guarapiranga. Na listagem de captação referente ao mesmo ano, o grupo populacional indígena correspondia a apenas 10,5% da população escrava. Diante disto, a morte destruía aos poucos o sistema escravista baseado na mão-de-obra indígena⁵⁹.

Em 1725, os índios faleciam numa proporção três vezes mais elevada do que os negros africanos e crioulos. “Como mostra a documen-

⁵⁷ VENÂNCIO, *Ibidem*.

⁵⁸ VENÂNCIO, *Ibidem*.

⁵⁹ VENÂNCIO, Renato Pinto. *Os Últimos Carijós: Escravidão Indígena em Minas Gerais: 1711-1725*. São Paulo: Rev. Bras. Hist., 1997. Vol.17, nº.34. p.165-181.

tação paroquial de Mariana, 38,4% dos índios falecidos entre 1718 e 1724 não alcançaram os sacramentos, pois morrerem repentinamente. A elevada incidência de mortes repentinas é bastante significativa, principalmente quando lembramos que ela pode estar relacionada com as epidemias propagadas pelos cativos recém-chegados da África ou pelos colonos oriundos do litoral”⁶⁰.

Luís Gomes Ferreira registrou em seu livro “Erário Mineral (1735)” a causa das mortes repentinas que se alastavam em Mariana na década de dez e vinte do século XVIII. Segundo ele, as doenças eram “fístulas, chagas”⁶¹, “hidropisias e sezões”⁶² que são males propagados em razão da junção de grupos africanos provindos de regiões afetadas pelas doenças, com os ameríndios.

Paralelamente a essas questões de doenças provocadas pelo contato entre grupos populacionais distintos e pelo desequilíbrio ecológico originário da derrubada das matas, as condições de trabalho poderiam ser um fator comprometedor da saúde dos carijós, pois a mineração exigia que os escravos permanecessem da cintura para baixo imersos nos enregelados rios mineiros. Também, na primeira fase do povoamento de Mariana, a pneumonia e a tuberculose eram causa de mortes nos contingentes populacionais indígenas, além da fome que foi uma realidade constante.

Outros fatores podem ter contribuído para o desaparecimento dos carijós na freguesia de Mariana, como a libertação dos cativos, visto que os índios, a partir de determinado momento terem desaparecido dos inventários post-mortem. Os índios foram abandonados à própria sorte, engrossando a massa de pobres e desclassificados sociais das vilas e arraiais mineiros. Com o tempo, o carijó escravo deu lugar aos poucos carijós livres, imersos no universo da pobreza.

Após 30 anos do início da colonização da região de Mariana, o escravismo com base no braço ameríndio teria se tornado escasso. Os cativos, denominados nas escrituras e nos inventários dos primeiros povoadores “como carijós e negros da terra ou, segundo expressão local, como cabras da terra, representavam apenas 0,4% dos 11.797 cativos

⁶⁰ VENÂNCIO, *Ibidem*.

⁶¹ Fístulas e Chagas: essas endemias davam alusão à varíola.

⁶² Hidropisias: inchaço na barriga e Sezões: Febre alta.

ocupados nas lavras da Vila do Carmo”⁶³. Os ameríndios foram dando lugar aos negros, provocando uma escravatura de novo tipo.

Os primeiros negros chegaram a Minas Gerais trazidos pelos bandeirantes no século XVIII para trabalhar na mineração. Findado o ouro, foram empregados na agricultura e submetidos durante todo o período da estratificação mineral à submissão ao trabalho forçado, que se constituía por uma importante fonte de renda na época. Além disto, o comércio negreiro, baseado na compra venda e troca de escravos, contribuiu para o desenvolvimento local em termos de economia e população.

A escravidão, fator dominante e organizacional do trabalho no surgimento do estado de Minas, e a constante necessidade de mão-de-obra para a exploração mineral fizeram com que o trabalho de um escravo negro fosse super valorizado na metade do século XVIII, principalmente em Minas Gerais. Tal valorização estimulou proprietários de escravos negros de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco a também migrar para Minas, que se transformava no centro do poder econômico brasileiro naquele século. “No ápice da exploração mineral, foram empregados nas minas em torno de 500 mil negros e entre 1700 e 1850 foram trazidos para o estado 160 negros africanos provindos de três regiões: sudaneses (Golfo da Guiné: haussas, minas, iorubás, malês); bantus (angolas, congos, bengueleas) e moçambiques, o que totalizou uma média de mais de 30% de negros em relação à população total do estado.”⁶⁴ Em 1725, a freguesia de Guarapiranga possuía uma população de 1193 escravos africanos e crioulos⁶⁵.

Nesse período, houve formação intensa de quilombos nas proximidades das vilas e cidades mineradoras, devido à possibilidade de comercialização nos centros urbanos de produtos cultivados, roubados ou extraídos do minério, o que garantia a sobrevivência e constituía uma relação comercial interessante tanto para os quilombolas quanto para muitos setores da sociedade livre, visto que os preços cobrados pelos produtos eram inferiores. Muitos fazendeiros solicitavam serviços

⁶³ VENÂNCIO, Renato Pinto. *Os Últimos Carijós: Escravidão Indígena em Minas Gerais: 1711-1725*. São Paulo: Rev. Bras. Hist.,1997. Vol.17, nº.34. p.165-181.

⁶⁴ Site: www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/mg/mg_historia.html. Acesso em 18/03/2008.

⁶⁵ VENÂNCIO, Ibidem.

desses quilombolas como estratégia para evitar rebeliões e ataques em suas propriedades⁶⁶.

“Segundo pesquisa realizada por Silva (2005), no período de 1710 a 1798, existiram cerca de 120 quilombos em Minas Gerais.”⁶⁷ Por meio de diversas formas de resistência à escravidão, os negros conquistaram seu espaço nas terras mineiras e, com a abolição, povoaram áreas desabitadas e receberam glebas de terras de seus antigos proprietários por doação ou herança.

A transição do trabalho escravo para o trabalho livre e as peculiaridades da economia do estado foram fatores responsáveis pela atração de imigrações para Minas Gerais, que se iniciou a partir de meados do século XIX, com a incorporação de italianos e espanhóis à rotina das fazendas escravistas, porém em volume menor que nos outros estados, visto que Minas costumava aproveitar em seu quadro de produção agrícola, principalmente cafeicultura, a mão-de-obra de estados limítrofes. No entanto, o objetivo da imigração no estado era o de assentar a população em núcleos de povoamento, a fim de preencher territórios estaduais desertificados, e não o de oferecer mão-de-obra para os fazendeiros, o que resultou em uma série de políticas públicas de imigração para garantir a aplicação dos interesses governamentais.

A primeira corrente imigratória para o Brasil, provinda de Portugal e das ilhas do Atlântico, foi promovida pelo ciclo do ouro, que teve sua formação nos anos de 1695 a 1750, o apogeu de 1750 a 1755 e a decadência de 1755 a 1758. O ouro era considerado “riqueza fácil” e a cobiça pelo minério foi responsável pela interiorização das colônias, pela criação de cidades pelo sertão (Vila Boa, Ouro Preto, Pirinópolis, Mariana e tantas outras) além das cidades mortas e a criação da atividade itinerante do litoral para o interior⁶⁸.

Em 1890, a introdução dos imigrantes em Minas Gerais pôde acompanhar as tendências do Brasil como um todo, após a aprovação de leis e decretos que viabilizam essa inserção no território. Diante do fato, esses imigrantes eram encaminhados para hospedarias em Juiz de Fora, Belo

⁶⁶ VENÂNCIO, Renato Pinto. *Os Últimos Carijós: Escravidão Indígena em Minas Gerais: 1711-1725*. São Paulo: Rev. Bras. Hist., 1997. Vol.17, n°.34. p.165-181.

⁶⁷ VENÂNCIO, Ibidem.

⁶⁸ Site: www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_His_ST4_Botelho_texto.pdf. Acesso em 19 mar 2008.

Horizonte, Estação de Vista Alegre e Estação da Solidariedade. Em relatório do presidente do estado, no ano de 1895 teriam sido introduzidos 6631 imigrantes, já em 1896 foram introduzidos 22.496 imigrantes, dos quais 18.999 italianos e 3.002 espanhóis. Em 1897 teriam sido inseridos no estado 17.558 imigrantes. Tomando por base a introdução de escravos no Brasil, Minas Gerais absorvia apenas 4% do total de imigrantes em 1895, 14% em 1896 e 12% em 1897, consagrando o auge da corrente imigratória no estado⁶⁹.

Com o intuito de fixar os imigrantes em território mineiro e ocupar áreas fracamente povoadas, além claro, da utilização da mão-de-obra na agricultura do café, o Decreto n. 612, de 6 de março de 1893, cria núcleos coloniais no estado e a oferta de venda a imigrantes de lotes resultantes da divisão de propriedades agrícolas privadas.

Em 1898, eram quatro os núcleos coloniais no estado: Rodrigo Silva, nas proximidades de Barbacena; Maria Custódia, no município de Sabará; Barreiros, nas proximidades de Belo Horizonte; e São João Del Rey. Esses núcleos concentravam 1920 pessoas, das quais 1360 estrangeiras.

Os imigrantes vinham com suas famílias (homens, mulheres e crianças) para Minas Gerais, sempre subsidiados e seus respectivos destinos eram as fazendas de café e os núcleos coloniais. Essa inserção no estado perdurou até a primeira década do século XX, quando o arrefecimento do fluxo imigratório fez cessar a procura pela mão-de-obra estrangeira.

A inserção de culturas dos imigrantes, ameríndias e africanas contribuiu para a formação do chamado “mineirismo”, que se constitui no processo cultural mineiro e seus subseqüentes estágios de desenvolvimento. Essa movimentação histórica encontrada nas vilas e nas cidades mineiras se atribui exclusivamente ao processo de exploração do ouro e aos diversos comportamentos ante as medidas governamentais de caráter geral, aos valores políticos e à consciência estadual.

A contribuição do negro e do índio na cultura mineira, durante os séculos XVII, XVIII e XIX, sempre esteve ligada a padrões eurocêntricos. Essa influência está presente na contemporaneidade podendo ser observada no contexto do mineirismo, seja enfatizado na culinária, na pintura, na escultura, no artesanato em geral, no esporte, na música, na

⁶⁹ Site: www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_His_ST4_Botelho_texto.pdf. Acesso em 19 mar 2008.

dança e nas administrações. Sobretudo no jeito mineiro de ser peculiar, que é conhecido no Brasil inteiro como a mineiridade. Esta, no universo das práticas simbólicas e discursivas, não é associada ao nascimento no território estadual, é mais do que isso, é uma integração ao ideário do mineiro, que representa o envolvimento em um emaranhado simbólico, na memória discursiva que compõe a identidade dos habitantes do estado. Diante disso, o indivíduo se insere em um contexto de produção de sentido dentro de características com as quais se identifica de forma consciente ou não, com um modelo estereotipado de mineiro, elaborado historicamente e discursivamente por meio da relação com sua representação social ou emprego político.

O conceito de mineiridade⁷⁰, considerado como uma construção ideológico-tradicional, diz respeito ao modo de ser do mineiro e tornou-se um produto comercializado politicamente e também para a indústria do turismo. O mineirismo é associado à imagem das cidades históricas, das montanhas, da comida típica, do jeito hospitaleiro do mineiro, do trem de ferro, enfim, tudo o que constitui e compõe a cultura de Minas Gerais.

A “mineiridade” é mais que uma naturalidade, é uma maneira de encarar a vida, de valorizar as tradições e os costumes. De ser feliz com a maestria da natureza em um pôr-do-sol na montanha, no vento brando ao entardecer, numa noite fria que suplica pelo cobertor ou pelo calorzinho do fogão a lenha, em perceber a beleza na simplicidade cotidiana, de valorizar e se orgulhar da terra natal.

O andamento do discurso surge eivado pela correspondência entre ambiente e emoção. Aquele com o poder de criar o fascínio sobre eles, esta enquanto resultado da capacidade de deixar-se enlevar por estímulos inusitados. Nesse encontro, individualizam também a natureza. Não é qualquer imagem, mas aquela singular, forte e imaginativa, que transita em direção aos espectadores e foge destes para ela, num movimento singular. No percurso, fusionam-se os homens e a realidade, ficando difícil distinguir limites

⁷⁰ CAPARELLI, Márcia. *Identidade e hospitalidade em questão: um olhar sobre Uberlândia, MG*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2005. p.76.

claros e precisos entre o humano e o natural, ocorrendo, pois, o verdadeiro processo de identificação. A operação identificadora não obstante, prende-se aos fios da memória..

71

Ser mineiro é ter a fala mansa, a prosa cadenciada, com muitos provérbios, ditados populares que fazem parte da vida rotineira em grande parte da comunicação, pois o mineiro usa com sabedoria os ensinamentos de gerações, diante da tradição de aprender a cultura local, “antes tarde do que nunca!”.

Ainda no linguajar mineiro, observa-se a idiossincrasia nas junções ou abreviações de palavras no intuito de economizar tempo ou saliva, o que resulta em versões diversificadas do português tradicional como “perai” (espera aí), “cê” (você) e “tó” (toma); no uso contínuo de expressões como “uai”, “trem”, “sô” e “bom demais da conta”.

A mineiridade é encontrada também na cozinha, local prioritário das residências para as reuniões familiares e os inevitáveis “causos” que provêm dos discursos míticos e são eventos curiosos ou engraçados ocorridos com algum indivíduo real ou imaginário. Nesse ambiente sempre aconchegante, decorado com o capricho das toalhinhas e panos de prato bordados à mão e arremates de biquinhos de crochê, o aroma de café, pão-de-queijo e bolo de fubá mostram a reverência à culinária que é resumida no irresistível.

Diante da mitologia ao imaginário da vida, da síntese ou gênero do qual o mineirismo se caracteriza em espécie, a definição é observada nas comunidades aglomeradas entre montanhas alterosas que se acercam da Minas clássica do queijo, da manteiga e do leite, da Minas rural e pastoril, da Minas católica, religiosa e crendeira, temente a Deus, das igrejas, orações e procissões. Minas de gente conservadora de tradições, pois “a autonomia relativa de Minas oitocentista, expressa no universo da fazenda mineira, abriu espaço às invenções da tradição, vivendo-a como se fora eterna.”⁷² Minas de hábitos, da cultura social e familiar: a Minas hospitaleira. Minas opositora ao despotismo e aliada da ordem, batalhadora pela liberdade política, desconfiada, acima de tudo

⁷¹ ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.51.

⁷² ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.137.

prevenida: discriminação construída ao longo dos anos, disseminada. Nesse aspecto, “a associação entre mentes cultas e Inconfidência e desta com o ideal de liberdade, resultou numa construção que caracteriza Minas como depositária do saber e da insubmissão da pátria e da nação.”⁷³

Diante do universo contextualizado, ser mineiro é possuir marca registrada, falar “uai”, ter história pra contar. É não divulgar o que faz ou o que vai fazer; falar pouco e escutar muito; gostar de queijo branco. Ter como característica a simplicidade, a pureza, a modéstia, coragem e bravura. É amar sua cultura, visto que um “traço marcadamente vincado na construção do perfil dos mineiros é o gosto pela cultura”⁷⁴, a natureza. É ser temente a Deus, ter dentro de si um verdadeiro poeta.

O mineiro não dá rasteira no vento, não caminha no molhado, nem pisa no escuro. Nunca rende conversa com gente estranha, só crê na fumaça quando há fogo, só arrisca quando tem certeza, jamais troca um pássaro na mão por dois voando, jamais perde o “trem” e não dá ponto sem nó. Nesse sentido, “o acentuamento da esperteza pode ser entendido no prisma do discurso da resistência às concepções detratórias do provincianismo mineiro e no âmbito da perda significativa de Minas frente a São Paulo... Valoriza-se a cautela para advertir, enfatiza-se a pachorra dos movimentos para afirmar que, com precaução, se chega à frente.”⁷⁵

O mineiro escuta, espia, indaga, protela,
tolera, sorri, escapole, se retarda, faz
véspera, tempera, cala a boca, matuta,
engabela, se prepara e no fim exclama:
Nossa Senhora⁷⁶.

Todo mineiro tem um trem de ferro apitando nas veias,
uma montanha brilhando nos olhos e uma banda tocando
nos ouvidos⁷⁷

⁷³ ARRUDA, *Ibidem*. p.76.

⁷⁴ ARRUDA, *Ibidem*. p.72.

⁷⁵ ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.110.

⁷⁶ ROSA, João Guimarães. Site: www.bendita.com.br/html/portaldeminas/nversos.htm. Acesso em 12 de junho de 2008.

⁷⁷ SANTOS, Jorge Fernando dos. Site: www.bendita.com.br/html/portaldeminas/nversos.htm. Acesso em 12 de junho de 2008.

Minha gente, vou-me embora.
 Mineiro está me chamando.
 Mineiro tem esse jeito,
 chama a gente e vai andando...⁷⁸

O poema *Mineiridade*⁷⁹ ilustra este conceito na íntegra de forma a se observar os aspectos políticos, sociais, econômicos, históricos e culturais sob uma visão romântica e atual.

*Há um tempo de Minas
 Em nós:
 Tempo madeira veio do sangue
 Circulando, viajando em linfa,
 Memória*

(Absconso rio caudaloso, cheio de ferro e resíduos de montanha que delimita perfil ou mapa: Minas acaso é um rosto?)

*Há um tempo de Minas, ancestralidade,
 Subterrânea, interior, íntima,
 Aflorando à pele como fruto
 De se fruir, quando maduro*

(Tão doce, sazonado, quanto ácido antes dos trinta)

*Tempo de Gerais,
 Fazendeiro, criador de gado,
 Murado nas fronteiras
 Do Rio Grande e dos retratos de família.*

*Mineiridade em nós
 Como sulco descendente no rosto
 Ou como traço, consubstanciado em escritura*

⁷⁸ FOLCLORE MINEIRO. Site: <http://www.bendita.com.br/html/portaldeminas/nversos.htm>. Acesso em 12 de junho de 2008.

⁷⁹ CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. *Mineiridade*. São Paulo: Achiamé, 1980. poema nº. 34.

(Minas pairando no ar, subcolor de poema)

Um tempo mineral e imóvel, nos Gerais da alma: bovino e verde

*De Campos, Prados, com Carneiros, Coelhos, Formigas
Tudo imobilizado em figuras de parede.*

Tempo de Minas

Dourado e de Prata

Torturado, Barroco e Inconfidente

(Negrume das luzes, correndo e escorrendo no fundo desse poço)

Tempo labiríntico

Sem fio de Ariadne

Que nos venha de fora

E nos conduza pelas galerias

Da memória e do mito

Navegantes de nós, sem rumo,

Pois que a terra do mito é ronda, redonda

Nesse país das Gerais, pulsando em nós

No ritmo do sangue fértil e palavra

Para entender as Minas há que vivê-las

Mais que simplesmente trazê-las no sangue, numerosas,

Femininas cidades matriarcas,

Silenciosas, soturnas

Em sua urdidura de signo.

Minas fluindo assim em nós, no tempo,

Pedregosa e suave,

Antitética, paradoxal, ambígua,

Parda e forra,

Branca e negra e libertária

Pelas ruas da memória

Agora gregária, coletiva, numerosa,

Marulho em nós, de Minas

Que se faz, de espaço, um certo tempo,

Maduro:

Mineiridade.

2.2 Nos primórdios de Senhora de Oliveira

A colonização e ocupação de Senhora de Oliveira cruzam em vários pontos com a história como tantas outras cidades mineiras, cuja exploração aurífera, a extração de diamantes e outros minerais impulsionaram o surgimento de povoados ao longo dos rios e ribeirões, elevando-os mais tarde à formação de cidades que compõem o estado de Minas Gerais.

Durante a primeira metade do século XVIII, Guarapiranga seria pródiga em matéria de exploração aurífera. Com a decadência da exploração das jazidas minerais, a partir de 1750, a região de Guarapiranga transformou-se numa região agrícola, abastecendo as demais regiões auríferas. A região do Guarapiranga foi mais intensamente povoada nos anos de 1753 a 1756⁸⁰.

Diante do visível aumento da ocupação rural em torno da Freguesia de Guarapiranga, a Coroa Portuguesa passa a distribuir na região lotes de terras a quem se dispusesse a cultivá-las, as sesmarias, assim denominadas. Isso facilitava o povoamento e a formação de fazendas⁸¹.

Inúmeras Cartas de Sesmaria foram concedidas na segunda metade do século XVIII, dentre elas uma foi concedida ao Padre Jose Dias de Siqueira, datada de 17 de julho de 1754. Por essa Carta de Sesmaria, nas paragens da Cachoeira Grande (Cachoeira dos Peixes), seria fundada a Fazenda da Oliveira. A 25 de outubro de 1758, o mesmo Padre José Dias recebeu uma ajuda para edificar uma capela na Fazenda da Oliveira em suas terras, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição da Oliveira, que acabaria sendo chamada, por simplificação, de Capela da Oliveira ou de Senhora da Oliveira. O padre José Dias Siqueira constituiu o patrimônio da capela por escritura de 2 de julho de 1759⁸².

Em 1825, portanto 67anos depois de erguida a primeira capela, foi feita uma petição ao dom frei José da Santíssima Trindade, a fim de transferir a capela para outro sítio em local mais acessível, já que os moradores não consideraram apropriado para a construção de casas,

⁸⁰ Site: www.piranga.com.br. Acesso em 20 de março de 2008.

⁸¹ Site: www.senhoradeoliveira.com. Acesso em 20 de março de 2008.

⁸² BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Itatiaia, 1995. p.336.

pois para os que vinham das fazendas vizinhas o acesso à capela seria muito difícil⁸³.

Foi então feito o pedido para outro local e a concessão de transferência da Capela se deu aos 7 dias do mês de julho de 1825, e um dos peticionários, Antonio Soares Ferreira doou terreno para a construção da Capela, bem como para casas de morada ou arrendamento no sítio chamado Pinheiro. Com a edificação da nova capela de Nossa Senhora de Oliveira e a construção das casas deu-se a origem à Vila que inicia seu desenvolvimento a partir de 1825, sendo estrutura de apoio às atividades rurais das fazendas à sua volta.⁸⁴

O povoado de Nossa Senhora de Oliveira começa a crescer lentamente ao longo da estrada e no entorno da capela, onde os homens da administração pública e os fazendeiros possuíam as maiores e as mais importantes casas, usadas quase que somente aos domingos e feriados, quando seus proprietários vinham das fazendas para as missas, casamentos, batizados e festejos religiosos. Ao retornarem para suas fazendas, deixavam suas casas na cidade fechadas durante a semana.

As terras adquiridas com o sistema de sesmarias pertenciam agora a herdeiros de antigos proprietários que se casavam com descendentes de outras fazendas e ficavam morando nas mesmas propriedades, permanecendo, portanto, sempre em família, não as repassando a outros.

Nesta época, a atividade econômica privilegia o latifúndio, a monocultura e o trabalho escravo. A população de escravos em Oliveira do Piranga sempre foi alta durante o século XIX. No censo de 1831, o distrito de Capela de Nossa Senhora de Oliveira contava 839 habitantes e 87 fogos⁸⁵. Deste total, 470 seriam pessoas livres e 369 cativos⁸⁶. Quanto aos índios, estes contribuíram com pouco para a formação de Senhora de Oliveira, pois por volta de 1750, quando se iniciou a colonização do município a população indígena na região já estava praticamente extinta. Segundo Venâncio⁸⁷, 30 anos após o início da colonização da

⁸³ Pasta de arquivo impresso do setor de cultura da prefeitura municipal de Senhora de Oliveira.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Fogos: Unidades familiares.

⁸⁶ BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Itatiaia, 1995. p.336.

⁸⁷ VENÂNCIO, Renato Pinto. *Os Últimos Carijós: Escravidão Indígena em Minas Gerais: 1711-1725*. São Paulo: Rev. Bras. Hist., 1997. Vol.17, n° 34. p.165-181.

região de Mariana, ou seja, por volta de 1725, o escravismo com base no braço ameríndio havia se tornado, por assim dizer, residual. Os cativos, denominados nos documentos de acordo com a tradição dos primeiros povoadores como carijós e negros da terra ou, segundo expressão local, como cabras da terra, representavam apenas 0,4% dos 11.797 cativos ocupados nas lavras da região. Os Botocudos e os Cataguases não foram descritos no território de Senhora de Oliveira, mas nas proximidades e para tanto, acredita-se que provavelmente tenham passado pela região em questão. O mesmo autor afirma que, ao longo dos primeiros vinte anos de colonização de Mariana, a região reproduziu, em escala microscópica, a hecatombe freqüente aos grupos populacionais do Novo Mundo que entravam em contato com os colonos europeus.

Em 1859, pela lei provincial nº 1030 de 6 de julho, Oliveira do Piranga seria elevada à condição de Freguesia e sede de Paróquia com nome de Nossa Senhora de Oliveira. Nessa época seriam edificadas cinco sobrados no largo da Capela, que passaria a ser chamado largo da matriz, hoje Praça São Sebastião. Seis anos depois é incorporada ao Município de Mariana, pois era considerada “berço da civilização mineira”⁸⁸, para quatro anos após ser reincorporada a Piranga.⁸⁹

Em 1884, a capela que fora construída em 1825 já se encontrava bastante deteriorada e por isso foi feito o pedido para construção de uma nova. Deferido o requerimento, elevou-se a matriz em terreno comprado do Senhor Francisco José Ribeiro, cujas obras foram concluídas entre 1885 e 1892. As duas igrejas passaram a conviver frente a frente no mesmo largo⁹⁰. Nesse tempo, era costume as igrejas possuírem cemitérios à sua volta, em frente, em terreno murado ou não, ou em seu interior. O adro⁹¹ da antiga capela já não servia mais para essa finalidade, o espaço tinha se esgotado. E na nova capela edificada, por questões de higiene, não foi reservado local para enterrar seus mortos. Seria então preciso providenciar um cemitério em lugar aberto, arejado e afastado das capelas. Assim, junto com a construção da matriz,

⁸⁸ Mariana, chamada de “berço da civilização mineira”, foi a primeira capital do estado, a primeira vila, a primeira sede de bispado e a primeira cidade de Minas Gerais.

⁸⁹ BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Itatiaia, 1995. p.336.

⁹⁰ Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora de Oliveira.

⁹¹ Adro: terreno aberto ou murado, em frente ou em volta das igrejas.

iniciaram-se também as obras do cemitério municipal sob supervisão do padre Agostinho de Souza, entre 1898 e 1902⁹².

Logo após o fim do império e da escravidão, em 1890, a população recenseada cresceu para 2211 habitantes dos quais 1057 em homens e 1154 mulheres⁹³. “O distrito possuía então várias casas comerciais, duas escolas públicas estaduais, uma banda de música sob o nome de Corporação Musical Santa Cecília, uma agência de correios e duas igrejas.”⁹⁴ Caracterizam-se a urbanização e a formação da cultura a partir da criação de serviços e do povoamento.

No início do século XX, a população da paróquia era de aproximadamente 4000 habitantes, na sua maioria instalada no meio rural, onde modernidade e conforto indicavam avanços, ainda que tímidos, visto que através de pedidos de políticos influentes da sociedade local que possibilitaram a instalação da usina de energia elétrica Santa Terezinha, pelo Coronel Amantino Ferreira Maciel, de Piranga; a construção da estrada Conselheiro Lafaeite – Piranga passando por Senhora de Oliveira, mérito de Roberto Vasconcelos e o abastecimento de água da cidade, um pedido de Francisco Inácio de Araújo⁹⁵.

O relato de Nelito, filho do proprietário da fazenda onde foi instalada a usina Santa Terezinha por volta de 1915, afirma que esta usina foi imprescindível para o desenvolvimento urbano do povoado. “O maquinário importado da Alemanha foi transportado do município de Piranga para Senhora de Oliveira de caminhão, mas na época não havia estradas abertas e houve a necessidade de abrir uma passagem para o veículo, foram utilizados muitos homens e enxadas.”⁹⁶ A hidrelétrica foi responsável pelo fornecimento de energia elétrica para Senhora de

⁹² BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Itatiaia, 1995. p.336.

⁹³ BARBOSA, *Ibidem*, p. 336.

⁹⁴ Pasta do arquivo impresso do setor de cultura da prefeitura municipal de Senhora de Oliveira.

⁹⁵ *Idem*.

⁹⁶ Nelito Rodrigues Pereira, Técnico em Eletrônica. Entrevista concedida à autora em 26 de junho de 2007.

Oliveira, Piranga, Brás Pires, Presidente Bernades, Porto Firme e Guariaba até o ano de 1968, quando houve o desmoronamento do canal de abastecimento de água para a hidrelétrica. A construção da usina no município foi uma grande façanha para época e deu importância regional ao pequeno povoado, até então insignificante.

Com a intenção de criar uma identidade nacional, o Estado incentiva o reconhecimento das raízes indígenas na cultura brasileira. Com esse pensamento, no dia em que se comemora a independência do Brasil, 07 de setembro, sob a lei 843 de 1923, o distrito teve o nome Nossa Senhora de Oliveira alterado para Piraguara, que na língua tupi-guarani quer dizer, comedor de peixe, o pescador.⁹⁷

No entanto, com a emancipação ocorrida em 12 de dezembro de 1953, o distrito de Piraguara passa a se chamar Senhora de Oliveira, por evocação a Nossa Senhora da Oliveira. “Nesta ocasião, o município contava com população aproximada de 4426 habitantes, estando ainda sua maioria instalada no meio rural, com 3948 moradores, sendo 478 com residência na cidade.”⁹⁸ Nesta ocasião, o universo simbólico em discussão possuía sete ruas, cento e oitenta e três edificações, das quais sessenta e oito usufruíam do abastecimento de água e noventa e cinco desfrutavam o conforto da luz elétrica. O comércio varejista totalizava vinte e três estabelecimentos, sendo quinze deles localizados na área urbana e os demais na área rural. Eram sete as escolas primárias administradas por doze professores para um número de quatrocentos e trinta e seis alunos matriculados. Por ocasião da emancipação urbana, havia nessa contextualização cinco caminhões, dois jipes, três telefones, uma pensão e também um cinema.⁹⁹

“Em se tratando de agricultura e pecuária como fonte de circulação da economia local, as principais culturas da época eram o milho, 800 hectares; café, 170 hectares; arroz, 220 hectares; e feijão, 500 hectares. A criação de bovinos, em torno de 700 cabeças; suínos 6000; eqüinos

⁹⁷ BUENO, Silveira. *Vocabulário Tupi-Guarani: Português*. 6ª ed. São Paulo: Éfeta, 1998. p. 275.

⁹⁸ IBGE, 1959. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - Municípios do Estado de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959. Vol. 27. p. 296-299.

⁹⁹ IBGE, *Ibidem*.

em 800 cabeças; ovinos e caprinos totalizando 610 cabeças; e muares em 500 cabeças.’¹⁰⁰

2.3 A geografia e o cenário

Nesse pequeno universo (Figura 01) se cria um sentido de trocas simbólicas na coletividade, cujo caráter homogêneo das sociabilidades ordena as tendências oriundas do ciclo do ouro, pedras e diamantes.

¹⁰⁰ IBGE, 1959. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - Municípios do Estado de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959. Vol. 27. p. 296-299.



Figura 01 – Vista parcial da cidade de Senhora de Oliveira-MG
Fonte: www.senhoradeoliveira.com . Acesso em 11/11/2007.

O contexto em discussão é localizado em terreno montanhoso na região norte da Zona da Mata de Minas Gerais (Figura 02) e fica a 168 km de distância da capital do estado, Belo Horizonte.

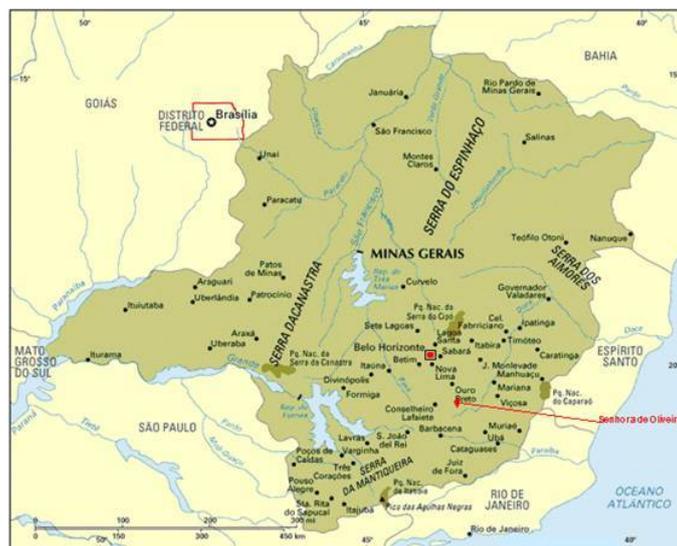


Figura 02 – Mapa do estado de Minas Gerais com a localização da cidade de Senhora de Oliveira

Fonte: www.guianet.com.br/mg/mapamg.htm.

Acesso em 15/05/2008.

Sob um clima bastante aprazível, a região tem temperatura média anual de 20,90° C, mínima anual 14,4°C e máxima anual de 26,50°C, o que agrada seus habitantes e visitantes. As chuvas têm índice anual de 1500 mm e contribuem muito para qualidade desse clima e conseqüentemente com a vegetação composta de florestas tropicais de altitudes permeadas por campos e resquícios de cerrado.¹⁰¹

O município de Senhora de Oliveira (Figura 03) “tem altitude mínima de 700m e máxima de 1045m, respectivamente na Foz do Córrego da Laje e Morro do Pimenta. Ocupa uma área de 169.8 km² cuja latitude é 29.794 e longitude é 43.344,”¹⁰² servida pelo Ribeirão Santa Bárbara,

¹⁰¹ Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) de Senhora de Oliveira.

¹⁰² IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados concedidos no Posto de Coleta em 03/07/07.

Ribeirão das Almas e como destaque em extensão e volume d'água tem o Rio Xopotó e o Ribeirão Oliveira, segundo Instituto de Geociências Aplicadas – IGA – CETEC. Faz divisa com os municípios de Brás Pires, Cipotânea, Lamim, Piranga, Presidente Bernardes e Rio Espera.

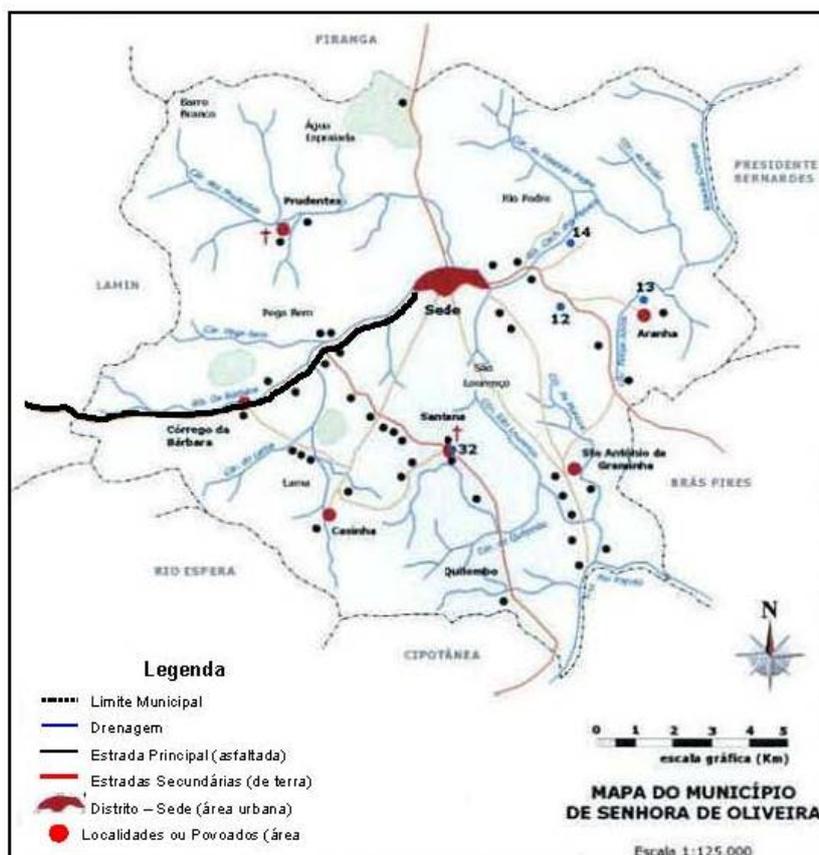


Figura 03: Mapa do município de Senhora de Oliveira

Fonte: Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira

“A cidade que tem uma população aproximada de 2655 habitantes na zona urbana distribuída em quatro bairros (Limeira, São Geraldo, Rua Nova e Savassi) e centro (Figura 04).”¹⁰³ Praticamente todas as

¹⁰³ SIAB – Sistema de Informação de Atenção Básica – dados referentes a janeiro 2007, coletados na UBS de Senhora de Oliveira em 04 de abril de 2007.

A zona rural do município apresenta uma população aproximada de “3113 habitantes”¹⁰⁵ e é formada pelas bairros rurais ou comunidades de Santana, Prudentes, Ribeirão, Aranhas, Graminha, Córrego da Bárbara, Casinha e Pega Bem. Todas as comunidades são compostas por várias localidades, no entanto há uma identificação regional, principalmente em torno da igreja ou capela, que está presente em todas as comunidades rurais.

2.4 Bases econômicas

As atividades econômicas com os seus objetivos peculiares trazem para o município a geração de riquezas e trabalho, fixando a população no próprio município. Muitas vezes Senhora de Oliveira mostra-se com uma tendência centrípeta que se desenvolve a partir da questão da empregabilidade, pois alguns moradores, após alcançar seus objetivos nos grandes centros retornam para o contexto em discussão com o sonho de se estabelecer na terra natal. Além disto, utiliza-se mão-de-obra dos municípios vizinhos de forma temporária durante as safras de cana-de-açúcar e do café, ou mesmo de forma definitiva na agricultura ou no comércio, visto que a mão-de-obra local não atende à demanda do mercado agrícola, que movimenta consideravelmente a renda *per capita* interna.

2.4.1 Setor Público

O setor público desempenha importante papel na sociedade oliveirense e é responsável por grande parte da economia do município, seja atuando diretamente no pagamento de salários e benefícios de aposentadoria ou mesmo fomentando o comércio local com suas licitações, incentivando o desenvolvimento da cidade. Também é responsável pela criação de infra-estruturas, que são indispensáveis para a economia. A

¹⁰⁵ SIAB – Sistema de Informação de Atenção Básica – dados referentes a janeiro 2007, coletados na UBS de Senhora de Oliveira em 04 de abril de 2007.

administração pública está presente em Senhora de Oliveira nas diferentes instâncias tanto a nível federal, estadual e principalmente municipal.

O governo federal impulsiona a economia local de diferentes formas, mas principalmente atuando com seus atuais programas sociais como a “Bolsa Família”¹⁰⁶, que atinge boa parte da população e conseqüentemente movimenta o comércio do município. No entanto, o destaque de atuação do governo federal é o pagamento dos benefícios de aposentadoria do INSS, os quais são uns dos principais agentes econômicos em Senhora de Oliveira, pois em quase todas as casas há um aposentado por idade e este contribui para a renda familiar, já que o salário mínimo ainda tem um bom poder de compra em cidades pequenas, frente ao baixo custo de vida.

O governo do estado de Minas Gerais também exerce papel de destaque na economia oliveirense, seja na viabilização de infra-estrutura como o asfaltamento da rodovia MG124 e a disponibilização de energia elétrica por meio da CEMIG, seja no pagamento de salários dos servidores públicos estaduais. Dentre estes servidores podemos ressaltar os que atuam na área da educação, na escola estadual Quinzinho Inácio, responsável pelo ensino fundamental e médio em Senhora de Oliveira.

O asfaltamento da MG 124 ocorreu no ano de 2006 e é importante para a economia local, pois uniu Senhora de Oliveira por estrada pavimentada (Figura 05) a Conselheiro Lafaiete e subseqüentemente ao resto do país mesmo em dias chuvosos, o que não acontecia anteriormente, quando nesses períodos o lamaçal deixava a cidade muitas vezes ilhada, em estado de calamidade, dificultando o comércio e o escoamento da produção municipal.

A energia elétrica por sua vez é responsabilidade da CEMIG que fornece iluminação para toda a área urbana, totalizando cerca de 1200 padrões de luz, estendendo-se ao meio rural também com um número considerável de residências com aproximadamente 600 padrões insta-

¹⁰⁶ Bolsa Família: é um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza, de acordo com a Lei 10.836, de 09 de janeiro de 2004 e o Decreto nº 5.749, de 11 de abril de 2006. Site: www.mds.gov.br/bolsafamilia. Acesso em 13 de junho de 2008.

lados.¹⁰⁷ O serviço é também distribuído para a indústria e o comércio, iluminação de vias e praças públicas, trailers, além de barracas, circos e outros extras em temporadas de festa.

A prefeitura municipal atualmente é o principal pólo econômico no município, pois é o maior empregador com “189 funcionários,”¹⁰⁸ os quais se encarregam de funções públicas. Além disto, realiza várias obras no município, o que movimentada toda a economia local. É importante ressaltar que a prefeitura “sobrevive basicamente com o repasse do fundo de participação dos municípios em torno de R\$300.000,00 por mês, de convênios firmados com os governos estaduais e federais, além de arrecadação de ICMS estadual no valor aproximado de R\$70.000,00 mensais,”¹⁰⁹ pois a arrecadação de impostos municipais é muito pequena.

2.4.2 Setor Privado

A agropecuária ocupa lugar de vanguarda na economia de Senhora de Oliveira, como na maioria das pequenas cidades mineiras. As principais atividades desenvolvidas vão desde a agricultura familiar de subsistência até o plantio de cana-de-açúcar em grande escala, visando à produção de álcool, que está presente no município. As culturas de subsistência de grãos como o arroz, milho, feijão e hortifrutigranjeiros sempre fizeram parte da rotina anual na economia em Senhora de Oliveira pelos pequenos produtores e sitiantes, podendo ser revertida para o sustento familiar ou venda no comércio local.

A cana-de-açúcar, após considerável baixa no preço da venda, teve sua utilização reduzida ao uso na bovinocultura, alambiques e em menor escala para a usina de álcool. No entanto, com o aumento da cotação do petróleo e com os novos incentivos do governo federal para a produção

¹⁰⁷ Empresa dos Correios de Senhora de Oliveira. Dados coletados em 04 de abril de 2007.

¹⁰⁸ Geraldo Volusiano Milagres Veloso, Oficial de Administração do Setor de Pessoal da Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 20 de março de 2008.

¹⁰⁹ Sebastião Araújo de Oliveira, prefeito de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 13 de junho de 2008.



Figura 05: Asfaltamento da MG 124: (A e B) – solenidade de inauguração; C – estrada pavimentada em Senhora de Oliveira
Fonte: Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira

dos biocombustíveis, espera-se uma retomada da produção de cana no município, a partir da alta demanda da matéria-prima e da conseqüente valorização monetária do produto, o que viria a incentivar o plantio.

Desde tempos remotos, a boa perspectiva financeira é o plantio de café. Como fonte geradora de emprego e renda, o plantio de café absorve atualmente 300 empregos diretos e 1200 indiretos em Senhora de Oliveira.¹¹⁰ Devido às condições propícias de clima, esse produto no município é de excelente qualidade e atende ao comércio de exportação, podendo ser comparado aos melhores cafés produzidos em outras regiões de Minas Gerais e do país.

O cultivo do eucalipto também faz parte dessa cadeia produtiva, sendo destinado a serrarias, carvão vegetal e fabricação de móveis no próprio contexto em questão. Geralmente é plantado em pequenas propriedades, em terrenos não propícios para a agricultura, como morros e encostas, anteriormente ocupadas com pastagens degradadas.

A pecuária tem responsabilidade significativa na economia local

¹¹⁰ Emater de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 20 de abril de 2007.

com média de 95% de pequenos criadores. Essa atividade tem se desenvolvido por causa da aplicação de técnicas como a inseminação artificial das vacas, com o objetivo de melhorar e aumentar a capacidade do rebanho leiteiro e de corte, para o qual os produtores estão voltados. “O leite produzido no município é direcionado para as cidades de Lamim e de Paula Cândido onde é processado. O gado de corte é enviado para abate em várias cidades da região, como Conselheiro Lafaiete e Juiz de Fora”.¹¹¹

A indústria local consiste basicamente na transformação de produtos agrícolas e é formada principalmente pela Destilaria Junivan S/A (Figura 06), construída no início da década de 80, no auge do Proálcool, que foi um programa de incentivo à produção de álcool combustível do Governo Federal. A destilaria surgiu a partir de uma associação de produtores rurais já implantados com recursos do BIRD¹¹², a qual consumia 95.000 toneladas de cana-de-açúcar ao ano¹¹³ no auge de sua atuação, nos anos de 1985 e 1986, quando produziu 4.815.638 litros de álcool/ano¹¹⁴. No entanto, com o fim do programa de incentivo do Proálcool, em 1990, inúmeras destilarias foram desativadas, diminuindo significativamente a produção do líquido no país, atingindo também a destilaria em Senhora de Oliveira. Segundo Osvaldo Heleno, “a destilaria trabalha atualmente com menos de 1/3 da capacidade produtiva, pois depende da disponibilidade da matéria-prima necessária para a fabricação de álcool, ou seja, a cana-de-açúcar, visto que não há cana suficiente para a produção de álcool na capacidade máxima da destilaria”¹¹⁵. Por outro lado, os produtores de cana-de-açúcar têm receio de aumentar muito o plantio de cana sem a garantia de compra de toda a sua produção a um preço mínimo estabelecido previamente em contrato.

¹¹¹ Idem.

¹¹² BIRD – Banco Interestadual de Recursos para o Desenvolvimento e Financiamento da Minas Caixa.

¹¹³ Emater de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 03 de abril de 2007.

¹¹⁴ Zélia, secretária administrativa da Destilaria Junivan. Entrevista concedida à autora em 20 de março de 2008.

¹¹⁵ Osvaldo Heleno, Presidente e Diretor da Destilaria Junivan. Entrevista concedida à autora em 06 de julho de 2007.

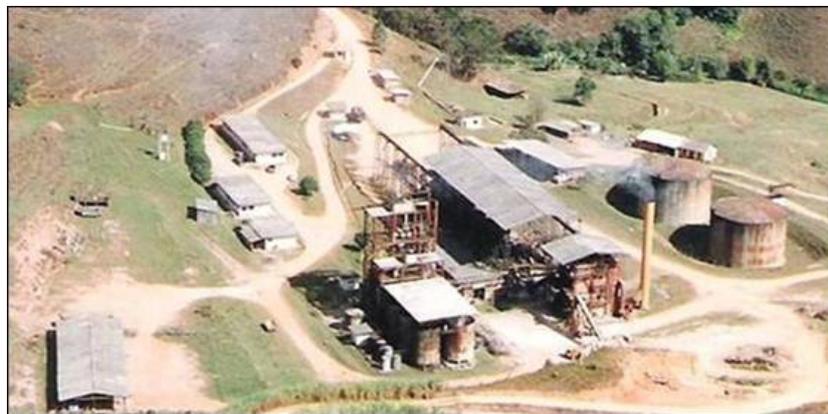


Figura 06 – Destilaria Junivan S/A

Fonte: Osvaldo Heleno

Atualmente, a destilaria produz de 500.000 a 600.000 litros de álcool/ano, que é vendido para distribuidoras de Belo Horizonte, associadas da Petrobrás¹¹⁶. A cana utilizada para a produção do álcool é quase que exclusivamente cultivada pela própria destilaria.

Pequenas indústrias de moda, derivados de leite, móveis, serralheria, alambiques e artesanato também contribuem com a economia e absorvem parte da mão-de-obra no município. No entanto, muitas dessas pequenas empresas vivem na informalidade, sem registro na junta comercial, o que impossibilita a averiguação dos dados de crescimento econômico nesse setor.

O comércio varejista oliveirense contribui muito para toda a economia local e regional. Atualmente são mais de 55 estabelecimentos¹¹⁷ comerciais legalizados, mas sabe-se que também há muitos na informalidade dentro do município, nos quais são comercializados os mais diversos itens de consumo. Os comerciantes de Senhora de Oliveira também se fazem presentes na região, seja com filiais de seus estabelecimentos em cidades vizinhas ou mesmo na distribuição de produtos, como é o caso da FEMSA, distribuidora da Coca-Cola, que possui

¹¹⁶ Zélia, secretária administrativa da Destilaria Junivan. Entrevista concedida à autora em 20 de março de 2008.

¹¹⁷ SIAT (Serviço Integrado de Apoio Tributário) da Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira. Dados referentes a dezembro de 2007.

representação em Senhora de Oliveira sob a Razão Social denominada Tico-Tico, que emprega 11 funcionários.

O setor de serviço também está presente na economia de Senhora de Oliveira gerando trabalho para a população e renda para o município, em certos casos com repercussão nas cidades vizinhas. Dentre os vários serviços prestados, podemos ressaltar os oferecidos pela Universidade Metropolitana de Santos (Unimes) que oferece na unidade de Senhora de Oliveira os cursos a distância de bacharelado de Administração de Empresas e Ciências Contábeis, Licenciatura em Física, Química, Biologia, Letras, Artes, História e Matemática. No primeiro ano de funcionamento em 2007, havia um total aproximado de 115 alunos matriculados, dos quais 65 eram oriundos de cidades vizinhas, movimentando a economia e projetando o universo simbólico em discussão em toda a região¹¹⁸.

2.4.3 Associações e Ongs

O terceiro setor da economia, representado pelas associações e organizações não- governamentais (ONGs), se mantém como agente relevante no cenário econômico e social. A existência deste setor em Senhora de Oliveira é ainda pequena e recente, mas já começa a desempenhar seu papel no município, apesar das inúmeras dificuldades que têm surgido para desenvolver suas atividades.

A formação das associações, às quais as pessoas se unem em grupos de trabalho, com finalidades diversas e objetivo único, numa união de forças e ideais comuns para realização de projetos em benefícios de muitos, em Senhora de Oliveira se deu a partir de meados de 1994. Inicialmente, foram formadas as “associações de produtores agrícolas”¹¹⁹ das comunidades rurais de Prudentes, Santana, Ribeirão, Casinha e Aranhas. No entanto, as comunidades perderam suas associações, não

¹¹⁸ Mariza Silva Souza, coordenadora do Telecentro e coordenadora geral da Faculdade Virtual da Unimes- unidade Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 05 de abril de 2007.

¹¹⁹ A associação dos produtores agrícolas fomentava os pequenos latifundiários e lavradores na agregação de valor de cultivo e criação dos mais diversificados elementos oriundos da terra e da natureza.

conseguiram dar prosseguimento aos trabalhos devido à falta de organização burocrática e por ser a associação uma entidade sem fins lucrativos, que objetiva o benefício da comunidade, tendo sido a sobrevivência nesse caso inviabilizada por falta de voluntários para administrá-las. A única que conseguiu sobreviver foi a do Aranhas, que a despeito de todas as dificuldades permanece com suas atividades em pleno exercício.

A associação dos produtores rurais da comunidade dos Aranhas vem sobressaindo com uma forte gestão, que mantém toda a documentação em dia e está totalmente legalizada. Tem conseguido com isso beneficiar o município de forma mais abrangente, fator responsável pela inserção social do Telecentro como também a implantação prevista de uma rádio comunitária legalizada. Além disto, também contribui para a legalização da instituição filantrópica Lar Maria da Cruz, antiga Casa de São Vicente, que abriga idosos e doentes crônicos de todo o município.

A AOST – Associação dos Oliveirenses sem Teto iniciou os trabalhos com recursos provenientes de um bazar beneficente promovido para esse fim. O intuito desse grupo é atuar na construção e reforma de moradia para necessitados. Sobrevive também de fundos vindos da sociedade local e convênio com a prefeitura. Atualmente tem suas atividades paralisadas por motivos inerentes à vontade dos participantes.

A ABENSO – Associação Beneficente de Senhora de Oliveira, composta por oliveirenses residentes em Belo Horizonte e outras cidades, tem como objetivo alcançar benefícios sociais e culturais. Foi responsável pela construção do primeiro velório a existir na cidade, já inaugurado em 02 de novembro de 2007.

A Associação Pró-Vida em Ação evidencia e valoriza a cultura negra, que engloba uma infinidade de coisas locais, promovendo orgulhosamente a beleza do folclore e das tradições como os encontros de bandas de congado, que são descritas no próximo sub-capítulo: *A tradição festeira em Senhora de Oliveira*. A Pró-Vida também dá apoio a outras associações se oferecendo como núcleo, num sistema de parceria que incentiva a valorização do ser humano como cidadão pelos movimentos de reivindicação de direitos e reconhecimento de deveres.

No meio ruralista uma associação de pequenos produtores prioriza a assistência à comercialização de leite assim como a viabilidade de melhorar sempre a qualidade do rebanho leiteiro. A formação desta as-

sociação permitiu atender às exigências da empresa consumidoras do leite produzido no município, bem como a instalação dos “tanques de resfriamento de leite” nas comunidades rurais de Casinha, Água Espalhada, Ribeirão, Felipe Alves, Lamas, Prudentes. Estes tanques permitem o depósito do leite por vários dias até o recolhimento pelo caminhão da empresa de Laticínio DeMinas, localizada na cidade de Paula Candido, sem que o leite perca suas propriedades e qualidade. Atualmente a associação produz 672.373 mil litros de leite anualmente¹²⁰.

O desejo de criar um grupo com o intuito de buscar apoio é também o desejo de cafeicultores do município, uma vez que uma associação movida em prol de um único interesse viabiliza soluções para projetos diversos que beneficiam toda a classe, indo desde melhores condições de preço para venda do café até a exportação do produto. Esta associação ainda está em fase de discussão, mas já é muito aguardada pelos produtores da região.

A máxima de que juntos o povo fica mais forte tem sido verdadeira para algumas associações em Senhora de Oliveira, nas quais histórias de conquistas passam a ser contadas mais vezes, apesar das dificuldades encontradas durante a trajetória de lutas. Nesse caminho, as comunidades rurais estão agregadas ao município, oferecendo aquisições que contribuem para melhorias econômicas, sociais e culturais, o que indica uma situação de projeção da comunidade, nesse caso, caminhando para uma questão de cidadania e modernidade.

2.5 O acervo e patrimônio histórico-cultural

O Patrimônio Cultural é a soma dos bens culturais de um povo sob o legado de valores a gerações futuras, o que confere a identidade local para a comunidade pela continuidade histórica. Ele se constitui desde bens imateriais como uma expressão musical ou uma memória oral, a bens materiais que são subdivididos em dois grupos: bens móveis que correspondem à produção pictórica, escultórica, material ritual, mobiliário e objetos utilitários; e bens imóveis que são os edifícios e seus

¹²⁰ Emater de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 03 de abril de 2007.

entornos, incluindo núcleos históricos e conjuntos urbanos e paisagísticos, imprescindíveis para estudos de referências étnicas e cívicas da comunidade local.

A preservação de um patrimônio cultural é feita pelo interesse da própria comunidade manifestado sob forma de inventários e pesquisas realizadas por órgãos de preservação que objetivam desde o cadastro do bem até seu tombamento. A conservação patrimonial corresponde desde o estabelecimento de normas urbanísticas e leis municipais de uso de solo até a política tributária para a preservação da memória cultural.

O tombamento é um meio legal a título de ato administrativo cuja competência é feita sob o Decreto-lei Nº 25/37, ao Poder Executivo. Por meio do tombamento ao bem cultural, são atribuídos valor e reconhecimento sob um regime especial de proteção. O tombamento do bem não implica perda de propriedade e nem seu “congelamento”, pois o bem poderá ser vendido, comprado ou alugado, porém quaisquer modificação física será realizada mediante autorização prévia e acompanhamento técnico do órgão competente.

O processo de tombamento consiste em ações seriadas processuais que culminam com a inscrição do bem em livros de tombo, de forma a legitimar juridicamente a proteção instaurada sobre o bem.

Em Senhora de Oliveira, no livro de tombo da prefeitura municipal constam três bens caracterizados pelo patrimônio histórico e cultural sujeitos à proteção especial de acordo com a Lei Municipal 701/2001, que são: a Igreja Sagrado Coração de Jesus, a Imagem Nossa Senhora da Conceição e a Praça São Sebastião. Faz-se necessário frisar que a nova igreja matriz não se impõe como bem a ser tombado devido à sua arquitetura moderna, sem maiores detalhes relevantes a tal titulação, com exceção do Memorial Pe. José Justiniano Teixeira, localizado em seu interior, inscrito na listagem dos bens inventariados, os quais serão detalhados adiante.

A Inscrição Nº 1 corresponde à Igreja Sagrado Coração de Jesus (Figura 07) e os bens inseridos no perímetro de tombamento por seu valor histórico, artístico, cultural e religioso, conforme especificado no Dossiê de tombamento.



Figura 07 – Igreja Sagrado Coração de Jesus

A igreja do Sagrado Coração de Jesus foi construída entre os anos de 1927 a 1931 sobre as ruínas da velha matriz de Nossa Senhora de Oliveira, a qual tinha sido edificada no primeiro quarto de século XIX. A atual igreja do Sagrado Coração de Jesus até a década de 70 se chamava Matriz Nossa Senhora de Oliveira, mas com o crescimento populacional da cidade houve a necessidade de edificar uma outra matriz, a qual foi construída na Praça Padre José Justiniano Teixeira e a partir daí a antiga matriz passa a se chamar igreja do Sagrado Coração de Jesus.

A Inscrição N°2 corresponde à Imagem de Nossa Senhora da Conceição (Figura 08) que se encontra na casa paroquial, na Praça José Justiniano Teixeira, n° 90, Centro de Senhora de Oliveira, por seu valor histórico, artístico, cultural e religioso, conforme Dossiê de Tombamento.

Até o momento não foram encontrados registros específicos sobre essa imagem de nossa Senhora da Conceição. Segundo o inventário de proteção do acervo cultural de Senhora de Oliveira, a Imagem de Nossa Senhora da Conceição é oriunda da segunda metade do século XVIII ou início do século XIX, é feita em madeira esculpida e policromada.

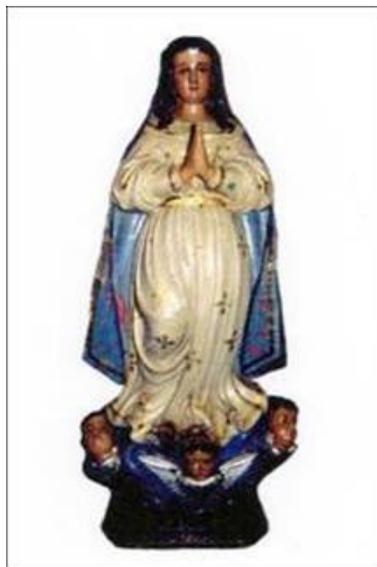


Figura 08: Imagem de Nossa Senhora da Conceição
Fonte: Acervo Cultural do Município de Senhora de Oliveira

De acordo com uma lenda existente no município, esta imagem pertencia à antiga capela da Fazenda da Oliveira na cachoeira dos peixes e foi transferida para a nova igreja, construída entre os anos de 1822 a 1824. Devido à transferência de local, a imagem sempre voltada para a capela da fazenda, até que após uma organizada procissão composta por crianças vestidas de anjos e toda a população local e com acompanhamento de bandas de música, a imagem teria decidido permanecer na igreja e desta forma a cidade se desenvolveu no seu entorno.

A Inscrição N^o 3 está relacionada ao bem cultural Praça São Sebastião (Figura 09), localizado na cidade de Senhora de Oliveira, Minas Gerais, além dos bens circunscritos ao seu perímetro de tombamento, como a Igreja Sagrado Coração de Jesus e elementos paisagísticos, urbanístico e simbólico, conforme definido no respectivo Dossiê de Tombamento, sob o Decreto n^o 242/2006.

De acordo com o Dossiê, a Praça São Sebastião está situada no local onde anteriormente era o largo da matriz de Nossa Senhora de Oliveira, edificada no primeiro quarto do Século XIX e substituída pela Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Até o ano de 1986, o antigo largo manteve

sua originalidade que correspondia a um grande vazio urbano formado por gramado com pouca arborização. Já em 1986, o prefeito da administração municipal da época, José Reis, urbanizou definitivamente o largo, criando então a Praça São Sebastião.



Figura 09 – Praça São Sebastião

Com o objetivo de dar continuidade ao inventariamento dos bens de interesse para preservação do município de Senhora de Oliveira, iniciou-se em 2003 um plano de inventário das estruturas arquitetônicas e urbanísticas, além de bens móveis integrados que por sua qualidade ou relevância histórica se destacam no município. Vale ressaltar que o inventariamento de bens não implica diretamente tombamento, pois para sua realização é necessário o consentimento do proprietário.

Entre as 62 estruturas arquitetônicas e urbanísticas que se encontram neste inventário, a maioria são fazendas, alguns sobrados e residências (Figura 10), uma capela, um bar, a casa paroquial e três igrejas.



Figura 10 – Estrutura arquitetônica: A- Residências na área urbana localizadas na praça São Sebastião, centro e B- Fazenda Santo Antônio da Boa Sorte localizada na comunidade rural da Casinha

Entre os bens móveis (Figura 11) e integrados, encontram-se 43 itens, sendo a maioria deles de caráter religioso, como imagens, terços, pinturas, altares, sinos, confessionários, castiçais, oratório, pia batismal, entre outros. Também podemos encontrar utilidades como carro de boi, carteiras escolares, para-vento, máquina de costura, sapateira e cama. Como patrimônio imaterial são destacados os benzedeiros, a Capina do Cruzeiro, o Congado mirim, a Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição e o Futebol de Várzea, além do arquivo Memorial Padre José Justiniano Teixeira, localizado no acervo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição.



Figura 11 – Bens móveis inventariados: A) Caráter religioso – Oratório; B) Utilidades – Cama e C) Patrimônio imaterial – Memorial Pe. José Justiniano Teixeira

Fonte: Acervo Cultural do município de Senhora de Oliveira

Joaquim Dias da Silva, proprietário da fazenda Santo Antônio da Boa Sorte, localizada na comunidade rural da Casinha, prescrita desde 2006 no processo de inventário para tombamento, relatou:

Eu acho importante conservar a fazenda como sempre foi e muita gente desmancha. Antigamente vinha gente de São Paulo e Rio de Janeiro e comprava as fazendas, mais ou menos 30 anos atrás, desmanchavam e levavam as

madeiras e antiguidades, portas e janelas para São Paulo e Rio de Janeiro. Nisso muita gente vendia suas fazendas quando tava meio estragada, pois a reforma ficava cara e queriam pegar o dinheiro! Tinham fazendas do tempo da escravidão.

Para mim é melhor deixar do jeito que tá, sem tombar patrimônio. Quero sossego, pois não entendo direito essas coisas de patrimônio, só sei que tá lá, mas é melhor deixar assim. Eles não vão pagar a reforma mesmo, quando precisar!...Eu mesmo vou reformando quando dá.

Para o prefeito de Senhora de Oliveira, Sebastião Araújo de Oliveira, “a prefeitura pode ajudar nas reformas do bem tombado, tendo condição proveniente da arrecadação de impostos de ICMS e de recursos do próprio tombamento. Mas primeiramente o proprietário tem que reconhecer o seu bem como história familiar e da cidade, é uma questão de cultura”.

2.6 O potencial turístico

Protegido no interior das montanhas, mais propriamente no Morro da Pimenta, o município de Senhora de Oliveira possui atrativos peculiares que compõem o seu potencial turístico, atraente a quem busca o refúgio da rotina esmagadora de grandes centros na calma e tranqüilidade de uma típica cidade de interior.

Seus encantos podem ser observados na fauna, na flora, nas mãos ágeis dos artesãos oliveirenses que transformam a palha em obras de arte, que fazem da madeira esculturas, da linha, bordados, tricôs e crochês; na bandinha de música, no congado, na arquitetura colonial exibida em fazendas e igrejas.

As igrejas retratam a religiosidade dos moradores nas inúmeras peças sacras, nos detalhes da arquitetura, no memorial do Pe. José Justiniano Teixeira, localizado na igreja matriz, onde podem ser encontrados fotos, documentos e pertences dessa importante figura da história local. A igreja matriz também abriga o alto-falante que constitui o principal veículo da informação local e é o retrato social e cultural da população.

As fazendas rurais mostram a riqueza da terra nas plantações de café, principal produto econômico local, de milho, de eucalipto, de cana-de-açúcar, nas hortas e pomares. Nelas é possível ouvir os pássaros e se deslumbrar com a constelação de estrelas no céu. Acordar com o galo cantando e dormir ouvindo a seresta da natureza. Outras maravilhas estão no ato de tirar o leite da vaca e apreciar a fabricação de queijos, no bucolismo das cavalgadas, no entardecer à beira do fogão à lenha ouvindo “causos mineiros”. As fazendas também levam ao visitante o sabor da típica culinária oliveirense e a tantas tradições mantidas ao longo dos tempos.

No meio rural também se pode ver o plantio da cana-de-açúcar, matéria-prima dos alambiques na produção artesanal da tradicional cachaça mineira, tão apreciada pelos moradores e visitantes em diversas ocasiões nos botecos e nas residências da cidade. Além da produção de cachaça, o visitante pode se deliciar com uma boa garapa¹²¹ durante a fabricação da tradicional rapadura nos engenhos.

Para os apreciadores de caminhadas, Senhora de Oliveira dispõe de trilhas que levam os visitantes até o alto do Cruzeiro ou à Torre, de onde é possível uma vista privilegiada da cidade. Também existem muitas cachoeiras com paredões de pedra e diversas quedas d’água que formam piscinas naturais com volume de água considerável, podendo ser observado nas denominadas: Cachoeira de Água Espreada ou Fubá, Cachoeira da Posse, Cachoeira do Arimatéia, Cachoeira do Edmundo, Cachoeira do “Juca Cachoeira”, Cachoeira do Quilombo, Cachoeira do Xopotó e a Cachoeira dos Peixes que hoje possui em suas margens a destilaria de álcool.

No universo simbólico em discussão se desenvolve um ciclo de festas tradicionais com características peculiares que são uma atração à parte cujo calendário será apresentado no próximo capítulo: Festa de São Sebastião, Enterro do Zé Pereira e subsequente carnaval, Semana Santa, Exposição Agropecuária, Festa da cidade, Festa da Padroeira, Festa do Rosário e Capina do Cruzeiro.

Desta forma, os atributos particulares deste contexto de sociabilidades se integram em dois circuitos: o Circuito Turístico de Villas e Fazendas e o Circuito Turístico da Estrada Real. Isso só foi possível a partir da criação dos mais variados circuitos turísticos dentro do estado e

¹²¹ Garapa é o suco extraído da cana.

foi uma iniciativa da Secretária de Turismo de Minas Gerais (SETUR). A SETUR vê o circuito turístico como uma possibilidade de integração entre municípios de uma mesma região com afinidades culturais, sociais e econômicas em prol do desenvolvimento da atividade turística de forma sustentável consolidando uma identidade regional.

O agrupamento do circuito turístico tem como missão a identificação da atividade turística sob o aspecto afinidade, complementação ou a localização num raio de 100 km e a mobilização da iniciativa privada, da comunidade e do poder público do município em questão. Com o conhecimento da identidade comum regional em cada município integrante, ocorre a definição do circuito turístico e da entidade gestora do circuito, a qual pode ser uma Associação, ONG ou Agência de Desenvolvimento. A entidade gestora é responsável pela elaboração de estatuto e do regimento interno para registro. Esta, por sua vez, caracteriza-se por uma entidade sem fins lucrativos constituída por membros da sociedade civil, do poder público e um gestor subordinado à diretoria, com autonomia administrativa e financeira, sendo mantida com as taxas de adesão, com as contribuições mensais de seus membros participantes e respectivas prefeituras.

Dentre esses agrupamentos turísticos, o Circuito Villas e Fazendas, parceiro do Circuito Estrada Real, foi criado em novembro de 2001 com a intenção de fomentar e incentivar o desenvolvimento do turismo em Minas Gerais, pela existência vasta de fazendas coloniais edificadas no século XVIII e XIX, as quais abasteciam a região mineradora na época do ciclo do ouro. Próximas a essas fazendas foram surgindo vilas, que deram origem às atuais cidades que compõem o circuito: Carandaí, Catas Altas da Noruega, Conselheiro Lafaiete, Cristiano Ottoni, Itaverava, Queluzito, Lamim, Ressaquinha, Rio Espera, Santana dos Montes, São Brás do Suaçuí e nosso foco de estudo, Senhora de Oliveira.

O Circuito proporciona ao visitante a inserção em cidades, vilas e fazendas com cenários campestres, onde é possível reviver um pouco da história e cultura local evidente nas festas típicas, na culinária, no artesanato, na música e na religião, nas marcas deixadas pela Inconfidência Mineira, Guerra dos Emboabas e Revolução Liberal nas trilhas do Ciclo do Ouro e da Estrada Real (Figura 12). Um turismo ecológico de qualidade com a hospitalidade mineira e muito conforto. Diante disso, o visitante poderá se hospedar nas diversas opções de pousadas

e hotéis-fazenda onde encontrará espaços mais voltados para adultos ou crianças, com terapias holísticas, flora e fauna preservadas. Poderá fazer passeios em trilhas a cavalo, de bicicleta ou a pé, banhar-se em cachoeiras, piscinas naturais e artificiais, além de visitar as cachaçarias, alambiques, engenhos e museus.



Figura 12: Mapa da Estrada Real com a localização de Senhora de Oliveira
Fonte: www.estradareal.org.br. Acesso em 26 jan. 2008.)

De mesma forma, o Circuito Turístico Estrada Real é um meio uti-

lizado para retratar os caminhos percorridos pelos colonizadores na busca pelo ouro em Minas Gerais até o litoral, desde a descoberta, no século XXII, até o cessar da procura. O circuito da Estrada Real revela muito da história, cultura e belezas naturais, em que homens e mulheres de ordem sociopolíticocultural variada, na busca por sobrevivência e construção de bens, deixavam memória em suas trajetórias de vida. A Estrada Real oferece atrações para o ecoturista e amantes da história, visto que o turismo constrói um sistema de significados estabelecendo relações entre o passado, a paisagem, os costumes e a realidade de turistas que buscam entretenimento.

O Circuito Estrada Real proporciona ao turista um amplo conhecimento de cultura pelos seus próprios sentidos, que por sua vez verificam o que foi iluminado e o que foi deixado à sombra em cada momento do roteiro, da viagem pelas várias localidades do percurso. Nessa viagem é possível ver riquezas como um centenário chafariz em determinada cidade, de participar de uma festa religiosa em outra, ou de comer um pastel de angu ou cochilar num banco de varanda de uma fazenda. Aventuras de cotidianos diferentes ao do turista são experiências a que se propõe o Circuito da Estrada Real, numa construção cultural. Também é possível reviver os passos percorridos pelos escravos, pelo ouro, pela história, que se constituem em vias de acesso, pontos de parada, cidades e vilas que se formaram com o tempo, com o passar dos homens.

Inicialmente, o circuito ligava a antiga Vila Rica, hoje Ouro Preto, ao Porto de Paraty, no Estado do Rio de Janeiro. Houve a necessidade de uma nova via, mais segura e rápida para o porto da cidade do Rio de Janeiro, que passou a ser chamada de “caminho novo”, assim a rota de Paraty passou a ser o “caminho velho”. Posteriormente, a estrada se estendeu até o Arraial do Tejuco, atual cidade de Diamantina, a partir da descoberta de pedras preciosas na região do Serro, o que fez de Ouro Preto o centro de convergência da Estrada Real. Deste modo, formou-se o complexo da estrada real, o qual possui mais de 1400 km de patrimônio composto de montanhas, natureza, cultura e muita arte em que o passado do Brasil e de Minas é revivido por meio da história.

Apesar de o município em discussão fazer parte desses dois importantes circuitos de turismo, as iniciativas para implementar o turismo no contexto em questão ainda não são significativas. De acordo com o

site da Estrada Real, o órgão responsável pela gestão do turismo local seria o Setor de Cultura ou o Departamento de Educação da Prefeitura Municipal. Segundo o mesmo site, até 2003 não havia sido criado o Conselho Municipal de turismo, o plano municipal de turismo, o fundo municipal para desenvolvimento de turismo e não havia inventário da oferta turística, assim como a pesquisa da demanda e nem calendário de eventos locais.

Em entrevista com o prefeito do município, Sebastião Araújo de Oliveira, com relações às informações coletadas no site da Estrada Real e os projetos turísticos de Senhora de Oliveira, foi relatado:

De fato, é importante um calendário turístico para o município e não é uma coisa difícil de fazer. É importante criar as condições para o turismo e não está sendo feito. É preciso ter um plano, mesmo que a longo tempo. No momento, a cidade não oferece infra-estrutura, mas há projetos.

O turismo rural pra nós aqui é o mais importante, temos maior potencial, porém também não há um preparo. O município vai caminhando devagarzinho em busca desses objetivos.

Tinha que criar um jeito de chamar a atenção de mais turistas com o marketing turístico, cada um investindo um pouco, criar uma condição dentro do que já existe aqui, seja uma cachoeira, um cafezal, um passeio de trilha. Cada um oferecendo um pouquinho que tem, uma propriedade bonita, enfim ainda não há essa cultura de pensar no turismo. Esse assunto foi despertado há pouco tempo, mas temos que oferecer uma condição mínima nesse intuito, é preciso primeiro criar a parte de infra-estrutura. Não há como fazer um investimento maior por questões de verba, pois o município não tem uma arrecadação que permita um investimento grande neste assunto.

No contexto analisado, o potencial turístico é compreendido pela autora como um valor agregado em um universo simbólico, representado por esse estudo pelo alto-falante, que possui uma cadeia comunicacional que ordena o comportamento da comunidade local. Diante da questão, a visão turística coletiva corresponde a uma homogeneidade

ideológica e identitária manifestada sob a reação a cada anúncio propagado pelo veículo, observando-se a resistência popular ao processo de aculturação frente às mudanças que possam afetar a tradição. Sendo assim, o potencial turístico existe, e tais características são veneradas pelos habitantes da região, mesmo que não haja preocupação ou intenção destes habitantes em explorar tais valores.

O turismo para muitos especialistas é uma grande fronteira econômica da atualidade, pois as indústrias relacionadas às atividades turísticas são uma das que mais crescem em todo mundo e se constituem considerável oportunidade para a geração de renda, principalmente para os pequenos municípios. No entanto, é necessário empenho e iniciativa na tomada de decisões que objetivem tornar um potencial turístico em uma realidade turística, que muita das vezes não passa apenas uma decisão política, mas sim do envolvimento de toda a sociedade em questão, o que também não surtiu efeito nas cidades vizinhas ao nosso foco de estudo.

3 A TRADIÇÃO FESTEIRA E A LINGUAGEM DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM SENHORA DE OLIVEIRA

O subjetivismo indica a identidade cultural em Senhora de Oliveira não só por meio de critérios, pois a identidade é baseada em oposições que remetem às condições impostas por uma sociedade dentro dos sistemas simbólicos. Esta identidade, sendo do âmbito da representação, não se constitui uma ilusão, trata-se de um fenômeno verdadeiro, que parte do interior da coletividade, em comunidades compartilhadas, em contextos sociais.

Desta forma, identidade não é cultura como produto e sim o que é criado pelas pessoas nos seus universos pessoais, uma forma de distinção por meio de uma cultura específica, em que são atribuídos significados e simbologias numa individualização, embora esteja relacionado a uma identidade coletiva.

No Brasil, há uma grande diversidade cultural distribuída em inúmeras regiões, onde suas manifestações mostram-se espontâneas e extremamente criativas. Sendo assim, a cultura popular presente no país é originária de quatro fontes principais: da cultura negra, portuguesa e indígena, posteriormente da cultura do imigrante. Cada região manteve a cultura original ou a adaptou dentro da tendência de aculturação, de modos diferentes, o que leva em consideração o processo de desenvolvimento urbanístico em cada área geográfica.

A cultura negra surgiu em dois focos principais: na Bahia e no Rio de Janeiro. Está também presente no restante do Nordeste e em Minas Gerais, na culinária, nos costumes religiosos, na música e na dança. Refletindo sobre o universo em discussão, a cultura negra mostra-se presente no congado e suas danças, nas músicas, nos blocos de carnaval e na culinária.

Já a cultura indígena mostra-se sutil pelo fato do curto alcance em contraste com culturas mais fortes, porém é ainda viva na culinária, na música e em manifestações quase extintas como os caboclinhos do nordeste. Em Senhora de Oliveira, as origens indígenas podem ser observadas no nome originário da cidade, Piraguara, assim como a própria

história local que retrata a existência indígena na região, marcando um passo habitacional, além da manufatura de artefatos em palha.

A cultura portuguesa surgiu principalmente no sul do país, devido à freqüente chegada de imigrantes no século XX. São comuns em muitos estados, colônias aglomeradas com integrantes de diversas regiões de Portugal, com o intuito de manter sua cultura, principalmente o canto e a dança. A presença da herança portuguesa é vista na culinária, o que é fato também em Senhora de Oliveira, onde os doces, as guloseimas enfatizam a origem lusitana.

As regiões do Brasil que mais receberam imigrantes foram o estado de São Paulo e os estados do sul do país. Após a abolição da escravatura, destacamos os italianos, os japoneses e os alemães, que vieram na busca de um sonho e de uma oportunidade de trabalho, que por sua vez era abundante. No entanto, o contexto simbólico pesquisado não apresenta característica destes povos na cultura local.

Sendo assim, as culturas populares guardam tradições herdadas nas muitas formas de representações coletivas, que são agregadas de valores estéticos e simbólicos, em que se observam origens transregionais e pluriculturais, marcando as diversidades culturais no país.

As culturas populares são retratadas em suas tradições que podem ser observadas na culinária, nos rituais de devoção, na música, na dança, no teatro, no artesanato, nas brincadeiras, nas peladas de futebol e nas muitas manifestações coletivas. Essas manifestações possuem valores simbólicos agregados em que se notam a origem e a cultura que explicitam a diversidade do país.

Em se tratando de manifestações culturais populares, há um certo prestígio do brasileiro em relação às festas, uma vez que despertam a participação de comunidades de diversas regiões, permitindo a articulação das muitas formas de identidade dentro dessas culturas, que ao mesmo tempo acabam sendo remodeladas, ressignificadas.

3.1 Tradição festeira: um calendário da vida social

Para o homem, a festa possui um significado tão relevante como o ato de comunicar e viver em sociedade, pode-se dizer que não há sociedade

humana sem festas. A festa é a busca da identidade, num reencontro histórico-cultural, numa forma representativa do ato comunicativo e coletivo.

As festas proporcionam uma recuperação do equilíbrio, uma construção sólida da identidade cultural e oferecem à comunidade o sentimento de integração, de conscientização e pertencimento com os fundamentos de origem, as raízes históricas, tradições e valores. Além do mais, as festas têm a capacidade de gerar renda e movimentar a economia dentro de um tempo delimitado. O tempo festivo oferece uma espécie de fuga ao cotidiano para uma inserção na alegria, na dança, no jogo, na música, na criatividade cultural, na tradição conservada por meio de um calendário festivo anual.

Senhora de Oliveira, como muitos municípios do país, é marcado pelas manifestações culturais, muitas festas, formas diversas que a comunidade aprecia para se divertir e interagir uns com os outros, numa busca por lazer que por sua vez se constitui em tradição.

Objetivando a participação ativa nos festejos (Quadro 01), a população não mede esforços para se fazer presente, para tanto, utiliza todo tipo de transporte disponível, o que vale ir a pé ou de carona. Importante é estar presente e participar dos eventos, além de opinar na hora dos comentários nas rodas de bate-papo entre parentes, vizinhos e amigos.

Quadro 01
Calendário Festivo de Senhora de Oliveira

FESTA	DATA	ORGANIZAÇÃO
São Sebastião	20 de Janeiro	Igreja Católica
Carnaval	Fevereiro	Prefeitura Municipal
Semana Santa	Março-Abril	Igreja Católica
Exposição Agropecuária	Abril	Prefeitura Municipal
Festa da Cidade	Junho	Prefeitura Municipal
Festa da Padroeira	08 de Setembro	Igreja Católica
Festa do Rosário	Outubro	Igreja Católica
Capina do Cruzeiro	24 de Dezembro	Comunidade

No dia 20 de janeiro acontece a festa de “São Sebastião”¹²²; santo querido e admirado pelo devoto povo de Senhora de Oliveira que a ele rende grandiosa homenagem. A festa acontece com apresentação de congado, cavalgada, bênçãos para os cavaleiros, barraquinhas de artesanato e de comércio variado, comidas típicas e leilões, além de shows em praça pública, concursos de charretes enfeitadas, campeonato de ciclismo e bênçãos a todos os participantes. Nessa festa, o povo oliveirense se une à igreja com doações de bezerros, galinhas, porcos, outros pertences, dinheiro e serviços destinados aos leilões e barraquinhas cuja renda será revertida ao uso da paróquia para fins sociais.

A festa de São Sebastião mantém uma antiga tradição local, na qual são retratadas a coragem, a justiça, a verdade, a honestidade e o cumprimento do dever, fortaleza da postura moral e fidelidade no cumprimento da missão, por meio de homenagens ao santo em questão. As dádivas do santo católico servem como exemplos a serem seguidos pelo homem, o que transparece na movimentação comunitária em prol da organização da festa, da arrecadação antecipada de donativos para sua realização, assim como a intensa ansiedade às vésperas da data festiva, podendo ser observada nas rodas de conversa.

O carnaval é uma festa de grande importância diante do caráter homogêneo das sociabilidades e tradições ordenadas na realidade pesquisada, cujas peculiaridades possuem um sentido de troca simbólica na coletividade. Neste universo, todos os anos, devido à importância da

¹²² Conta a história que São Sebastião, nascido em Milão, foi um mártir e santo cristão morto pelo imperador romano Diocleciano. A origem de seu nome vem do grego “sebastós”, que significa divino. Sebastião teria sido um soldado do exército romano na época de 283 depois da era comum. O imperador, ignorando tratar-se de um cristão denominou-o Guarda Pretoriana, que era uma espécie de guarda pessoal. A conduta de Sebastião com os prisioneiros cristãos era branda, o que fez com que o imperador o considerasse um traidor, e ordenou que fosse executada sua morte por meio de flechas, o que acabou se tornando símbolo, ou ícone de São Sebastião. Sebastião, ainda assim, resiste, mas é atirado ao rio por acharem que estava morto. Em alguma margem foi encontrado e socorrido por Irene, uma cristã. Mas acabou sendo levado novamente a Diocleciano, que ordenou que o espancassem até a morte, o que não aconteceu e então o mataram com boladas de chumbo. São Sebastião é considerado protetor da humanidade contra a fome, a guerras e as epidemias e isso justifica a presença quase obrigatória de sua imagem em igrejas católicas da era colonial e capelas. Site: www.wikipedia.org/wiki/S~ao_Sebasti~ao. Acesso em 14 de junho de 2008.

festa para a comunidade, há demanda de anúncios no alto-falante solicitando reuniões de encontros de grupos foliões no intuito de se agrupar para uma apresentação de blocos, ou para organizar despesas de alegorias, visto que a comunidade considera esses anúncios de utilidade pública, obedecendo ao interesse coletivo.

Alguns estudiosos acreditam que as festas de carnaval têm suas origens nos cultos feitos pelos povos antigos para louvar e agradecer as colheitas agrícolas de uma determinada região européia. Mas, para outros historiadores, teria surgido o carnaval, no Egito, com festas, danças e máscaras.

Apesar de não se saber ao certo a procedência dessa comemoração festiva, é fato que o carnaval sempre esteve presente na vida do homem, ao longo dos tempos, em seu processo de evolução. O carnaval manteve suas tradições originais em muitas regiões do Brasil. Em algumas regiões, as pessoas saem nas ruas em ritmo de frevo, maracatu. Em outras, existem os trios elétricos, embalados por músicas dançantes, além dos blocos de rua.

Em Senhora de Oliveira, o carnaval começa uma semana antes da data oficial com o bloco Zé Pereira (Figura 13) e termina com a festa propriamente dita, que inclui o desfile de carros alegóricos, de adultos e crianças, que arrastam multidões de irreverentes foliões e seus blocos pelas ruas estreitas da cidade, ao som da tradicional bandinha de música e suas marchinhas de carnavalescas.

Antecedendo o carnaval de Senhora de Oliveira, sai às ruas o bloco do Zé Pereira, cuja história tentaremos expor.

“Zé Pereira” ou José Nogueira de Azevedo Paredes foi um sapateiro português, que em 1846, no carnaval, saiu às ruas do Rio de Janeiro, com amigos, ao som de bumbos, tambores e zabumbas. O Zé Pereira viraria peça teatral de estilo cômico, em 1869 pelo ator Francisco Correia Vasques (1839-1892)¹²³. O mito de sua morte, diz que Zé Pereira ficou muito doente antes do carnaval e pediu à sua esposa, família e foliões que não chorassem e que seguissem o festejo normalmente. Não tendo sido encontrado nenhum registro de data, o fato deu origem então ao “bloco do enterro do Zé Pereira” em Senhora de Oliveira. Esse bloco é marcado pela presença de grandes bonecos com pernas-de-pau,

¹²³ Site: <http://www.miniweb.com.br/cidadania/Dicas/carnaval>. Acesso em 14 de junho de 2008.



Figura 13: Bloco do Zé Pereira no carnaval de Senhora de Oliveira
Fonte: Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira

representando a viúva, os filhos e o protagonista da festa, o próprio Zé Pereira e que seguem dançando ao ritmo das músicas da bandinha local. No bloco há sempre um folião fantasiado de padre para encomendar a alma do falecido representado em um caixão com ossos de boi ou boneco de pano, simbolizando o Zé Pereira morto. Logo após esse enterro simbólico, dá-se abertura oficial do carnaval.

O carnaval em Senhora de Oliveira (Figura 14) é caracterizado por blocos com fantasias improvisadas ou “abadás.”¹²⁴ Muitos se fantasiam isoladamente mostrando todo o seu poder de criação, aparecendo fantasias alusivas aos personagens políticos de conhecimento do momento (Fernando Collor, Osama Bin Laden, Lula), animais, monstros, noivas, freiras.

Mesmo com poucos recursos, a decoração dos carros alegóricos e os figurinos dos seus componentes mostram que a criatividade está pre-

¹²⁴ Abadá: nome que se dá a camisetas uniformizadas que identificam os blocos carnavalescos na cidade de Senhora de Oliveira.

sente no carnaval de Senhora de Oliveira. A Prefeitura Municipal se encarrega de shows musicais com bandas que se apresentam após a passagem dos carros alegóricos, da bandinha e dos blocos, como também a decoração da cidade fica por conta dos recursos públicos. Nessa festa, crianças, jovens, adultos e idosos participam em meio à multidão numa cumplicidade de alegria mútua, muitas vezes manifestada até dos alpendres das casas.



Figura 14: Carnaval em Senhora de Oliveira: A – carnaval das crianças; B – bloco de homens vestidos de mulheres; C – bloco Nega Maluca; e D – show na praça

Fonte: Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira

Outra grande festa dentro das tradições culturais é a Semana Santa que compreende o Domingo de Ramos até o Domingo de Páscoa. É uma festa móvel, pois a data a ser comemorada depende do ano litúrgico católico, quando os cristãos celebram o mistério da paixão, morte

e ressurreição de Cristo. No Domingo de Ramos, a procissão composta de fiéis que levam ramos de plantas diversas como ciprestes, capim santo, alecrim, simboliza a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém como rei. De segunda a quarta dessa mesma semana, os passos de Jesus ao calvário são lembrados pela via sacra. Na quinta-feira santa, a cerimônia do Lava Pés e a Santa Ceia reforçam na lembrança dos católicos a mensagem dada aos discípulos quando Jesus lavou-lhes os pés num gesto de humildade e ceando com eles ensinou a todos os mistérios da eucaristia. Durante a Semana Santa, são também abençoados os santos óleos, que serão usados ao longo do ano para a unção dos doentes. Na sexta-feira da paixão, a igreja entra em luto, pois é celebrada a morte de Cristo, quando os fiéis fazem penitências, abstinências e os jejuns mais rigorosos, lembrando a morte de Jesus. No Sábado Santo, Sábado de Aleluia ou Sábado de Alegria, acontece a solene Vigília Pascal. Cristo vence a morte e ressuscita triunfalmente no Domingo.

No universo em questão, durante toda a quaresma, desde a quarta-feira de cinzas, muitos se abstêm de carnes vermelhas. Alguns, além disso, ficam esse período sem ingerir qualquer bebida alcoólica e fumar cigarros, num gesto de penitência. Cada um escolhe de que forma deve se recolher para refletir o sentido de quaresma. Também durante esse tempo, mais especificamente às sextas-feiras, um grupo de devotos sai às ruas da cidade durante a madrugada, com compridas vestes brancas, com capuzes que cobrem também suas cabeças, entoando cantos e beneditos. São os Encomendadores das Almas que suplicam por pecadores que estão no purgatório e necessitam de orações. Nesse momento, as portas e janelas das casas devem ser mantidas fechadas, luzes apagadas e ninguém poderá vê-los.

Durante a Semana Santa, são apresentadas peças teatrais em praça pública com a participação de moradores voluntários, numa encenação da morte e ressurreição de Cristo, em representação aos passos da Via Sacra. Todos os rituais são acompanhados com muita atenção e devoção pelos moradores da cidade no decorrer dessa semana, quando até o sino tem no timbre o reflexo do sentimento da Paixão e o alto-falante propaga músicas suaves, sutis e dolorosas. Os fiéis seguem em procissões silenciosas, no intuito de sentir os passos de Cristo, vagarosos e tristes, em lenta agonia rumo ao calvário. Pelas ruas, soldados romanos, Barrabás, Pilatos, Marias, muitas mães de Jesus, Martas, Madalenas, no senti-

mento católico do povo oliveirense, expresso no emocional da tônica do vivido por Jesus Cristo.

O auge da festa acontece com a missa da ressurreição entre cantos, muitas palmas e vivas, em que a alegria renasce por mais um ano: é a grande festa da Páscoa. Neste dia há missa de Ressurreição de Cristo e a procissão do Santíssimo com o “corpo de Cristo presente na hóstia sagrada”. A cidade se prepara num todo para a procissão. Os moradores pintam as ruas com símbolos católicos, colocam bandeiras que se ligam de uma casa a outra, nos parapeitos das janelas abertas são expostas as melhores colchas presas a vasos de plantas e jarros florais, com o objetivo de demonstrar alegria e respeito pela passagem da procissão, que segue com a banda de música e seu repertório festivo religioso.

Após a Semana Santa, no mês de abril, a cidade volta a se manifestar numa Exposição Agropecuária (Figura 15), que conta com exposição de artesanato local, da agroindústria, campeonatos de gado leiteiro e eqüinos, concursos de marcha, shows e barraquinhas comerciais. Esta festa é realizada no parque de exposição municipal e é organizada pela Prefeitura Municipal, juntamente com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER – MG), visando a promover a agropecuária no município, divulgando as experiências de sucesso e as novas tecnologias para os produtores rurais.

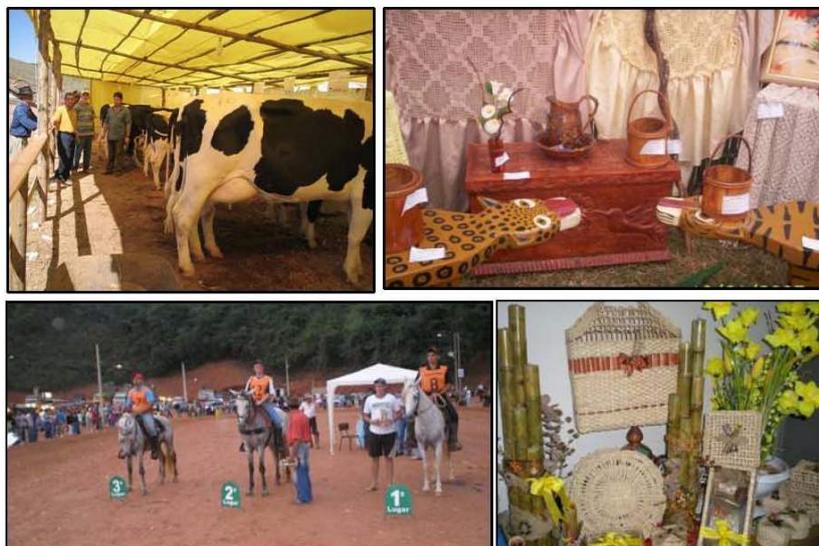


Figura 15 – Festa agropecuária de Senhora de Oliveira – MG
Fonte: Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira)

No calendário festivo de Senhora de Oliveira, o último final de semana de junho é marcado pela Festa da Cidade (Figura 16), que acontece no Parque de Exposição Municipal, com diversas barraquinhas comerciais, shows com cantores famosos e um campeonato de motocross. Esta comemoração é uma das mais famosas da região, encontrando-se pessoas de diversas cidades vizinhas. Também é a época propícia ao retorno dos oliveirenses ausentes que residem em outras cidades ou mesmo em outras regiões do país. É uma data de reencontro entre velhos amigos e parentes.

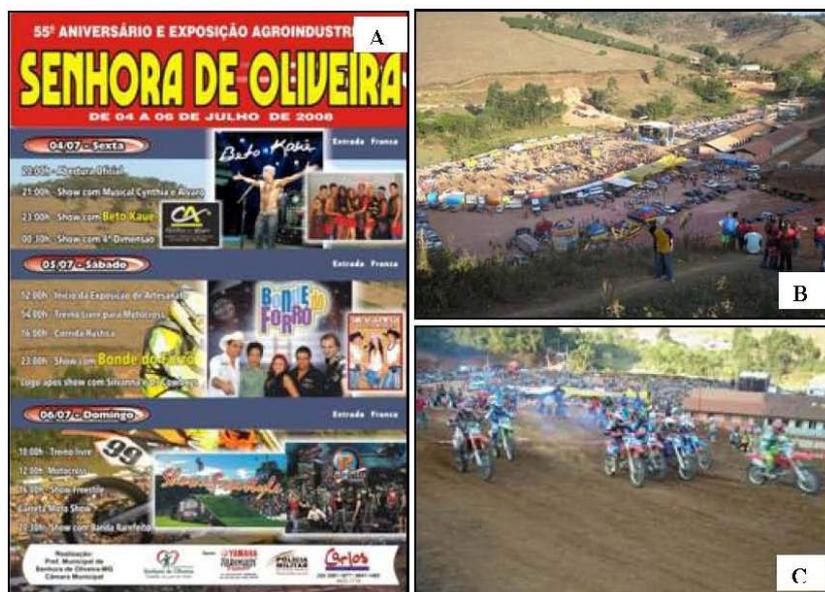


Figura 16: Festa da Cidade: A - Cartaz de divulgação do evento; B – Vista da distribuição de barracas comerciais e palco de show no parque de exposição; C – Campeonato de Motocross

Fonte: Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira

No dia oito de setembro, acontece a Festa da Padroeira (Figura 17) realizada no dia de Nossa Senhora da Oliveira. É uma festa composta por várias cerimônias católicas, dentre elas merece destaque a novena a Nossa Senhora da Oliveira, que é uma corrente de orações feita durante 9 dias. Além disto, há a carreata com a imagem da padroeira pelas ruas da cidade, com a tão esperada bênção dos carros e das motocicletas. “Apesar de esta comemoração religiosa ser relativamente recente no município, pois a primeira realização foi no ano de 1999, há um grande envolvimento da comunidade, que incorporou esta homenagem ao calendário festivo da cidade.



Figura 17 – Festa da Padroeira
 Fonte: Maria de Lourdes de Souza

Segundo relatos de Pe. Sérgio:

O Monsenhor José Justiniano Teixeira sempre manifestou grande desejo em criar o dia da padroeira e após muita pesquisa Pe. Sérgio, Monsenhor José e Pe. Agostinho que é filho da terra, reconheceram a santa Nossa Senhora da Oliveira e seu respectivo dia 8 de setembro. Com base nessas informações, que foram comprovadas por livros e documentos, recorreram junto à Câmara dos Vereadores, o Dia da Paróquia, decretando assim, feriado Municipal. A conquista foi registrada no Livro de Tombo da Igreja.¹²⁵

No mês de outubro, a comunidade comemora a Festa do Rosário

¹²⁵ Sergio Antônio Fernandez Tomaz, Pe. Entrevista concedida à autora em 14 de junho de 2008.

(Figura 18), que possui caráter religioso e influência particular da tradição africana. Esta festa, por sua vez, foi inserida na região trazida pelos escravos e é uma herança cultural mantida com cuidado pela igreja nos dias de hoje. Esse evento ganhou adeptos pela beleza de rituais e pela demonstração de força, união e cuidados dos negros em manter suas tradições, uma forma de não se desgarrarem das raízes.



Figura 18: Festa do Rosário

Fonte: A – Ledroneta Silva; B - Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira

A Festa do Rosário caracteriza-se principalmente pela presença do congado e do reinado, composto pelos reis e seus criados. Também existe a figura dos “porta-bandeiras”, responsáveis pela condução da bandeira do santo que será levantada em um mastro todo decorado. Festejada em meados de outubro, a festa do Rosário homenageia quatro santos: São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora do Rosário, sendo um santo para cada dia da festa. Nos quatro dias da festa há a “alvorada”, que é uma espécie de serenata realizada durante a madrugada pela banda de congo e pela banda de música, para agradar o rei e a rainha daquele dia, que são representados por fiéis da igreja.

A tradição, incorporada na realidade pesquisada, como necessidade inerente aos moradores, que por sua vez sobrevivem de situações inter-

nas e externas impregnadas de simbologias, identifica-se em mais um dos eventos festivos: a Capina do Cruzeiro (Figura 19).



Figura 19: Capina do cruzeiro

Fonte: Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira.

Realizada no dia 24 de dezembro, pela manhã, sempre na véspera do natal, essa tradição antiga se repete a cada ano, desde 1946, constituindo um evento importante na cidade de Senhora de Oliveira. No começo, os participantes eram impreterivelmente homens e a partir do ano de 2000 foi aberto a mulheres e crianças.

O Cruzeiro está localizado no alto de uma montanha, da qual se avista a cidade e é o marco onde acontece o evento quase em sua totalidade, pois na verdade a festa já se inicia ao pé da montanha. Os participantes, munidos de enxadas e ferramentas apropriadas para a capina, sobem limpando o mato do trilho desde a base até o terreno ao redor do cruzeiro, eliminando o mato que cresceu durante o ano anterior. Enquanto isso, quem aprecia a cachaça pode degustar essa bebida durante o trabalho da capina em mutirão. Em seguida, é realizada uma cele-

bração religiosa no cruzeiro, em que um líder comunitário, um representante informal da igreja católica, um Ministro da Eucaristia ou alguém religioso inicia uma oração e pede as bênçãos de Deus para a cidade e seus moradores. Também são pedidas graças e são lembradas as pessoas já falecidas que participaram do evento. Nessa ocasião, cada participante recebe uma camisa referente ao ano em que ocorreu a Capina do Cruzeiro. Após o evento, são estourados foguetes no intuito de avisar o término do trabalho e todos seguem para um local determinado pelo grupo, que geralmente é um boteco ao pé da montanha, onde é oferecido leitão à pururuca, churrasco, muita pinga e cerveja.

O dinheiro utilizado para a realização dessa festa é arrecadado antecipadamente em sistema de ajuda comunitária entre os próprios participantes, o que se constitui uma peculiaridade, pois a arrecadação é feita sob forma de juramento ao pé do Cruzeiro. Nesta fase, os colaboradores se comprometem a doar algo para a realização da festa no próximo ano, que pode ser um engradado de cerveja, uma leitoa à pururuca, pão, carne para churrasco, o que acharem conveniente para a ocasião. Todas as promessas juradas são registradas em papel, assinadas por cada participante e posteriormente tudo é registrado em cartório.

O Sentido religioso é fortemente marcado nas zonas rurais de Senhora de Oliveira, que também possuem festividades, das quais podemos mencionar a Festa de Santo Antônio na Comunidade Rural da Graminha; a Festa de Sant'Ana da Comunidade Rural de Santana; Festa de Nossa Senhora Aparecida, Comunidade Rural de Casinha; Festa de São Judas Tadeu, Comunidade Rural de Quilombo; Festa de Santa Bárbara, Comunidade Rural do Córrego da Bárbara; e a Festa em homenagem a Nossa Senhora Imaculada da Conceição, pois, para os Cristãos, a virgem Maria é Imaculada, foi concebida sem pecado e esta festa é realizada na Comunidade Rural de São Bento. Há ainda a festa em honra a Nossa Senhora da Rosa Mística da Comunidade Rural de Aranhas e enfim a Festa de Santa Luzia da Comunidade de Ribeirão.

3.2 Representações culturais

As manifestações populares em Senhora de Oliveira atravessam gerações ligando o passado e o presente por meio das tradições históricas, legado da diversidade cultural do início da formação desse povo, presente no congado, na corporação musical e na culinária.

3.2.1 O congado

O início da história do congado tem como ícone a figura lendária de Galanga, rei do Congo na África, que foi aprisionado com sua família depois de muito ser observado como rei bondoso, pacífico e mediador entre seu povo. Diante de todas as dificuldades, orientava seus súditos para resolução de conflitos com sabedoria, justiça e respeito. Durante a viagem para o Brasil, perdeu ainda no navio esposa e filho, depois o próprio nome de origem africana. Batizado como Francisco foi parar em Ouro Preto e nas minas de exploração do ouro ficou conhecido como Chico Rei. Muito sábio, esquecia-se da própria dor para orientar os irmãos africanos na contemplação a Deus nas coisas simples. Acreditava, Chico Rei, que dessa forma o sofrimento ficaria diminuído. Pensando assim, à noite reunia o povo em humilde agradecimento e tocando seus tambores afastava um pouco a saudade da família perdida, da terra querida, mas não lamentava a sorte, agradecia apenas a proteção dos santos. Aos que o humilhavam, ensinava-lhes o amor, o respeito e a justiça. Buscava essa força todos os dias em meditações antes do amanhecer, junto à natureza. Dentro da mata, falava com Deus em oração e voltava feliz para cumprir suas tarefas. Tornou-se o ícone do congado, pois até hoje as batidas dos tambores são festivas e de agradecimento a Deus e aos santos que os ajudam a vencer as dificuldades da vida.

Os escravos trouxeram consigo ao Brasil os rituais de toque de tambores, danças e crenças, que associados à religião católica e ao sofrimento vivido na escravidão, deram origem ao congado regional, constituindo um forte elemento de muitas festividades.

Em sua maioria, os “congadeiros”¹²⁶ são negros, uma vez que o con-

¹²⁶ Congadeiros: pessoas que dançam congo ou congado.

gado retrata em forma de beleza e de fé uma trajetória de necessidade e sobrevivência. Os congadeiros veteranos repassam a tradição aos mais jovens, que recebem sua herança cultural. As crianças crescem acompanhando as bandas de guardas de congo, logo aprendem desde cedo a linguagem dos cantos e as tradições da cultura negra.

As apresentações do Congado, geralmente são feitas em vias públicas, durante a festa do Rosário ou encontros com outras bandas, em que vestidos com roupa colorida, os componentes do grupo dançam e cantam em louvor aos santos de devoção e saúdam aos membros do reinado. Em alguns momentos da apresentação, as guardas se intercalam e entrecruzam, mostrando a beleza das cores e ritmos, que aos poucos vão se organizando para o cortejo em que cantam relembrando a fase da escravidão e a subsequente abolição. Pode ser denominado por congo, congada ou congado. O termo congo é mais usado no norte e nordeste do Brasil. Já nos termos congado ou congada, trata-se apenas de uma variação de gênero. Os guisos, latinhas e outros materiais amarrados aos pés fazem barulho durante a dança lembrando as correntes que os mantinha presos para que não fugissem. As amarras são hoje fitas coloridas presas aos chapéus, tambores e vestes. Em quase todas as cerimônias religiosas, especialmente na Festa do Rosário, o congado está presente em manifestações de agradecimento à protetora Nossa Senhora do Rosário e outros santos, como São Geraldo, Santa Edwiges, Santa Efigênia e Santo Expedito. No culto aos Santos, especialmente a Nossa Senhora, os negros sempre buscaram desde os tempos mais remotos força na fé para vencer obstáculos, travessias difíceis e para o inesperado em terras estranhas.

A missa conga, realizada somente uma vez no município, foi rezada dentro da igreja católica e esta se constituiu em representações e teve início com o pedido cantado de licença dos negros para entrar na igreja, direito que os escravos não tinham. Durante essa cerimônia, os congadeiros tocavam tambores em agradecimento aos santos protetores que os ajudaram na travessia do mar e lhes deram coragem e força até chegarem a alcançar a liberdade. Essa manifestação cultural é tradição em muitas regiões brasileiras. No ano de 2007, em Senhora de Oliveira houve apenas uma tentativa aproximada do que realmente é a missa conga no encontro das bandas de congado, realizado pelo Setor de Cultura da Prefeitura Municipal.

A lembrança do império está na pompa das vestimentas de reis, rainhas e princesas, na riqueza de adornos dourados, o que também nos lembra que, para cá vieram reis e rainhas negros, retirados de sua terra natal, deixaram seu povo e se tornaram escravos.

No universo simbólico em questão, existem duas bandas de congado: Moçambique e Marujos de Santa Efigênia. A banda Moçambique surgiu há aproximadamente 100 anos e alguns dos primeiros integrantes foram: Antônio Aleixo Cardoso e José Inácio, ambos já falecidos. A banda Marujos de Santa Efigênia existe há aproximadamente 80 anos. Ambas as bandas foram registradas no Conselho Nacional de Pessoa Jurídica e Inscrição Estadual em 29 de julho de 1990, no mesmo processo.

A Associação Pró-Vida em Ação promove anualmente o encontro de bandas de congados, que em sua 2ª edição, com o apoio da prefeitura, as anfitriãs Guarda de Marujos de Santa Efigênia, da comunidade rural de Prudentes e Banda Moçambique, da zona urbana de Senhora de Oliveira, recebem bandas convidadas das cidades vizinhas, todas muito aplaudidas pelo povo.

Em entrevista concedida à autora com o dançarino da banda de congo Marujos de Santa Efigênia (Figura 20), Geraldo Caetano de Paiva, ouvimos que há entre os trinta e três componentes do grupo o conhecimento da originalidade do congo, sua história como sendo proveniente da África, trata-se de uma questão de conscientização. Ele conta que antes eram somente negros que participavam das danças, mas hoje existem brancos também, como mostra o relato:

O congado veio da África, o pessoal moreno foi que começou a banda de congada. Cada crioulo de prudentes que começou esse negócio e aí eu, branco, entrei no meio e gostei. Se você souber bater o pandeirinho, você entra no meio e aprende o resto. As músicas são curtinhas e aí aprende logo. As crianças repetem e aprendem também.



Figura 20: Banda de congado Marujos de Santa Efigênia
Fonte: Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira

Conta Geraldo que, de acordo com a lenda da cidade, com a construção da capela em 1825, em local denominado por Pinheiros, onde hoje está localizado o município de Senhora de Oliveira, foi trazida para o local uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, que teria desaparecido no dia seguinte, tendo sido posteriormente encontrada no altar da velha capela de Cachoeira dos Peixes de onde havia sido tirada. O fato se repetiu muitas vezes e só foi possível fazer com que a imagem permanecesse em Pinheiros após ter sido transportada com festa pomposa, procissão de anjos, banda de música e fogos. Ainda, segundo Geraldo, a banda de música à qual se refere a lenda era a banda de congo e a partir daí o congado também se fixou no local.

Observamos uma assimilação da lenda histórica do município associada ao surgimento da banda de congo em questão. Esse fato ocorre pela veneração aos santos católicos, que por sua vez estão ligados à igreja. Para os integrantes do congo, é importante que a santa responsável pelo surgimento da cidade esteja também atrelada à criação da Moçambique.

Sobre a organização da banda Marujos de Santa Efigênia, Geraldo Caetano de Paiva nos conta que são feitas reuniões constantes para informar custos, acontecimentos e prestação de contas diversas. Cada integrante contribui mensalmente com uma taxa fixa de R\$12,00 para despesas da banda de congo que se compõe de presidente e vice-presidente, tesoureiro, secretário, escrivão, dançarinos e maestro.

Essa banda possui no seu quadro de instrumentos, quatro pandeiros, nove varas, trinta, um xec-xec, três caixas de centro grandes, onze caixas de contracentro pequenas, um tamborim, dois recos-recos e duas espadas utilizadas na dança.

As festas específicas de apresentação da banda são: Festa de Nossa Senhora Aparecida e Festa de Santa Efigênia, ambas pertencentes à festa do Rosário; festa de São Sebastião; festa da Padroeira da cidade; e encontro de bandas de congado. Normalmente são convidados para se apresentar em outras festas, e após a realização destas apresentações é servido um almoço para todos os componentes como forma de pagamento. Existem ensaios na véspera a cada apresentação.

De acordo com Geraldo, existem dois uniformes que a banda se utiliza nas apresentações: o uniforme azul e branco usado nas apresentações simples, o verde e amarelo para apresentações tradicionais como a Festa do Rosário. Esses uniformes acompanham faixas coloridas de crochê, capacete enfeitado com fitas de cores diversas e muitas miçangas, um crachá com o nome da banda e o retrato do integrante.

No quesito músicas ele diz:

A gente pega música dos outros, das outras bandas de congado, nos encontros de congo e a tradição é passada pras crianças. Os integrantes sabem a letra da música, mas cantam do jeito deles e todo mundo que dança responde, repete. A gente também escreve letra de música e algumas pessoas de fora, da cidade também e aí agente canta.

Algumas letras foram lembradas por ele no momento da entrevista:

*foi no tempo dos zagaio
o rei me bateu
cada chicotada que dava
meu coração doeu*

E segundo conta Geraldo que as estrofes se repetem por muito tempo.

Outra letra lembrada por ele:

*Eu vi a lua
eu vi a lua
eu vi a lua e fiquei com ela
eu vi a lua
eu vi a lua
eu vi a lua e fiquei com ela*

O dançarino Geraldo explica como são as danças e nos enfatiza que antes, na Marujos, se dançava “embaixada”, que é uma modalidade de dança conga, mas que hoje já não usam mais. Explica como funcionam as danças através do relato:

A gente dança agachado, de coque, de lado, de todo tipo, pula muito! Num certo lugar pára todo mundo, faz a roda e aí os guias cruzam e voltam pra trás. Em encruzilhadas e pontes o congo passa de ré por simpatia, assim, em vez de ir andando de frente, vai de costas. Antigamente tinha que levantar meia noite e beber água na bica e o chefe da banda benzia antes das apresentações. Hoje o chefe reza ao redor do congo para proteger e tirar olho gordo.

Na entrevista com Pedro Cardoso, presidente da banda de congado Moçambique (Figura 21), ele relatou que a banda existe em Senhora de Oliveira há aproximadamente 100 anos, desde que era somente um lugarejo denominado por Moçambique, hoje um terreno particular.



Figura 21: Banda de congado Moçambique: A – Congado adulto; B – Congado mirim
Fonte: Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira

Quem fundou essa banda eu nem sei quantos anos tem que já se foi. Na Moçambique tem o presidente e o capitão e de quatro em quatro anos é feita uma eleição para presidente e capitão, pois é uma data que o sujeito quer descansar um pouco a cabeça, pois trabalhar com o povo não é fácil não! Eu queria descansar a cabeça esse ano e o pessoal da banda não deixou, fui eleito de novo. O sujeito de idade não quebra a cabeça com menino, não coloca criança na banda e eu coloco, gente nova coloca, pois tem que ter gente nova para continuar a tradição, pra continuar.

É assim, menino agente coloca eles entre adultos. Eles já entram ali com o ritmo deles e a gente fica um mês só ensinando eles a música, a dança, tocar instrumento direitinho! O trem é feio, sô!

A gente tem em torno de vinte crianças e o padre agra-

dece a gente falando das crianças, disse que nossa Senhora do Rosário que protege nós.

Quando os meninos aprendem, eles já tão fora de sério!

Essa semana três meninos me pediram para entrar na banda, mas eu falei que tem que esperar mais um querer, porque aí eles formam pares e fica mais fácil pra ensinar.

A tradição de Nossa Senhora do Rosário é a roupa branca, mas a gente usa a capa azul. A pra São Sebastião, a roupa é vermelha. Santa Edwirges, as roupas da Santa é verde água, a nossa roupa é verde água.

Porque tem que acompanhar a tradição, não tem jeito não!

Tem música de 300 anos atrás aí só olhando pela cópia que fica com o capitão. A gente canta, pois tem o rei do meio da banda que puxa a música primeiro, ele pára e a fileira repete a letra.

A música à qual se refere Pedro trata de uma embaixada de congo que diz:

Alerta com todo cuidado hoje, hoje, hoje é seu dia do Rosário de Maria.

01-Augusto rei Monarca, Aleixo e a Comarca vai ver que gente são estas, meu fidalgo que entram por este famado sem ordem de minha real pessoa.

02-Alô, alô meu secretário, meu rei manda saber que gente são estas que entram por este coto famado, sem ordem de minha real pessoa.

03-Secretário tu digas a seu rei que nós somos gente de festa que viemos para festejar a Nossa Senhora do Rosário a Virgem Maria mãe de Deus.

04-Alô, alô, meu rei, veja como está a nossa alegria, aqui se acha gente de festa que vieram para festejar Nossa Senhora do Rosário, aquela santa que leva nós todos para o céu. Gente de festa? –Sim, senhor meu rei. Secretário diga ao secretário que as portas estarão abertas.

05-Alô, alô meu secretário meu rei manda dizer que as portas estarão abertas.

Virgem do Rosário, quantos pretos trouxe aqui para brincar? Ozimandengo o nosso negro, ó ingre, ingre, cortagingra, olé gingra, olé cortaginga.

06-Alô, alô, meu secretário, vai ver ou manda saber que gente são estas com grande buia e matinada, se for gente de festa que venha festejar a Virgem Maria Mãe de Deus, a qual eu também hei de festejar.

07-Alô, alô, meu secretário, meu rei manda saber que gente são estas com tanta buia e matinada, se for gente de festa que grite festa mais festa o qual também eu hei de gritar.

08-Secretário, pois pode dizer a seu rei que somos gente de festa o qual estamos aqui só para festejar a Nossa Senhora do Rosário, a Virgem Maria Mãe de Deus.

09-Oh rei, viva, viva o rosário de Maria. Veja como está a nossa alegria, essas são gente de festa que vieram para festejar a Virgem Maria Mãe de Deus. Gente de festa meu fidalgo, ra, ra, ra meu secretário gente de festa.

10-Secretário, tu digas a meu fidalgo que as portas estarão abertas, o coração franqueado para dançar aquela dança que os senhores brancos gostam de ver.

A mim se chame a mubuqui Joá, pai Joaquim e pai João Joá, preto de muitas maravilhas Joá, olha como ginga santo Joá, olha engana do Rosário, ó enganamim meu Sarafim, olha engana do Rosário, ó enganamim meu Sarafim.

11-Capitão de Anguarda, deixa eu assombrar esses zinegros que estou com minha idéia perturbada, meu coração permeado, ozinegro, ozicanalha vós pensas que sois mais que mim. Eu sou mais que vós todos. A vós todos há de pega-la, a vós todos há de prende-la, a vós todos há de mata-la e há de fazer um tepetim igual a

macumba de manguarda. Seu rei, vós porque se espanta? Vós não anda com mercugia, ora mercugia canam, ora seu rei a mercugia faz parte das três pessoas da Santíssima trindade, zanga não me zanga, ora seu rei, zanga não me zanga bode moxo que andario é mexicongo rei do congo, mexicongo laxo e tem mais seu rei toda essa nossa língua, faz parte das três pessoas as Santíssima trindade, já que nos assiste meu fidalgo, em nome do pai e do filho e do espírito santo. Amém.

12-Seu rei vós me dareis e licença formosa e verdadeira a mim e meus companheiros todos para fazer uma dança bem feita com a garganta bem afinada, os joelhos bem trocados, os calcanhares bem apontados para dançar aquela dança que se chama cicumbi que os senhores brancos gostam de ver, caran qui rim, todos que verem ficarão pasmados.

Envém o dia amanhecendo rompendo a sua hora, nunca vi um dia tão claro como o dia desta Senhora, aí cicumbi, aí cicumbi. Olere aí cimbi, aí cicumbi.

Rainha lá de tão longe tocando lote zipé, perguntando por toda gente a nossa festa onde é? Aí cicumbi, aí cicumbi, olere, aí cicumbi, aí cicumbi.

Eu estava terreira fazendo minhas embará, sinhá dama mandou me chamar, sinhá dama mandou me chamar, tem muito serviço e eu não vou lá, tem muito serviço e eu não vou lá, aí cicumbi, aí cicumbi, aí cicumbi.

A banda Moçambique, de acordo com o presidente, na década de 80 foi registrada na por Geraldo Tatá, na Receita Federal (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, CNPJ) e na Administração Fazendária do estado de Minas Gerais (Inscrição Estadual), mas por falta de apresentação de documentos perdeu o registro. Atualmente, com a ajuda de um advogado, está sendo cogitada a possibilidade de um novo registro com a nova nomenclatura da banda como São Geraldo ou Nossa Senhora do Rosário, pois é preciso ter um padroeiro. Nesse caso, explica Pedro:

-“Mas se eu fizer isso, eu vou perder os trezentos e tantos anos de banda e eu não posso aceitar isso, a gente tem que falar verdade.”

E mantendo a tradição ele diz: “Eu passo a história do congado pros integrantes. A maior parte dos integrantes bebe pinga, de menos a criança, mas eu falo pra eles que não quero que ninguém bebe, mas depois pode beber, depois da dança, eu sou enjoado!

Tudo o que os mais velhos passou pra mim eu passo pros meninos, o que eu aprendi com o que foi presidente meu, que já foi ensinar educação. Quem entra na banda é geralmente quem já tem alguém da família, mas agora tem muita gente de fora.

Na nossa banda, entre os fundadores, houve gente que foi escravo dos portugueses, então eles deixaram uma música, que canta assim:

*Eu tava dormindo o senhor me chamou
levanta negro o cativo já acabou.*

Cada integrante da banda Moçambique colabora com a taxa mensal de R\$12,00, pois de acordo com o presidente é para a manutenção dos instrumentos e outras despesas. A banda dispõe de 2 violas, 16 caixas, 12 pandeiros e 1 cuíca. Com exceção das violas, todos os instrumentos foram doados por um deputado da região, como ele diz:

– “Antes os instrumentos eram improvisados com bambu e lata de marmelada. O bambu era rachado no meio e feito umas casinhas riscadas dentro dele, pra dar eco. E com uma vara fininha tocava. Na lata de marmelada ou de óleo, colocava pedra dentro e ia sacudindo.”

Com o intuito de mostrar as origens da banda Moçambique seu Pedro conta:

A Nossa Senhora, eu vou contar a história dela, tem a ver com a banda de música que foi tocando, a Moçambique. A santa entrou pro mato adentro debaixo de uma árvore de estrepe. Aí chegou a banda de Moçambique, tocou e aí a santa foi pra cima da árvore. Aí depois apareceram um homem e uma mulher. O homem e a mulher com uma coroa na cabeça com um guarda-chuva preto aberto, ‘que nem usa’¹²⁷ na Festa do Rosário. Aí veio o congo batendo lata

¹²⁷ “que nem usa” significa falar que é “igual ao usado”.

e aí a santa acompanhou o congo, por isso existe a banda. O congado que conseguiu tirar a santa do estrepe. Essa é a história que agente conta pra quem entra na banda.

E tentando nos explicar mais um pouco sobre a sobrevivência da banda Moçambique, o presidente diz:

O deputado ajudou nós muito e foi logo enquanto ele ganhou, então não teve intenção de voto. A prefeitura de Senhora de Oliveira ajuda quando a gente sai pra fora, manda ônibus pra levar nós. A gente vai nos concursos de banda em Congonhas, Lafaiete, Barbacena, Belo Horizonte, Ouro Branco, mais são essas. Vai e volta. Lá na cidade eles dão a comida pra nós. Nós ganha todos os concursos.

Entendemos que ambas as bandas de congado repassam aos seus integrantes, um histórico de pertencimento local perante o mito regional, visto que o homem necessita de referências simbólicas para a sua própria compreensão e explicação de fatores inconscientes que movem suas ações no mundo em que habita, o que pode ser observado no intuito de imaginar a hipótese da introdução de diversos enredos oníricos atuando nos níveis individual, social, político e outros, diante da expressão do imaginário.

3.2.2 A banda de música.

Em Senhora de Oliveira existe uma banda de música com o nome de Corporação de Nossa Senhora da Conceição (Figura 22), que por sua vez não possui nenhuma relação com as bandas de congo, ambas atuando de forma independente. Pela Corporação já passaram mais de sessenta pessoas, dentre as quais Antônio Coimbra, José de Sodiga, Sebastião Coimbra, Geni, Irlanda, Didito e Jairo Brandão. A corporação musical tem como finalidade animar carnavais, festas de igreja e alguns outros eventos como apresentações em cortejos fúnebres.



Figura 22 – Corporação musical Nossa Senhora da Conceição
Fonte: Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira

Em entrevista realizada em 30 de janeiro de 2008 com o maestro da banda de música de Senhora de Oliveira, Corjesu Veloso de Oliveira, foi possível reconstruir alguns fatos com relação à história da Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição, de acordo com os relatos do próprio integrante da banda:

Essa banda foi criada em Senhora de Oliveira por um maestro em 1906. Inclusive na cidade chegou a existir uma outra banda de música com o nome conhecido como Banda do Dodô, que era o nome do regente e existiu mais de 40 anos sem registro e há mais de 40 anos ela não existe mais.

A banda hoje (ano de 2008) é composta por 22 pessoas, trombonistas, pistonistas, baretonistas, clarinetistas, percussionistas, maestro, exceto o setor administrativo, que corresponde aos que não tocam na banda que são o diretor, o tesoureiro, o secretário, o vice-diretor e o segundo secretário.

Não é cobrado nenhum valor dos integrantes para que participem da banda.

No carnaval, a prefeitura contrata a banda por R\$ 4.000,00 de acordo com os dias, pois toca seis dias, do Enterro do

Zé Pereira que é na véspera até o último dia do carnaval, R\$600,00 a R\$700,00 para 2 a 3 horas de apresentação em contrato isolado

São feitas apresentações em festas religiosas, enterros e nesses casos não é cobrado; encontros de bandas de música no intuito de confraternização em que a prefeitura banca a viagem, e a gente ganha premiação de participação aonde vai. Não tem competição mais entre as bandas para não criar rivalidade.

A banda foi registrada em 1947, quando o meu bisavô era maestro: José Ambrósio. Depois quem sucedeu foi meu avô, Dey Ambrósio, meu pai tocava trombone e não chegou a maestro, pois ficou doente, agora eu e provavelmente um dia meu filho, quem sabe!

Em Senhora de Oliveira é praticamente uma das poucas cidades em que isso acontece, passar por várias gerações. Nas outras cidades acontece muito de os prefeitos escolherem os maestros.

Quando meu avô era vivo praticamente todas as pessoas da família passaram pela banda, é como o povo aqui diz, que tá no sangue!

Os próprios integrantes já têm os espíritos de manter a tradição. Hoje, existem 11 netos do antigo maestro, meu avô e 1 bisneto. A faixa etária do povo é de 60 anos o mais velho e 8 anos o mais novo. Eu quando entrei tinha 7 anos, tava praticamente começando a escola.

Falando da música da banda, elas são mantidas desde o início, são as mesmas partituras, como as marchinhas de carnaval: Cidade Maravilhosa, Bandeira Branca, Cabeleira do Zezé, Colombina, Serpentina, Coração de José, Taí de Carmen Miranda e outras.

Quando as letras chegam pra nós, vêm acompanhadas do nome de quem copiou e não do autor.

Também tocamos músicas de festas religiosas, os dobrados: Batista de Mello, 220, Sargento Calhau, Capitão Casula e outros. Muitos dobrados a gente conhece com um nome e outras bandas com outro como o Capitão Casula

que é conhecido como Canção do Soldado por outras bandas, e se constitui basicamente como um hino ao soldado.

Também tem boleros: Carinhoso e Bolero Adeus cujo autor é de Conselheiro Lafaiete.

Senhora de Oliveira resgatou a seresta e nós tocamos praticamente todos os tipos de música. E nos enterros muita gente pede bolero de acordo com o gosto da família e do falecido.

Tocamos muitas músicas internacionais e algumas da atualidade.

Após a apresentação no primeiro festival de música em 2001, os integrantes de outras bandas, de outras cidades, se encabulavam e admiravam por Senhora de Oliveira, uma cidade pequena, possuir uma corporação musical tão grande em componentes e em conhecimento, o que passou a ser motivo de orgulho diferenciado nos integrantes, pois orgulho a gente sempre teve de fazer parte, mas aí foi diferente o motivo.

Estamos sem sede, guardando instrumentos no salão da igreja. A administração da banda pediu que fosse guardado provisoriamente até a construção da sede, mas tá lá até hoje.

O antigo diretor da banda não declarava Imposto de Renda e quando foram olhar existiam multas por causa disso, cada multa em média de R\$700,00. Aí a documentação burocrática pra registro da banda ficou atrasada, o que tem impossibilitado a retirada da verba disponível pela Secretaria da Cultura e Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira. Já ficamos 3 anos sem pegar o dinheiro. A atual diretoria tem tentado legalizar a documentação da banda em Belo Horizonte. Eles têm acesso aos documentos da banda, a gente não tem acesso, como o caso do tombamento, ou inventário, a gente só toca.

A prefeitura sempre cobra a legalização da banda, até para poder bancar viagens longas que é necessário declarar e sem registro não tem como.

Hoje muita gente quer entrar na banda, mas não tem como, pois não tem onde ensaiar e nem instrumentos a

mais. Realizamos ensaios na praça pública por questões de necessidade, pois não podemos ensaiar em locais que dão eco, não pode ser lugar fechado, com laje. Tem que ser lugar com telha comum, de preferência com forro no teto para que nos ensaios quem estiver tocando, consiga escutar o som que seu instrumento emite, sem interferências e de preferência, sem atrapalhar outras pessoas.

Pra a banda é importante nas festas, pois resgata a cultura da cidade. Por exemplo, uma procissão sem a banda já é esquisito, pois fica parecendo um enterro. Ela anima as festas.

3.2.3 A comida: o centro dos programas noticiários

Dentro de um perfil antropológico, no universo simbólico em discussão são relatados costumes peculiares e tradicionais que se inserem implicitamente em determinados anúncios propagados pelo alto-falante, como centro dos rituais festivos, de encontro, de confraternizações, de eventos beneficentes. São divulgações de reuniões festivas, de encontros, os quais seguem o cardápio culinário próprio do local como base da receptividade popular e do valor central, o que atrai as pessoas para os respectivos acontecimentos anunciados. Sendo assim, nas programações a presença contida da comida representa a manifestação simbólica e cultural expressa pela ordenação comportamental a partir do que é anunciado pelo alto-falante.

Em se tratando de manifestações culturais, também podemos citar as manifestações de caráter familiar e social, o que torna imprescindível a descrição de um componente comum a todas elas, a tradicional comida mineira, com características particulares de Senhora de Oliveira. A cozinha mineira é feita com o saber das tradições locais, visto que os índios, os negros e os portugueses deixaram suas marcas registradas na história.

As influências africana e indígena marcam com profundidade a formação da típica culinária de Senhora de Oliveira e de Minas Gerais. Os

alimentos e utensílios utilizados pelos primeiros habitantes, os indígenas, são elementos ainda utilizados na cultura local, mesmo que alguns possam não se caracterizar fonte de subsistência e sim entretenimento: a mandioca, os inhames, o milho, a caça, a pesca, assim como as cuias, balaios, dentre tantas outras influências religiosas, rítmicas, decorativas e curativas.

A chegada dos primeiros negros, base da mão de obra escrava, produz fortes influências na cultura regional. Na culinária, os hábitos em relação ao preparo dos alimentos e o uso de produtos alimentícios mostram toques culturais da história de negros e índios.

A influência portuguesa aparece em destaque nas questões administrativas e de fiscalização, para sutilmente ser observada na cozinha e nos hábitos cotidianos. Isso se deve ao fato de que sendo senhores proprietários de escravos e administradores de fazendas, não se ocupavam do trabalho braçal. Posteriormente a influência portuguesa é fixada regionalmente com a chegada de suas famílias que trazem consigo receitas, louças e impõem toques portugueses de requinte na culinária local.

O resultado dessas três culturas é o uso abundante do limão nos temperos, da cachaça no preparo das carnes, sal e gordura nos refogados e na conservação de carnes.

Há de observar também que a culinária mineira é oriunda da fazenda ou dos dos tropeiros. A comida da fazenda é molhada, o angu e a couve são entremeios imprescindíveis diariamente, visto que as carnes são geralmente refogadas e servidas em suculentos caldos acompanhadas de muita verdura, pois toda fazenda possui sua horta, de onde são extraídas verduras e legumes frescos, sempre picados na hora do cozimento para não perder suas propriedades nutricionais assim como as cores originais. Na cozinha da fazenda, há um destaque para o frango ensopado com quiabo, que associado ao angu recebe a fama da tradição mineira, ainda mais quando servidos no fogão a lenha com bons casos mineiros, os contos. As carnes ensopadas, como a costelinha, a canjiquinha, o ora-pro-nóbis, acompanhados por pinga mineira e se for de gosto, tem sempre por perto um vasilha com farinha de milho.

Já a cozinha do tropeiro mostra-se um pouco diversificada. A tropa era constituída por um conjunto de burros conduzidos por homens a cavalo, os tropeiros. Esses homens viajavam dias em terra transportando

no lombo dos animais cachaças, sementes, sal, vasilhames, tudo que fosse necessário transportar e comercializar.

Os tropeiros levavam em suas viagens a cozinha volante que era mantida em bruacas de couro, nas quais os alimentos mantinham sua perecibilidade. Desta forma, as carnes eram transportadas já salgadas ou prontas, guardadas em recipientes, mergulhadas na gordura de porco para a conservação. Usava-se também o que se obtinha pelo percurso como brotos e caças. Para o cozimento da refeição, eram dependurados caldeirões de ferro sobre fogueiras improvisadas. A farinha de milho ou de mandioca era elemento de necessidade dentro dos embornais, pois sempre acompanhava todos os pratos. Desta forma, resume-se que a culinária tropeira era ambulante e basicamente composta por alimentos secos, carnes conservadas em gordura ou sal, feijão tropeiro, brotos nativos obtidos em cada parada, tudo rápido e prático para que permitisse o prosseguimento da viagem.

Nas tradições culinárias de Senhora de Oliveira, há uma extensa e rica variedade de herança portuguesa como também alguns ingredientes indígenas e tem como prato típico pato com macarrão e risoto de pato que as famílias têm o prazer de servir aos seus visitantes ou à família em ocasiões especiais. O tradicional angu, o refogado de mamão verde ralado, taioba e couve rasgada à mão ou catada como se diz e o orapronóbis também fazem parte da cozinha diária dessa região, assim como tutu de feijão, o mingau de couve com uma pimentinha em dias frios. Ainda existem as quitandas, assim chamadas na região as guloseimas que acompanham o desjejum e que não faltam na maioria das vezes no café da manhã e lanches da tarde, nos quais são oferecidos biscoitos tareco, broas de fubá, rosquinhas de amoníaco e outras variedades.

A sobremesa tem variação de doces com “sotaques” lusitano, que dentre tantos podem-se apreciar a aletria, arroz doce, canudinhos de doce de leite, pão dourado, rocambole e doces de leite, que podem ser acompanhado do famoso queijo mineiro. Também existem as geléias, compotas e cristalizados de frutas, além dos doces de figo, laranja da terra, cidra, pêsego e outros do vasto pomar mineiro.

Uma amostra da saborosa culinária mineira em Senhora de Oliveira pode ser contemplada nas festas de casamento, que os mais antigos conhecem como pagode, a tradição é após a cerimônia a família da noiva receber os convidados da festa com mesa de cardápio variado entre ar-

roz branco ou de forno, macarronada, tutu de feijão com ovos cozidos cortados em rodela, salpicão, farofa, legumes picados com maionese ou outro tipo de salada. As carnes podem ser de frango, de boi e a preferida na região é a suína, ou o leitão à pururuca. Nesse tipo de festa, como também no final de ano, tudo o que vai à mesa é escolhido cuidadosamente dentro dessa variedade gastronômica, mas o leitão à pururuca é o mais esperado, regado a um bom licor de jabuticaba ou a cachaça da roça.

3.2.4 Os ritos de passagem na programação

No encontro de diferentes raízes culturais, Senhora de Oliveira carrega traços nos costumes sólidos e simbologias retratados em casamentos, batizados e rituais fúnebres, na contemporaneidade.

3.2.4.1 Casamento: um detalhe fora da publicidade

Os casamentos em Senhora de Oliveira, na época de paróquia sob a responsabilidade de Padre José, eram divulgados para a comunidade no exato momento em que eram realizados, de forma a serem transmitidas nas cornetas o repertório musical, o que fazia com que os moradores indagassem de quem era o enlace matrimonial. Hoje não são anunciados pelo sistema por não apresentarem caráter de utilidade pública, visto que os noivos já farão os convites à cerimônia da forma que julgarem mais conveniente. Estes ritos, no contexto simbólico em questão, são tradicionais, com cerimônia religiosa e noiva vestida de branco. De certa maneira, o casamento é visto como um acontecimento que gera “status”, principalmente para a mulher que é rotulada como solteirona após determinada idade. Costumes como casamento de virgem e conduta moral dos noivos também são considerados pela sociedade oliveirense, já que a cidade é pequena e de certa forma, todos participam da vida alheia. Atualmente, os casamentos em Senhora de Oliveira não são na maioria arranjados com o propósito de reunir bens de família, embora ainda se vislumbrem casos nos quais se percebe que o enlace mantém esse intuito. Outros casos beneficiam uma parte menos abas-

tada em detrimento de outra parte envolvida, o que gera sempre muita polêmica e toda sorte de atritos, como um casamento de um fazendeiro com uma trabalhadora rural.

A cerimônia de casamento é seguida pelo pagode que, nesse caso, não é um ritmo musical, significa festa, brincadeira e muita gente reunida. Para alegrar o povo, sempre tocam o forró, o sertanejo e outros ritmos, dependendo dos noivos e do local da festa: se é na zona rural ou na urbana. Nesta última, já não há mais tanto espaço nos quintais, porém nas fazendas isso é feito em espaço aberto, até mesmo as mesas da comilança ficam ao ar livre, em baixo apenas de cobertura de lona ou plástico, tudo muito bem arrumado e limpo.

3.2.4.2 Batizado

Os batizados, também ausentes nas modalidades de anúncios propagados, pelas mesmas razões dos casamentos, mostram as relações de compadrio. Estas relações são geralmente realizadas tendo como padrinhos familiares muito queridos – avós, pais, irmãos e tios – que terão a incumbência de dar continuidade à relação de afeto e comunhão, nesse caso um elo de união de gerações. Essa prática dá maior firmeza aos valores familiares de respeito e amizade e os afilhados ganham presentes em datas marcantes de sua vida.

Outra modalidade de batizado, ou melhor, de apadrinhamento é feito com pessoas a quem de certa forma os pais da criança devam favores. Esses podem ter lhe sido moralmente repassados da geração anterior e tanto podem ser da ordem pessoal ou política, por causa disso não é difícil encontrar em Senhora de Oliveira padrinhos com número considerável de afilhados. Nesse caso, o apadrinhamento seria uma forma de agradecimento ou admiração, não se esperando dessa relação nenhuma recompensa ou presente material. Aos padrinhos, o afilhado deve respeito e obediência como aos próprios pais, sendo-lhes cobrado isso tanto pela família, quanto pelos próprios padrinhos. O pedido de “bênção” é uma prática usual até hoje.

Para a cerimônia de batizado, os padrinhos devem preparar uma vestimenta branca, símbolo de pureza, meias, sapatinhos, manta e vira manta, essa muito bem bordada é usada quando a criança é ainda bem novinha e se movimenta pouco, caso contrário esse tipo de ornato causa-

ria desconforto. Com a facilidade de se encontrar hoje roupas infantis muito bonitas, grande parte de padrinhos compra tudo pronto, principalmente pela modernidade dos tempos e também porque a prática da costura e bordados atualmente está mais voltada ao destino comercial. Os batizados sempre fizeram parte das tradições familiares cujos costumes firmam ainda mais os laços de família ou de amizade.

3.2.4.3 Funeral

Dentro ainda das características de tradições ocorridas em Senhora de Oliveira, estão também a prática de velórios que ainda acontecem no interior das residências. Muitas pessoas não aceitam a idéia do velório público recém-inaugurado em 2007, por acharem absurdo, falta de consideração, têm em mente que é direito de quem morreu ser velado em casa e ficar junto à família e no ambiente onde passou toda a vida ou parte dela. As famílias velam seus mortos numa sala onde durante todo o tempo da exposição do corpo, os familiares recebem condolências de parentes e amigos. Esses vêm de onde estiverem e às vezes enfrentam longas horas de viagem, que, dependendo da condição financeira, pode ser de avião, completando a viagem de carro até Senhora de Oliveira, já que ainda não possui aeroporto. Quando o velório é noturno, os que passam a noite em companhia da família têm sempre à disposição café em garrafas térmicas ou em chaleira ao fogão de lenha que mantém a bebida sempre quentinha, acompanhado de biscoitos, pães e outras guloseimas. Há sempre algum participante da cerimônia bêbado, que na maioria das vezes chora e expõe toda a dor da falta daquele ente, porém não há disposição de cachaça nessas manifestações, apenas nos botecos. Em algum canto da casa se reúnem pequenos grupos, uns para o café, outros conversam sobre assuntos diversos, que até podem ser piadas, dependendo do estado psicológico dos presentes.

O Grupo de Oração do Sagrado Coração de Jesus sempre está presente nos velórios e outros devotos convocam os presentes a rezar o terço na intenção de que Nossa Senhora e seu filho Jesus recebam a alma que segue.

Minutos antes da hora marcada para o enterro, o sino toca triste, solene, anunciando que é hora de seguir para a igreja. As pessoas presentes, amigos e parentes se unem numa última oração em casa. Logo

após o cortejo a pé, em trajeto de mais fácil acesso à igreja. Durante o percurso, os comerciantes fecham suas lojas em sinal de respeito para só reabri-las após a passagem do funeral, ao toque fúnebre do sino até a introdução do caixão na igreja, onde será feita a encomendação da alma para todos os católicos, pois atualmente casos de suicídio também são levados à igreja, o que não ocorria antigamente, visto que a população religiosa questionava muito essa situação, considerando os casos de doenças como depressão e outras, que levariam o indivíduo ao desespero e, conseqüentemente, ao suicídio, razão pela qual não caberia nenhum tipo de julgamento humano.

O ritual continua com os amigos acompanhando a família até o cemitério para o sepultamento ainda sob o toque do sino à saída da igreja.

Após o enterro, a família descansa para começar a receber a visitação de parentes e amigos para condolências. Segue-se o costume da missa de sétimo dia, trigésimo e de ano, sendo essa repetida nos anos subseqüentes. O parente falecido ficará na lembrança da família, sendo sempre lembrado em narrativas de casos e acontecimentos aos quais esteve presente, também nos álbuns de fotografias, porque nesse canto de Minas Gerais, ninguém passa em branco e a história muitas vezes se registra dessa maneira.

Todo o processo de transformação e renovação social, política e econômica ocorrida da formação do município de Senhora de Oliveira até os dias atuais teve a determinação e influência de seus moradores nos questionamentos acerca do antigo e do novo, do passado e o presente, com o objetivo de encontrar caminhos para que a sociedade com jeito próprio pudesse dar continuidade ao seu processo de crescimento. Vale aqui a reflexão sobre incertezas, problemas e muitas soluções que hoje estão presentes na vida da cidade e que são frutos de ações do passado, como também reflexo de atitudes recentes e que desafiam a todo instante a capacidade crítica e criativa dos sujeitos da história.

Senhora de Oliveira comporta-se em significados de padrões e valores sociais apreendidos desde o início de sua formação, cujas raízes fortes sustentaram sua gente ao longo do tempo, no enfrentamento das intempéries da vida e na feitura da própria história.

4 O ALTO-FALANTE: UMA REALIDADE

O alto-falante em Senhora de Oliveira é um sistema monopolizador da comunicação que transmite as informações locais, de interesse da comunidade, por meio da oralidade e está inserido numa cultura baseada em tradições. Desta forma, a Comunicação é uma ação pela qual se relata ou descreve um estado de “coisas”, em que os indivíduos interagem de forma passiva numa relação entre emissor, receptor e mensagem.

Sendo assim, as informações e os meios comunicacionais utilizados para a transmissão dessas mensagens estão ligadas a um grupo economicamente hegemônico, em uma estrutura de hierarquia. No topo dessa estrutura, estão os que captam as informações e as transmitem a um centro de dados, que por sua vez filtra, edita e redistribui dentro de padrões convenientes aos próprios interesses, para receptores, geralmente sem capacitação para discernir sobre sinais e códigos midiáticos, assim como formas e canais comunicacionais, informações de acesso restritas ao meio acadêmico ou operacional.

Em se tratando do alto-falante como meio de comunicação de massa, entendemos por “massa” um grupo populacional que está ligado à disponibilidade da informação para uma pluralidade de destinatários.

A mensagem globalizada é uniformizada, porém as massas possuem culturas diferentes de acordo com o espaço e o tempo, não são homogêneas necessariamente, pois se dividirão em grupos sociais e isso faz com que a recepção dessa informação seja compreendida de diversos pontos de vista.

“O uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipos de relações sociais e novas maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros e consigo mesmo.”¹²⁸

Nesse caso, esse tipo de comunicação poderia implicar a comercialização da informação, uma vez que oferece a extensão da disponibilidade de formas simbólicas no tempo e no espaço, resultando numa circulação pública, porém em Senhora de Oliveira o serviço de comunicação por meio do alto-falante não se destina a esse propósito.

¹²⁸ THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004. Traduzido por Wagner de Oliveira Brandão. p. 13.

Analisaremos nesse trabalho os principais meios de comunicação retratantes de um mundo globalizado, inseridos no cotidiano do homem e falaremos do alto-falante paroquial presente em Senhora de Oliveira, MG, visto como principal veículo condutor da informação local, por meio de uma linguagem própria do local, unificada, naturalmente regionalizada, além de ser símbolo identitário da cultura presente na comunidade.

4.1 Descrição, característica e origem

O alto-falante é um tipo de transmissor de informação de curto alcance totalmente dependente da qualidade, potência e estado dos equipamentos, tal como condições de instalação e geografia, pode ser fixo, instalado em locais comerciais, comunitários, educativos, religiosos, governamentais, ou móveis, instalados em automóveis, bicicletas, carrinhos rolantes e veículos de tração animal, constituindo um meio comunicacional de fácil manejo para pessoas não especializadas.

“Este mecanismo, inserido no universo simbólico em questão é “mixado,” ou seja, o mesmo é responsável pela emissão de som das diferentes frequências sonoras (alta, média e baixa) com uma potência de 1000 Watts”¹²⁹ e é mais que um simples aparelho ou veículo de comunicação, é reforço da tradição que envolve costumes, crenças, valores de toda uma comunidade. Por esse sistema são noticiadas informações que carregam consigo esperança, tristeza, alegria, dor, angústia entre outros sentimentos.

Nesse aspecto, o alto-falante não é simplesmente um meio de transmissão de mensagens, é parte da história cultural da cidade, da memória viva no coração de cada morador, pois quem em Senhora de Oliveira nunca fez um anúncio ou não sentiu dor com o sofrimento da família que pede a divulgação de um falecimento; ou não se sentiu feliz com algum anúncio da prefeitura ou outro órgão público; ou talvez uma convocação para reunião em que seja necessário se interar de horários; ou até tentou ajudar a encontrar algum objeto perdido, ou esquecido no banco

¹²⁹ Antônio Aparecido de Oliveira – eletricista responsável pela manutenção do alto-falante. Entrevista concedida à autora em 11 de junho de 2007.

da praça? (...) Enfim, a história do nosso mecanismo de informação, o alto-falante de Senhora de Oliveira é reconstruída aqui, nesse trabalho, para que não seja relegado ao esquecimento diante da evolução e dos avanços tecnológicos que envolvem os meios de comunicação. Para tanto, o alto-falante e sua peculiar comunicação serão analisados sob diversos aspectos, devido à sua relevância na cidade em que se insere, como também para a sociedade globalizada.

Para reconstruir os primeiros passos históricos de um sistema de comunicação que viria a ser de fundamental importância social na cidade de Senhora de Oliveira, foram realizadas entrevistas com os oliveirenses que acompanharam de perto o processo de implantação do alto-falante e sua repercussão. Deste modo, foram entrevistados a professora aposentada Zélia Rocha Milagres, que na época morava na praça onde foi instalado o alto-falante e o Técnico Eletrônico Nelito Rodrigues Pereira, que participou da instalação.

De acordo com os relatos de Zélia, o sistema de alto-falante foi inicialmente implantado em aproximadamente 1954, sob forma experimental, pelo Pe. José Justiniano Teixeira¹³⁰, em frente ao frequentadíssimo escritório paroquial, no jardim que se projetava para o largo, sob um poste, com duas cornetas posicionadas lado a lado, sendo uma em sentido leste e a outra em oeste, numa instalação um tanto quanto precária, que abrangia somente a redondeza. A população se reunia no entorno para escutar melhor e se entreter todas as tardes, com exceção dos domingos cujo som era propagado após a missa das 10h00 até as 20h00 aproximadamente, com alguns intervalos. Após esse horário a

¹³⁰ Mons. José, nascido em 16/06/1919, natural da cidade de Cipotânea, MG, foi uma figura de extrema importância na cidade de Senhora de Oliveira. Ordenou-se padre em 07/08/1943, em Congonhas do Campo, MG, e iniciou sua missão na paróquia de Nossa Senhora da Conceição, no município de Piranga, MG. Na década de 50, devido à sua devoção à virgem da Oliveira, Ms. José motiva a mudança do nome do distrito Piraguara, que após emancipação política ocorrida em 12/12/1953, sob a lei 1039, passa a ser Cidade com nome de Senhora de Oliveira. Desenvolveu outros trabalhos no campo da Educação como professor de Ensino Religioso e no esporte, reorganizando o time de futebol da cidade, atribuindo-lhe o nome de 08 de dezembro em homenagem a Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Faleceu em 08 de Julho de 2002 e hoje possui um memorial dentro da igreja matriz da cidade, onde é possível verificar toda a sua história, assim como todos os seus pertences e fotos. No memorial há também relatos de milagres alcançados por intermédio do padre.

cidade se recolhia. Nessa época não havia muitas formas de entretenimento.

Também por ocasião do Jubileu¹³¹, muitos caminhões passavam pela cidade, vindos de toda a região da Zona da Mata, como Cataguases, Caratinga, Carangola, Muriaé, Piranga, Visconde do Rio Branco, Ubá e outras, e logo o Pe. José ligava o alto-falante e colocava músicas para festejar a passagem dos viajantes denominados Congonheiros, pois o destino deles era a cidade de Congonhas do Campo.

Posteriormente, em 1955 o sistema foi transportado para a Igreja Sagrado Coração de Jesus, com modificações que viriam melhorar e ampliar a qualidade sonora do serviço prestado. Foi posicionada uma grande corneta na igreja, que projetava o som para a região plana da cidade e uma outra corneta que ficava em local alto e estratégico, conhecido como morro da caixa d'água, de forma a propagar melhor o som para onde hoje é a comunidade São Geraldo, ou 'atrás do morro'.

Conta Nelito que, nessa ocasião, com as modificações o alto-falante se manteve em funcionamento por quase um ano oferecendo os mesmos serviços, com dedicatórias musicais. Porém com uma abrangência maior, ou seja, todo o município de Piraguara em aproximadamente uns 35 km quadrados, pois o padre conseguiu uma frequência modulada que fazia com que o som do alto-falante, tal como todo tipo de divulgação propagada por meio dele fosse divulgado simultaneamente por sintonia de rádio, numa abrangência de raio sonoro. Esse fato se deu por acaso e foi constatado num primeiro instante por um morador da cidade que estava com seu rádio ligado e numa determinada sintonia pôde ouvir o anúncio propagado pelo alto-falante no seu aparelho.

Segundo Zélia Rocha, o equipamento que compunha o sistema de alto-falante na época, capaz de proporcionar fascínio na população, era uma mesa de som com muitos botões coloridos, luminosos e uma infinidade de chaves em forma de alavancas de metal niquelado ou inox.

Ainda sob a fala da entrevistada, “nessa fase a locução do alto-falante era feita por Geraldo Lana, sendo desenvolvida de forma nítida, articulada, criativa e muito profissional, o que valorizava o serviço para o qual as mensagens divulgadas se restringiam ao oferecimento de músicas e avisos paroquiais”.

Nelito relata que a polícia federal descobriu sob denúncia anônima,

¹³¹ Jubileu: festa solene católica que acontece anualmente no mês de setembro.

a existência da rádio e a partir daí, de Piranga ligaram para Piraguara¹³², mais precisamente para a Fazenda Cachoeira dos Peixes, que era a única residência com telefone na época. A ligação avisava que a polícia estava a caminho com o objetivo de fechar a rádio e confiscar os equipamentos. Então o padre chamou algumas pessoas que encaixotaram e desligaram toda a aparelhagem e a esconderam no mato, desta forma a polícia não conseguiu cumprir sua tarefa. Também não foi cobrada multa, pois o padre e a população negaram a existência da rádio e como não havia gravações que provassem a denúncia, nada aconteceu.

A partir de então, a sintonia do alto-falante em rádio parou de funcionar. O equipamento foi vendido, e o dinheiro foi revertido para fins da paróquia, mas a população se lembra dessa sintonia dos anúncios em rádio com saudades e não houve uma continuidade de transmissão com esse método por medo de novas denúncias.

Para Zélia Rocha, “o alto-falante hoje é a rádio comunitária de Senhora de Oliveira, que devido à história desse serviço é impregnada de significados que ultrapassam mais de meio século”. Para ela, o grande valor do sistema é o histórico e o afetivo, sendo um veículo que está ao alcance de todos, o que não acontece com outras mídias. Em específico a televisão, apesar de sua inegável abrangência, é um veículo em que o telespectador dificilmente interage com a informação, pois não há como responder diretamente, estando sujeito às suas influências. Além disso, há também seus valores de democratização, pois existe a opção de se negar a assistir, de trocar o canal ou desligar o aparelho de TV. Porém essa mídia, apesar de ser acessível à maioria da população oliveirense, não divulga o assunto local. Já o alto-falante mostra-se como um forte veículo propagador da informação do município, pois abrange uma determinada parcela da população local da cidade e essa, por sua vez, se encarrega de repassar as mensagens às demais.

Nelito aponta aspectos relevantes para a construção da história do alto-falante, como o principal elemento para o funcionamento desse sistema de divulgação, a energia elétrica, visto que sem ela não era possível a propagação por meio do alto-falante.

Ele conta que a usina hidrelétrica se instalou em Senhora de Oliveira no início do século XX e foi muito importante para o desenvolvimento urbano, porém uma infiltração de água em sua estrutura de base oca-

¹³² Piraguara: antiga denominação do município de Senhora de Oliveira.

sionou em seu desmoronamento e conseqüentemente no fim das atividades de fornecimento de energia elétrica em 04 de fevereiro de 1968. A partir deste fato, a cidade ficou sem energia nesse período e o alto-falante não teve como funcionar, como também contou Zélia Rocha.

Nelito diz que quando faltava energia parava todo o sistema, deixando a população sem entretenimento e sem informação pelo alto-falante, restando apenas o repasse verbal de toda e qualquer divulgação, ou seja, a transmissão de mensagens via “boca a boca”, até que em maio de 1969, foi instalada a Cemig¹³³, cessando o problema.

Continuando o relato:

O alto-falante na época de sua atividade na Igreja Sagrado Coração de Jesus era muito bom, porém não era amplificado como está hoje, após a mudança feita pelo padre José para a nova igreja matriz, em 1971, onde os equipamentos do alto-falante passaram a funcionar com algumas mudanças. Não mais se ofereciam músicas, apenas avisos, pois a cidade já havia crescido bastante e o padre achou que não poderia atender à demanda de solicitações musicais, além do fato de que nessa época muitas pessoas já possuíam aparelho de rádio.

O alto-falante, em sua forma atual (Figura 23), possuiu uma abrangência sonora que se estendia a quase toda a área urbana, pois anteriormente havia uma extensão do alto-falante instalado na região alta da cidade que permitia maior abrangência do som, inclusive na Comunidade São Geraldo, localizada em território que sofre influência de desvio de ondas sonoras em decorrência da existência de uma montanha no local.

A população reclamava que o som do alto-falante não chegava à comunidade São Geraldo, então a presidente do apostolado concordou com a zeladora em implantar cornetas para a extensão do som, em abril de 2000, sob o custo do equipamento em valor de R\$1500,00 e em outubro do

¹³³ Cemig: Companhia Energética de Minas Gerais.

mesmo ano as cornetas foram roubadas. Ninguém da comunidade nem do apostolado reclamou o desaparecimento do equipamento.

Há interesse da comunidade São Geraldo em reinstalar as cornetas, porém não há mobilização dos moradores. Existem rumores de que a população teme investir novamente na compra do equipamento e esse voltar a ser alvo de furto.¹³⁴

¹³⁴ Maria Veloso, vice-coordenadora da comunidade católica do bairro São Geraldo. Entrevista concedida à autora em 11 de junho de 2007.



Figura 23 – Localização das cornetas do alto-falante paroquial de Senhora de Oliveira

Atualmente, o sistema de alto-falante paroquial está localizado na torre da igreja católica, juntamente com os sinos. “A abrangência sonora

do alto-falante é de 1,5 km de raio de circunferência.”¹³⁵. A área de atuação é apresentada na Figura 24.

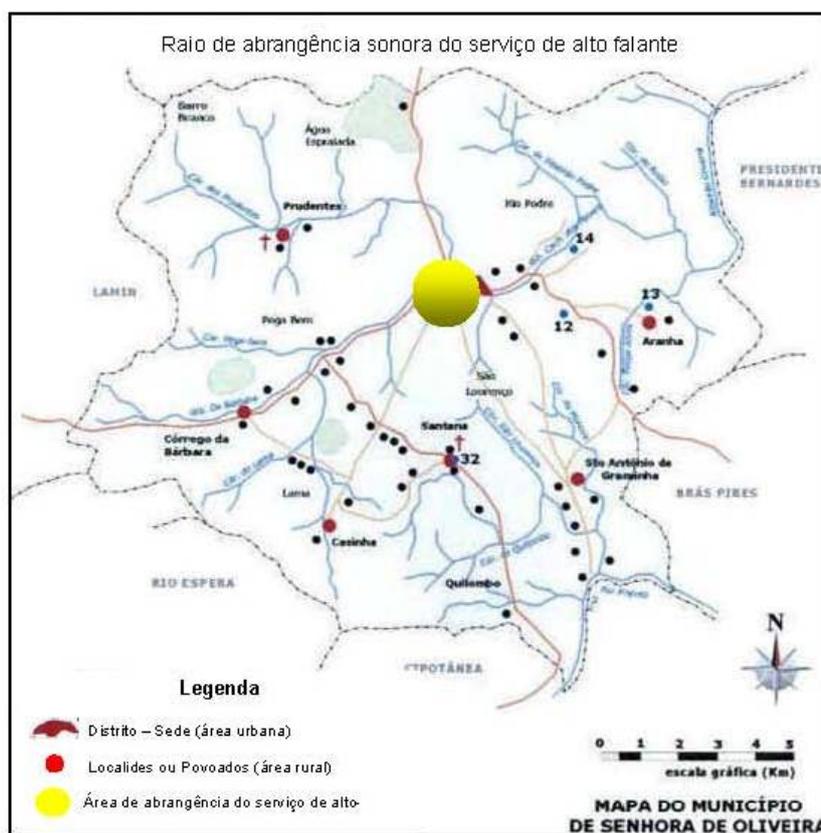


Figura 24 – Área de abrangência sonora do serviço de alto-falante no município de Senhora de Oliveira

Destacando que a área rural recebe as informações pela “boca do povo”, as mensagens chegam sempre “frescas”, porém, por muitas vezes de forma distorcida ou ampliada, como relatado em entrevista realizada no dia 31 de janeiro de 2008 com a lavradora, Nali da Conceição Gomes Alves, moradora da zona rural do Córrego da Bárbara:

¹³⁵ Antônio Aparecido de Oliveira, eletricitista responsável pela manutenção do alto-falante. Entrevista concedida à autora em 11 de junho de 2007.

O alto-falante é muito importante pro povo da cidade, pois é comunicativo, né? Alguma coisa avisa, quando é necessário eles avisar, quando não é não avisa não. Se não tivesse ele aqui em Senhora de Oliveira, ninguém sabia de nada né? Quando anuncia alguma coisa na rua a gente fica sabendo pelo padre, pelo agente de saúde ou alguém que vem na rua e leva recado pra gente na roça, pelas fofocas, ué!

Segundo Antônio Aparecido de Oliveira, responsável pela manutenção do alto-falante: “algumas comunidades rurais recebem o som das mensagens divulgadas pelo alto-falante devido à localização do terreno, mas estes casos são exceções.”¹³⁶

O sistema de comunicação em questão se compõe por quatro cornetas de alto-falante (Figura 25) que propagam o som para a cidade e quando algumas dessas se queima, o que é raro, as outras três permanecem funcionando normalmente, até que o problema seja solucionado pelo eletricitista da cidade, que faz manutenção de seis em seis meses nas cornetas e no amplificador. “Quando ocorre algum problema, geralmente é nas bobinas das cornetas, que possuem durabilidade de dois anos e, após sua vida útil, se queimam. Nunca aconteceu de se queimarem todas as bobinas simultaneamente, e essas quando se queimam são compradas em Belo Horizonte, a cidade mais próxima onde se encontra a peça disponível no mercado.”¹³⁷

Rotineiramente, o alto-falante não transmite missas, isso ocorre esporadicamente em ocasiões especiais, como algumas missas da Semana Santa.

Às sextas-feiras, 19hs, sábados, 19hs, e domingos 8hs, uma hora antes dos respectivos horários das celebrações religiosas, as missas, ouvem-se músicas sacras, dobrados ou marchinhas, também aos sábados de aleluia para festejar a ressurreição de Cristo, pois antigamente poucas pessoas possuíam rádio nas casas, sendo esta uma maneira de comunicar e alegrar a comunidade, que cresceu ao redor da igreja, conseqüentemente, do alto-falante e esse costume perdura até os dias de hoje.

¹³⁶ Antônio Aparecido de Oliveira, eletricitista responsável pela manutenção do alto-falante. Entrevista concedida à autora em 11 de junho de 2007.

¹³⁷ Idem.

Durante as procissões, o alto-falante também era muito usado, principalmente pelo padre, que tinha dificuldade de locomoção e ficava dentro da igreja falando ao microfone, passando indiretamente a idéia de que ele estava presente na procissão.

Deve ser destacada a respectiva seqüência dos locutores do alto-falante de Senhora de Oliveira até os dias de hoje que, sucessivamente, estiveram à frente do sistema comunicador, sendo os propagadores de informação: Padre José Justiniano Teixeira, o Técnico prático do alto-falante Geraldo Magela, o Ministro da Eucaristia José de Souza e sua esposa, a também Ministra da Eucaristia Maria de Fátima de Souza, o coroinha Wagner Elias e o Ministro da Eucaristia José Maria Vitor.¹³⁸

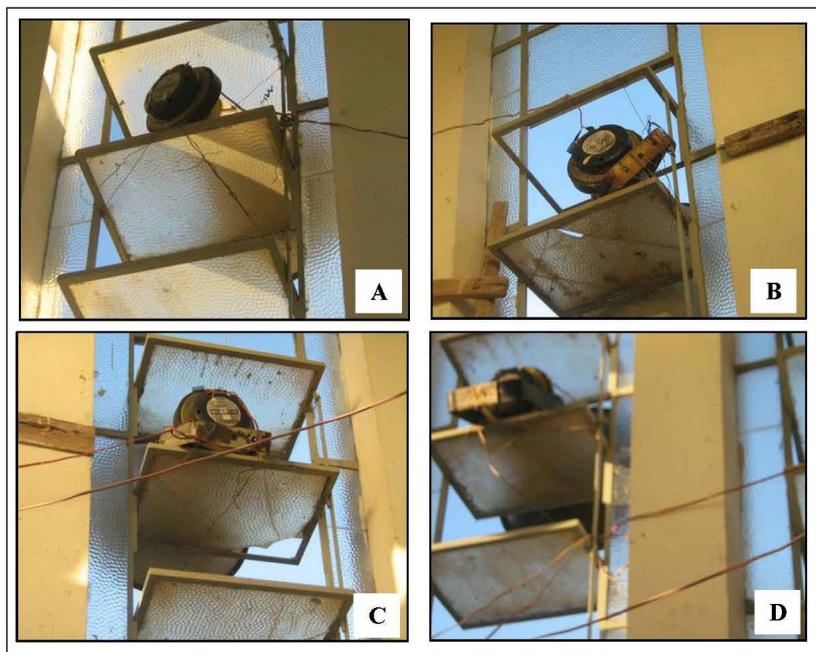


Figura 25: Vista interna da torre, em detalhe as quatro cornetas (A, B, C e D) responsáveis pela difusão do som do alto-falante

O alto-falante é um patrimônio material de representação imaterial

¹³⁸ Vera Lucia Gomes de Souza, professora. Entrevista concedida à autora em 09 de setembro de 2007.

no transporte cultural da população de Senhora de Oliveira, tendo, dessa forma, carácter de utilidade pública. Para tanto, possui relevância social podendo ser claramente observado quando a escola se utiliza do alto-falante para comunicar que irá começar o período letivo, que a Polícia Militar comunica que o delegado já se encontra na cidade, ou a Emater anuncia que haverá uma palestra, um clube de futebol comunica a realização de um bingo ou que haverá uma campanha de vacinação de gatos e cachorros. Todas estas entidades fazem parte da sociedade oliveirense, inclusive a própria igreja. E esse sistema de alto-falante é um canal de comunicação exclusivamente local que contribui de maneira significativa para o crescimento e o desenvolvimento da comunidade e, por meio dele, a população consegue ter acesso às principais informações, como observado nos relatos:

-“O alto-falante aqui é muito bom, pois muitas vezes ele fala que perdeu fulano de tal. De vez em quando perde um véio, gente de fora e avisa até isso! Objeto também perde e anuncia. Nota de falecimento sempre avisa e avisa tudo de graça.”¹³⁹

Sempre que toca a música pra ter um anúncio eu vou pra algum lugar onde dá pra ouvir melhor e percebo que as pessoas das casas próximas também param o que estão fazendo para escutar. Eu acho que pelo alto-falante a gente fica sabendo das coisas, o que se passa, o que vai acontecer. Teve um anúncio pra mim que marcou muito e eu sempre lembro, que foi quando meu pai morreu e sempre que toca a música de anúncio de morte, recordo o passado e é mesma coisa de eu estar ouvindo o anúncio do falecimento do meu pai, tudo de novo.¹⁴⁰

As mensagens então produzem um universo mítico, fantástico, pelo discurso oral, a verdade subjetiva do oliveirense. Sendo assim, as notícias do alto-falante são recursos míticos traduzidos na forma de acontecimento, demandando indagação à qual as pessoas se perguntam qual o próximo passo a tomar. No caso dos anúncios necrológicos, pergunta-se

¹³⁹ Éber do Carmo de Souza, comerciante. Entrevista à autora em 31 de janeiro de 2008.

¹⁴⁰ Mirian Cristina de Oliveira Pedro Soares, dona de casa. Entrevista concedida à autora em 31 de janeiro de 2008.

quem morreu, ou no anúncio de um bingo, onde será, para onde devem se direcionar.

4.2 O alto-falante no caminho das rádios comunitárias

O Peru é um dos países latino-americanos pioneiros no uso dos alto-falantes como emissora comunitária. No Brasil, é um dos tipos de experiências no campo do rádio comunitário que mais tem se expandido em função de seu baixo custo e devido às próprias restrições impostas pela legislação de radiodifusão, que acabam por se contrapor ao caráter aberto de ação dos movimentos populares.¹⁴¹

Nesse contexto, “é no interior das Comunidades Eclesiais de Base que se gestam no Brasil as primeiras experiências de uso de alto-falantes ou cornetas como emissora comunitária”¹⁴².

O alto-falante, observado como originário, germinador da rádio comunitária, é um importante veículo de emissão de sinais por meio de ondas eletroacústicas para uma massa, em uma telecomunicação. Comparado com a rádio, o alto-falante não possui a mesma frequência, porém a mesma repercussão, visto que em Senhora de Oliveira, os moradores possuem acesso às emissoras de cidades próximas, as quais não noticiam assuntos locais. O alto-falante propaga a informação em tempo real, que, difundida pela comunicação boca a boca, chega ao conhecimento de todos os habitantes da cidade. Diante disso, tanto o rádio quanto o alto-falante possuem características que os favorecem em relação ao alcance populacional que conseguem atingir, além de terem como elemento comum a instantaneidade, em que a emissão e a recepção acontecem simultaneamente, ou seja, a mensagem é consumida no exato momento de sua transmissão.

¹⁴¹ COGO, Denise Maria. *No ar...uma rádio comunitária*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 81-82.

¹⁴² COGO, *Ibidem*. p. 103.

“A mensagem radiofônica deve ser formulada levando em consideração as possibilidades de recepção próprias do veículo”¹⁴³ e tem como objetivo manter o ouvinte inteirado sobre diversos assuntos. Nesse aspecto informacional, consideram-se os programas de rádio de sentido noticiário e outros que tenham como objetivo transmitir diariamente conteúdos sociais de forma flexível, decorrente de uma programação com horário rotativo ou determinado e duração estipulada. Sendo assim, a linguagem radiofônica engloba uma série de elementos como o uso da voz humana, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, agindo isoladamente ou associados entre si de várias formas, em que cada um possui características próprias para a formação de um todo na mensagem, atuando diretamente no inconsciente do ouvinte, no qual o discurso oral visa ao consciente.

Os meios de comunicação de massa, em evidência os de radiodifusão, possuem uma inserção quase global nas sociedades, lidando com a informação que é imprescindível para o desenvolvimento social em todos os níveis: pessoal, grupal, nacional e global, diante da autonomia de pensamentos e convicções dos cidadãos.

Nesse aspecto, o sistema de alto-falante, segundo Juan Gargurevich, “elimina a fase do receptor, pois só amplia os sons, limitando o campo da recepção, o que difere da radiodifusão, pois esta exige que a mensagem seja recebida por meio de um receptor que decodifica os sinais e os leva a uma onda portadora. Outra diferença está no tipo de recepção individual ou coletiva, com a consequência de se poder desligar ou não o som”,¹⁴⁴ o que diz respeito à democratização da informação.

Entendemos que no quesito da democracia do alto-falante, há uma situação conflituosa, pois existe uma obrigatoriedade das pessoas em escutar toda e qualquer mensagem transmitida no veículo, uma vez que não há a opção de o ouvinte desligar o aparelho. Porém, a prestação de serviços é contínua, sem determinação de recessos ou férias, apenas com horários estipulados em respeito ao período de recolhimento

¹⁴³ FERRARETTO, Luiz Artur. *No ar Rádio: O veículo, a história e a técnica*. 2ª ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001. p. 29.

¹⁴⁴ GARGUREVICH, Juan apud GUEDES, Sandra. *Serviço de Alto-falante: a mídia da periferia*. – Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Site: www2.metodista.br/unesco/agora/PMC_Acervo_Entretanto_sandra.pdf. Disponível em: 19 abr. 2007.

dos moradores de Senhora de Oliveira. A utilidade desse veículo na cidade é inquestionável, visto que todos precisam do sistema, seja para se inteirar das notícias divulgadas, que podem ser desde uma campanha de vacinação a uma reunião, ou para exercer o papel de anunciante em perda ou extravio, em anúncios de falecimento, além de terem no alto-falante uma incorporação de suas próprias vidas, o que se resume em um reforço social, a identidade cultural da cidade. Faz-se necessário frisar que nenhum valor é cobrado pela prestação de serviço. Desta forma, o sistema de alto-falante exerce o papel de uma rádio comunitária em Senhora de Oliveira.

Atualmente, os alto-falantes são usados em sua forma tradicional no comércio no intuito de promover pequenos negócios familiares ou em simples anúncios de produtos, no uso político em épocas eleitorais para convocação de assembleias e marchas, ou no uso religioso para a difusão da palavra de Deus pela igreja.

Sua utilização como rádio popular tem como característica relevante a conversão de sistemas alternativos utilizados por organizações comunitárias e populares como veículo de informação e mobilização em prol de um bem comum, mostrando-se um meio de comunicação criativo e comprometido com o social, como é o caso do alto-falante e sua atividade em Senhora de Oliveira.

No Brasil, o alto-falante foi utilizado pela primeira vez no Rio de Janeiro durante um evento comemorativo do centenário da Independência da República em 07 de setembro de 1922, o que impressionou os participantes da festa e a partir de então se popularizou no restante do país, principalmente nas cidades de interior, onde o sistema foi implantado de forma fixa em praças públicas, em torres de igrejas ou em sede de prefeituras municipais.

Peruzzo¹⁴⁵ identifica as aplicabilidades do alto-falante frente às comunidades:

1. o alto-falante atua como um produto comunitário, administrado de forma voluntária e coletiva pelas organizações comunitárias e desenvolve uma programação

¹⁴⁵ PERUZZO, Cecília M. K apud FERNANDES, M. L.; SALVI, C. *O sistema de alto-falante como meio de comunicação em Santa Catarina*. Revista Internacional de Folkcomunicação, 2007. Vol. 10. p. 12.

- direcionada à conscientização e mobilização, como também notícia, oferece entretenimento e presta serviço de utilidade pública.
2. possui características de interesse público, mas é dirigido por uma ou duas pessoas comprometidas com o bem-estar social local, pessoas que normalmente gostam do rádio e vêm nessas emissoras um canal para exercitarem sua voz e prestarem um serviço à comunidade.
 3. é implantado por indivíduos com o objetivo de prestar serviços à comunidade visando a melhorias, embora seus interesses sejam particulares como o reconhecimento, o prestígio ou uma possível colocação em emissoras de rádio.
 4. similar ao item anterior, mas com discrepância nos interesses que são de ordem comercial, pois visam ao lucro particular pela inserção de anúncios e de patrocínio, embora atuem como um serviço de utilidade pública para a comunidade.

No caso do alto-falante em Senhora de Oliveira, os itens 1 e 2 estão totalmente adequados à realidade local.

Peruzzo relata que com o Golpe Militar de 1964, os alto-falantes ou rádios-poste, como também eram chamados, sofreram considerável declínio nos anos 80, entrando num processo de extinção, apesar de sobreviverem em alguns municípios como principal meio de comunicação local, dando origem as rádios comunitárias.

No Brasil, o rádio nasce efetivamente em 20 de abril de 1923 pelo cientista e professor Edgar Roquette Pinto e o diretor do observatório Henrique Moritze, que, em resposta às demonstrações de radiodifusão no Centenário da Independência, fundaram a Rádio Sociedade no Rio de Janeiro, alguns anos mais tarde denominada Rádio Ministério da Educação.

Nessa época, não existiam escolas para a formação dos radialistas, sendo os radioamadores os primeiros locutores, uma vez que possuíam experiência com microfones e a transmissão das programações culturais

consistia em apresentação de músicas eruditas, conferências e palestras. Nessa fase, o astro da locução era Vital Fernandes da Silva conhecido como “Nhõ-Totico” que permaneceu no ar por 30 anos apresentando dois programas ao vivo, totalmente improvisados.

Um próximo passo para a massificação do Rádio se dá em 1º de março de 1932, com o Decreto nº. 21.111, que estipula o máximo de 10% de veiculação comercial ou publicidade em toda a programação da emissora, quando surge também o elenco fixo para a inclusão de radionovelas, programas humorísticos e de auditório, numa divisão de horários programados.

A primeira emissora de rádio em Minas Gerais foi fundada em 30 de maio de 1936, em Belo Horizonte, sob o nome de Rádio Mineira, hoje fora do ar, porém existem outras emissoras espalhadas por todo o país oferecendo entretenimento, cultura e informação para o público ouvinte que tem, nesse mecanismo, um companheiro para todas as horas, sendo o dia 25 de setembro, data oficial para o Dia do Rádio.

Com o surgimento da radiodifusão sonora, fez-se necessária a mudança no uso da tecnologia disponível, em que a maior ou menor quantidade de recursos técnicos influenciaria na eficácia da emissão e entendimento das mensagens comunicacionais, podendo ganhar mais clareza no conteúdo pelo uso de recursos aprimorados para o processo sonoro. Para tanto, cada emissora desenvolve sua própria “personalidade” com o objetivo de se posicionar perante o mercado e isso se adequar às estações comunitárias de baixa potência.

A atividade radiofônica necessita ter uma relevância social e para isso precisa ser submetida total ou parcialmente ao regime jurídico de serviço público. O interesse público e social focado não diz respeito ao interesse oficial do Estado, e sim, ao interesse da sociedade, o que difere do meio comunitário, em que o povo é protagonista, participante ativo do sistema em se tratando das divulgações em favor de interesses da comunidade. O Estado participa quando esse se propõe a efetivar interesses sociais.

Para tanto, uma emissora de rádio constitui-se em uma prestadora de serviços e se caracteriza como comercial, educativa ou comunitária, em que a ausência do contato visual do receptor “leva a uma série de alternativas sonoras para a codificação da mensagem, o que resulta na base

para a recepção seja no sentido da audição como, em nível menor – por não ser o único elemento presente-, a fala é a base da transmissão”¹⁴⁶

Pensar em um sistema de alto-falante, é tratar de uma similaridade com uma Rádio Livre ou Comunitária. Essas emissoras foram primeiramente chamadas de “rádios piratas” e posteriormente “rádios livres”, numa forma política de descentralizar a propriedade dos meios comunicacionais. Atualmente são conhecidas como “rádios comunitárias”, voltadas para o cotidiano de bairros e pequenas regiões, tendo seu surgimento marcado por uma maior expressão na história brasileira na década de 80.

O assunto das rádios piratas, livres ou comunitárias é tema na imprensa desde meados de 1985, quando essas rádios entraram no ar falando muito sobre democracia e política, com a volta das eleições diretas. A partir de então, muito discutidas em casos de acidentes aéreos que teriam supostamente sido provocados pela interferência de rádios piratas nas linhas aéreas e a dificuldade da comunicação entre a torre de controle dos aeroportos e a tripulação dos aviões.

Aparentemente não há diferenças entre as nomenclaturas das transmissoras de rádio piratas, livres e comunitárias, mas elas diferem entre si, pois o termo “rádio pirata” surgiu na Inglaterra no fim da década de 50, quando barcos equipados com transmissores aportavam em terras inglesas para obter de lucro com a venda de produtos norte-americanos. No Brasil, não há relatos de implantação de rádios piratas dentro de barcos, porém prevalece o fato de que elas têm como principal fundamento a exploração comercial pela publicidade, objetivando o lucro, apenas se remetendo maciçamente, de forma pouco elaborada, ao conteúdo informacional que já é feito por rádios oficiais.

As rádios comunitárias podem ser associadas a um momento das rádios livres, pois possuem um aspecto de movimento e disseminação popular que utilizam, por sua vez, o rádio como veículo para o entretenimento e a organização social. Sendo assim, as Rádios Livres ou Comunitárias caracterizam-se por emissoras sonoras de baixa potência, que utilizam equipamentos pouco sofisticados, os quais possuem em geral, menos de 50W, com alcance bastante restrito, o que lhes proporciona

¹⁴⁶ FERRARETTO, Luiz Artur. *No ar Rádio: O veículo, a história e a técnica*. 2ª ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001. p. 26.

atingir aproximadamente um bairro de topografia razoavelmente plana. Essa particularidade da topografia também se refere ao alto-falante.

Geralmente essas rádios operam sem concessão, permissão ou autorização do Ministério das Comunicações, infringindo em primeira instância o CBT¹⁴⁷ sob o delito do artigo 70 que diz: “Constitui crime punível com a pena de detenção de 1(um) a 2(dois) anos, aumentada da metade se houver dano a terceiro, a instalação ou utilização de telecomunicações sem observância do disposto nessa lei e nos regulamentos”.¹⁴⁸

O fato de tais rádios dificilmente conseguirem obter a concessão ou permissão legal para sua divulgação, está na inadequação às exigências técnicas e financeiras para a sua delegação e objetivando a liberação das rádios livres ou comunitárias reivindicada por inúmeros movimentos relacionados com o setor das comunicações.

No Brasil, várias sentenças e até acórdãos da Justiça Federal absolveram responsáveis por rádios livres, denunciados pelo crime tipificado no art. 70 do CBT, cujos equipamentos foram apreendidos pelo DENTEL¹⁴⁹. Tais decisões baseiam-se na baixa potência dos transmissores, características de aparelhamento, ausência do intuito de lucro e programação voltada para a área cultural e informativa diretamente relacionada com a comunidade da região.

Nesse contexto, o Ministério das Comunicações já prevê a regulamentação das rádios livres, para que operem com frequência modulada num alcance de até 400 metros e frequências destinadas a interferir o menos possível nas estações comerciais.

As rádios livres ou comunitárias objetivam ser uma alternativa de programação oficial, valorizando a temática informacional e cultural em tom contestatório. Essas pequenas emissoras, em geral, possuem o reconhecimento da população local pela sua utilidade na prestação de serviços relacionados às necessidades práticas, educacionais e culturais, numa democracia sem censura e sem fins lucrativos, além da ampliação

¹⁴⁷ CBT: Código Brasileiro de Telecomunicações.

¹⁴⁸ LOPES, Vera Maria de Oliveira Nusdeo. *O Direito à Informação e as Concessões de Rádio e Televisão*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1998. p. 321.

¹⁴⁹ Departamento Nacional de Telecomunicações-DENTEL.

de expressão de um razoável número de pessoas, o que possibilita uma aproximação entre consumidor e público. Historicamente elas surgiram na Europa na década de 70, no intuito de quebrar o monopólio estatal de controle da radiodifusão. Essa influência chega ao Brasil em meados de 80.

Todo esse conteúdo se relaciona com o sistema simbólico de Senhora de Oliveira, presente no alto-falante que possui características muito próximas da realidade de comunicação das rádios comunitárias. Embora não seja utilizado para exposição de idéias, o alto-falante gera de forma implícita uma ordenação comportamental, pois perante sua importância local tudo o que é anunciado é ouvido e comentado.

Frente à viabilidade da implantação de uma rádio comunitária em Senhora de Oliveira e o atual sistema de informação por meio do alto-falante, a opinião pública dos moradores se faz presente nos relatos:

“Quando tem interesse pra mais gente, eles falam no alto-falante. Propaganda individual não falam lá não. Se vier a rádio pra cá, eu acho que o alto-falante vai perder, pois a rádio é mais completa”¹⁵⁰.

“O alto-falante sempre vai acrescentar a comunicação local, porque à rádio nem todo mundo tem acesso. Muitas vezes você não tem tempo, o rádio tem que tá ligado, então o alto-falante sempre vai ser um complemento da comunicação local”¹⁵¹.

“O alto-falante não acaba nunca não, nem que venha a rádio, pois já teve rádio e mesmo assim o pessoal prefere o alto-falante”¹⁵².

O alto-falante é de muita utilidade porque divulga avisos paroquiais, de falecimentos, de perdas e extravios, de chegada de médico, de resoluções da prefeitura e outras necessidades que surgirem. É no momento, o principal veículo de comunicação. E com a chegada de uma rádio em Senhora de Oliveira, essa passará a ser muito importante para o município, podendo ser tão importante quanto o alto-falante, pois abrangerá todo o município que terá um meio

¹⁵⁰ José de Lourdes Oliveira, aposentado. Entrevista concedida à autora 31 de janeiro de 2008.

¹⁵¹ José Julio Conde, vendedor. Entrevista concedida à autora em 31 de janeiro de 2008.

¹⁵² José Maria Vítor, locutor do alto-falante de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 02 de fevereiro de 2008.

de comunicação rápido. Porém o alto-falante não perde sua importância, pois a comunidade já está acostumada e se tirasse esse sistema a população iria contestar.¹⁵³

Podemos observar nas amostras coletadas que há pontos confrontantes sobre a importância da rádio comunitária de Senhora de Oliveira. No entanto, todos são favoráveis ao alto-falante e concordam que ele é um meio de comunicação imprescindível para a difusão da informação local, por ser parte integrante da vida cotidiana de cada ouvinte.

¹⁵³ Nelito Rodrigues Pereira, Técnico em Eletrônica. Entrevista concedida à autora em 26 de junho de 2007.

5 NO UNIVERSO DO NOTICIÁRIO

Em Senhora de Oliveira a comunicação é exercida por meio de um mecanismo tradicional, o alto-falante, que por sua vez convive com a inserção de novas tecnologias em culturas de mídia globalizadas, como internet, televisão, rádio e impressos. E é sobre esse contexto de troca de mensagens informacionais, em que há emissor, receptor e veículo comunicacional, que discorre esse capítulo.

Sendo assim, os moradores usufruem de diversos meios de comunicação numa forma compartilhada ou individual, manifestada pela escassez ou dificuldade de acesso a determinados veículos, entre eles a Internet, a Televisão, o Rádio, o Celular, Jornais e Revistas.

No sistema de alto-falante em Senhora de Oliveira, as mensagens são recebidas pelos ouvintes, moradores da cidade, interpretadas e retransmitidas numa propaganda *boca a boca*, que, para a semiótica, o ato de se comunicar é materializado por meio de pensamentos e sentimentos cujos signos são transmitidos e interpretados pelo receptor que dará um significado às mensagens, dependendo de seu caráter - necrológico, festivo, religioso ou outro. Trata-se de um sistema de ação e reação, no qual as informações são fornecidas pelo emissor, analisadas, associadas e decodificadas pelo receptor, para que possam ser fixadas na mente do ouvinte.

5.1 Programação e noticiário

Nos primórdios da história do alto-falante, em 1954, para a trilha sonora o sistema utilizava discos de vinil que tocavam em uma vitrola e neles poderiam ser ouvidas músicas de sucesso nas grandes rádios da época, como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, emissora com muita audiência. Entre os sucessos podemos destacar Dalva de Oliveira, Ângela Maria, Emilinha Borba, Nora Ney, Marlene, Francisco Alves, Orlando Silva, Cauby Peixoto entre muitos.

Alguns títulos fizeram-se presentes no alto-falante como *Vingança* de Lupicínio Rodrigues, *A Banda* de Chico Buarque, *Noite Cheia de Estrelas* de Cândido das Neves, *Fiz a cama na varanda* de Dilu Mello

e Ovídio Chaves, *Ave Maria* de Erothides Campos, *Lencinho Branco*, *Mentindo* e *Boneca cobiçada* de Biá e Bolinha, e outras dos primeiros festivais da Música Popular Brasileira. Era possível ouvir valsas de compositores brasileiros e europeus, dobrados e músicas jocosas, entre essas últimas, dois títulos foram muito tocados: *Tava na peneira* e *Peneirou Xerém*.

Por volta de 1965, Pe. José adquiriu um disco do Barnabé, que era um comediante de casos da vida cotidiana, esse era tocado com frequência marcando um novo estilo do alto-falante.

Em 1971, com as mudanças de local do sistema de alto-falante para a nova igreja matriz, aconteceram algumas modificações. A partir de então se propagavam avisos e não mais se podia oferecer músicas, pois devido ao rápido crescimento da cidade, o padre optou por cessar esse tipo de serviço, uma vez que a demanda por ele era muito grande, além de que nessa fase muitos já possuíam um aparelho de rádio.

Em se tratando da locução realizada por Geraldo Magela Lana no sistema de alto-falante, foi possível reconstruir o modelo de uma de suas mensagens propagadas pelo veículo de comunicação, por meio da oliveirense Margarida Maria Rocha. Trata-se de um modelo de anúncio necrológico que foi seguido fielmente por muitos anos, durante a locução realizada por Geraldo Lana, que dizia:

*A família de... (nome do falecido) cumpre o doloroso dever de comunicar a todos o seu falecimento ocorrido em... (data do falecimento) e convida para seu sepultamento... (dia/hora/local). O féretro sairá da sua residência para o cemitério local. Por este gesto de caridade cristã, a família enlutada antecipa agradecimentos. E após uma pequena pausa o locutor dizia: - À família enlutada, nossas condolências!*¹⁵⁴

Segundo Margarida Rocha, para notificar a população de que naquele exato momento seria divulgada uma mensagem no alto-falante ou entre as repetições dos próprios anúncios, Geraldo Lana batia a mão no microfone por duas ou três vezes. Subseqüentemente, na época da

¹⁵⁴ Margarida Rocha, funcionária pública aposentada. Entrevista concedida à autora em 22 de julho de 2007.

locução realizada por José de Souza, conhecido como Sô Dé, nos intervalos entre as mensagens, ele dizia: – *Repetindo...*e desta forma dava abertura para divulgar a mensagem novamente. Assim como muitas vezes, o próprio Pe. José assumiu o comando do alto-falante iniciando a locução com uma forma peculiar de despertar o interesse da população para o respectivo anúncio: – *Alô! Alô! Atenção!*¹⁵⁵

Atualmente, as músicas precedem as missas, numa espécie de convite à população para a cerimônia, o que acontece às sextas-feiras, sábados e domingos, quando é possível ouvir músicas cristãs ou marchinhas. Também no sábado de aleluia, o alto-falante propaga músicas que festejam a ressurreição de Cristo, e essa era uma forma utilizada anteriormente pelo Pe. José Justiniano em substituição ao aparelho de rádio numa forma de comunicar e alegrar a comunidade, e esse costume permanece até hoje.

Anúncios de falecimentos, eventos, recados, perdas e extravios, missas e propagandas comerciais ficaram como redutos insubstituíveis no cenário das projeções simbólicas.

A escola utiliza-se do alto-falante para comunicar que haverá uma reunião de pais e mestres; a Polícia Militar comunica que o delegando já está na cidade; a Emater anuncia que estão abertas as inscrições para determinado curso; um clube de futebol divulga a realização de um bingo; o posto de saúde alerta que há uma campanha de vacinação. Anúncios como esses, tornaram-se os campos da comunicação que adquiriram o poder de se enraizar no público.

Para que esses anúncios no alto-falante possam ser propagados, existem equipamentos que compõem o sistema de comunicação. São eles: uma mesa de som com oito canais de microfone; quatro amplificadores, sendo um com potência de 360 watts que é utilizado para a transmissão de som para dentro da igreja, durante as celebrações de missa; um com 1000 watts de potência para a transmissão dos anúncios do alto-falante; um de 720 watts de potência; outro com adaptação de microfone e toca-fitas, esses dois últimos não estão em uso, permanecem na reserva para substituição caso algum aparelho apresente defeitos; um aparelho de sistema automático que liga todos os equipamentos simultaneamente a partir de uma chave; um som com CD; um

¹⁵⁵ Rogério Luiz da Silva, engenheiro florestal. Entrevista concedida à autora em 01 de agosto de 2007.

toca-discos; e cinco microfones. E de acordo com Zé Maria, locutor do alto falante:

Tudo o que tem lá pro alto-falante funcionar tá bom, né? Quando o som era o outro aparelho, o antigo era pior e esse aparelho de agora é ótimo! Tem melhor, mas aqui pra nós, se a gente for comprar fica R\$10.000,00 pra trocar, aí a gente vai por esse mesmo. O padre já fez orçamento e pediu pra ver, mas fica caro e a igreja não tem como fazer isso, né?

As músicas tocadas para alertar os moradores do início da missa na maioria das vezes são todas de CDs de propriedade do locutor. E ainda se toca disco de vinil numa espécie de abertura que antecede os anúncios. Essas músicas são denominadas de *dobrados*¹⁵⁶ e são específicas para cada tipo de mensagem. As músicas dos anúncios fúnebres, especificamente enterros e missas de sétimo dia, são parte integrante de dois discos de vinil sob os nomes de *Creio na Vida* (Figura 26) e *Missa do Coração de Jesus*, e em data anterior ao ano não havia introdução musical para esse tipo de aviso.



Figura 26: Disco musical: *Creio na Vida*

Para a trilha sonora, estão disponíveis 31 discos de vinil, que como se observa a seguir, as datas de suas respectivas gravações correspon-

¹⁵⁶ Dobrados são músicas instrumentais tocadas por bandas, sem o auxílio vocal.

dem de 1966 a 1996, evidenciando que alguns discos descritos não possuíam data de gravação e que, de acordo com José Maria, responsável pelo alto-falante e conseqüentemente pela coleção de discos, os exemplares sem data são os mais antigos.

A utilização das músicas dos discos no sistema de alto-falante obedece às categorias subseqüentes:

Músicas para casamentos (nessa categoria é preciso evidenciar que os casamentos não são propagados no alto-falante, embora as músicas possam ser aproveitadas em outra ocasião, como um anúncio de festa):

- *Serestas do meu violão, com Ângelo* (valsas e choros)
- *Eterna lembrança* das Edições Paulinas;

Músicas alegres que se destinam ao convite de celebrações de missas e festas da igreja:

- *Bem-vindo Papa João Paulo II* (marchas). Gravado em 1980.
- *Meu Cristo íntimo*. Pe. Zezinho. Gravado em 1975
- *Guitarra – Coro – Cordas*. José Paulo Soares. Gravado em 1988
- *Verdades*. Pe. Zezinho. Gravado em 1976
- *Estou pensando em Deus*. Pe. Zezinho. Gravado em 1972
- *Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil*. Nas vozes de Pe. Vítor Coelho de Almeida, Pe. Luis Ítalo Zòmpero e Pe. Wérner Antônio Ânderer
- *Consagração a Nossa Senhora Aparecida*. Gravado em 1941
- *Corpo musical da Guarda Civil do estado de São Paulo*. (dobrados)
- *Banda do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal*. Regente Tte. Luiz Paulo da Silva. Gravado em 1966
- *Marches Militaires Allemandes*. Gravado em 1974

Semana Santa (Nessa categoria, as músicas propagadas no alto-falante podem fazer desde a trilha sonora de uma encenação teatral em via pública, um chamamento de missa em data específica até um acompanhamento de procissão):

- *Música sacra da Semana Santa no Brasil*. Coral Santa Cecília do Cristo Redentor, Rio de Janeiro, RJ.
- *Bordón Tropical*. Luiz Bordon – solista de harpa paraguaia. Gravado em 1966
- *A vida de Jesus*
- *O Cristo que perdoa*. Pe. Zezinho

Anúncios necrológicos:

- *Creio na vida*. Gravado em 1983
- *Missa do coração de Jesus*. M: Waldeci Farias e L: D. Carlos A. Navarro. Gravado em 1979

Natal e ano novo (músicas utilizadas para chamamento de missa nas datas específicas):

- *Eterno natal*. Francisco Alves
- *Natal e ano novo*. Tute e vocal. Gravado em 1975

Durante a celebração da missa (Utilizado também para chamamento de missas):

- *Discos de O Domingo – Missa da Bíblia*. Paulo Sérgio Soares. Gravado em 1981

Quaresma:

- *Para que todos tenham vida*. Gravado em 1984

Campanha de fraternidade:

- *Caminhar juntos*. Gravado em 1976
- *Fraternidade e Política, “Justiça e Paz se abraçarão”*. Gravado em 1996
- *Comece em sua casa*. Gravado em 1977
- *Cantai a Virgem da Penha*.
- *A ceia do Senhor*. Gravado em 1973
- *Missa da Reconciliação*. Gravado em 1972
- *Missa “Servir”*. Gravado em 1972
- *Missa “Trabalho e Justiça para todos”*. Gravado em 1978
- *Descubra a felicidade de servir*. Gravado em 1972

O som com CD, existente na igreja há apenas cinco anos, toca apenas seis CDS para convidar os fiéis para as celebrações de missa, e esses são de propriedade do locutor:

- *Série 2 em 1: A canção e Mensagem, Oração pela Família*. Vol. 1, 2006, Canção Nova.
- *Foi assim*. Dunga, 1964, canção nova.
- *Minha benção*. Pe. Marcelo Rossi, 2007, Canção Nova.
- *Pe. Jonas*. 2007, Canção Nova.
- *Pe. Antônio Maria*. 2007, Rede Vida..

Em se tratando do mecanismo de funcionamento do sistema de alto-falante, podemos dizer que este se mantém ativo a partir do momento em que a chave de eletricidade do aparelho automático é acionada para ligar os demais equipamentos. O microfone é ligado à mesa de som e o disco ou CD é disposto no devido lugar e verificados os volumes de microfone, trilha musical, assim como o volume no amplificador. A

mesa de som tem conexão com o volume das batidas do relógio e para que não haja interferência no momento do anúncio no alto-falante, o volume do relógio é ajustado, uma vez que este toca a cada 15 minutos. Trata-se de um aperfeiçoamento na aparelhagem a fim de atingir os ouvintes com a transmissão nítida das mensagens e evitar ruídos sonoros. Verificados todos esses detalhes, o locutor está apto a divulgar qualquer anúncio.

Cada anúncio, antes de sua divulgação, é levado de forma escrita ao locutor, em pequenos pedaços de papel rascunhado, que assim transmitirá a mensagem que não possui limite de linhas, porém não deve ser muito extenso. Não há cobrança pelo serviço prestado, e o anunciante tem direito a três repetições na transmissão das mensagens pelo locutor.

A Igreja Católica de Senhora de Oliveira não recebe os pedidos de divulgação de anúncios diversos a serem divulgados no sistema de alto-falantes, apesar de os mesmos estarem localizados na torre da matriz. Quando as solicitações chegam à secretaria paroquial, elas são encaminhadas diretamente ao locutor das mensagens.¹⁵⁷

De acordo com relatos de José Maria, locutor do alto-falante, esse sistema comunicacional é um serviço de utilidade pública, cuja ordem do padre é a de que se o anúncio tiver interesse para a comunidade, mesmo que seja com fim comercial, ele pode ser divulgado gratuitamente. Se não tiver interesse para a comunidade, como um baile etc., não será divulgado. Evidenciando que nenhum anúncio tem sido cobrado.

José Maria é ministro e sacristão da igreja há oito anos, sendo responsável por serviços gerais. Também possui o cargo de funcionário público municipal como auxiliar de obras e serviços que envolve desde a limpeza urbana até a jardinagem das praças, cujo horário de trabalho vai das 7h00 às 16h00. Quanto à função de locutor, essa é exercida de forma voluntária, como relatada em entrevista com Zé Maria:

O povo começou a pedir pra eu dar os avisos, pois era o Sodé que anunciava e o Sodé já cobrou pra anunciar e

¹⁵⁷ Andréa Aparecida Gomes, secretária da Paróquia de Nossa Senhora da Oliveira. Entrevista concedida à autora em 11 de junho de 2007.

eu nunca cobre nada. Eu anunciava e o Sodé também e aí depois ele morreu e eu fiquei. Com esse padre de agora, totalmente eu que tomo conta do alto-falante, só eu que tenho acesso, nem o padre tem. Qualquer hora que o pessoal que vem atrás da gente é dado anúncio, a não ser que seja muito tarde.

Eu vejo que esse serviço é uma coisa que eu não tenho como sair fora mais, pois o pessoal vai atrás do padre e ele fala: ‘-Ah, isso é com o Zé Maria!’ E eu não tenho como negar, é o que eu sei fazer e procuro fazer o melhor. Não tenho vontade de sair também não. A gente faz porque gosta de fazer.

Tem 12 anos que eu sou ministro da igreja e mesmo se eu quiser sair o padre não deixa eu sair não, fala que eu sou o braço direito dele.

Eu vejo que o alto-falante da cidade aqui é um meio de comunicação de todo mundo. O pessoal de fora sempre perde alguma coisa e aí vai algum morador e fala pra quem perdeu, porque você não anuncia no alto-falante da igreja? O pessoal que morre, até gente de fora pede pra comunicar.

A prefeitura, independentemente da administração, autoriza que os serviços públicos do Sr. José Maria sejam exercidos nas proximidades da igreja para que possa atender às demandas do alto-falante e sinos.

As regularidades dos anúncios propagados depende da demanda de solicitações, que pode aumentar em época de festas ou férias, quando a cidade recebe visitantes. Nessas épocas, sempre ocorrem acidentes nas estradas com um maior número de mortes a serem anunciadas, também são solicitados anúncios de perdas de utensílios, como carteiras, documentos e chaves. Sendo assim, as pessoas quando têm interesse em anunciar algo, procuram o locutor em sua residência ou onde quer que ele esteja na cidade.

Muitos moradores da cidade gostariam de saber mexer com o equipamento de comunicação e trabalhar para a igreja. Sou responsável pelo alto-falante e tudo na igreja, no entanto a gente tem que dar o bom exemplo pros outros, não pode fazer coisa errada. O padre e o pessoal confiam

em mim, graças a Deus e é o valor que eu dou nisso aí! E outro dia me pediram pra eu me vestir de padre no bloco de carnaval, mas eu não aceitei não, pois a gente não pode misturar igreja com o carnaval. A igreja respeita o carnaval, mas eu sou ministro na igreja e as pessoas me respeitam por isso, o povo me considera grande por isso, no modo de falar. Muita gente fala que eu sou dono do alto-falante, dono da igreja, eu falo que não, que sou apenas uma pessoa em que o padre tem confiança. Tudo o que eu faço na igreja, faço por gostar, faço pra Deus! ¹⁵⁸.

José Maria obedece a critérios de horário próprios, de 7:00h às 19:00h, para anunciar mensagens no alto-falante, abrindo exceções para casos que tenham autorização do padre, para divulgação fora do horário. Sendo que durante seu período de expediente como funcionário público municipal é possível encontrá-lo na limpeza urbana nas praças próximas à igreja e conseqüentemente ao alto-falante, e após esse horário na própria igreja, caso haja missa ou em sua residência.

Geralmente não se anuncia depois das 19:00h para não incomodar os moradores próximos do alto-falante. Até o relógio da igreja passa a parar de tocar a partir das 23:00h até as 5:00h. ¹⁵⁹

Não há férias para o alto-falante e nem para locutor, pois além de o José Maria abrir e fechar a igreja, cuidar dos afazeres religiosos, som e etc., por não ter quem saiba mexer no sistema de alto-falante, ele é o único responsável por ele, e ele mesmo relata que até precisaria haver outra pessoa para ajudar, pois por esse motivo fica muito preso, mas diz também que se muita gente manipular o equipamento, poderia danificá-lo. Há apenas um ajudante da igreja que auxilia na divulgação de algum anúncio na ausência do locutor, porém ele também não conhece bem o funcionamento do equipamento e nem dispõe da chave do local, dentro da igreja, onde ela se encontra e conseqüentemente, onde os anúncios são divulgados, o que é claramente relatado por Zé Maria em entrevista concedida no dia 02 de fevereiro de 2008:

Eu já pedi pro padre arrumar alguém de confiança pra

¹⁵⁸ José Maria Vítor, funcionário público – locutor do alto-falante. Entrevista concedida à autora em 11 de junho de 2007.

¹⁵⁹ Idem.

eu ensinar, pois a gente tá ficando velho e tem hora que aperta. A gente deixa de fazer coisa pessoal pra estar lá. E quem for aprender, não aprende da noite pro dia, é difícil de aprender. Se eu preciso faltar, eu coloco outro no lugar, mas a gente vê que faz falta, né? Se o trabalho fica bom eu não sei não. No alto-falante a gente entende tudo lá, um defeito, um microfone que dá defeito e às vezes eu até levo um meu até consertar o outro. Eu sei mexer em tudo!

O alto-falante faz parte da minha vida, a gente está envelhecendo, eu espero ensinar pra alguém pra não ter a gente sozinho. Uma pessoa que tenha boa vontade de aprender.

Sinceramente, eu tenho medo de achar um substituto que não faça direito o que eu faço no alto-falante, da altura da gente, assim.

Eu tenho medo de um dia a gente não poder mais, não agüentar e quem for assumir o lugar da gente não ser igual à gente. Eu tenho cuidado lá, mesmo como se fosse meu. A gente conhece mais o aparelho, sabe os macetes, tudo! A gente se acostumou tanto com os avisos que não tem jeito de errar não!

Nesse aspecto há de se entender que a prestação do serviço de locução do alto-falante oferece prestígio e um certo grau de importância na comunidade em que se insere. O locutor demonstra orgulho no exercício da tarefa.

5.2 A linguagem das notícias

Iniciamos esse subcapítulo com uma fala do Sr. José Maria, locutor do alto-falante, em entrevista concedida no dia 02 de fevereiro de 2008:

Quando é uma pessoa que morre, eu falo Atenção! Tipo assim, uma comparação: -Fulano de tal comunica o falecimento e convida parentes e amigos para o sepultamento

tantas horas. E às vezes tem um aviso de ensaio de crianças, aí fala: -Atenção! As catequistas convidam todos os catequizandos para o ensaio tantas horas.

Quando os outros locutores avisavam, o Geraldo Lana, por exemplo, era diferente, mas modernizou a fala e ficou melhor pro povo, o povo entende mais. A gente fala que alguma coisa é às 16 horas e logo em seguida fala quatro horas, porque tem gente que nem sabe, né?

Durante o período de trinta e um dias, correspondentes do dia 15 de junho de 2007 a 15 de julho do mesmo ano, os anúncios propagados pelo sistema de alto-falante foram minuciosamente analisados. Essa data foi escolhida para análise por obedecer a dois períodos distintos na cidade: um que antecipa as férias, um quando a cidade está em seu curso normal e outro durante o período de férias e festas regionais, momento em que a cidade recebe um grande número de visitantes. Nesse ciclo de análise, observou-se que as mensagens são lidas da mesma forma que são entregues ao locutor, em pedaços rascunhados de papel, salvo as vezes em que ele próprio as escreve conforme solicitações ou faz as alterações gramaticais necessárias de acordo com o seu julgamento, que é de divulgar uma informação de forma clara e padronizada para a recepção das mensagens pelo ouvinte, de modo a proporcionar um melhor discernimento do anunciado.

Agrupamos as mensagens conforme o que foi divulgado durante o mês analisado e classificamos em Necrológicas, Saúde Pública, Perdas ou Extravios, Religiosos, Educação, Comerciais, Instituições Públicas, Festivos e Esportivos.

Análise das mensagens transmitidas pelo alto-falante de Senhora de Oliveira no período de 15 de junho a 15 de julho de 2007.

Os respectivos anúncios a seguir foram transcritos conforme anotações originais.

15 de junho de 2007

07:15- Perdas ou Extravios

Atenção, Luiz Inácio Albano, filho de Sebastião Querosene perdeu um documento e pede quem o encontrou deixar na loja do Só Dé.

12:35- Necrológico, falecimento

Antônio de Maria Isabel (Santana) comunica o falecimento de seu cunhado Rosalino, e convida para o sepultamento amanhã às 8 horas em Piranga.

17:35- Necrológico, missa de 7º dia

A família de Francisco Nogueira Milagres, Chico do Dão, convida a todos para a missa de sétimo dia, amanhã, às 7:00 horas.

17:38- Festivo (comercial)

Os funcionários da escola Municipal “Martinho José Magalhães” em Prudentes convidam a todos para uma animada quadrilha, com barracas, danças e muita alegria.

Será neste sábado dia 16/06/07, às 14h00min h. Para os interessados haverá um ônibus saindo da Praça São Sebastião às 13h00min h. Contamos com a presença de todos.

17:40- Festivo (comercial)

A Direção, funcionários e alunos da E.E. “Quinzinho Inácio” convida todos para a Festa Junina que será realizada neste sábado, dia 16/06/07, na quadra poliesportiva, a partir das 20:00 h.

Haverá danças, casamento caipira, quadrilha, forró e os deliciosos quitutes juninos.

18:20- Saúde Pública (campanha de vacinação)

Atenção, haverá campanha de vacina para menores de 5 anos amanhã a partir das 8 horas até as 16 horas no posto de saúde.

16 de junho de 2007

8:50- Festivo (repetição)

Os funcionários da escola Municipal “Martinho José Magalhães” em Prudentes convidam a todos para uma animada quadrilha, com barracas, danças e muita alegria.

Será neste sábado dia 16/06/07, às 14h00min h. Para os interessados haverá um ônibus saindo da Praça São Sebastião às 13h00min h. Contamos com a presença de todos.

8:54- Festivo (repetição)

A Direção, funcionários e alunos da E.E. “Quinzinho Inácio” convida todos para a Festa Junina que será realizada neste sábado, dia 16/06/07, na quadra poliesportiva, a partir das 20:00 h.

Haverá danças, casamento caipira, quadrilha, forró e os deliciosos quitutes juninos.

20 de junho de 2007

12:20- Religioso

Atenção, as catequistas da comunidade Nossa Senhora das Graças convida todos os catequizandos para um ensaio hoje as 3 horas.

12:25- Religioso (posse de um bispo)

Atenção, avisamos a todos que queiram ir a Mariana, ainda tem algumas vagas.

22 de junho de 2007

12:50- Festivo (comercial)

Atenção, Carminha do Restalrante São Judas avisa a todos que amanhã apartir das 20 horas haverá uma fogueira de São João.

15:40- Utilidade Pública (saneamento básico)

O SAAE informa que por motivo de manutenção no registro da Estação de Tratamento Poderá faltar água no final da tarde.

24 de junho de 2007

16:10- Necrológico (falecimento)

Atenção, a família de Antônio Bernadino conhecido como Antônio de Duquinha, comunica o seu falecimento.

O seu velório esta sendo feito na comunidade de Ribeirão.

O horário do sepultamento ainda não foi marcado.

25 de junho de 2007

7:29- Necrológico (falecimento)

Atenção, A família de Antônio Bernadino conhecido como Antônio de Duquinha comunica o seu falecimento e convida parentes e amigos para o seu sepultamento hoje, saindo de Ribeirão as 13 horas.

9:50- Saúde Pública

Atenção, a coordenadora da pastoral da criança avisa a todos que hoje as 2 horas haverá pesagem das crianças.

14:25- Religioso

Atenção, o coordenador de grupo de reflexão da Comunidade Limeira convida para o plenário hoje as 19 horas na Capela Nossa Senhora Aparecida.

27 de junho de 2007

13:00- Religioso

Atenção, o ECC (encontro de casais com Cristo) convida a todos para um ensaio hoje as 19 horas aqui na matriz.

28 de junho de 2007

17:30- Esportivo

17ª Corrida Rústica de Senhora de Oliveira – MG

Data: 30/06/2007- Sábado

Percurso: 5.400 Mts

Largada: Pires – 16:00 horas

Chegada: Parque De Eventos

Premiação dos vencedores;

Municipais

1º Lugar: 1 Troféu e 50,00

2º Lugar: 1 Troféu e 30,00

3º Lugar: 1 Troféu e 20,00

Regionais

1º Lugar: 1 Troféu e 50,00

2º Lugar: 1 Troféu

3º Lugar: 1 Troféu

Do 4º ao último colocado: Medalhas

Organizador: Nono Nogueira

Condução para os atletas em frente a Prefeitura às 15 horas- 3 da tarde.

Inscrições à partir das 14 horas

29 de junho de 2007

9:15- Esportivo (repetição)

17ª Corrida Rústica de Senhora de Oliveira – MG

Data: 30/06/2007- Sábado

Percurso: 5.400 Mts

Largada: Pires – 16:00 horas

Chegada: Parque De Eventos

Premiação dos vencedores;

Municipais

1º Lugar: 1 Troféu e 50,00

2º Lugar: 1 Troféu e 30,00

3º Lugar: 1 Troféu e 20,00

Regionais

1º Lugar: 1 Troféu e 50,00

2º Lugar: 1 Troféu

3º Lugar: 1 Troféu

Do 4º ao último colocado: Medalhas

Organizador: Nono Nogueira

Condução para os atletas em frente a Prefeitura às 15 horas- 3 da tarde.

Inscrições à partir das 14 horas

01 de julho de 2007

18:30- Necrológico (falecimento)

A família de Ademar Júlio dos Santos comunica o seu falecimento e convida parentes e amigos para o sepultamento amanhã às 10h.

O corpo está sendo velado em sua residência. A família antecipa agradecimentos.

02 de julho de 2007

7:15- Saúde Pública (Campanha de vacinação)

“Campanha de Vacinação 2007”

Senhora de Oliveira

Triviral (SARAMPO, RUBÉOLA E CACHUMBA)

(Para todas as pessoas de 5 a 49 anos)

<i>Data</i>	<i>Horário</i>	<i>Local</i>
<i>03 de Julho – Terça-feira</i>	<i>08:00 ÀS 9:00</i>	<i>Escola Municipal – Graminha</i>
<i>03 de Julho – Terça-feira</i>	<i>10:00 ÀS 11:00</i>	<i>Capela – Aranhas</i>

<i>04 de Julho – Quarta-feira</i>	<i>08:00 ÀS 9:00</i>	<i>Escola Municipal – Córrego da Bárbara</i>
<i>04 de Julho – Quarta-feira</i>	<i>10:00 ÀS 11:00</i>	<i>Escola Municipal – Casinha</i>
<i>05 de Julho-Quinta-feira</i>	<i>08:00 ÀS 11:00 e 12:00 ÀS 16:00</i>	<i>Posto de Saúde de Prudentes</i>
<i>02 A 06 de Julho – Segunda a Sexta-feira</i>	<i>07:00 ÀS 11:00</i>	<i>Posto de Saúde de Santana</i>
<i>06 A 13 de Julho – Sexta a Sexta-feira</i>	<i>07:00 ÀS 11:00 e 12:00 ÀS 16:00</i>	<i>Centro de Saúde de Sra. de Oliveira</i>

“FAVOR LEVAR O CARTÃO DE VACINAS”

03 de julho de 2007

14:10- Saúde Pública - Campanha de vacinação (repetição)

“Campanha de Vacinação 2007”

Senhora de Oliveira

Triviral (SARAMPO, RUBÉOLA E CACHUMBA)

(Para todas as pessoas de 5 a 49 anos)

<i>Data</i>	<i>Horário</i>	<i>Local</i>
<i>03 de Julho – Terça-feira</i>	<i>08:00 ÀS 9:00</i>	<i>Escola Municipal – Graminha</i>
<i>03 de Julho – Terça-feira</i>	<i>10:00 ÀS 11:00</i>	<i>Capela – Aranhas</i>
<i>04 de Julho – Quarta-feira</i>	<i>08:00 ÀS 9:00</i>	<i>Escola Municipal – Córrego da Bárbara</i>
<i>04 de Julho – Quarta-feira</i>	<i>10:00 ÀS 11:00</i>	<i>Escola Municipal – Casinha</i>
<i>05 de Julho – Quinta-feira</i>	<i>08:00 ÀS 11:00 e 12:00 ÀS 16:00</i>	<i>Posto de Saúde de Prudentes</i>
<i>02 A 06 de Julho – Segunda a Sexta-feira</i>	<i>07:00 ÀS 11:00</i>	<i>Posto de Saúde de Santana</i>
<i>06 A 13 de Julho – Sexta a Sexta-feira</i>	<i>07:00 ÀS 11:00 e 12:00 ÀS 16:00</i>	<i>Centro de Saúde de Sra. de Oliveira</i>

“FAVOR LEVAR O CARTÃO DE VACINAS”

04 de julho de 2007

10:30- Perdas ou Extravios

Atenção. João Celina perdeu um chaveiro com varias chaves; e pede quem a encontrou favor entregar na loja do So Dé.

06 de julho de 2007

13:16- Necrológico (missa de 7º dia)

Atenção, a família de Ademar Júlio do Santo convida a todos para missa de 7º dia em sufrágio a sua alma.

13:20- Religioso

Atenção, convidamos a todos para a hora santa hoje as 19 horas, principalmente o apostolado da oração e a irmandade do santíssimo.

13:25- Saúde Pública - Campanha de vacinação (repetição)

“Campanha de Vacinação 2007”

Senhora de Oliveira

Triviral (SARAMPO, RUBÉOLA E CACHUMBA)

(Para todas as pessoas de 5 a 49 anos)

<i>Data</i>	<i>Horário</i>	<i>Local</i>
<i>03 de Julho – Terça-feira</i>	<i>08:00 ÀS 9:00</i>	<i>Escola Municipal – Graminha</i>
<i>03 de Julho – Terça-feira</i>	<i>10:00 ÀS 11:00</i>	<i>Capela – Aranhas</i>
<i>04 de Julho – Quarta-feira</i>	<i>08:00 ÀS 9:00</i>	<i>Escola Municipal – Córrego da Bárbara</i>
<i>04 de Julho – Quarta-feira</i>	<i>10:00 ÀS 11:00</i>	<i>Escola Municipal – Casinha</i>
<i>05 de Julho – Quinta-feira</i>	<i>08:00 ÀS 11:00 e 12:00 ÀS 16:00</i>	<i>Posto de Saúde de Prudentes</i>

02 A 06 de Julho – Segunda a Sexta-feira 07:00 ÀS 11:00 Posto de Saúde de Santana
06 A 13 de Julho – Sexta a Sexta-feira 07:00 ÀS 11:00 e 12:00 ÀS 16:00 Centro de Saúde de Sra. de Oliveira

“FAVOR LEVAR O CARTÃO DE VACINAS”

07 de julho de 2007

9:10- Educação (Convocação de reunião)

A direção da E.E. “Quinzinho Inácio” convida os pais dos alunos para um encontro na referida escola às 13:45 h neste sábado dia 07 de julho para que conheçam as ações do Plano de Intervenção Pedagógica que a escola pretende implantar e dêem sugestões para a melhoria da qualidade de ensino.

9:45- Comercial

Não percam!

Amanhã, dia 08 de julho às 10 horas na quadra da Escola Estadual Quinzinho Inácio, a Caravana do Circo Wembley.

Show com palhaço, equilibrista, bicicleta maluca, número de arame bambo e o festival de pipoca com refrigerante.

Criança até 10 anos paga 2,00

Adulto: 3,00

CARAVANA DO CIRCO WEMBLEY

09 de julho de 2007

8:10- Necrológico (falecimento)

A Escola Estadual Napoleão Reis de Lamim e a família do professor Antônio Alves Gomes comunica a todos o seu falecimento e convida a todos para o seu sepultamento hoje as 16:00 hs em Lamim.

10 de julho de 2007

8:25- Perdas ou Extravios

Atenção, foi perdido uma frente de som MP3. Quem a encontrou entregar na loja do Só Dé e será gratificado.

12:20- Necrológico (falecimento)

Atenção, a família de José Onorato comunica o seu falecimento e convida parentes e amigos para o seu sepultamento amanhã as 8 horas.

13:20- Necrológico (falecimento – retificação)

A família de José Onorato comunica o seu falecimento e convida parentes e amigos para o seu sepultamento amanhã às 10 horas.

11 de julho de 2007

15:15- Religioso

O coordenador da comunidade Limeira convida os dirigentes de pastoral; a Irmandade do Santíssimo; a Irmandade do Sagrado Coração de Jesus; e os Ministros da eucaristia; para uma reunião, hoje, às 18:30 hs, na capela Nossa Senhora Aparecida. E convida a todas as famílias para a celebração, logo após a reunião.

13 de julho de 2007

13:15- Utilidade Pública- Convocação de reunião

A diretoria do Sindicato convida a todos os associados para reunião que acontecerá amanhã, às quatorze horas no Salão da Prefeitura.

14 de julho de 2007

7:15- Necrológico (falecimento)

Atenção, a família de José de Oliveira e Souza (Dezinho do Xande) comunica o seu falecimento e convida parentes e amigos para o seu sepultamento hoje as 16 horas, 4 da tarde.

7:30- Utilidade Pública – Convocação de reunião (repetição)

A diretoria do Sindicato convida a todos os associados para reunião que acontecerá amanhã, às quatorze horas no Salão da Prefeitura.

12:25- Necrológico (falecimento – repetição)

Atenção, a família de José de Oliveira e Souza (Dezinho do Xande) comunica o seu falecimento e convida parentes e amigos para o seu sepultamento hoje as 16 horas, 4 da tarde.

Atenção, convidamos todos os ministros da eucaristia e a irmandade do Santíssimo para virem uniformizados.

13:10- Utilidade Pública- Conferência de Assistência Social

O Departamento de Assistência Social convida a todos para participarem da 1ª Conferência de Assistência Social.

Dia : 21/07/07

Horário: 8as 13:00h

Inscrições até dia 18/07/07 no Departamento de Assistência Social.

13:15- Religioso (comercial)

Comunidade de Santana convida para um leilão dia 20 após a missa.

15 de julho de 2007

9:30- Necrológico (falecimento)

A família de Doraci Nogueira Reis, comunica o seu falecimento e convida parentes e amigos para o seu sepultamento, hoje às 4 horas da tarde, em Lamim.

Total: 39 anúncios

A Figura 27 ilustra os principais tipos de anúncios transmitidos pelo alto-falante de Senhora de Oliveira no período de 15 de junho a 15 de julho de 2007. Foram 39 mensagens divulgadas pelo sistema.

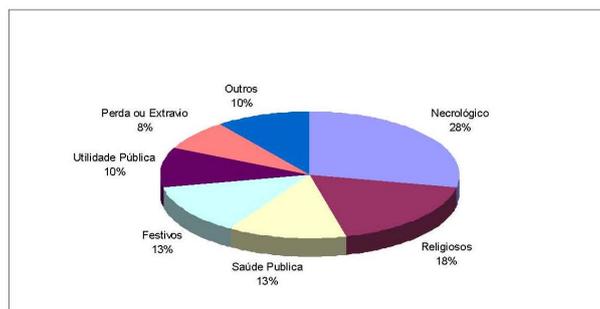


Figura 27: Classificação dos anúncios do alto-falante ocorridos no período de 15 de junho a 15 de julho de 2007

Paralelamente à classificação das mensagens, foi realizada uma análise dos horários dos anúncios, conforme apresentado na Figura 28. Como observado na Figura 30, a maior frequência dos anúncios ocorreu entre 12 e 14 horas, em subsequência os horários entre 9 e 10 h, já no horário das 11 às 12 h não houve anúncios, pois corresponde ao período de almoço do locutor.

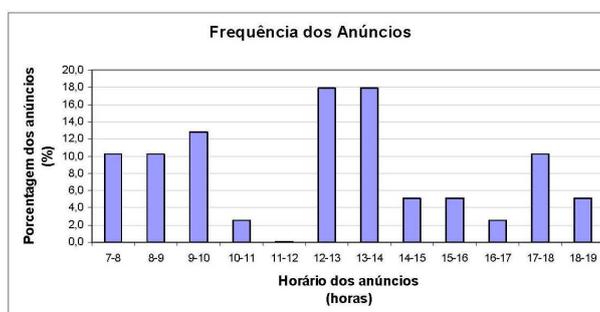


Figura 28: Frequência de ocorrência dos anúncios do alto-falante no período de 15 de junho a 15 de julho de 2007

No levantamento realizado com o locutor José Maria, foi possível estimar o número de anúncios realizados durante os anos de 2005 a 2007 (Figura 29). Foram divulgados mais de 210 anúncios necrológicos, 170 religiosos, 80 de saúde pública, 75 de utilidade pública, 70 de

perdas ou extravios, 40 festivos, 30 esportivos, 25 comerciais e 25 educacionais. Estes valores são aproximados, visto que não há um sistema de armazenamento e controle dos anúncios divulgados.



Figura 29 – Apontamento quantitativo de anúncios divulgados no serviço de alto-falante de Senhora de Oliveira no período de janeiro de 2005 a janeiro de 2007 nas diferentes categorias: N – necrológico; R – religioso; SP – Saúde pública; F – festivo; UP – utilidade pública; P – perdas ou extravios; ED – educação; C – comercial; e ES – esportivo

O gráfico mostra um número considerável de anúncios necrológicos em relação às demais categorias, como é relatado por José Maria, locutor do alto-falante, em entrevista no dia 02 de fevereiro de 2008: “A maioria é anúncio de morte e da igreja, isso aí tem sempre, tem semana que dá três a quatro anúncios por dia.”

De forma geral, a importância dos anúncios é qualitativa, o que traduz uma diversidade de experiências da coletividade, dentro de seus interesses.

5.3 Entre as vozes: a opinião local

A proposta aqui discutida, de entender o alto-falante como um recurso intrínseco de uma comunicação simbólica em um meio comunitário, projeta-se na compreensão do público inserido no contexto das representações.

Foi perguntado ao locutor do alto-falante como as pessoas se sentem perante sua prestação de serviços, qual resposta ele obtém dos ouvintes da cidade; e frente ao questionamento ele disse que “algumas pessoas elogiam os avisos, falando da voz que está boa, que está dando para entender direitinho, mas nunca reclamam. Reclamavam sim, do relógio que tocava as à noite, antes de ter o sistema automático de controle de batidas.”¹⁶⁰

Muitas vezes, as pessoas levam os anúncios escritos e outra hora apenas demonstram o interesse do que deve ser anunciado, e o locutor, devido à sua experiência, imediatamente os escreve e propaga no alto-falante. As correções gramaticais são feitas por ele próprio, que possui como escolaridade o 4º ano do ensino fundamental.

Com a expectativa de identificar a aceitabilidade das mensagens transmitidas pelo alto-falante e do próprio sistema, assim como a influência do mesmo perante as variáveis comunicacionais existentes na cidade, foram entrevistadas três famílias por região da cidade, num total de 24 famílias na área urbana, cujo som do alto-falante é abrangente. São elas: Comunidade Limeira, Nossa Senhora das Graças, Savassi e Centro (Praça Pe. José Justiniano Teixeira, Praça São Sebastião, Rua Major João Camilo, Rua Alferes José Roque, Rua Getúlio Vargas). Nas entrevistas foram perguntadas a opinião e a avaliação sobre o serviço oferecido à comunidade oliveirense.

Em resposta aos questionamentos feitos, os entrevistados relataram que o alto-falante funcionou na igreja Sagrado Coração de Jesus até o ano aproximado de 1965, mas era muito ruim, pois não tinha CEMIG na época, a energia vinha da usina e quando chovia não havia luz e nem muito menos anúncios no alto-falante. Há quem diga que, nessa época, além de tocar músicas de cantores diversos pelo sistema de propagação de som, podiam-se oferecer músicas pelo do alto-falante, o que era feito muitas vezes por rapazes galanteadores. O som propagado no sistema de comunicação hoje é nítido e antigamente, há aproximadamente dez anos, possuía ruídos, o que dificultava o discernimento.

Não há entre os entrevistados representantes de toda a população oliveirense, nenhum relato de insatisfação com o sistema de alto-falantes ou com as mensagens divulgadas. Apenas mencionaram que muitas

¹⁶⁰ José Maria Vitor, funcionário público – locutor do alto-falante. Entrevista concedida à autora em 11 de junho de 2007.

vezes a locução fica um tanto quanto incompreensível, mas pelo motivo de a informação ser repetida três vezes, alguém sempre entende o que foi transmitido e essa informação é coletada pela vizinhança ou propagada pelos principais pontos de encontros, esses mapeados pelos próprios entrevistados.

Esses locais onde a informação é difundida pelo povo, obedecem à respectiva seqüência, de acordo com freqüentabilidade, em que o principal ponto é em frente ao bar do Juliano ou do Zé Silva, na esquina da Rua São José com a Rua Getúlio Vargas, depois a praça São Sebastião, em frente à prefeitura e a praça Pe. José Justiniano Teixeira, em frente ao trailer Linho's Lanches; marcando assim um centro histórico da cidade, onde tudo acontece e os mais diversos assuntos são repassados, comentados e analisados.

Em entrevista realizada com a lavradora Cleusa de Fátima Gomes Henrique, 52 anos, moradora da Comunidade Rural do Pega-Bem, no dia 15 de julho de 2007, foi relatado que muitas vezes o som do alto-falante chega a algumas zonas rurais, propagado pelo ar. E quando alguém vai à região urbana, notifica-se dos anúncios divulgados, diretamente nos pontos de encontro mapeados anteriormente ou por algum conhecido e posteriormente os divulga na zona rural para quem ainda não está ciente da notícia.

Para avaliar a importância do serviço de alto-falante paroquial para a população de Senhora de Oliveira foi realizada uma pesquisa entre os moradores do município. As entrevistas foram feitas nos dias 15 e 16 de agosto de 2008 por meio da aplicação de um questionário (Figura 30), no qual os entrevistados respondiam espontaneamente as indagações. Estes foram abordados nas ruas do centro da cidade, mas para amostrar as diferentes áreas de abrangência do serviço do alto-falante houve a seleção dos entrevistados de acordo com a região de moradia. Deste modo, foram abordados 60 moradores, dos quais 30 residentes na zona rural (sem acesso diretamente ao som do alto-falante), 18 residentes na zona urbana (com acesso direto ao som do alto-falante) e 12 residentes na zona urbana, mas no bairro São Geraldo, onde não chega o som do alto-falante devido a sua posição geográfica.

Pesquisa quantitativa sobre a importância do Alto-falante paroquial para a população oliveirense

NOME:
IDADE:
PROFISSÃO:
ENDEREÇO:

Marque um X na opção escolhida SIM ou NÃO

1 – Você conhece o serviço do Alto-falante de Senhora de Oliveira?
 SIM
 NÃO

2- Para se interar das notícias locais da cidade, anúncios de utilidade pública, através de qual veículo de comunicação isso é possível?
 RÁDIO JORNAL REVISTA ALTO-FALANTE TV INTERNET

3 – Você ou alguém de sua família já utilizou os serviços do Alto-Falante?
 SIM
 NÃO

4 - Você considera a comunicação realizada pelo Alto-falante importante para a cidade de Senhora de Oliveira?
 SIM
 NÃO

5 – Você acredita que as mensagens transmitidas pelo Alto-Falante atingem toda a população da cidade? Por quê?
 SIM Porque?.....
 NÃO Porque?.....

6 – As informações divulgadas pelo Alto-Falante conseguem chegar às comunidades rurais? Por quê?
 SIMPorque?.....
 NÃO Porque?.....

7 – Você acredita que a transmissão de informações boca-a-boca auxilia o serviço de comunicação do Alto-Falante?
 SIM
 NÃO

8 - Para você, seria possível divulgar mensagens de utilidade pública, em Senhora de Oliveira, sem o auxílio do Alto-Falante?
 SIM
 NÃO

9 - O Alto-Falante é importante para você?
 SIM
 NÃO

10- O Alto-Falante marcou algum momento de sua vida, com um anúncio divulgado? Se SIM, qual?
 SIM
 NÃO

11- Você considera que o Alto-Falante faz parte de sua vida, de seu cotidiano?
 SIM
 NÃO

12- Você imagina Senhora de Oliveira sem o Alto-Falante para transmitir as informações?
 SIM
 NÃO

Figura 30: Questionário aplicado aos moradores do município de Senhora de Oliveira-MG nos dias 15 e 16 de agosto de 2008

O perfil dos entrevistados, o conjunto de entrevista foi formado por 24 pessoas do sexo masculino e 36 do sexo feminino, com faixa etária variando de 15 a 82 anos de idade. As ocupações dos pesquisados foram as mais diversas desde lavradores, comerciantes, balconistas, farmacêutico, açougueiro, estudantes, donas de casa, empregadas domésticas, fisioterapeuta, publicitário, policial militar, professores e aposentados. O universo amostrado caracteriza bem a população de Senhora de Oliveira e as pessoas que estavam no centro da cidade, no momento da abordagem, caracterizam-se como elementos de difusão da notícia propagada pelo alto-falante, capazes de fazer com que as informações cheguem a outras regiões do município, onde muitas vezes o som do alto-falante não é abrangente.

Os resultados das entrevistas realizadas com os moradores do município de Senhora de Oliveira são apresentado no Quadro 02. Analisando os resultados da pesquisas podemos constatar que todos os entrevistados (100%) conhecem o serviço do alto-falante, acreditam que ele é importante para cidade e todos se interam das notícias locais por meio do serviço deste veículo. Estes fatos demonstram o importante papel social desempenhado pelo serviço do alto-falante na comunidade, apesar de 22% da população entrevistada nunca ter utilizado o serviço do mesmo.

Quanto à área de abrangência do som do alto-falante, 45% não recebem diretamente as mensagens transmitidas pelo Alto-falante e atribui isto á limitações técnicas do aparelho, pois o som não consegue atingir a toda cidade, mas este é contornado pela transmissão das informações por meio do “boca-a-boca”, já que todos entrevistados (100%) afirmaram que este método de comunicação é muito utilizado entre os moradores da região. Nas comunidades rurais este problema de abrangência do som é maior ainda e a passagem das informações por meio do “boca-a-boca” é boa, mas é dificultada pela distância entre as casas, assim 58% dos entrevistados afirmaram que as mensagens transmitidas pelo alto-falante não chegam às comunidades rurais. Mesmo com estas dificuldades de propagação das mensagens, 98% dos entrevistados acreditam que não seria possível divulgar mensagens de utilidade pública, em Senhora de Oliveira, sem o auxílio do alto-falante. O interessante é que mesmo com limitações técnicas, a população acredita na eficiência do serviço do veículo, pois esta naturalmente desenvolveu

meios para aumentar a abrangência do som, seja por meio do boca-a-boca ou mesmo da fofoca, que vai repassando a mensagem para as mais diferentes regiões do município.

Quadro 02

Resposta ao questionário aplicado aos moradores do município de Senhora de Oliveira-MG nos dias 15 e 16 de agosto de 2008

Questionamento	Resposta
1 – Você conhece o serviço do Alto-falante de Senhora de Oliveira?	100% SIM
2 – Para se interar das notícias locais da cidade, anúncios de utilidade pública, através de qual veículo de comunicação isso é possível?	100% Alto-Falante
3 – Você ou alguém de sua família já utilizou os serviços do Alto-Falante?	78% SIM / 22% NÃO
4 - Você considera a comunicação realizada pelo Alto-falante importante para a cidade de Senhora de Oliveira?	100% SIM
5 – Você acredita que as mensagens transmitidas pelo Alto-Falante atingem toda a população da cidade? Por quê?	55% SIM / 45% NÃO
6 – As informações divulgadas pelo Alto-Falante conseguem chegar às comunidades rurais?	42% SIM / 58% NÃO
7 – Você acredita que a transmissão de informações boca-a-boca auxilia o serviço de comunicação do Alto-Falante?	100% SIM
8 - Para você, seria possível divulgar mensagens de utilidade pública, em Senhora de Oliveira, sem o auxílio do Alto-Falante?	2% SIM / 98% NÃO
9 - O Alto-Falante é importante para você?	100% SIM
10- O Alto-Falante marcou algum momento de sua vida, com um anúncio divulgado? Se SIM, qual?	90% SIM / 10% NÃO
11- Você considera que o Alto-Falante faz parte de sua vida, de seu cotidiano?	80% SIM / 20% NÃO
12- Você imagina Senhora de Oliveira sem o Alto-Falante para transmitir as informações?	12% SIM / 88% NÃO

O serviço do alto-falante foi considerado de importância pessoal para 100% dos entrevistados, sendo que 90% dos pesquisados afirma-

ram que em algum anúncio marcou a sua vida, principalmente com as notas de falecimento. Além disto, 80% dos entrevistados consideram que o alto-falante faz parte de sua vida, de seu cotidiano e 88% não imaginam Senhora de Oliveira sem o alto-falante para transmitir as informações. Deste modo, o alto-falante está impregnado na vida dos oliveirenses, fazendo parte do modo de vida de toda a comunidade.

De forma geral, o alto-falante paroquial desempenha papel relevante para a população oliveirense, mesmo não atingindo a todas as regiões do município. Vale ressaltar que a visão da população sobre o serviço de alto-falante é semelhante, pois as informações coletadas não sofreram alterações em se tratando da região geográfica de Senhora de Oliveira. Também ficou claro nas entrevista a proximidade da população com o serviço prestado pelo alto-falante, como se o alto-falante fizesse parte de sua vida. Deste modo, o alto-falante não é apenas um veículo de comunicação no município, ele faz parte da cultura local e se caracteriza como parte integrante da vida dos moradores.

5.4 No horizonte dos ouvintes: o sentimento local do pertencimento

O alto-falante em Senhora de Oliveira, como principal meio condutor de informação, está presente constantemente na vida dos moradores da cidade, criando um contexto simbólico e comunicacional.

O sentimento de pertencimento possui relação com a busca pela inclusão diante de processos fragmentados, o que em Senhora de Oliveira é apresentado de forma que as pessoas vejam no alto-falante mais um componente de inserção na vida da comunidade.

A construção da identidade dos moradores de Senhora de Oliveira se dá com a construção da identidade do alto-falante, pois em torno do veículo comunicacional também se constrói uma comunidade imaginada. Comunidade imaginada, no caso da cidade, é originada de pressupostos relacionados à etnia, geografia e língua local; já no alto-falante a noção possui vínculo estreito com o imaginário, com o devaneio. Desta forma, podemos situar o sentimento de pertencimento com o imaginário objetivado por cada indivíduo.

Como acontece em Senhora de Oliveira, que a cada anúncio divulgado, até o entendimento do que foi dito não se conversa, se fica atento, ligado no alto-falante... a gente ouve tudo o que é divulgado e pelas formas padronizadas das notícias também se guarda tudo, o estilo principalmente e por isso que a gente fica ligado. E sempre os anúncios são muito importantes, é muito bom pra cidade.¹⁶¹

O alto-falante estabelece uma dimensão de satisfação a cada informação transmitida que integra a vida cotidiana dos moradores e, na medida em que estabelece vínculos dos moradores com cada anúncio, faz da audição dos ouvintes uma necessidade constante.

Deixando de lado a esfera material e biológica, o alto-falante cria um fascínio no sentido de captação e expressão de diversos sentidos que saem das ondas sonoras e penetram diretamente nos corações de cada morador de Senhora de Oliveira, receptor das mensagens. Torna-se explícito um clima emotivo, capaz de ocorrer somente em situações de interação entre veículo e ouvinte.

No pensamento do percurso do alto-falante no circuito popular, é possível dizer que ele desenvolve uma trajetória composta pela informação e a criação de necessidades comunicacionais próprias da situação vivida no local. Desta forma, há uma complexidade de interesses que permeiam a cultura deste veículo de comunicação, o que inclui em seu entorno indivíduos excluídos do espaço público devido ao seu nível de alfabetização, o que é indiferente nesse sistema.

Há uma fidelidade assumida, um certo grau de intimidade estabelecida entre ouvinte e locutor/ alto-falante que se concretizam em cada informação divulgada e na espera por constantes notícias, o que cria um enraizamento, uma identidade local.

O alto-falante transmite a linguagem do oliveirense caracterizando espaços de trocas, numa relação paradoxal, pois existe a popularização do veículo para o consumo e o alto-falante por intermédio de sua linguagem popular aproxima-se ainda mais de seu público. Sendo assim, a linguagem reflete a hierarquia social, o universo das apreciações em

¹⁶¹ Rogério Luiz da Silva, engenheiro florestal. Entrevista concedida à autora em 06 de Janeiro de 2007.

relações a coisas e valores, assim como as fronteiras estáticas entre as coisas e os fenômenos na realidade da comunidade local.

Cada uma das mensagens propagadas pelo sistema de alto-falante em Senhora de Oliveira obedece a uma linguagem específica no intuito de despertar a atenção do ouvinte e imediatamente situá-lo para o tipo de anúncio a ser transmitido. Adiante mostraremos a que se propõem as categorias das mensagens que pesquisamos como componentes significativos no sistema informacional.

5.4.1 Anúncios necrológicos

Alguém morreu é exatamente o que as pessoas exclamam cada vez que o alto-falante propaga músicas tristes dos discos *Creio na Vida e Missa do Coração de Jesus*, como chamariz aos anúncios necrológicos. Com o sentimento doloso pela perda da família, seja ela qual for, cada ouvinte se mantém atento para o anúncio do nome do falecido, para o qual a família oliveirense convida para o sepultamento ou missa de sétimo dia. Posteriormente ao anúncio, surgem as dúvidas com relação à causa da morte e essas são rapidamente esclarecidas nas rodas de conversa da cidade.

Os anúncios denominados necrológicos são aqueles que noticiam falecimentos ou missas de sétimo dia (Figura 31). O referido anúncio divulgado por meio do alto-falante no dia 10 de julho de 2007 às 12h20min, como transcrito de acordo com anotações originais, assim como os demais a seguir, exemplifica a categoria:

Atenção, a família de José Onorato comunica o seu falecimento e convida parentes e amigos para o seu sepultamento amanhã às 8 horas.



Figura 31: Propagação do anúncio necrológico: A – locutor fazendo anúncio no alto-falante; B – ouvinte na janela; C – encomendação da alma na igreja; e D – cortejo fúnebre

Após o anúncio no alto-falante, familiares, amigos e curiosos, moradores da cidade, se direcionam à residência da família do falecido com o objetivo de prestar condolências, oferecer ajuda ou simplesmente

saber maiores detalhes sobre a causa da morte, assim como as condições sentimentais da família para a propagação boca a boca nas rodas de conversa.

As condolências ou sentimentos de compaixão com a dor da família são prestadas pelos moradores diante de um abraço forte seguido ou não da frase: – *Meus sentimentos!* Também apresentam-se as condolências permanecendo junto ao local até a chegada do corpo no local e na presença do corpo até seu sepultamento, horas seguidas, em pé ou sentado, conversando ou se mantendo calado. Mesmo quieto em algum canto, o morador precisa se mostrar presente para demonstrar solidariedade nesse momento de dor, em que a comunidade se faz unida.

A ajuda muitas vezes não é solicitada pela família, devido às suas condições psicológicas naquele momento. A comunidade se prontifica mobilizando-se e providenciando imediatamente após o anúncio tudo o que é necessário para esse tipo de acontecimento.

Quando o anúncio transmitido no alto-falante diz apenas que alguém faleceu e não informa o horário do sepultamento, entende-se que o corpo ainda não está no local e nesse caso, algum morador sempre se apresenta aos familiares e oferece ajuda para procurar o padre, marcar a hora do sepultamento e posteriormente localizar o locutor do alto-falante e solicitar novamente um anúncio que informará a hora do enterro. Também outros moradores se prontificam levando de suas casas garrafas de café, biscoitos e pães para que possam ser servidos às pessoas que comparecem ao velório. Há sempre algum voluntário na cozinha da casa que se mantém lavando copos, fazendo mais café, mantendo a ordem para atender à demanda de visitantes na casa. Outros moradores atentos ficam o tempo todo procurando saber em que podem ajudar, ou observando se há algo a se fazer sem perguntar aos familiares.

Já os curiosos se notificam de todas as informações correspondentes ao falecimento e às condições familiares, mantendo-se na residência da família do falecido por determinado momento e posteriormente encarregando-se de propagar a notícia enquanto ainda é novidade, criando assim um elo de popularidade própria como propagador para com outros interessados no assunto, contribuindo assim para uma maior repercussão do principal comunicacional da cidade, o alto-falante.

Durante o velório, nota-se que a cidade se mantém em clima fúne-

bre, e os comentários em qualquer localização urbana sempre se referem ao falecimento em algum momento.

Quando o corpo sai da residência da família em direção à igreja para a missa de corpo presente, a qual precede o sepultamento, os sinos paroquiais tocam badaladas tristes durante o cortejo.

O cortejo, por sua vez, é realizado em procissão, em que os moradores (mesmo quem não estava na residência) vão entrando na fila e acompanhando cada momento. A procissão é composta por pessoas uniformizadas do apostolado de oração da igreja católica, se o falecido for pertencente, ou alguém da família, ou se assim for desejado; e da mesma forma acontece com os clubes de futebol local ou banda de música, se solicitado. Há sempre pessoas solidárias que carregam o caixão em meio ao cortejo, assim como as que carregam as coroas de flores e a cruz em frente à procissão e também pessoas que fazem orações com seus terços, em união às outras, formando assim uma corrente.

Durante o trajeto à igreja ou ao cemitério, enquanto batem os sinos, observa-se que as portas das lojas são fechadas em sinal de respeito aos familiares e à situação fúnebre em si.

Já dentro da igreja, os sinos cessam suas badalações, e o padre inicia o ritual de encomendação da alma, sendo celebrada uma missa, e o corpo é bento com água benta. Feito isso é dada a hora do sepultamento, quando novamente o cortejo sai às ruas em direção ao cemitério, onde familiares e amigos dão seu último “adeus” ao falecido e os curiosos se debruçam no caixão ou em cima de túmulos no intuito de ver o corpo e suas condições físicas. Evidencia-se nesse caso que após a inauguração do velório, em 2007, poucas famílias optam pela novidade, pois o costume local é o retratado acima.

Após sete dias, novamente a família solicita o anúncio no alto-falante para o convite para a missa de sétimo dia do falecido, quando quem não pôde estar presente no sepultamento mostra assim sua solidariedade e compaixão na celebração religiosa.

Transcrições como essas mostram que a cultura inserida em Senhora de Oliveira é parte integrante do sistema de alto-falante e vem comprovar a teoria de que esse veículo é o principal condutor da informação local, que propicia a identidade cultural da comunidade a que pertence.

5.4.2 Anúncios festivos

Os anúncios festivos oferecem eventos diversos com caráter comercial ou não, podendo ser desde quadrilhas escolares a festas religiosas ou eventos independentes como uma fogueira de São João na rua, assim como mostra a mensagem propagada no dia 15 de junho de 2007 às 17h38min (Figura 32):

Os funcionários da escola Municipal “Martinho José Magalhães” em Prudentes convidam a todos para uma animada quadrilha, com barracas, danças e muita alegria.

Será neste sábado dia 16/06/07, às 14h00min h. Para os interessados haverá um ônibus saindo da Praça São Sebastião às 13h00min h. Contamos com a presença de todos.



Figura 32: Propagação de anúncio Festivo: A – mensagem no momento da transmissão pelo alto-falante; B e C – população reunida para prestigiar a festividade

Deve-se evidenciar que, no gênero festivo, muitas vezes os anúncios adquirem um caráter comercial não explicitado, pois na maioria das vezes as festas possuem o objetivo de arrecadação de fundos.

O alto-falante não notícia as festas sazonais, aquelas pertencentes ao costume local, com datas fixas, pois essas já são do conhecimento geral da comunidade, não havendo necessidade de divulgar a informação e sempre que se aproximam as datas desse tipo de festejo, a cidade inteira já espera e se prepara para o evento.

No caráter festivo, podemos incluir os bingos, os leilões, as festas juninas e suas diversas quadrilhas em datas diferentes etc.

Pela escassez de programas de lazer em datas fora das sazonalidades, é que festas como essas são divulgadas, visto que possuem a característica de interesse público. Qualquer evento festivo, seja ele para arrecadação de fundos ou não, torna-se uma verdadeira fonte de entretenimento e interação para os moradores de Senhora de Oliveira. Nesse aspecto, todos esses anúncios são feitos com antecedência à data para que haja uma propagação da informação, até que possa se expandir aos moradores da zona rural, para que esses também participem. E muitas vezes, quando é chegada a data do evento, o locutor repete o anúncio, seja por solicitação do anunciante ou por ele mesmo julgar necessário.

5.4.3 Anúncios de saúde pública

Os anúncios de saúde pública referem-se a assuntos concernentes à saúde da população, como campanhas de prevenção e tratamento de doenças e como a mensagem propagada no dia 25 de junho de 2007 às 9h50min (Figura 33):

Atenção, a coordenadora da pastoral da criança avisa a todos que hoje as 2 horas haverá pesagem das crianças.

A importância dos anúncios de saúde pública em Senhora de Oliveira se atribui ao fato da inexistência de meios de saúde privada, visto que a divulgação de informações desse caráter através do alto-falante constitui uma forma de campanha de prevenção e tratamento de doenças, de interesse geral da população local.

Desta forma, a eficiência do alto-falante na categoria Saúde Pública é motivo de êxito, visto que a cada anúncio as pessoas automaticamente se deslocam para a Unidade Básica de Saúde no intuito de requererem seus direitos diante do que foi divulgado.



Figura 33: Propagação de anúncio de saúde pública: A – mensagem no papel para ser lida pelo locutor e propagada pelo alto-falante; B – ouvinte na janela; C – ouvinte retransmitindo a mensagem anunciada a um interessado; e D – moradores se direcionando ao centro de saúde para a pesagem infantil

5.4.4 Anúncios de utilidade pública

Os anúncios de Utilidade pública são todos aqueles advindos dos órgãos existentes no município, como prefeitura municipal, SAAE, sindicatos e outros, como se observa no informativo do dia 13 de julho de 2007 às 13h15min (Figura 34):

A diretoria do Sindicato convida a todos os associados para reunião que acontecerá amanhã, às quatorze horas no Salão da Prefeitura.



Figura 34: Propagação de anúncio de Utilidade Pública: A – locutor fazendo anúncio no alto-falante; B – ouvinte recebendo a mensagem e comentando-a; e C – população interessada na respectiva reunião sindical

A importância dos anúncios de utilidade pública se dá pelo motivo da inexistência de meios de comunicação dos órgãos oficiais de Senhora de Oliveira. E visto que não faz parte da cultura local o hábito de leitura, além do analfabetismo existente em uma parcela da população, os boletins informativos não exercem tanta influência, capaz de suprir a necessidade da divulgação em sua total abrangência. Outro motivo é a velocidade da divulgação do anúncio, oferecido pelo alto-falante, perante a urgência da propagação da informação e conseqüentemente o retorno do ouvinte e a solução do problema. Desta forma, o alto-falante

atua na categoria de utilidade pública partindo do pressuposto de que a informação é divulgada e a população notificada, o que mostra um caráter oficial como um edital de publicação.

Devido ao interesse geral da população oliveirense, os anúncios de utilidade pública são recebidos pelos ouvintes em tempo hábil, a ponto de notificar uma reunião, a falta de água em determinado horário, um curso gratuito que será oferecido, enfim, isso retrata a eficiência do alto-falante.

O caráter de convocação pública assim como a transparência na questão pública são observados também em uma reunião à qual só não vai quem não quiser, pois não faltou convite com o anúncio do alto-falante.

5.4.5 Anúncios escolares

Os anúncios de educação comunicam alterações no calendário letivo, convocações de reuniões, matrículas, entre outros, como mostra a mensagem referente ao dia 07 de julho de 2007 às 9h10min (Figura 35):

A direção da E.E."Quinzinho Inácio" convida os pais dos alunos para um encontro na referida escola às 13:45 h neste sábado dia 07 de julho para que conheçam as ações do Plano de Intervenção Pedagógica que a escola pretende implantar e dêem sugestões para a melhoria da qualidade de ensino.

Os anúncios educacionais são oriundos das respectivas diretorias escolares e são importantes no contexto oliveirense, visto que no município existem apenas escolas públicas, da prefeitura e do estado.

A função da escola se estende não só ao papel educacional e de formação do cidadão, mas também à interação de escola comunidade, no esporte, pois a única quadra poliesportiva pertence à Escola Estadual Quinzinho Inácio, por sua vez aberta ao público. Também há biblioteca para utilização popular, tanto na rede municipal quanto estadual.

A escola estadual foi utilizada por muitos anos para festas de carnaval, casamentos e shows, de forma gratuita. Hoje a direção cobra uma taxa de aluguel do espaço para despesas de limpeza e energia elétrica.

Na população oliveirense, o índice de analfabetismo é baixo, pois as pessoas residentes - 10 anos ou mais de idade - sem instrução e menos de 1 ano de estudo no município, correspondem a apenas 488 habitantes, de acordo com o IBGE, censo demográfico 2000, assim como foram matriculados 1.080 alunos no ensino fundamental em 2006, conforme dados do IBGE, Estatísticas do Registro Civil de 2006. Além disso, o Governo federal oferece bolsa escola que também incentiva a diminuição do analfabetismo e o município disponibiliza o transporte de alunos da zona rural para a escola.



Figura 35: Propagação de anúncio Escolar: A – locutor fazendo anúncio no alto-falante; B – ouvintes escutando a mensagem; e C – Pais e alunos comparecem à reunião anunciada pelo alto-falante

A eficiência do alto-falante nesse aspecto educacional se faz presente a cada anúncio, podendo ser observada na propagação da informação divulgada pelo alto-falante, pela da boca do povo e o subsequente direcionamento comportamental dos moradores, público alvo de cada mensagem.

5.4.6 Anúncios esportivos

Os anúncios esportivos têm o intuito de promover eventos como corridas, cavalgadas, caminhadas e outros do gênero com premiações ou não, assim como o anúncio referente ao dia 28 de junho de 2007 às 17h30min (Figura 36):

17ª Corrida Rústica de Senhora de Oliveira – MG

Data: 30/06/2007- Sábado

Percurso: 5.400 Mts

Largada: Pires – 16:00 horas

Chegada: Parque De Eventos

Premiação dos vencedores;

Municipais

1º Lugar: 1 Troféu e 50,00

2º Lugar: 1 Troféu e 30,00

3º Lugar: 1 Troféu e 20,00

Do 4º ao último colocado: Medalhas

Regionais

1º Lugar: 1 Troféu e 50,00

2º Lugar: 1 Troféu

3º Lugar: 1 Troféu

Organizador: Nono Nogueira

Condução para os atletas em frente a Prefeitura às 15 horas – 3 da tarde.

Inscrições à partir das 14 horas



Figura 36: Propagação de anúncio Esportivo: A – mensagem no momento de sua transmissão pelo alto-falante; B e C – Chegada e premiação da corrida rústica

Alguns anúncios como o anterior, devido à sua extensão, podem confundir, tornarem-se de difícil compreensão ou até mesmo dispersar o ouvinte. Da mesma forma acontece com a seqüência de anúncios que, apesar das músicas que intercalam cada categoria de mensagem, as decorrentes correm o risco de ser confundidas com repetições da primeira informação divulgada.

A importância dos anúncios esportivos em Senhora de Oliveira se dá pela escassez de programas de lazer. Para tanto existem quatorze clubes de futebol local, cada um com três times, com jogadores de ambos os sexos, adultos e crianças, denominados: Oito de Dezembro, Sete de Setembro, Ideal, Batata Roxa, Canela Roxa, Quinze de Novembro, Ribeirão, Graminha, Santana, Casinha, Córrego da Bárbara, Quilombo e Pega Bem. Todos esses clubes exibem grande tradição, com rivalidade entre os times e profundo sentimento de pertencimento dos torcedores.

A corrida rústica constitui também uma tradição local. Os demais esportes integram-se esporadicamente na sociedade.

A eficiência do alto-falante nesse aspecto esportivo se faz presente na resposta a cada anúncio, quando as inscrições são efetuadas para uma corrida rústica, ou um campeonato ciclístico, quando se observa o campo de futebol repleto de torcedores e visitantes, ou em uma cavalgada em que se pode notar um número considerável de participantes. Fatos concretos baseados na ação do alto-falante e na reação do ouvinte traduzem a importância, a relevância social e a eficácia do veículo propagador da informação no município de Senhora de Oliveira.

5.4.7 Anúncios comerciais

Os anúncios comerciais obedecem à natureza de utilidade pública quando a propaganda é de interesse social ou lazer, assim como segue a divulgação feita também no dia 07 de julho às 9h45min (Figura 37):

Não percam!

Amanhã, dia 08 de julho às 10 horas na quadra da Escola Estadual Quinzinho Inácio, a Caravana do Circo Wembley.

Show com palhaço, equilibrista, bicicleta maluca, número de arame bambo e o festival de pipoca com refrigerante.

Criança até 10 anos paga 2,00

Adulto: 3,00

CARAVANA DO CIRCO WEMBLEY

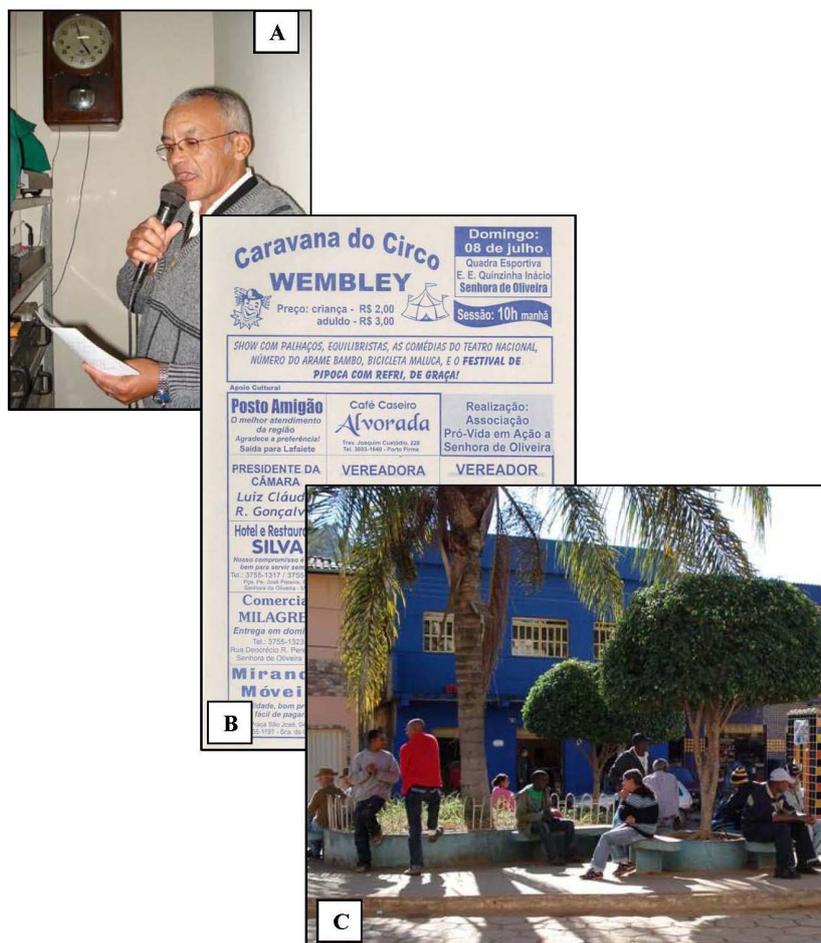


Figura 37: Propagação de anúncio Comercial: A – locutor fazendo anúncio no alto-falante; B – panfletagem distribuída como propaganda de apoio; C – população ouvindo a mensagem transmitida pelo veículo de comunicação em questão e comentando-a

Como a região dispõe de poucos atrativos de lazer, acontecimentos inéditos são divulgados, mesmo que com fins lucrativos. Desta forma, quando há algum anúncio comercial que atraia o interesse público, como um viajante que chega à cidade se propondo a consertar geladeiras, relógios, ou a chegada de um medidor de terra, etc, coisas que não exis-

tem na cidade, esses acontecimentos passam a ser de interesse público, adquirindo o mérito de anúncio.

A eficiência do alto-falante nesse aspecto comercial funciona devido à demanda e à inexistência de prestação de serviços no município, que, a partir de um anúncio de caráter publicitário, atinge o conhecimento geral da população, o que estimula uma procura quase instantânea dos moradores pelo anunciante.

5.4.8 Anúncios de perdas ou extravios

Os anúncios de perdas ou extravios servem para tentar localizar utensílios, documentos e até o desaparecimento pessoas e animais, como mostra a divulgação referente ao dia 15 de junho de 2007 às 07h15min (Figura 38):

Atenção, Luiz Inácio Albano, filho de Sebastião Querosene perdeu um documento e pede quem o encontrou deixar na loja do Só Dé.



Figura 38: Propagação de anúncio de Perdas e Extravios: A – mensagem no momento de sua transmissão pelo alto-falante; B e C – entrega do documento perdido na loja do Sodé; e D – anunciante satisfeito após ter seu documento encontrado com a divulgação feita pelo alto-falante

Em Senhora de Oliveira, não há agência de achados e perdidos, e a população se mantém solidária na busca pelos elementos desaparecidos, o que ocorre com certa assiduidade.

De acordo com Rogério Luiz da Silva, “já houve anúncio de vaca que se perdeu no pasto e até dinheiro que foi perdido e devolvido, pois não há ocorrências de furto na cidade, assim como há discriminação de tal ato”.

A eficiência do alto-falante nesse aspecto de anúncios de perdas ou extravios é observada no momento do anúncio quando cada morador se

pergunta quem perdeu e tenta ajudar de alguma forma, assim como o retorno de objetos perdidos aos seus respectivos proprietários.

5.4.9 Anúncios religiosos

Os anúncios religiosos divulgam informações pertinentes à igreja católica, como missas, encontros promovidos pela pastoral, ensaios e eventos. Esse gênero é bem exemplificado no anúncio propagado dia 20 de junho de 2007 às 12h20min (Figura 39):

Atenção, as catequistas da comunidade Nossa Senhora das Graças convida todos os catequizandos para um ensaio hoje às 3 horas.

A importância dos anúncios religiosos se dá pelo motivo de grande parte da população oliveirense ser católica e desta forma a igreja tem grande influência comportamental local.

As festas e o lazer em Senhora de Oliveira, em sua maioria, são de caráter religioso, com rituais católicos tornando-se eventos festivos e se constituindo em forma de entretenimento. Esse entretenimento pode ser caracterizado por eventos mais simples como ir à missa, participar de uma procissão, uma confissão comunitária, ou uma adoração a determinado santo.

A eficiência do alto-falante nesse aspecto religioso se dá pelo motivo de o alto-falante estar localizado na torre da igreja, o que é de se esperar que se divulgue anúncios de caráter religioso, além do que o sistema foi concebido com o intuito de divulgar assuntos pertinentes à igreja e aos fiéis.



Figura 39: Propagação de anúncio Religioso: A – locutor posicionando o disco no aparelho a fim de despertar o ouvinte para a transmissão de mensagem no alto-falante; B – receptor comentando a propagação; e C – catequizandos no respectivo ensaio de catequese

6 O ESPAÇO DE ORALIDADE NO MEIO REGIONAL: A PRESENÇA DO SERVIÇO RADIOFÔNICO DO ALTO-FALANTE

Senhora de Oliveira faz divisa com os municípios de Brás Pires, Cipotânea, Lamim, Piranga, Presidente Bernardes e Rio Espera, formando com eles a microrregião deste estudo. Todas estas cidades apresentam a mesma origem histórica, com forte ligação ao ciclo da mineração, pois é ponto de intercessão entre o rio Xopotó e o rio Piranga, os quais são formadores do rio Doce e foram explorados pelos mineradores em busca de pedras preciosas e ouro. Esta microrregião está localizada entre as cidades de Conselheiro Lafaiete, Ubá, Viçosa e Barbacena, que exercem o papel de cidades-pólo, recebendo a mão-de-obra local e parte da economia. Essas cidades apresentam-se como importante elemento no desenvolvimento urbano de cada um dos pequenos municípios, visto que oferecem profissionalização técnica e superior, um maior capital de giro econômico e conseqüentemente maior demanda no mercado de trabalho.

A Figura 40 retrata os limites territoriais diante da realidade geográfica de Senhora de Oliveira, bem como o acesso às cidades-pólo.

Por possuírem um número populacional bastante elevado em comparação às cidades confrontantes com o município de Senhora de Oliveira, as cidades-pólo Conselheiro Lafaiete, Viçosa, Ubá e Barbacena, integram mais de 70.000 habitantes, muitas indústrias, economia e política mais desenvolvida, fatores que demandam uma comunicação mais abrangente, capaz de suprir a necessidade local de eficácia da informação, assim como sua divulgação em tempo real. Para tanto, estão inseridos em seus contextos todos os veículos de comunicação capazes de efetuar a difusão da mensagem em tempo hábil para uma grande massa. São rádios privadas e comunitárias, emissoras de tv locais, impressos diversos, dentre eles jornais e revistas, sites e blogs de internet, mídias externas como outdoor, busdoor, back light, front light e outros, enfim, tudo que seja capaz de transmitir a mensagem ao público alvo.

Senhora de Oliveira está localizada a 168 km de Belo Horizonte, a capital do estado de Minas Gerais, que constitui um pólo de segunda ordem no contexto da microrregião em estudo, pois em primeira instância



Figura 40: Localização do município de Senhora de Oliveira – MG, diante das cidades limítrofes e as principais cidades-pólo

tanto os moradores oliveirenses quanto os de suas fronteiras recorrem às cidades que possuem localização mais acessível e se mostram capazes de atender às suas necessidades.

Com o intuito de identificar o funcionamento do sistema comunicacional presente em cada uma das cidades confrontantes com o município de Senhora de Oliveira, assim como o desenvolvimento de um elo comparativo com o meio informativo apresentado em nosso foco de estudo, houve a abordagem de questionamentos sobre comunicação

e o social de cada região. Para isso, foram entrevistados os atuais moradores das cidades em questão e seus naturais que por diversos motivos vieram a residir em Senhora de Oliveira, mas que possuem vínculos com as suas origens, tal como mantêm frequência presencial nessas cidades.

6.1 Contexto da oralidade na esfera social

Senhora de Oliveira e os municípios limítrofes de Brás Pires, Cipotânea, Lamim, Piranga, Presidente Bernardes e Rio Espera estão engajados em uma tradição oral, baseada em acontecimentos como parte do cotidiano, na esfera social.

Essas cidades apresentam no meio comunitário um sistema simbólico de comunicação em comum, o alto-falante.

Diante da contextualização, o alto-falante cria um pólo de valores que se fundamentam na oralidade e compreensão do universo de noticiários e ouvintes e é construído pelo sistema comunicacional frente à manifestação coletiva, à realidade local.

6.2 Brás Pires

Historicamente, por volta de 1734, o descendente de portugueses Brás Pires Farinho teria fixado residência em região habitada pelos índios carijós e assim contribuía para a formação da antiga freguesia de Guara-piranga, no entorno da capela de sua fazenda, posteriormente elevada à categoria de distrito em 1850. Em 1953, foi nomeado município de Brás Pires, situado a uma distância de 20 km de Senhora de Oliveira, ocupando uma área de 222,64 km², com 4592 habitantes. Sua economia é basicamente voltada para a agricultura e a pecuária, destacando-se o plantio de batata inglesa e cana-de-açúcar, assim como a criação de galináceos e bovinos.

Para compreender os aspectos da movimentação da comunicação local do município de Brás Pires, foi entrevistada Miramar Aparecida Magalhães Costa Quintão, que relata:

Lá em Brás Pires, o alto-falante fala alto e fala tudo, menos anúncio comercial. Anuncia palestra, morte, festa, reunião, negócio de saúde. Tudo sem cobrar. Não tem rádio lá, a que pega é de Presidente Bernardes. E o alto-falante é o único meio que existe de comunicar o pessoal. É a mesma coisa que o alto-falante de Senhora de Oliveira, só que em Senhora de Oliveira não pega em toda a cidade, no centro, e lá pega em tudo, de menos na zona rural.

Há de se observar a similaridade no histórico do município de Brás Pires, em sua base econômica e número populacional para que seja estabelecido um elo justificativo de sua comunicação local e a subsequente comparação com a comunicação presente em Senhora de Oliveira, que por sua vez é exercida da mesma forma que em Brás Pires, sendo em ambas um forte elemento representante da realidade sociocultural local.

6.3 Cipotânea

Cipotânea possui origens oriundas da instalação de desbravadores portugueses em 7 de agosto de 1711. Elevada à categoria de município em 1953, tem como uma das principais fontes de renda local a agropecuária e a produção artesanal em palha de milho, que por sua vez se constitui em um dos maiores acontecimentos de divulgação institucional, a Festa do Milho. Cipotânea conta com 6539 habitantes distribuídos numa área de 153,61 km² e com a comunicação local baseada na oralidade, como conta a dona de casa Aparecida Souza Silva:

Lá em Cipotânea, tem um alto-falante que anuncia tudo que é de interesse do povo, morte, recado da prefeitura, da igreja, mas também tem uma rádio comunitária. Os dois andam juntos, a rádio não tira a força do alto-falante. Ambos noticiam a região. Em Cipotânea, o que tem de melhor são as festas, pois vai até artista famoso.

A emancipação dos municípios de Cipotânea e Senhora de Oliveira ocorreu em 1953, assim como o desenvolvimento urbano a partir da

habitação de desbravadores portugueses no século XVIII. Este fato explicita a similaridade na atual conjuntura dos municípios em termos de economia e distribuição populacional perante a área geográfica, assim como o êxito do sistema de comunicação local manifestado pela eficácia do alto-falante, que em ambas as cidades desempenha o mesmo papel.

6.4 Lamim

O município de Lamim, emancipado em dezembro de 1962, surgiu de um povoado constituído por desbravadores à procura de ouro, em 1710. Dentre esses, José Pires Lamim recebeu homenagens póstumas com a nomeação da localidade, pois foi responsável pela edificação da primeira capela na região, a qual teria desenvolvido a cidade em seu entorno. Lamim possui território geográfico equivalente a 118,47 km², com uma população de 3546 habitantes e economia baseada principalmente na agropecuária, com destaque para o milho e a cana-de-açúcar. Lamim faz fronteira com Senhora de Oliveira a oeste do município, numa distância equivalente a 16 km.

No intuito de compreender a cultura laminense, seus hábitos e tradições retratados pela comunicação local, foi entrevistada a cabeleireira Margarida Nogueira Miranda Gomes, a qual enfatiza que reside em Senhora de Oliveira desde 1998 e se mudou destinada ao trabalho, pois acredita que neste município há mais mercado profissional. Para ela, “o alto-falante em Lamim é igual ao de Senhora de Oliveira, pois exerce as mesmas funções, além de também estar localizado na torre da igreja católica, tudo igual! Em Lamim, quando tinha rádio, era muito importante para o noticiário dos acontecimentos, mas ela era pirata e aí acabou, tiraram do ar”.

As características peculiares entre as cidades de Senhora de Oliveira e Lamim refletem a proximidade dos municípios, o que estimulou a implantação e o funcionamento do alto-falante paroquial como principal veículo de comunicação, responsável pela difusão da informação local, tornando-se elemento imprescindível na caracterização histórico-cultural do município.

6.5 Piranga

Do município de Piranga, emancipado em 1868, foram desmembrados vários outros municípios, dentre eles Senhora de Oliveira e seus limítrofes. Atualmente ocupa uma área de 659,15 km² e está a 20 km de Senhora de Oliveira.. Tem sua economia baseada na agricultura, milho, feijão e na pecuária, destacando-se também a criação de galináceos, suínos e bovinos. Piranga, como as demais cidades analisadas, também tem em sua origem nos bandeirantes na região, dentre eles João de Siqueira Afonso, que, em busca de ouro e de pedras preciosas, contribuiu para a formação urbana atual, que conta com 17.208 habitantes.

Diante do espaço geográfico ocupado pelo município e de sua população, Piranga apresenta um sistema de comunicação um pouco diferenciado em relação a Senhora de Oliveira, visto que o município dispõe de uma rádio AM, um alto-falante paroquial, jornais e impressos locais que auxiliam na divulgação da informação.

Para Luiz Márcio Silva Souza, cabeleireiro e professor, morador de Piranga:

Em sua cidade o alto-falante deveria ser um veículo de utilidade pública, embora não funcione desta maneira, exceto pelo interesse de uma minoria, uma vez que a comunidade necessita de informação que gere benefício para ela própria. Por sua vez, o pároco seleciona as informações e só ele determina o que pode ser falado no alto-falante e o que não pode. Se anuncia a vinda de um oculista, porque não anunciar a divulgação de filmes em benefício de universitários? Os universitários divulgam a cultura fazendo mostras gratuitas e pessoas com poucos recursos financeiros teriam condições de assistir a um filme num telão e isso deveria ser divulgado e não foi permitido. Isso aconteceu, é real.

Existe uma rádio privada em Piranga que atinge zona urbana e rural em sua abrangência, com seus programas muito bem dirigidos pelos seus redatores, pelos quais toda a comunidade piranguense fica informada e tem uma enorme chance de participar ou até mesmo interagir de modo pro-

veitoso nessas informações. Isso é observado no programa do sindicato, da igreja e as informações que o poder público tem a oportunidade de oferecer como notícia ao povo sobre as medidas e políticas públicas feitas por ele. Embora todos os anúncios feitos na rádio sejam de um preço alto, nem todas as pessoas têm condições de colocar anúncios.

Apesar de a rádio ter uma enorme abrangência e uma maior diversidade das informações divulgadas, deveria haver um modo de conciliação entre proprietário e anunciantes para que a rádio possa ser mais valorizada, assim a população se sentirá mais satisfeita e comprometida com os benefícios dela para a comunidade, que por sua vez retrata o povo piranguense que luta por seus ideais, um povo comprometido com crescimento de nossa cidade.

Sendo Piranga um lugar maravilhoso, que eu adoro morar lá, com pessoas inteligentes, simples, acolhedoras, uma cidade e povo que me ajudaram a crescer muito!

Aqui em Senhora de Oliveira, o alto-falante é o principal meio de difusão da informação e isso nem se discute.

Assim como o relato do professor e cabeleireiro Luiz Marcio, Julio César Bernardes afirma que:

Em Piranga a Rádio Difusora é um veículo particular com efeito amplo e o alto-falante é paroquial, da igreja católica, com ação limitada. E mesmo com o passar dos anos, apesar de a rádio ter uma maior abrangência, pois pega em toda a zona rural, e o povo gosta muito e comenta tudo o que é dito no ar, o alto-falante está na igreja desde o início da história da cidade, nunca deixou de existir e de exercer seu papel e nem vai deixar, pois o povo procura o alto-falante pra dar notícias e também presta atenção em tudo o que é dito por ele. A rádio também está presente há bastante tempo, mais de quinze anos, já faz parte da cultura do piranguense e dá suporte na comunicação toda do local, transmitindo assuntos diversos e, por se encadear com a Rádio Itatiaia de Belo Horizonte, transmite jogos de fute-

bol que a maioria da população não consegue ver, então ouve pela rádio.

Diante de tais fatos, observa-se que a existência do veículo de rádio em Piranga passou a ser o reforço do perfil sociológico de conduta dos habitantes locais, que sobrevivem no mesmo espaço geográfico que o alto-falante, o qual atua de forma isolada prestando o papel de propagação da informação local, seja de caráter selecionado ou não. E mesmo com a inserção de veículos de comunicação de massa no município de Piranga, a população percebe a importância do sistema de alto-falante como difusor de mensagens e bem cultural. Vale ressaltar que o alto-falante, por sua vez, é muito mais que um veículo de comunicação, é parte integrante da história da comunidade, assim como das tradições piranguenses.

6.6 Presidente Bernardes

Presidente Bernardes desenvolveu-se a partir da chegada de bandeirantes no município de Piranga, que, em exploração aurífera, ultrapassaram o território piranguense até chegar a um sítio denominado pelos índios por Calambau, onde posteriormente seria edificada uma capela dedicada a Santo Antônio de Calambau e, desta forma o povoado cresceu em seu entorno, mas ainda anexado ao município de Piranga. Em 1953, o povoado foi emancipado com a denominação de Presidente Bernardes, conhecido também como Calambau. Atualmente, ocupa uma área de 236,7 km², com 5699 habitantes, com economia baseada na agricultura e pecuária, destacando-se a produção artesanal de cachaça em pequenos alambiques, o que identifica a cidade em toda a região como a cidade da Festa da Cachaça.

Em termos de comunicação local, quem fala sobre o município de Presidente Bernardes é Geraldo Soares Quintão, conhecido em sua cidade como Tobias Quintão. Para ele, “toda cidade vizinha é igual a Senhora de Oliveira. Em Calambau, existe uma rádio comunitária com nome de Rádio União. A rádio e o alto-falante lá andam juntos sempre. O alto-falante é antigo e nós não deixamos acabar não. O alto-falante de lá tem uma falhazinha que a gente não escuta direito, a aparelhagem

é boa, mas aqui em Senhora de Oliveira, acho que escuta melhor. Lá o alto-falante mostra quem a gente é”.

Para Miramar Aparecida Magalhães, natural de Brás Pires, “entre Brás Pires, Senhora de Oliveira e Presidente Bernardes, o melhor é Presidente Bernardes, pois lá, além do alto-falante, também tem a rádio que pega em outros lugares e também passa notícia de Brás Pires, como jogo de futebol... É só ligar na rádio e pedir que eles anunciam e de graça, fora anúncio publicitário que aí paga”.

A partir dos dados comparativos relatados pelos entrevistados, observamos que Senhora de Oliveira, Brás Pires e Presidente Bernardes mantêm em seu contexto social um sistema comunicacional efetuado diante do veículo alto-falante, apresentado com as mesmas especificações, funções e relevância para a comunidade local.

Para Miramar Aparecida Magalhães, natural de Brás Pires, mas casada com um bernardense, “entre Brás Pires, Senhora de Oliveira e Presidente Bernardes, o melhor é Presidente Bernardes, pois lá, além do alto-falante, também tem a rádio que pega em outros lugares e também passa notícia de Brás Pires, como jogo de futebol... É só ligar na rádio e pedir que eles anunciam de graça, fora anúncio publicitário que aí paga”.

A partir dos dados comparativos relatados pelos entrevistados, observamos que Senhora de Oliveira e Presidente Bernardes mantêm em seu contexto social um sistema comunicacional efetuado diante do veículo alto-falante, apresentado com as mesmas especificações, funções e relevância para a comunidade local.

6.7 Rio Espera

A cidade de Rio Espera tem sua história marcada pela exploração aurífera dos bandeirantes paulistas. Em 1710, o bandeirante Manoel de Melo instalou-se na região na cobiça pelo ouro, porém, frustrado, construiu uma fazenda e dedicou-se à agricultura. Em suas terras, cresceu o povoado de Espera, onde em 1765 seria edificada a capela de Nossa Senhora da Piedade, em terreno doado por Mateus Pereira da Ponte. Espera foi elevada a freguesia em 1850 sob a denominação de Nossa

Senhora da Piedade da Boa Esperança. Em 1911, o município de Rio Espera foi desmembrado de Piranga com denominação definitiva de Rio Espera. Atualmente, o município corresponde a um território de 239,03 km², com 6594 habitantes e economia baseada na agropecuária.

Representante do município de Rio Espera, a cabeleleira Lúcia Assis Pontes conta que reside há sete anos em Senhora de Oliveira e se mudou de sua cidade pois se casou com um oliveirense, mas toda a sua família reside em Rio Espera, e ela sempre retorna à sua origem. Comenta que:

O alto-falante lá funciona mais ou menos a mesma coisa que em Senhora de oliveira, pois também atua como principal meio de comunicar, com o auxílio da boca do povo, é o meio de transmitir a informação local e também é o espelho da sociedade de Rio Espera. Pra mim, a única diferença com Senhora de Oliveira, é que lá ainda não tem asfalto, está em obra e isso atrapalha muito.

Em entrevista a José Fortunato de Paiva, lavrador aposentado, este deixa claro a importância do serviço de alto-falante na comunidade de Rio Espera, chamada por ele simplesmente de Espera: “aqui na Espera o alto-falante é uma das melhores coisas, pois aqui já teve muita coisa, mas já acabou tudo, aqui já foi comarca de juiz, tinha bons médicos e advogados, até presídio tinha aqui, com mais de 35 soldados para vigiar os presos, até isto foi embora”.

O município de Rio Espera, assim como Senhora de Oliveira, mantém na voz popular um importante elemento propagador das mensagens divulgadas no alto-falante. Desta forma, o sistema de comunicação local estabelece um elo de afinidade com a vida particular de cada morador, pela oralidade e pelo sentimento de indagação de cada anúncio no veículo, assim como pelo estabelecimento de costumes e tradições que identificam a cultura local.

Apesar de Piranga e Rio Espera serem cidades mais velhas em relação às cidades confrontantes com Senhora de Oliveira, todas apresentam o mesmo perfil socioeconômico, com o alto-falante desempenhando o mesmo papel cultural das demais cidades da microrregião. Além disto, o alto-falante exerce um certo fascínio na população, sendo

retratado como uma das referências para as comunidades, principalmente, considerando o processo de desenvolvimento que ocorreu em toda a região.

CONCLUSÃO

Este estudo, ao refletir a identidade cultural dos habitantes da cidade de Senhora de Oliveira, revela uma situação de tradição e de concepção de vida fundamentada na oralidade, no meio comunitário regido por um sistema simbólico de comunicação, o alto-falante. Este veículo retrata-se no patrimônio histórico e cultural da cidade e perdura há décadas em seu estilo quase original.

Frente à modernização, outros recursos comunicacionais, como internet, televisão, rádio, jornais, revistas, boletins informativos e principalmente a boca do povo, convivem com o alto-falante. Apesar de impor ao ouvinte a condição de passivo, o ambiente de oralidade descrito tem a característica peculiar de auxílio no desenvolvimento e na organização social. Ele serve às necessidades da comunidade local sem distinção socio-econômica, de escolaridade ou etnia, produzindo um contexto de compartilhamento no universo sociocultural.

O conteúdo das notícias abrange os recursos intrínsecos da própria vida da comunidade. São noticiários necrológicos, festivos, de saúde pública, de utilidade pública, escolares, esportivos, comerciais, de perdas ou extravios e religiosos. Esses itens indicam um repertório de temas significativos do sistema comunicacional no reinado da oralidade, do simbólico e da cultura. Nesse aspecto, observamos que o controle das informações divulgadas pelo veículo ocorre de forma natural por parte do locutor e da própria comunidade que absorveu o alto-falante como patrimônio público. Embora não haja evidências claras da influência da igreja católica, a qual sedia o aparato de comunicação, percebe-se um controle sutil na orientação da seleção das mensagens de interesse comunitário e a mesma não exerce influência direta ou censura sobre qualquer mensagem a ser propagada.

O alto-falante em Senhora de Oliveira, como principal meio condutor de informação, está presente constantemente na vida dos moradores da cidade, criando um contexto simbólico e comunicacional. O sentimento de pertencimento possui relação com a busca pela inclusão diante de processos fragmentados, o que em Senhora de Oliveira é apresentado de forma que as pessoas vejam no alto-falante mais um componente de inserção na vida da comunidade. O alto-falante permite o reforço da

identidade cultural dos moradores, pois em torno do veículo comunicacional também se constrói uma comunidade no plano do real por meio dos valores simbólicos que unem as vidas das pessoas nesse local.

Todas as cidades que formam a microrregião deste estudo, onde está inserido o município de Senhora de Oliveira, apresentam a mesma origem histórica, com forte ligação ao ciclo da mineração. Esta microrregião apresenta no meio comunitário um sistema simbólico de comunicação em comum, o alto-falante.

O alto-falante se coloca além do título de principal veículo de comunicação local, desempenhando no município um serviço social, propiciando a identidade cultural local, suas tradições e costumes inseridos no cotidiano, compreendidos no universo do noticiário e do ouvinte.

Por fim, o sistema de alto-falante é uma modalidade de linguagem radiofônica, uma forma de mídia sonora, embora mais autoritária do que as demais, pois geralmente tem ouvintes compulsórios, que não podem mudar de estação ou abaixar o volume. No entanto, os oliveirenses gostam do sistema e não desejam identificar outro veículo mais eficaz na região, pois este se mostra de uma forma engajada na própria condição de vida desses moradores. Sobretudo, para os oliveirenses, seguir a tradição local, significa colocar em ordem a vida no seu empenho de ser uma coletividade.

FONTES

Adalberto Zacarias Lourenço e Paulo Antônio Portilho Coelho; as duas únicas pessoas físicas que atuam diretamente com a instalação das antenas parabólicas na cidade de Senhora de Oliveira. Entrevistas concedidas à autora em 05 de abril de 2007.

Agostinho de Lourdes Coimbra, Cônego, ex-pároco de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 05 de fevereiro de 2008.

Andréa Aparecida Gomes, Secretária da Paróquia de Nossa Senhora da Oliveira. Entrevista concedida à autora em 11 de junho de 2007.

Antônio Aparecido de Oliveira, eletricitista responsável pela manutenção do alto-falante. Entrevista concedida à autora em 11 de junho de 2007.

Antônio de Souza, comerciante. Entrevista concedida à autora em 11 de junho de 2007.

Aparecida Souza Silva, dona de casa. Entrevista concedida à autora em 31 de janeiro de 2008.

Arquivo impresso do setor de cultura da prefeitura municipal de Senhora de Oliveira. Dados coletados em 15 de Fevereiro de 2007.

Claudiney Fajardo Rodrigues, funcionário da Empresa dos Correios de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 14 de fevereiro e 17 de abril de 2007.

Cláusula Terceira do Convênio entre o Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior- SECTES e a Associação Comunitária da Comunidade de Aranhas. Documento fornecido por José Benigno Rodrigues Silva, presidente da ACCA em 17 de junho de 2007.

Cleusa de Fátima Gomes Henrique, lavradora, moradora da Comunidade Rural do Pega-Bem. Entrevista concedida à autora em 15 de julho de 2007.

Corjesu Veloso de oliveira, maestro da Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição. Entrevista concedida à autora em 30 de janeiro de 2008.

Éber do Carmo de Souza, comerciante. Entrevista concedida à autora em 31 de janeiro de 2008.

Emater de Senhora de Oliveira. Dados coletados em 03 de abril de 2007.

Elaine Aparecida de Paiva Maria do Carmo Fernandes; agente comunitária de saúde da UBS de Senhora de Oliveira, responsável pelo atendimento das Comunidades Rurais de Quilombo, Caeté, Vargem, Macuco, Vista Alegre, Almas, Retiro 1, Retiro 2 e Floresta. Entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2007.

Evely Lopes Milagres, secretária e recepcionista da Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 22 de junho de 2007.

Formulário padronizado de características técnicas do projeto técnico do Ministério das Telecomunicações, Secretaria de Serviços de Comunicação Eletrônica – Departamento de Outorga de Serviços; cedido por José Benigno Rodrigues Silva, presidente da Associação Comunitária da Comunidade de Aranhas em 27 de junho de 2007.

Garcez Boaventura Silva e família. Entrevista concedida à autora em 18 de junho de 2007.

Geraldo Caetano de Paiva, dançarino da banda de congado Marujos de Santa Efigênia. Entrevista concedida à autora em 29 de janeiro de 2008.

Geraldo Soares Quintão, aposentado. Entrevista concedida à autora em 31 de janeiro de 2008.

Geraldo Volusiano Milagres Veloso, oficial de administração do setor de pessoal da Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 20 de março de 2008.

GUEDES, Sandra. Serviço de Alto-falante: a mídia da periferia (a difusão da cultura nas veredas do comércio, política e religião) – UMESP. Site: www2.metodista.br/unesco/agora/PMC_Acervo_Entretanto_sandra.pdf. Disponível em: 19 abr. 2007.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados retirados no Posto de Coleta em 03 de julho de 2007.

João Camilo de Souza e família. Entrevista concedida à autora em 18 de junho de 2007.

Joaquim Dias da Silva, proprietário da Fazenda Santo Antônio da Boa Sorte. Entrevista concedida à autora em 29 de janeiro de 2008.

José Agostinho de Paula, tesoureiro da banda congo Marujos. Entrevista concedida à autora em 20 de março de 2008.

José Benedito de Souza, chefe do Departamento Municipal de Educação. Entrevista concedida à autora em 31 de janeiro de 2008.

José de Lourdes Oliveira, aposentado. Entrevista concedida à autora em 31 de janeiro de 2008.

José Julio Conde, vendedor. Entrevista concedida à autora em 31 de janeiro de 2008.

José Luiz da Mata, agente comunitário de saúde da UBS de Senhora de Oliveira, responsável pelo atendimento das Comunidades Rurais de Graminha, Santana, Quilombo, Caeté, Vargem, Macuco, Vista Alegre, Almas, Retiro 1, Retiro 2 e Floresta. Entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2007.

José Maria Vitor, funcionário público e locutor do alto-falante. Entrevista concedida à autora em 11 de junho de 2007.

José Paiva Henrique, agente comunitário de saúde da UBS de Senhora de Oliveira, responsável pelo atendimento às Comunidades Rurais de Casinha, Santana, Quilombo, Caeté, Vargem, Macuco, Vista Alegre, Almas, Retiro 1, Retiro 2 e Floresta. Entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2007.

Julio César Bernardes, vigilante. Entrevista concedida à autora em 01 de fevereiro de 2008.

Júnia Moreira do Nascimento, agente comunitária de saúde da UBS de Senhora de Oliveira, responsável pelo atendimento das Comunidades Rurais de Aranhas e Ribeirão Podre. Entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2007.

Ledroneta Silva, conhecida como D. Neta. Entrevista concedida à autora em 07 de fevereiro de 2008.

Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora de Oliveira. Dados coletados em 07 de fevereiro de 2008.

Lourdes Lourenço Almeida Pereira, Sandra Aparecida Lopes, agentes comunitárias de saúde da UBS de Senhora de Oliveira, responsáveis pelo atendimento à Comunidade Rural de Prudentes. Entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2007.

Lucia Assis Pontes, cabeleireira. Entrevista concedida à autora em 31 de janeiro de 2008.

Luiz Marcio Silva Souza, cabeleireiro e professor. Entrevista concedida à autora em 31 de janeiro de 2008.

Margarida Nogueira Miranda Gomes, cabeleireira. Entrevista concedida à autora em 31 de janeiro de 2008.

Margarida Rocha, aposentada, moradora de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 22 de julho de 2007.

Maria da Consolação Silva, professora. Entrevista concedida à autora em 30 de janeiro de 2008.

Maria de Oliveira Silva e família. Entrevista concedida à autora em 18 de junho de 2007.

Maria do Carmo Fernandes, agente comunitária de saúde da UBS de Senhora de Oliveira, responsável pelo atendimento às Comunidades Rurais de Quilombo, Caeté, Vargem, Macuco, Vista Alegre, Almas, Retiro 1, Retiro 2 e Floresta. Entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2007.

Maria Marta Araújo, ex-tesoureira, atual zeladora do Apostolado de Oração da Igreja Católica. Entrevista concedida à autora em 11 de junho de 2007.

Maria Veloso, vice-coordenadora da comunidade católica do bairro São Geraldo. Entrevista concedida à autora em 11 de junho de 2007.

Mariza Silva Souza, coordenadora do Telecentro e coordenadora geral da Faculdade Virtual da Unimes - unidade Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 05 de abril de 2007.

Miramar Aparecida Magalhães Costa Quintão, comerciante. Entrevista concedida à autora em 31 de janeiro de 2008.

Mirian Cristina de Oliveira Pedro Soares, dona de casa. Entrevista concedida em 31 de janeiro de 2008.

Nali da Conceição Gomes Alves, lavradora, moradora da zona rural do Córrego da Bárbara. Entrevista realizada em 31 de janeiro de 2008.

Neci Silva Pereira, ex-funcionária pública da Prefeitura de Senhora de Oliveira, telefonista do Posto de Serviços da Telemig. Entrevista concedida à autora em 03 de abril de 2007.

Nelito Rodrigues Pereira, técnico em Eletrônica. Entrevista concedida à autora em 26 de junho de 2007.

Oswaldo Heleno, conhecido como Vavá, presidente e diretor da Destilaria Junivan. Entrevista concedida à autora em 06 de julho de 2007.

Pasta do arquivo impresso do setor de cultura da Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira. Dados coletados em 15 de fevereiro de 2007.

Pedro Cardoso, presidente da banda de congado Moçambique. Entrevista concedida à autora em 29 de janeiro de 2008.

- PERUZZO, Cecília M. K. Comunicação nos movimentos populares. Petrópolis: Vozes, 1998. In: PERUZZO, Cecília M. K. Participação nas rádios comunitárias no Brasil. Biblioteca on-line das Ciências de Comunicação. Disponível em www.bocc.ubi.pt. Consultado em 04/10/2005.
- RECUERO, Raquel da Cunha. Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica. Pelotas-RS: Ecos Revista, 2001. Vol. 5, n. 2. p. 109-126. Disponível em <http://pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>. Consultado em 10/09/2008.
- Rogério Luiz da Silva, engenheiro florestal. Entrevista concedida à autora em 01 de agosto de 2007.
- Romildo Sérgio das Graças, presidente da banda de congo Marujos. Entrevista concedida à autora em 20 de março de 2008.
- Rosa Helena Brandão Lacerda de Souza, dona de casa. Entrevista concedida à autora em 29 de março de 2008.
- Rui Silva Gomes, chefe de obras da Prefeitura Municipal de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 04 de abril de 2007.
- Sandra Aparecida Lopes, agente comunitária de saúde da UBS de Senhora de Oliveira, responsável pelo atendimento à Comunidade Rural de Prudentes. Entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2007.
- Sebastião Araújo de Oliveira, prefeito de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 23 de abril de 2007.
- Secretaria da Igreja Católica de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida à autora, com Pe. Emerson em 20 de abril de 2007.
- Sérgio Antônio Fernandez Tomaz, padre. Entrevista concedida à autora em 14 de junho de 2008.
- SIAB (Sistema de Informação de Atenção Básica). Dados coletados na UBS (Unidade Básica de Saúde) de Senhora de Oliveira em 04 de abril de 2007, referentes a Janeiro do mesmo ano.

SIAT (Serviço Integrado de Apoio Tributário) do município de Senhora de Oliveira. Entrevista concedida em 20 de março de 2008.

UBS de Senhora de Oliveira. Dados coletados em 19 de abril de 2007.

Vera Lucia Gomes de Souza, professora. Entrevista concedida à autora em 09 de setembro de 2007

Vitalina Moreira Gomes, dona de casa. Entrevista concedida à autora em 17 de abril de 2007.

Wilson da Silva, ex-diretor financeiro da destilaria Junivan. Entrevista concedida à autora em 20 de março de 2008.

Wilson Tomaz de Paula, agente comunitário de saúde da UBS de Senhora de Oliveira, responsável pelo atendimento às Comunidades Rurais de Córrego da Bárbara, Santana, Quilombo, Caeté, Vargem, Macuco, Vista Alegre, Almas, Retiro 1, Retiro 2 e Floresta. Entrevista concedida à autora em 27 de junho de 2007.

Site: www.senhoradeoliveira.com. Acesso em: 12 fev. 2007.

Site: www.asminasgerais.com.br. Acesso em: 01 mar. 2007.

Site: www2.metodista.br/unesco/agora/PMC_Acervo_Entretanto_sandra.pdf. Acesso em: 19 abr. 2007.

Site: www.descubraminas.com.br. Acesso em: 02 jun. 2007.

Site: www.mg.senac.br. Acesso em 02 jun. 2007.

Site: www.senhoradeoliveira.blig.com.br. Acesso em 05 jun. 2007.

Site: www.estradareal.org.br. Acesso em 26 jan. 2008.

Site: www.almg.gov.br. Acesso em 06 fev 2008.

Site: www.ibge.gov.br. Acesso em 06 fev.2008.

Site: <http://br.geocities.com/jorgematheus2002/09mst.htm>. Acesso em 17 mar 2008.

Site: www.cpis.org.br/comunidades/html/brasil/mg/mg_historia.html. Acesso em 18 mar 2008.

Site: www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_His_ST4_Botelho_texto.pdf Acesso em 19 mar 2008.

Site: www.guianet.com.br/mg/mapamg.htm . Acesso em 15/05/2008.

Site: www.piranga.com.br. Acesso em 25 mar. 2008.

Site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_de_Minas_Gerais. Acesso em 25 mar 2008.

Site: www.bendita.com.br/html/portaldeminas/nversos.htm. Acesso em 12 de junho de 2008.

Site: www.mds.gov.br/bolsafamilia/o_programa_bolsa_familia/o-que-e. Acesso em 13 de junho de 2008.

Site: www.wikipedia.org/wiki/S~ao_Sebastiao. Acesso em 14 de junho de 2008.

Site: www.miniweb.com.br/cidadania/Dicas/carnaval. Acesso em 14 de junho de 2008.

Site: http://oficinadesociologia.blogspot.com/2006/06/o-que-tradio_05.html. Acesso em 25 de junho de 2008.

Zélia Rocha Milagres, dona de casa. Entrevista concedida à autora em 26 de junho de 2007.

BIBLIOGRAFIA

- ABDALA, Mônica Chaves. *Receitas de Mineiridade: A cozinha e a Construção da imagem do mineiro*. Uberlândia: Edufu, 1997.
- ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. Vol. 36.
- ARAÚJO, José Geraldo F. de. *Comunicação Rural: O Rádio na opinião dos seus Programadores e Receptores*. São Paulo: Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2001.
- ARIBONI, Sandro; PERITO, Rose. *Guia prático de pesquisa exploratória, experimental, descritiva*. São Paulo: Unimarco, 2004.
- ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ASSOCIAÇÃO MINEIRA DE MUNICÍPIOS. *Anuário mineiro de municípios 2006: cidade por cidade. É Minas por inteiro*. Belo Horizonte: Albernaz Comunicação, 2004.
- BARBOSA, M. L. O. QUINTEIRO, T. *Um toque de clássicos: Max, Durkheim e Weber*. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002. Vol. 1.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte- Rio de Janeiro: Itatiaia, 1995.
- BARROS, Antônio Teixeira de. DUARTE, Jorge A Antônio M. MARTINEZ, Regina Esteves. *Comunicação: discursos, práticas e tendências*. São Paulo: Rideel, Brasília- UniCEU, 2001.
- BENETON, Rosana. *Processos de Comunicação e Cultura Local: um estudo sobre a Rádio Paraitinga, de São Luís do Paraitinga, SP*. São Paulo: Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2006.
- BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: Temas e Situações*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

- BUENO, Silveira. *Vocabulário Tupi-Guarani: Português*. 6ª ed. São Paulo: Éfeta, 1998.
- CAMARGO, Carlos A. A.; GONÇALVES, João C. *Comunicação, Mediações Culturais e Educação*. São Paulo: Anhembi Morumbi - Revista Nexus, 2001.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. *Mineiridade*. São Paulo: Achiamé, 1980. poema n.34.
- CANCLINI, Nestor G. *Consumidores e cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização*. 4ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1971.
- CAPARELLI, Márcia. *Identidade e hospitalidade em questão: um olhar sobre Uberlândia, MG*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2005.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. Vol 1.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. Vol 2.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. 15ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- COBRA, Marcos. *Administração de Marketing*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1990.
- COELHO, Ruy. *Os Caraíbas Negros de Honduras*. São Paulo: Perspectiva, 2002. Tradução de Sylvia Takeda e Sonia Fantauzzi.
- COGO, Denise Maria. *No ar...uma rádio comunitária*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. 2ª ed. São Paulo: Universidade do Sagrado Coração, 2002. Tradução de Viviane Ribeiro.

- ELIAS, Nobert. *O processo civilizador: Uma história de costumes..* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1897-1990. Vol. 2. Tradução de Ruy Jungmann, Revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro.
- FERNANDES, M. L.; SALVI, C. *O sistema de alto-falante como meio de comunicação em Santa Catarina.* Revista Internacional de Folkcomunicação, 2007. Vol.10. p. 01-15.
- FERRARETTO, Luiz Artur. *No ar Rádio: O veículo, a história e a técnica.* 2ª ed. Sagra Luzzatto, 2001.
- FONTES, Rosa; FONTES, Maurício. *Crescimento e desigualdade regional em Minas Gerais.* Viçosa: Folha de Viçosa, 2005.
- FREITAS, Dagmar Alves de. *O Carnaval de Congo de Roda D'Água.* Dissertação de mestrado apresentada à Universidade São Marcos, 2007.
- GARGUREVICH, Juan. *Radio y Comunicación Popular.* In: PEIRANO, Luis; et al. *Educación y Comunicación Popular.* Peru: DESCO-IPAL, 1985. p.44.
- GOMES, Ângela Maria. *O Rádio e a Publicidade: os modelos de negócio do Rádio no Brasil.* Dissertação de mestrado apresentada à Universidade São Marcos, 2007.
- GRINSPUM, Denise. *Educação para o patrimônio: conceitos, métodos e reflexões para a formulação de política.* São Paulo. In: *Simpósio Internacional Museu e Educação*, 2001.
- IANNI, Octavio – *A era do globalismo.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- IANNI, Octavio – *A sociedade global.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- IANNI, Octavio. *Imperialismo e Cultura.* Petrópolis: Vozes, 1974.
- IANNI, Octavio. *Teorias de estratificação social: Leituras de Sociologia.* São Paulo: Campanha Editora Nacional, 1971.

- IBGE, 1959. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - Municípios do Estado de Minas Gerais*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. Vol. 27. p. 296-299.
- JOHNSON, Allan G.. *Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Tradução de Ruy Jungamann. p.45-46.
- LACERDA, Weber. *Coisas do interior de Minas*. 1ª ed. Juiz de Fora: Academia de Letras, 1986.
- LARA, C. FURTADO, J. P. SILVEIRA, M. A. et al. *O viver em colônia: cultura e sociedade no Brasil colonial*. São Paulo: Cadernos do IEB, 1999. Vol. I.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. *O Rádio dos Pobres: estudo sobre comunicação de massa, ideologia e marginalidade social*. Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1982.
- LOPES, Vera Maria de Oliveira Nusdeo. *O Direito à Informação e as Concessões de Rádio e Televisão*. São Paulo. ed. Revista dos Tribunais: 1998.
- LUSOCOM – Federação Lusófona de Ciências da Comunicação. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2006*. Cícília Maria Krohling Peruzzo, José Benedito Pinho, editores. São Paulo: INTERCOM; (Lisboa) 2006.
- MAIA, Marta Regina. *Quadros radiofônicos: Memórias da comunidade radiouvinte paulistana (1930 – 1950)*. Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes de São Paulo, 2002.
- MARTINS, José de Souza. *Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

- MATTELART, Armand. *História das teorias da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MELO, José Marques. *História do Pensamento Comunicacional*. São Paulo: Paulus, 2003.
- MENDONÇA, Antonio Aureliano Chaves et al. *IV Seminário de estudos mineiros*. Belo Horizonte: Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais, 1977.
- MILANESI, Luis. *O processo de integração de uma cidade do interior paulista na sociedade de consumo ou paraíso Via Embratel*. São Paulo: Tese de mestrado apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1977. Publicado em livro: *O paraíso Via Embratel*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MIRANDA, Orlando. *Sociabilidades*. Natal – RN: Terceira Margem, 2002. Vol. II, nº1.
- MIRANDA, Orlando. *A Armadilha do Objeto - O Ponto de Partida de Ferdinand Tönnies*. In MIRANDA, Orlando. *Para Ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: Edusp, 1995.
- MORAES, Benedito Aparecido Rodrigues Lisbano de. *Vamos “AO VIVO”! Uma análise do improviso no discurso da reportagem em tempo real na TV*. São Paulo: Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade Cásper Líbero, 2006.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. *Rádio Palanque: fazendo política no ar*. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.
- NEVES, Mariana Silva. *A interface das intencionalidades. O jogo entre a assessoria de comunicação e o jornalista na formação da imagem da cidade de Diamantina na mídia*. Monografia apresentada à Universidade Federal de Viçosa em 2006.
- OLIVEIRA, Rodrigo Francisco de. *Mil Tons de Minas – Milton Nascimento e o Clube da Esquina: cultura, resistência e mineiridade na música popular brasileira*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

- ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ORTIZ, Renato. *Um outro território: Ensaio sobre a Mundialização*. 2ª ed. ampliada. Olho d'água, 2000.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no Rádio: Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. 2ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1948.
- PASSOS, Sílvia Regina G. *Rádios Comunitárias: caminho aberto à cidadania?* São Paulo: Dissertação de mestrado apresentada à Universidade São Marcos, 2001.
- PERUZZO, Cicília M. K. *Comunicação e movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- PERUZZO, Cicília M. K. *Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária*. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UNB, Brasília: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006.
- PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. *Viçosa - mudanças socioculturais; evolução história e tendências*. Viçosa: Imprensa Universitária, 1990.
- PAULINAS, Ed. *Religiosidade popular e misticismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984. Vol. 2.
- PORTUGUEZ, Anderson Pereira. *Turismo, Memória e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Roca, 2004.
- RECUERO, Raquel da Cunha. *Comunidades Virtuais no IRC: O caso do # Pelotas: um estudo sobre a comunicação mediada por computador e a estruturação de comunidades virtuais*. Dissertação

de mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL; MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA; SECRETARIA DE MINAS E METALURGIA; DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO MINERAL. *Levantamento nacional dos garimpeiros: Relatório analítico*. Brasília: Departamento Nacional de Produção Mineral, 1993.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. *Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 3ª ed. São Paulo: Nobel, 1996.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec – Edusc, 1978.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 7ª ed. São Paulo: Record: 2001.

SERVIÇO SOCIAL DO COMERCIO. *Minas Perpétua: Paisagens, culturas, gentes e riquezas*. Belo Horizonte: SESC, 1986.

SILVA, Cácio Evangelista da. *Minas Indígena: Levantamento socio-cultural e possibilidades de abordagens nos grupos indígenas de Minas Gerais*. Viçosa: Dissertação apresentada à Escola de Missões Transculturais do Centro Evangélico de Missões, 2002.

SILVA, Dilma de Melo. *Brasil: Sua gente e sua cultura*. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

SOUSA, Sandra S. G. de. *Rádios ilegais: da legitimidade à democratização das práticas*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade metodista de São Paulo, 1997.

STRAUSS, Claude Lévi. *Antropologia Estrutural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires.

- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004. Traduzido por Wagner de Oliveira Brandão.
- TÖNNIES, Ferdinand. *A new evaluation: essays and documents*. Editor: Cahnman, W. J. Leiden-Holanda, 1973.
- TÖNNIES, Ferdinand. *Communauté et Société: catégories fondamentales de la sociologie purê*. Paris: Universitaires de France, 1944. p. 3 a 5.
- TÖNNIES, Ferdinand. *Princípios de Sociologia*. In: Fondo de Cultura Econômica. México, Editora Pánuca, p.29 a 32. 2ª ed. 1963. p.29 a 32.
- YOUSSEF, Antônio N., FERNANDEZ, Vicente P. *Informática e Sociedade*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.
- VALLE, E. WEFFORT, F. BOSI, E. et al. *A Cultura do povo*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1985.
- VASCONCELLOS, Lauro de. *Santa dica: encantamento do mundo ou coisa do povo*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991.
- VENÂNCIO, Renato Pinto. *Os Últimos Carijós: Escravidão Indígena em Minas Gerais: 1711-1725*. São Paulo: Rev. Bras. Hist., 1997. Vol.17, nº.34. p.165-181.
- WEBER, Max. *Conceitos Básicos de Sociologia*. São Paulo: Moraes, 1987.
- WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. Parte 2. São Paulo: Cortez, 1992.